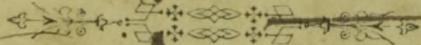


Vicente Themudo Lessa,

O

VELHO MANUSCRITO

Vicente Themudo



Nova Friburgo, 10 de 106. 94

C. J. de A. Meyer

DEPOSITO

32—Rua das Janellas Verdes—32

LISBOA

—
Typographia de José da Silva Mendonça

11—Largo de S. Domingos—13

PORTO

1888

BIBLIOTHECA
DE
VICENTE THEMUDO

N. 729

VOL. 1

DATA 10-12-1894

O VELHO MANUSCRIPTO

NOTA PRELIMINAR

O departamento da Vendéa, onde se passa esta historia, toma o seu nome do pequeno rio Vendée, que nasce no Bocage (*bosque*), atravessa a Plaine (*planície*) e o Marais (*terreno pantanoso*) e vai desaguar no rio Sèvre, ao meio-dia do departamento. E' um dos districtos da antiga provincia do Baixo-Poitou, dividida, em 1789, nos tres departamentos de Vendéa, Dois Sèvres e Vienne.

A Vendéa apresenta tres especies distinctas de terreno. O Bocage, é assim denominado em rasão dos seus densos arvoredos, que, vistos das alturas, se assemelham a uma vasta floresta; se bem que, realmente, não seja constituido de bosques, e deva apenas essa apparencia ás sebes, aldeias, casaes e áleas plantadas de arvores florestaes. A Plaine esteve outr'ora, evidentemente, coberta pelo mar: o seu aspecto é triste e monotono, especialmente nos fins do verão, quando a terra foi despojada das suas ricas colheitas; entretanto, esta monotonia é quebrada, n'um e outro ponto, por pequenos oasis de arvores e vinhas verdes. Por ultimo, o Marais constituo um vasto terreno de profundos pantanos, de muitos hectares de aguas estagna-

das, de ondulantes canaviaes e juncaes, de ilhotas de terra cultivada, e de granjas de tamanhos varios, cercadas de grandes valas e de represas plantadas de arvoredos. Alguns dos habitantes, denominados *Colliberts*, habitam em cabanas feitas de lodo e caniços, e alimentam-se, quasi exclusivamente, de leite de vacca—porque até os mais pobres possuem vaccas, que se sustentam das succulentas plantas aquaticas que lhes crescem quasi á porta da casa—e do peixe que apanham nos canaes e no rio Sèvre. E' uma terra de desertos de verdura, de maciços impenetraveis de cannas e de juncos, um bom esconderijo, enfim, para criminosos e desertores; mas que foi tambem um refugio seguro para muitos desgraçados protestantes durante dois seculos de atroz perseguição.

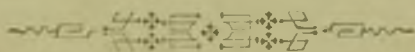
A Brossardière é uma aldeola das cercanias de Châtaigneraie, bonita cidadezinha edificada sobre uma collina, n'um dos sitios mais bellos e mais pittorescos do Bocage. A Brossardière faz pouca differença do que era, ha mais de 260 annos, quando se realisou o massacre dos huguenotes descripto na historia. Ainda lá existe a casa para onde o pastor se dirigiu, ao fugir do templo, para buscar uma espada. Tambem lá se vê ainda hoje a tranca, atravessada n'uma estreita passagem, para tomar o passo aos ligueiros. Lá se encontra ainda um bosque como aquelle d'onde o ministro, tão proximo dos seus mortaes inimigos, espiava a partida dos assassinos. A collina arborizada, em que outr'ora se erguia o templo protestante, é agora um baldio onde parece que nunca entrou enchada; mas o templo foi substituido por uma ermida catholica romana, onde se ganham indulgencias. Na outra margem do ribeiro, e proximo a este, ergue-se a alcantilada e abrupta rocha de granito, que domina a povoação, e d'onde, segundo a tradição, Madame la Châtaigneraie esteve a gozar a carnificina por ella preparada.

Maillezais, ilha sobre pantanos, formada pelo rio Antise e pelo Sèvre-Niortaise, foi, em outros tempos, logar de grande importancia, mas reduz-se actualmente a uma cidadezinha insignificante e triste, mal situada e mal construida. Nada ha ali de interessante, á excepção do antigo

castello e da vetusta cathedral, recentemente restaurada e uma das mais notaveis da Vendéa.

Assim, o scenario do conto e alguns dos seus principaes personagens, são historicos. Por exemplo, o martyr João Vernou, natural de Poitiers e membro de uma antiga familia do Poitou, foi, como se descreve, amigo de Calvino e soffreu o martyrio em 1555. Pedro Gabart, tambem natural do Poitou, foi martyrisado, em Paris, em 1557.

O auctor terá conseguido o seu fim, se o leitor chegar a interessar-se por uma das partes mais caracteristicas, posto que pouco conhecida, da França, e a formar uma ideia clara da nobreza com que os huguenotes preferiram morrer a renegar o Evangelho.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1911



O velho manuscripto

CAPITULO I

Isabel e Violeta

Quão frescas e bem dispostas pareciam as raparigas n'aquella abrasadora tarde de verão, sentadas no banco rustico á sombra dos olmeiros! Uma ligeira e preguiçosa brisa agitando a côma do arvoredor, produzia desenhos phantasticos de luzes e sombras movediças, sobre o terreno. O murmurio do encrespado regato que deslisava proximo, bordado de alegres flôres silvestres, o ar embalsamado pelas madresilvas e roseiras bravas, o zumbido grave e somnolento das abelhas, misturados com o som aspero produzido pelos pequenos insectos alados que dançavam entre as folhas, e com os gorgeios de aves felizes, combinavam-se todos para inspirar pensamentos de doces horas de paz, de repouso e de bem-estar.

--Lá vem a avósinha descendo a escada, e trazendo na mão um rolo de papeis. Não me surprehenderia que fosse a historia manuscripta que a avósinha disse que havia de lêr-nos um dia d'estes. Se é, muito gostava que ella viesse sentar-se aqui, ao pé de nós, e que nol-a lêsse agora.

—Tambem eu. Tenho curiosidade de vêr se é velho o bolorento, o manuscrito. A avósinha disse que o original andava na familia ha muitos annos. Parece-me que é este o logar proprio para se ler uma historia verdadeira de pessoas que pertenceram ao castello em tempos que já lá vão; sim, nos tempos em que os personagens da historia eram gente moça, e em que tudo quanto os cercava era fresco, bello e suave, como é agora aqui. A avósinha está sempre a dizer-nos que a vida vae voando, mas parece-me que o diz por já ser velha. Não posso conformar-me com a idéa de vir a ser velha, corcovada, de cabellos brancos,—disse Isabel, uma rapariga melancholica, de olhar bondoso, mas um tanto triste.

—Ora, ainda hão de passar muitos annos antes que sejas velha, querida Isabel; és tão joven e tão formosa, que nem posso imaginar-te velha e desdentada. Como seria ridiculo!—replicou a irmã, com um gosto de indignação, como se fosse quasi um insulto só o admittir a possibilidade de semelhante cousa.

—Mas se eu tiver vida, mais dia menos dia, venho a ser velha, com certeza, minha Violeta; e estou em que a nenhuma de nós pezaria ser como a avósinha. . . ella é tão boa e tão bondosa! Olha agora para ella. . .—disse a mais velha das duas irmãs, quando Madame de Pontarlier se aproximava do retiro ensombrado em que estavam sentadas.

—Olhem, minhas queridas—disse a velha senhora, mostrando um rolo envolvido n'uma capa originalmente bordada.—Acabei a minha meia e lembrei-me de lhes ter promettido a leitura da historia de Anésia Robineau; por isso trouxe comigo o manuscrito. Querem que lh'o leia aqui?

—Sim, avósinha; mesmo agora estavamos a dizer que desejavamos que fosse aqui que nos lêsse a sua historia; mas, antes de começar a lêr, deixe-nos examinar a capa do manuscrito, tão singularmente bordada,—disse Isabel, desdobrando com todo o cuidado o envolucro, em que se ostentava uma bordadura em fórma de mosaico.—Que delicadeza de trabalho! Mas, seguramente, não é este o ve-

lho manuscrito,—continuou a joven, olhando para elle com ar contrariado.—Já não tem, então, em seu poder, o original? A nossa querida mamã fallou-nos n'elle muitas vezes, disse-nos que havíamos de vê-lo um dia, e que a avósinha nos contaria a sua historia.

—Pois hão de vêr o verdadeiro manuscrito, e hão de ouvir tudo o que eu sei tanto da sua historia como da d'este, posto que pouco tenha que contar. Copiei-o eu do original ha quarenta annos, porque o manuscrito de Yolanda estava tão estragado que o copiei para o conservar. O meu bom pae contou-me muitas vezes, quando eu era creança, a historia de Anésia Robineau, porque a sua memoria era querida da nossa familia, que a conservava cuidadosamente.

Costumava elle lamentar que a historia manuscrita d'esta verdadeira e fiel creada e amiga, se tivesse perdido na familia. Os Pontarlier de uma remota geração contrairam uma divida de profunda gratidão com Anésia Robineau, porque tendo ficado orphãos os filhos de seus queridos amos, pela morte subita da mãe, e pela do pae, occorrida alguns mezes depois em consequencia de ferimentos recebidos no serviço do rei, á frente do regimento que commandava, Alésia Robineau, que era creada das creanças, tomou o logar dos paes, do melhor modo que pode, e consagrou aos orphãos vinte annos da sua vida. O conde, que tivera occasião de comprehender e apreciar o verdadeiro valor e piedade de Anésia durante os dez annos que ella tinha passado em casa da familia, compenetrrou-se de que cumpria os desejos da condessa, encarregando Anésia Robineau da guarda de seus filhos e da sua educação e ensino religioso (porque, devo dizer-lhes, o conde e a condessa tinham-se unido á fé protestante alguns annos antes de morrerem), pois desejava que seus filhos, que sabia ficariam privados dos cuidados de mãe e de pae, fossem dirigidos por alguém que os educasse no conhecimento da verdade. Anésia era competentissima para cumprir esta missão, e correspondeu fiel e sabiamente á confiança do conde, tornando se pae, mãe, guarda, e amiga dos orphãosinhos, não obstante uma terrivel opposição da parte dos parentes e

das tentativas feitas por certos dignitarios catholicos-romanos, no sentido de se apoderarem das creanças.

A maneira, porém, cuidadosamente solitaria e apartada, por que ella cumpria o seu dever no castello, completamente sepultado no meio do paiz, onde as creanças iam crescendo sem ninguem pensar n'ellas e quasi esquecidas das pessoas que lhes tinham conhecido os paes, e, cousa notavel, a protecção do bom e velho abbade da aldeia proxima, Monsieur de la Motte, que fôra tutor de seu pae e o era agora dos orphãos, permittiam que Anésia e os jovens de Pontarlier adorassem a Deus, segundo a sua fé, em paz e segurança. As creanças, á medida que se foram fazendo homens e mulheres, testemunharam o seu amor e a sua gratidão á *mãesinha*, que durante tantos annos lhes delicara a sua existencia. Honrada e respeitada, o seu prudente conselho e bom aviso eram sempre solicitados e seguidos; e, durante todo o tempo que viveu no castello, Anésia foi distinguida com a amizade e franca hospedagem de Foulques de Pontarlier.

Depois do casamento de Anésia, a filha mais velha do conde, Yolanda de Pontarlier, — cujos dotes de belleza e de coração difficilmente seriam excedidos, e que sempre ficou solteira, mas se dedicava á educação dos filhos de seu irmão Foulques — desejando conservar a memoria d'aquella a quem a sua familia tanto devia, escreveu a historia original de Anésia Robineau.

Este manuscripto, que a familia de Pontarlier tanto estimava, perdera-se ou fôra destruido, segundo se julgava, com outros documentos importantes, em 1793, quando o castello fôra saqueado e destruido em parte. Meu avô foi preso n'essa occasião, e guilhotinado depois, por aristocrata. Quando a nossa familia regressou ao castello, pela restauração dos Bourbons, foram procurados por toda a parte os documentos extraviados e o manuscripto de Yolanda; porém, o cofre de carvalho que continha estes papeis havia desaparecido. Muitos annos depois, descobri-os eu, por acaso, n'uma pequena camara secreta, cuja existencia meu pae ignorava, porque era de mui tenra idade ao tempo em que a familia fugira do castello.

—As meninas nunca foram á ala velha do castello?
—perguntou a avó ás duas netas, interrompendo a sua historia para fazer esta pergunta.

—Não, ainda não fomos lá, avósinha. Pedimos hontem á Joanna que nos acompanhasse á ala velha, mas disse-nos que os sobrados de muitas casas estão pòdres a ponto de ser perigoso andar por cima d'elles, e que talvez a avósinha não gostasse que nós lá fòssemos senão comsigo. Ha de levar-nos lá um dia d'estes, sim? e agora ha de contar-nos como encontrou esses papeis, perdidos havia tanto tempo. Como a avósinha e o bisavó haviam de ficar contentes quando tornaram a entrar na posse d'elles!

—Se ficámos contentes! imaginem que teriamos ficado sem uma grande parte das nossas propriedades se não podessemos apresentar os titulos; e escuso dizer-lhes quanto nos alegrou o acharmos o manuscrito de Yolanda, —a historia da *mãesinha*. Mas, vamos á minha historia.

Quando eu era ainda muito pequena, minha prima, Gabriella e meu primo Emilio de Pontarlier, com quem o meu casamento já estava ajustado, vinham muitas vezes passar dias connosco, e quando chovia, como não podiamos ir brincar para os jardins nem para o parque, tinhamos licença para brincarmos nas casas desmobiladas. Havia muitos quartos nas aguas-furtadas da parte velha do castello, quartos que estavam fechados á chave por se dizer que os sobrados não eram seguros e que appareciam lá almas do outro mundo; evitavamos, portanto, aproximar-nos d'elles. Mas como a nossa curiosidade fosse muito grande, andavamos com desejos de espreitar para o interior d'aquelles quartos abandonados e mysteriosos. Gabriella, que era rapariga corajosa e resoluta, disse-me muitas vezes que levasse eu as chaves, declarando que não tinha medo de entrar lá dentro, e que até iria sósinha, se Emilio e eu não quizessemos acompanhal-a. Emilio não queria ouvir fallar em tal, se bem que para contentarmos Gabriella o apazigual-a, costumavamos brincar ás almas do outro mundo, cobrindo as caras com farinha e embrullhando-nos em lençoes,—brincadeira que terminava por nos aterrorisarmos a nós mesmos, e por deitarmos a correr quanto podia-

mos, dando gritos que nada deviam parecer-se com os dos phantasmas, até alcançarmos a esphera de protecção da nossa *bonne*. O desejo, porém, de vêr o interior d'aquelles quartos, foi augmentando á medida que eu ia crescendo, de maneira que resolvi pôr de parte todos os meus medos injustificaveis, e entrar lá dentro. Uma tarde, tendo meu pae saído para ir a um castello visinho tratar um negocio com um amigo, e tendo eu ficado só com a minha querida e velha aia—porque, como sabem, perdi minha mãe na infancia e fôra ella quem me creara—que estava dormitando, aproveitei-me da occasião, e munindo-me das chaves, de um candieiro e de alguns phosphoros, por pensar que os quartos seriam escuros e fosse necessario luz, dirigi-me, pela escada pôdre e arruinada, para os quartos dos phantasmas.

Não preciso dizer-lhes como me batia o coração quando abri a ferrugenta fechadura e transpuz a porta que chiou nos gonzos. O ar ali era quente e abafado, e a escuridão e o silencio tão completos, que não pude deixar de lembrar-me que a habitação dos mortos devia ser assim. O pesado silencio opprimia-me e choguei a desejar ouvir um som qualquer, posto que, se sentisse o menor ruido, teria perdido o animo.

Como nada bulia, enchi-me de coragem, acendi o candieiro, e olhei timidamente em roda, esperando ver apparecer alguma alma do outro mundo. Nada havia no quarto, mas o chão estava coberto de espessa camada de poeira, tão espessa que os meus pés enterravam-se n'ella, deixando fundas pégadas.

Dirigi-me para uma porta que pendia de um dos lemes e communicava para um quarto interior, que estava mobilado. Percorri-o rapidamente com o olhar, e, como nada vi que me atemorissasse, possuí-me outra vez de coragem e senti despertar-se a minha curiosidade. A mobilia estava naturalmente, velha, deteriorada e coberta de poeira. Uma cama com cortinados esburacados pela traça, uma mesa e duas grandes arcas, sobre uma das quaes se via um pequeno cofre de fórma singular, era quanto havia no quarto. Tudo aquillo me pareceu tão deserto e abandonado que, joven

como era, entristeci e desejei ouvir o som alegre da voz humana. Como me opprimissem o ar abafado, o suffocante cheiro a podridão e o silencio absoluto, corri á janella que abri com difficuldade, ficando coberta pela poeira que caiu sobre mim em chuueiros. Revigorada pela entrada do ar fresco, voltei a examinar o pequeno cofre, que particularmente attrahira a minha attenção. Approximava-me a pequena distancia da arca sobre a qual estava o cofre, quando, com o maior horror, as taboas do sobrado cederam debaixo dos meus pés com um estrondo surdo, e cahi por um buraco que se abriu. Voltando a mim do inesperado choque, percebi que os meus pés assentavam sobre um objecto duro e liso. Consegui saltar outra vez para cima, não sem bastante trabalho, porque as taboas em que se abrira o buraco estavam tão podres que mal podiam com o meu peso. Convencida de que ao atravessar o sobrado, tinha ficado de pé sobre alguma cousa que não era simplesmente o tecto do quarto inferior, acendi o candieiro que tinha deixado ao pé da janella e, dirigindo-me com passos os mais cautelosos e leves que me foi possível, consegui dirigir os raios da luz atravez da abertura.

Como eu suppunha, vi que os meus pés tinham assentado sobre uma pequena caixa. O vão pequeno e escuro, em em que eu caíra, era evidentemente um esconderijo para occasiões do perigo; o cofre tinha sido ali depositado para estar seguro, logo continha alguma cousa de valor o, muito provavelmente os documentos extraviados: foi este o meu raciocinio. Tive medo de descer para ver se podia abrir o cofre, mas resolvi contar a meu pae quando elle voltasse, a minha descoberta; mas nada disse, do que succedera, a Madame Bonnechose, para que a pobre velha não se assustasse.

Logo que pude fallar a sós com meu pae, que pouco se demorou, contei-lhe o que fizera e o que achara debaixo do sobrado do quarto dos phantasmas. Foi logo vêr, em minha companhia, o local da descoberta, e apenas viu o velho cofre, ficou tão espantado, como eu estava, de encontrar ali os perdidos titulos das propriedades. Chamou dois creados, e pouco depois estava o cofre no compartimento exterior, para ser examinado por nós o seu conteúdo.

—Ande, avósinha, diga depressa o que estava dentro do cofre!—exclamaram as duas jovens, n'um momento em que a avó se callara para tomar a respiração. A lembrança d'aquelle dia, passado ha tanto tempo, excitara-a, e ella tinha fallado muito depressa.

—Meu pae,—continuou a condessa, enchendo de ar os pulmões,—meu pae arrombou a tampa do cofre, dentro do qual estavam alguns pergaminhos antigos. Alguns estavam tão velhos e amarellos que quasi se não podia lêr o que n'elles estava escripto. Comtudo, meu pae declarou que eram titulos das propriedades, e que provavelmente estavam ali os que lhe faltavam.

—E que mais havia além dos titulos?—perguntou Violeta, logo que Madame de Pontarlier fez uma pausa.

—Havia o manuscripto de Yolanda e dois pequenos volumes de versos e hymnos, escriptos por ella e impressos n'uma typographia protestante de Saumur. Conservo esses livros, entre os meus thesouros, no meu gabinete.

—E o bisavô encontrou os titulos que lhe faltavam?—perguntou Isabel, com curiosidade.

—Encontrou; estavam dentro do cofre, com outros documentos de valor. Não devo deixar de contar-lhes que, por um pedaço de papel que encontrámos em um dos livrinhos de Yolanda, viemos a saber quando e por quem tinham sido guardados aquelles documentos. O papel tinha sido escripto á pressa, naturalmente por causa do medo que dominava a pessoa que o escreveu ao depositar o cofre no esconderijo. Posso dizer-lhes, de memoria, o conteúdo do papel, dizia assim:

«*Dezembro de 1793.*—Tendo eu, Gaspar Launay, intendente do Castello, escondido temporariamente alguns titulos, que sei serem de valor para o meu amado amo, o conde Agenor do Pontarlier, na occasião em que os *sans-culottes* lhe amarravam as mãos para o levarem para o carcere, é minha intenção collocar o cofre, que contém estes titulos e outros papeis e documentos estimados pela familia, com o auxilio de João Godet, no esconderijo que fica por baixo do sobrado do meu quarto. E como não tenho outro meio de informar a familia de meu amo do logar em que ficará oc-

culto, farei uma copia d'esta declaração e pregal-a-hei nas costas da cabeceira do meu leito, na esperanza de que, mais cedo ou mais tarde, terão d'ella conhecimento os filhos do meu honrado amo».

—Comprehendem que fomos logo examinar as costas do velho leito, o qual quasi se desfez quando o arredámos da parede, mas só encontrámos uns restos de um papel, pregados com um prégo ferrugento. E aqui toem, minhas queridas netas, a historia da descoberta do manuscrito de Yolanda, que se julgava perdido;—disse a velha condessa.

—Obrigadas, avósinha, obrigadas, gostámos muito da sua historia; mas ainda não nos contou tudo quanto respeito á copia que tirou do manuscrito de Yolanda,—disseram, ao mesmo tempo, Isabel e Violeta.

—Tem pouco que contar. O manuscrito original estava, quando o encontrámos, tão velho e tão deteriorado, em rasão do uso que provavelmente lhe haviam dado as successivas gerações dos nossos parentes, que considerei que se não o copiasse perderia a familia a querida historia de Anésia Robineau; cujo original estava caído a pedaços. Tomei, portanto, algumas grandes folhas de pergaminho, cujas margens cobri de illuminura, como vêem, e só passá-lo um anno tinha concluido a copia, porque a tinta do manuscrito estava tão desbotada em alguns logares, que difficilmente se podia lêr, e porque, tendo caído em desuso muitas das palavras empregadas por Yolanda, foi preciso modernisar-lhe o estylo para que a historia pudesse ser lida por pessoas d'esta geração. Mas a historia ficou a mesma, e creio que hão de gostar de ouvir lê-la.

—Estou certa de que ha de ser muito interessante visto que todos os Pontarlier gostavam tanto d'ella,—disse Isabel, seriamente.

—E nós tambem havemos de gostar muito d'ella, por ser a historia verdadeira de uma pessoa tão amada pela nossa familia, desde tanto tempo, e por ser copiada pela avósinha. E nunca se soube o que fôra feito do bom e fiel intendente Gaspar Launay, nem de João Godet?

—Nunca se soube ao certo, minha Violeta. Ha uma familia do mesmo appellido na granja proxima do castello,

que pretende descender de Gaspar Launay. Julga esta familia que o intendente morreu cerca de um anno depois do conde Agenor ter sido guilhotinado. De João Godet nada se sabe; parece que era moço das cavallariças. O intendente devia ser já velho quando morreu. E agora, que terminei a minha historia, querem que comece a lêr-lhos a copia do manuscripto?—Seguramento; estamos anciosas por ouvir;—exclamaram ambas as raparigas.

—Muito bem,—disse a velha condessa, abrindo o seu manuscripto,—vou principiar a leitura immediatamente. O prefacio da historia de Yolanda declara-nos os motivos que a levaram a escrevel-a.

CAPITULO II

Prefacio de Yolanda á historia de Anésia Robineau

Ouviu o bom Deus as orações do nosso querido pae e da nossa querida mãe em nosso favor, e enviou-nos no seu amor e na sua sabedoria, una sua filha dilecta, que nos protegeu e educou em conformidade dos desejos de nossos paes. Quando a *mãesinha*, que durante vinte annos fôra a nossa querida e respeitada aia e amiga, nos deixou, ha dois annos, para ir para casa de seu marido—o bom e fiel Claudio Buron—situada na região pantanosa, ao sul do Baixo Poitou, logo suppuzemos que nunca mais tornaríamos a vê-la, attenta a empreza arriscada e perigosa, ainda n'estes tempos mais tranquillos mas sempre incertos e tumultuosos da nossa liberdade religiosa—a que elles se tinham proposto consagrar as suas vidas.

Haviam resolvido levar as boas novas da salvação eterna aos habitantes das illhas pantanosas do Baixo Poitou meridional, e tambem aos barbaros e selvagens *colliberts*, habitantes da ilha de Maillezais, nas margens do rio Sèvre. São maus e ignorantes estes povos, que nada sabem acer-

ca do nosso Deus e que, segundo se affirma, adoram a chuva, que eu julgo ser um d'aquelles elementos fracos e miseraveis que por natureza não são deuses, de que falla a Palavra de Deus.

Comquanto esteja, e sempre continue a estar, impressa em nossos corações a memoria d'aquella que nos dedicou tantos annos da sua vida e dos seus pensamentos e orações, entendemos nós, Foulques, Yolanda, Agonor e Ysout Pontarlier, que seria bom e agradavel, tanto para nós como para os nossos descendentes, registrar em pergaminho alguns acontecimentos da sua vida, especialmente os que se referem a tempos anteriores á sua entrada para o castello. Passou ella por duras e difficeis provações antes que o sr. abbade la Motte a trouxesse do Marais, para creada particular da minha querida mãe: registraremos, pois, esses antigos successos, de preferencia á historia dos longos annos durante os quaes nos educou e nos ensinou a conhecer o nosso Deus e Salvador segundo a fé protestante, que é baseada na Palavra de Deus. Meus bons irmãos Foulques e Agenor, e nossa irmã Ysout, forneceram-me alguns apontamentos da vida e do abençoado trabalho de Claudio Buron e de sua mulher, nas terras do Marais, obtidos pelo nosso caro e velho amigo Monsieur La Motte, e fizeram-me a honra de pedir-me para os coordenar, o que é para mim um agradavel dever. A historia contida n'este pergaminho é escripta, portanto, segundo a narração feita, da sua propria vida, pela *mãesinha*, e segundo informações que obtivemos da boa Peronnette, de seu filho Nicolek e do Monsieur La Motte, que reside connosco no castello, e esperamos continuará a ser o nosso querido e respeitado hospede, emquanto vivo fôr.

HISTORIA DE ANÉSIA ROBINEAU

Quando creança, vivia Anésia Robineau em companhia de seus paes, André e Maria Robineau, na herdade da Fauconnerie, distante umas oito milhas da Brossardière, pacifica aldeia dos arredores da linda e pequena cidade de

Châtaigneraie. A herdade, como infelizmente se mostrará, estava situada junto da estrada real que vae de Châtaigneraie a Rochefort-sur-Loire.

Os Robineau tinham por unicos visinhos os inquilinos de uma pequena taberna da estrada, e uma joven e pobre viuva que habitava, com um filho entrevado, uma cabana arruinada, situada a pequena distancia da herdade. Apesar de serem protestantes, os Robineau haviam ganho as sympathias e o respeito dos seus visinhos catholicos romanos, graças á sua rectidão e á bondosa sollicitude com que acudiam a todos os necessitados. Muitas pessoas doentes eram sustentadas e tratadas pelo piedoso e caritativo lavrador e por sua mulher, e muitas almas desgostosas e afflictas eram por elles fortalecidas e confortadas. Ninguem, que a elles recorresse, voltava da herdade com frio ou com fome. «Temos bastante, e ainda mais do que o necessario», diziam elles lá consigo, «haviamos de recusar áquelles que não foram abençoados com as boas coisas com que nós o fomos?»

Os seus tres filhos, Anésia, Josué, e a pequenina Babette, tinham sido ensinados, desde a infancia, a conhecer o Senhor, a amar e a apreciar a sua Santa Palavra, e a serem fieis á sua verdade.

Na epocha a que me refiro, Anésia tinha dezeseite annos, Josué doze, e a pequena Babette apenas sete. Aos domingos de manhã, o pae, a mãe e os dois filhos mais velhos iam assistir ao serviço protestante, ao templo da Brosardièro, pois havia então muitas familias, pertencentes á egreja reformada, na Châtaigneraie e seus arredores.

Devo dizer-lhes que a herdade da Fauconneré per-tencia, havia pouco tempo, a Madame de Saint-Aunais, a quem chamavam a *Senhora de Châtaigneris*. Era esta dama uma austera catholica romana; odiava os protestantes — com pezar o digo — e estava persuadida — desgraçada e infeliz senhora — de que, matando e perseguindo os membros da egreja reformada, prestava serviço a Deus. Tinha querido deitar fóra da herdade os Robineau, mas seu marido, o conde de Saint-Aunais, que era muito affecto a André Robineau, não annuira a fazer esta vontade a sua mu-

lher. Não obstante, a condessa resolvera, no seu cruel coração, desfazer-se d'aquella familia na primeira oportunidade; e a inesperada morte do conde de Saint-Aunais, victima de um desastre n'uma caçada ao javali, veio, não só remover os obstaculos para que se cumprissem os seus malevolos projectos contra a familia Robineau, mas tambem habilital-a a pôr por obra uma ideia que ella meditava desde muito tempo:— a matança de todos os evangelicos, que assim se chamava então aos protestantes, residentes em Châtaigneraie e nos seus arredores.

Posto que na epocha da minha historia, 1595, já Henrique IV reinasse havia dois ou tres annos, a Liga ou Santa Alliança (como singularmente lhe chamavam) formada para exterminar a Reforma, conservava-se omnipotente na Bretanha. Estendiam d'ali os ligueiros as suas devastações sobre as visinhas provincias de Anjou, e especialmente sobre o norte do Poitou, onde estes ladrões—que não eram menos do que isso—possuiam castellos fortificados, que lhes serviam de guarida; de modo, que, diz um antigo chronista, «não havia segurança em casa, nem na estrada.»

Com estes *ligueiros* combinou a Senhora da Châtaigneraie a matança de todos os huguenotes das cercanias.

Na madrugada do domingo 15 de agosto de 1595, André Robineau, o bom rendeiro da Fauconnerie, e sua filha Anésia, preparavam-se para irem á assembléa dos fieis, na Brossardiére, que ficava a umas seis ou sete milhas de distancia atravez dos campos.

Josué, que estava convalescendo de um ligeiro incommodo, ficava em casa com a mãe e com a pequenina Babette. Os dois creados protestantes da herdade tinham partido ainda antes de seu amo.

—Não posso levar hoje a minha espada, Maria, pois bem sabes que a condessa nos prohibiu andar armados quando vamos á assembléa.

—Não gósto nada d'isso, André. Oxalá não tenha ella alguma ideia má contra nós,— respondeu Maria.

—Tenha ou não tenha, a protecção de Deus é a melhor das espadas. Confiamos n'Elle;—e beijando sua mu-

lher e seus filhos, André saiu de casa, em companhia de Anésia.

Desde que o paiz se tornara mal-seguro por causa das correrias dos salteadores da Liga, tinham os evangelicos por costume trazer consigo armas, para defeza propria; fôra este habito que determinara a ordem arbitraria da condessa.

André e sua filha seguiram para a Brossardiêro pelo caminho mais curto, o qual atravessava o bosquesinho de castanheiros pertencente á herdade, a pequena terra de sementeira cercada de arvoredo e de sebes em que se entrelaçavam a madresilva e a clematite, que produziam uma sombra muito para ser apreciada n'aquella brasadora manhã de agosto. Atravessaram depois um extenso e inculto trato de terreno baldio, atapetado de urzes em flôr, de odorifera carqueija e de giosteiras amarellas. O silencio matutino era unicamente interrompido pelo canto das altaneiras cotovias, cuja melodia parece um hymno de esperanza por coisas melhores que as da terra, pelo interminavel zumbido de myriades de afadigados insectos, pelo grito de susto de um bando de perdizes que levantava o vôo, ou pelo estalar de um ou outro ramo secco debaixo de seus pés, que deixavam pégados de um verde escuro sobre a relva coberta de geada côr de prata. Quem diria que nenhum d'elles tornaria a percorrer aquelle caminho! Assim chegaram ao velho bosque de carvalhos, passaram a ribeira pela pequena ponte rustica, e sentaram-se no tronco de uma arvore caída, a descansar um pouco, porque o templo estava proximo e o grosseiro relógio da torre não batera ainda as seis horas da manhã.

—Pae,—disse Anésia,—como estás silencioso! receias que nos aconteça hoje alguma desgraça?

—Estou triste e sobresaltado, filha. Não confio na condessa; e agora que o bom do conde está morto, tem ella o poder e a vontade de perseguir os pobres evangelicos; quem poderá adivinhar as intenções de um coração traiçoeiro?

O que, porém, sabemos é que ella não poderá tocar n'um cabello, sequer, das nossas cabeças, sem que Deus o

permitta. Estou satisfeito por tua mãe e teus irmãos terem ficado hoje em casa!

— Ó quê, pae? pois haviam de nos fazer mal enquanto estamos na oração, desarmados e indefesos? Nós nunca offendemos a senhora.

— E' certo, Anésia; mas a senhora de Châtaigneraie odeia a nossa religião, e julga que serviria a Deus, assassinando-nos. Ignoro se premeditará molestar-nos no dia de hoje; mas sei que tem andado em combinações com os *liqueiros* de Rochefort. Elias Sicard, mercador de pannos em St. Pierre-du-Chemin, disse-me que viu um emissario de Madame de Saint-Aunais, ha coisa de dez dias, á porta do castello do capitão dos *liqueiros*.

— Pae! contaste isso a minha mãe?

— Não, filha. Para que havia de contar-lh'o? Não tinha necessidade de a assustar, e muito menos o faria por simples conjecturas. Agora levanta-te, Anésia, porque tenho que fallar com os presbyteros, no templo.

André e sua filha subiram a pequena collina arborizada em que estava edificado o templo, e entraram com outros membros da congregação, que vinham, como elles, de algumas milhas de longe.

Os presbyteros e os diaconos estiveram conferenciando ácerca da ordem que tinham recebido na semana finda, e manifestaram o receio, de que estavam possuidos, sobre as intenções da condessa; pois previam que aos protestantes se não permittiria, dentro em muito pouco tempo, que adorassem a Deus segundo as suas consciencias, sem que fossem victimas de alguma perseguição ou acto de violencia. N'esta occasião havia justificados motivos para se suppor que algum mal estava imminente, mas nada podia fazer-se no sentido de se protegerem contra o inimigo occulto. E d'ahi, talvez todos aquelles receios fossem destituídos de fundamento. Por isso, encommendando a Deus o pastor e toda a congregação, os presbyteros e os diaconos tomaram os seus logares na assembléa.

Por volta das oito horas da manhã d'aquelle dia, uns quarenta ou cincoenta homens a cavallo desembocavam de um atalho sombrio e pouco frequentado, correndo a todo

o galope. Não havia tempo a perder, porque justamente no momento em que os *liqueiros* entravam na aldeia, preparava-se o pastor para descer do pulpito e toda a congregação ia dispersar.

A porta do templo foi aberta com violencia e os *liqueiros* entraram impetuosamente, enchendo de horror e de consternação os protestantes ali reunidos.

Comquanto não podesse haver a menor duvida sobre as intenções d'aquelles malfeitores, a maior parte da congregação permaneceu no templo, animada pela falsa esperança de que lhes seria permittido voltar tranquillamente para suas casas, mediante o pagamento de um pequeno resgate. O resto da congregação buscou a segurança em precipitada fuga, correndo pela estrada de Châtaigneraie ou em direcção aos mattos que cercavam a aldeia. Mas os inimigos perseguiram-nos e assassinavam quantos encontravam. Outros, apesar de feridos, continuavam a fugir, o deitando-se no chão quando as forças lhes faltavam, tingiam os rostos com o sangue que lhes corria das feridas, passavam por mortos, e assim salvavam as vidas.

Entretanto, os assassinos, que tinham entrado no templo, juncavam o pavimento de mortos e de moribundos.

André instou com a filha para que fugisse emquanto era tempo, dizendo-lhe que o dever d'elle era ficar para tratar de salvar os velhos e as mulheres, algumas das quaes foram horriavelmente mutiladas ao tentarem proteger com seus corpos os de seus maridos, paes e filhos, contra o punhal dos matadores; mas os soldados da Santa Alliança contentavam-se, geralmente, com roubar as algibeiras das mulheres e arrancar-lhes os brincos e anneis.

Anésia não quiz separar-se do pae, que pouco depois caía a seu lado coberto de ferimentos: e quando pretendia defendel-o de uma punhalada que lhe era vibrada ao coração, já depois de prostrado, a donzella recebeu uma cutilada em um dos braços, e caiu desmaiada pelo terror, pela afflicção e pela dôr, sobre o corpo inanimado de seu pae.

Por espaço de tres quartos de hora continuou a carnificina; velhos e moços, ricos e pobres, nenhum foi pou-

pado por aquelles monstros. Trinta homens e quatro mulheres jaziam mortas; muitos outros teriam perecido se a tempestade, que desde a madrugada se conservava ameaçadora, não se houvesse desencadeado em torrentes de chuva: os *liqueiros*, temendo que a estrada, por onde tinham vindo, se tornasse impraticavel, caso se demorassem a completar a sua obra de crueldade, montaram precipitadamente a cavallo e correram a executar outra commissão, por conta de Madame de Saint-Aunais, na sua marcha de regresso a Rochefort. O pastor, que conseguira escapar-se para um pequeno bosque das proximidades do templo, d'onde presenciara a scena da matança, voltou, logo que os *liqueiros* desapareceram, para soccorrer os feridos e ministrar aos moribundos as derradeiras consolações. Foi então que uma pobre mulher que tinha entrado no templo com o pastor e outros membros da congregação, para verem se algum dos seus estava ainda vivo, descobriu que Anésia não morrera, mas estava apenas desmaiada. Quando a donzella voltou a si, levou-a para a sua casa, que ficava proxima, lavou-lhe e ligou-lhe as feridas e fez todo o possível para consolar a afflicta rapariga, esmagada pela dolorosa impressão da cruel morte de seu pae e das scenas horriveis que acabava de presenciar. Despedaçavalle o coração o pensar qual seria a dôr de sua mãe, ao vê-la regressar a casa sósinha e portadora de tão ruins novas; mas comprehendeu que era seu dever dirigir-se immediatamente para casa.

—Devo ir annunciar a minha mãe a morte do meu querido pae; senão, poderia sabel-o por alguém que passasse, e, como não me visse, suppôr que fomos ambos assassinados.

Quiz levantar-se, mas o choque que recebera e a perda de sangue tinham-na enfraquecido a tal ponto, que tornou a perder os sentidos, caindo pesadamente no chão.

Mas como tinha na mente o immediato cumprimento do seu triste dever, logo que voltou a si e que tomou algum alimento que a boa samaritana lhe trouxe—porque não tinha comido desde as cinco horas da manhã—Anésia, agradecendo á hospedeira, com o maior reconhecimento, os cui-

dados que lhe dispensara, pôz-se a caminho de casa, com o coração dilacerado.

Encontrou, pelas ruas, grupos de aldeãos que discutiam animadamente os acontecimentos d'aquella manhã.

Nos rostos de alguns transparecia a piedade e a indignação; outros, porém, pareciam exaltados e até satisfeitos.

Quando chegou ao fim do povoado e entrou na estrada real, que passava pela herdade, sentou-se n'uma pedra, á beira do caminho, a descansar por alguns momentos. Pouco depois de se sentar, pararam junto d'ella duas aldeãs, que casualmente se tinham encontrado. Depois dos costumes cumprimentos, uma d'ellas perguntou á outra :

—Já teve noticia do glorioso feito que se realisou esta manhã ?

—Tive, sim. Desopprimiu-se-me o coração ao ouvir a boa noticia. Agora vou eu á Brossardiére para vêr se sei mais alguma coisa. Ouviu dizer quantos ficaram mortos ?

—Creio que foram trinta e um os mortos pela manhã, mas ha de haver mais alguns mortos ou moribundos, em resultado de ferimentos, pelas estradas e pelos mattos que cercam a aldeia e onde muitos se refugiaram. Em todo o caso, foi um dia de bom trabalho. Quanto terá rejubilado o coração da nossa querida santa, a senhora condessa, ao pensar na boa obra que praticou !

—Oh ! ha de ser recompensada condignamente.

—E tem direito a isso. Olhe, era tão ardente o seu santo zelo, que esteve de pé sobre o rochedo mais alto do lado d'além da aldeia, para vêr os soldados da Santa Alliança acutilarem os malditos herejes. Quem me disse que ella esteve ali foi João Perrot, que a viu com os seus proprios olhos.

—Abençoada senhora ! rasão tem vocemecê para dizer que é santo o seu zelo ! E aquelles soldados ! tambem hão de ter a sua recompensa. Ouvi dizer agora, no caminho, que, ao voltarem para Rochefort, tinham parado na Fauconnerie, por ordem da senhora condessa, a fim de executarem mais uma obra abençoada.

—Que me diz ? E' de suppôr que alguns dos Robineau

estivessem no templo, e, se André lá estava, com certeza o mataram, e a herdade está sem inquilino.

A pobre rapariga não esperou por ouvir mais, mas, possuida de um novo e espantoso terror, levantou-se, e embuçando-se no chale para que nenhuma d'aquellas amora-veis e compassivas aldeãs lhe visse o ferimento do braço e a reconhecesse por uma das evadidas do templo, appressou o passo em direcção da Fauconnerie, tanto quanto lh'o permittiam os membros vacillantes.

Quando enfim chegou á herdade, encontrou a confirmação dos seus receios. O portão estava despedaçado e por toda a parte havia vestigios das patas dos cavallo. Ai d'ella! o coração parecia que ia deixar de palpitar-lhe, ao topar, logo á entrada do pateo, com o cadaver de seu irmão Josué, que jazia n'um lago de sangue! Mal comprehendendo o que se tinha passado ali, Anésia quiz tomar nos braços o cadaver e transportal-o para dentro de casa; mas faltaram-lhe as forças e teve de depôl-o outra vez no chão. Dirigia-se para o interior da habitação quando ouviu a voz de alguém, que lhe fallava: olhou em torno de si e viu Peronnette, a pobre viuva, chorando amargamente.

—Vem comigo para a minha cabana, querida Anésia. Aquelles demonios ainda não ha muito que se foram, e eu tenho estado vigiando, á espera de ti. Não entres em casa, pobre Anésia, não entres. Sai mesmo agora, e não podes fazer-lhes bem algum. Vem comigo, infeliz creança!

É Peronnette diligenciou affastal-a da porta; mas Anésia pareceu não a ouvir, e, passando socegradamente por cima do cadaver de Josué, entrou na cosinha. Defrontou logo com sua mãe, que jazia morta no chão entre os estilhaços da mobilia da casa, que os salteadores tinham destruido. A pequena Babette jazia a seu lado, com as mãos estendidas para a mãe, como a pedir-lhe que a defendesse.

Anésia ficou estatica junto d'aquelles cadaveres, com o olhar espantado de quem soffre uma agonia horrivel; que-ria comprehender o que via, mas o cerebro perturbado não lhe fornecia uma ideia.

—Que horrivel sonho! que horrivel sonho!—murmurou ella, aturdida pelos repetidos choques que soffrora desde pela manhã.

Depois, como que julgando que a mãe estava a dormir e que devia accordal-a, tocou-lhe na mão, chamou-a carinhosamente, e applicou o ouvido á espera de resposta. Peronnette tentou, mais uma vez, affastal-a d'ali, porque a assustava o olhar frio e impassivel da pobre rapariga.

—Anésia, minha querida, vem comigo. A tua mãe não dorme... está com o Salvador, a quem tanto amava. Vem comigo, Anésia.

Mas a donzella não se moveu. Olhou fixamente para a viuva, e perguntou-lhe :

--Dissestes que minha mãe estava com o Salvador?

—Sim, querida, está com Elle, no paraizo.

—E meu pae... está tambem com elles?

—O bom Senhor chamou teu pae e tua mãe á sua presença,—respondeu a viuva apontando para o céu.

—E Josué? e a pequena Babette?

—Tambem foram para lá. Todos quatro são agora felizes na companhia do Senhor.

—E eu,—perguntou Anésia, com ar de desgosto,—eu onde estou? hei de ficar aqui sósinha?

Peronnette, suffocada pelos soluços, não poude responder, mas a pobre rapariga ficou esperando silenciosamente pela resposta, com os olhos seccos e envidraçados, como se estivesse escutando a historia das desgraças e soffrimentos de mais alguém,—de si propria, talvez. Peronnette comprehendeu como mulher, que, se a infeliz rapariga chorasse, as lagrimas haviam de alliviar lhe o coração oppresso e lacerado.

—Talvez que—pensou a viuva,—se eu pudesse fazer-lhe sentir e comprehender a verdado, ella chorasse, e consolal-a-ia então com palavras de bondade, similhantes ás que sua mãe usava. Farei toda a diligencia . . não é muito, bem sei, o o que sei ensinou-me ella em dias que já lá vão e que nunca mais hão de volver. Ajuda-me tu, oh meu Deus, a fallar!

E logo continuou :

—Escuta, Anésia, se queres que eu falle. A afflicção

a todos fere, tanto aos bons como aos maus, mas a afflicção boa e santa ó mandada, por Deus, áquelles a quem ama. Grande e sobremodo pesada foi a afflicção que o Senhor enviou sobre ti, minha filha. Levanta-te, Anesia, levanta-te, e recebe-a das suas mãos. Só Aquelle que nos ama tem o poder de dar e de tirar; a dadiva era toda sua. Emprestarta-a por certo praso, exigiu que lhe fosse devolvida. As vidas de teu pae, de tua mãe, de teu irmão e de tua irmã, pertenciam-lhe a Elle, para as dar e para as tirar, não te pertencia, a ti guardal-as, pobre coração! e se Deus lh'as tirou primeiro, tu os seguirás dentro em breve

As lagrimas corriam pelas faces de Peronnette e embargavam-lhe a voz; mas, fazendo mais um esforço, ergueuse, e lançando os braços em volta do pescoço de Anésia, afagou-as, continuando assim:

—Todos quantos amas estão mortos, pobre Anésia, todos quantos amas estão mortos, e não tornarás a vê-los no mundo. Só tu ficaste. Ainda assim, não ficaste abandonada, tenrao vellinha; nenhum mal se approximarás de ti, porque o Bom Pastor ama-te e ha proteger-te contra todos os perigos.

Enquanto Peronnette assim fallou, Anésia prestou a maior attenção a todas as suas palavras; pareciam-lhe familiares, e despertavam-lhe algumas reminiscencias. Posto que ficasse silenciosa durante alguns tempo, voltava ao goso das suas faculdades, o sufficiente para ir comprehendendo gradualmente, a lastimosa scena que tinha ante si. Via tudo, mas não podia ainda comprehender toda a desgraça e toda a perda que sobre ella haviam caido desde a madrugada, quando a mãe a estreitou junto ao coração e lhe dera, sem o saber, o ultimo beijo da despedida. Peronnette examinava-a tremendo, quando, subitamente, a donzella ajoelhou junto ao cadaver da mãe, beijando-lhe apaixonadamente os labios e as mãos, e exclamando em voz affectuosa e repassada do dôr:

—Adeus, minha querida e doce mãe! adeus, minha mãe!

Dize a meu pae que não olvidarei o sou ultimo preceito, e com o bom auxilio de Deus serei fiel, até á morte, a Elle e á sua verdade.

Depois foi ajoelhar ao pé da pequenina Babette e ao pé de Josué, que Peronnette tinha collocado junto do corpo da irmã, e disse ao dar-lhes o ultimo beijo :

—Adeus, Josué, meu irmão ! adeus Babette, querida irmãinha ! adeus ! adeus, todos, até á vista !

Cega pelas lagrimas, Anésia estendeu a mão a Peronnette, que a conduziu até ao banco que estava junto á porta, deixando-a ali a chorar, enquanto voltava dentro para cobrir os cadaveres.

CAPITULO III

O senhor abbade

Ao chegar a este ponto, Madame de Pontarlier suspendeu a sua leitura para descansar, e para dar occasião a que Isabel e Violeta socegassem, pois percebera que ambas tinham estado a chorar em silencio.

--Agora parece-me que deveriam ir correr um pouco pelas margens d'este ribeiro. Preciso descansar, e estou certa de que já estão ambas fatigadas de estarem ha tanto tempo a ouvir a minha leitura.

—Gostariamos de ir correr um bocado, para variar; mas não estamos cansadas de ouvir a sua historia, avósinha;—disseram as duas jovens.

—Muito bem, e que tal lhes parece a historia?

—Oh ! lindissima; mas é muito triste,—respondeu Isabel,—o que vale é ter acontecido ha muito tempo.

—E' verdade, — disse Violeta, dando um suspiro de alivio,—mas desejava que a pequena Babette tivesse escapado, para que a pobre Anésia não ficasse sem ter quem a amasse. Que maus, que perversos deviam ser esses *liqueiros*, avósinha !

—Eram pessimos, e raras vezes se compadeciam de alguem, porque o fim e a intenção d'essa negregada Santa Alliança era o exterminio da heresia, que assim denominavam elles a religião reformada. Mas, assim como as guer-

ras religiosas d'este periodo principiaram pelo massacre de alguns protestantes reunidos para oração em Vassy, no departamento de Haute-Marne, pelos soldados do duque de Guise, assim, por uma singular coincidência, esta guerra religiosa da Santa Alliança, ou da Liga, terminou pelo massacre da Brossardiére, por um bando de assassinos capitaniados pelo duque de Mercoeur, tambem pertencente á familia de Guise, appellido tão fatal para a França. Desde então até á dissolução da Liga, os *liqueiros* contentaram-se com roubar os viajantes nas estradas.

Madame de Pontarlier narrou a suas netas parte da historia dos protestantes francezes, e contou-lhes varios exemplos da sua fidelidade e constancia durante o largo periodo das crueis e implacaveis perseguições.

—Mas,—continuou ella,—nem a espada, nem a fogueira, nem a roda, nem outra qualquer tortura poderam apagar a verdade de Deus, que teve sempre trinta mil joelhos que não se curvaram ante Baal. Podem os homens perversos erguer atrevidos braços para a destruir, que todos os seus esforços, ainda os mais poderosos, redundarão em sua propria confusão. Que valor tem a fraqueza d'elles diante do Altissimo?

—Chego a receiar,—disso Isabel,—que o modo da tortura me tentasse a abandonar a minha fé, e a tornar-me catholica-romana. Parece-me que não teria tido força para supportar os soffrimentos que os pobres protestantes padeceram. E ainda assim, desejaria ser fiel a meu Deus e Salvador, que deu a propria vida pelos peccadores, e não hesitou perante a morte para me salvar e a todos quantos crêem e confiam n'Elle. Mas, penso, ou antes, creio firmemente, que se Deus visse no meu coração um desejo, por menor que fosse, de lhe ser fiel, dar-me-ia, se eu lh'a pudisse, graça e força bastante para tudo soffrer por seu amor. Amo o bom Salvador, e não desejaria ser cobarde: deve ser tão doce o reconhecermos que fomos fieis e valerosos! Oh! tenho esperança, avósinha, de que o Senhor me dará uma fé grande e forte, se algum dia eu tiver de passar por alguma provação,—concluiu a donzella, com vehemente fervor.

—Precisamos da força e da graça de Deus em todas as nossas tentações e soffrimentos quotidianos, Isabel, ou sejam grandes ou pequenos. Mas todos os que precisam acharão o que procuram, se pedirem, com fé simples. E se alguma vez, na sua vida, qualquer de vós tiver *maus dias*, e houver de soffrer pela fé, como soffreram pela verdade os christãos dos tempos antigos, tenham por certo que Aquelle que lhes manda ser fieis até á morte não as esquecerá, nem as deixará pelear sósinhas a boa peleja, mas dar-lhes ha, juntamente com a tentação, uma fé robusta com que supportarão tudo, com alegria, por seu amor. Agora, que já descangámos um pouco, e que tornámos a chegar ao sitio onde estavamos sentados, parece-me que posso continuar a leitura do meu manuscrito.

—Faz-nos grande favor, avósinha. Estou anciosa por saber o que fez a pobre Anésia, ao vêr-se sósinha no mundo. Espero que encontrasse algumas pessoas amigas que se compadecessem da sua desgraça e a ajudassem.

—Naturalmente, encontrou, querida Violeta. Deus nunca esquece os que n'Elle confiam, não é verdade, avósinha? Os bondosos Pontarlier protegeram-n'a, sem duvida. Quando a avósinha continuar a lêr, saberemos onde e quando a encontraram.

—Vão já sabel-o, queridinhas, — disse Madame de Pontarlier, que proseguiu na sua leitura.

Momentos depois, Peronnette voltou para junto de Anésia que chorava amargamente, e disse-lhe com firmeza e brandura, que se levantasse e a seguisse, pois não devia conservar-se na herdade por mais tempo. A pobre creança obedeceu sem pronunciar palavra, e acompanhou Peronnette á sua cabana, tomou algum alimento que a ella lhe offereceu, e deitou-se na cama que a boa mulher lhe fizera, n'um pequeno quarto situado por detraz da casa de fóra, onde ficaria segura e sem ser vista; pois Peronnette bem conhecia o perigo que correriam as suas vidas se chegasse a descobrir-se que estava ali escondida uma protestante.

Exhausta pelas dôres e pelos desgostos, a pobre Anésia ficou tão socegada e silenciosa, que a viuva julgou que ella dormia.

—Nicolek,—disse Peronnette para o coxinho,—senta-te ali e vigia. Não deixes entrar pessoa alguma, se te perguntarem alguma coisa não respondas; logo que eu volte da herdade, has de ir levar aquelle cantaro de mel á pousada do Cavallo Branco, o quando poderes fallar á mãe Coupard, sem seres ouvido pelos freguezos, pede-lhe que venha a nossa casa ao escurecer, porque tenho tristes novas a dar-lhe, e desejo pedir-lhe o seu auxilio e o seu conselho. Anésia tem de sair d'aqui, e quero consultar a mãe Coupard sobre o melhor modo de o fazer.

Dizendo isto, Peronnette saiu em direcção á herdade. A' noite, a mãe Coupard veio a casa da viuva.

—Todo o dia estive com vontade de vir cá,—disse ella,—mas foram tantos os freguezes que chegaram das aldeias visinhas, para saberem noticias do massacre dos protestantes na Brossardiére, que não pude dispôr de um minuto para vir vê-la, nem para ir saber á herdade se algum dos Robineau estava no templo. Receio muito que lá estivesse algum d'elles. Sabe alguma coisa a este respeito, visinha Peronnette?

—Ai! antes não soubesse!—respondeu a viuva, com os olhos rasos de lagrimas.

—André e Maria estavam no templo? Morreu algum d'elles? Responda, visinha, responda depressa!

—Pobre gente! pobre gente! Toda a familia foi assassinada, á excepção de Anésia. Só Anésia escapou!

Peronnette contou, então, á aterrada visinha, tudo o que succedera, e communicou-lhe a anciedade em que estava por vêr a pobre e desgraçada rapariga longe do theatro de tão espantosos acontecimentos, e a coberto de qualquer perigo.

A mãe Coupard ficou cheia de horror, de indignação e de dôr; porque amava e respeitava a familia Robineau como toda a gente que a conhecia.

—Onde está a pobre Anésia?—perguntou a mãe Coupard.

—Está a dormir n'uma cama que lhe fiz ali dentro. Está extenuada e perdida de desgostos e dôres,—respondeu

Peronnette, apontando para a porta do pequeno quarto.— Como havemos de removel-a d'aquí em segurança?

—Hei de pensar no melhor modo de o conseguir. Devemos ter o maior cuidado em occultar a toda a gente que auxiliamos e protegemos a pequena. Nem eu devo comprometter o meu bom marido, nem a vizinha ha de querer que o seu pobre Nicolek fique mettido em trabalhos. Mas é necessario pôrmos a pequena em logar seguro. Ah! que boa idéa. Está a coisa arranjada. Meu cunhado, o snr. abbade, vem visitar-nos ámanhã ou depois. A vizinha sabe que André Robineau e elle eram amigos velhos. E como o snr. abbade era muito affeioado a André, estou certa de que ha de encontrar meio de levar Anésia para algum logar seguro, onde possa ficar fóra do alcance d'esses malvados, que hão de perseguil-a. Oh! vizinha Peronnette, poderá ser verdadeira a nossa religião, quando os dignatarios e os curas das nossas egrejas incitam, e até ordenam, atrocidades semelhantes ás que se praticaram na Brossardiere? O bom e velho abbade Bonnaud teria chamado a isto feitos do demonio. Costumava elle dizer que Deus enche, os corações d'aquelles que o amam, de amor do proximo, e até de amor aos proprios inimigos. Nem posso acreditar que a condessa ame a Deus, pois diz-se que foi ella quem plancou a matança da Brossardiere, para dar cabo dos protestantes d'estes sitios, a quem odeia. Duas ou tres pessoas me disseram hoje que ella tinha particular aversão aos Robineau, —a essa boa e piedosa gente, que estava sempre prompta para acudir aos outros.

Ah! mas deixe estar, que Deus ha de julgal-a, áquella mulher perversa e cruel!

—O Senhor tenha compaixão d'ella, e lhe transforme o coração! André e Maria, aquellas boas almas, hão de ter rogado por ella. O snr. abbade Bonnaud falleceu antes de eu vir para estes sitios, mas André Robineau fallou-me n'elle algumas vezes; parece que eram intimos amigos, o até ouvi dizer que o snr. abbade fóra accusado, antes de morrer, de professar as doutrinas da egreja reformada.

--Sim, dizia-se que se tinha convertido á religião, e que estava sempre em companhia do bom André, no que,

na minha opinião, nenhum mal havia. Oh! quantas pobres almas perderam uns bons amigos em André e em Maria!

No dia seguinte, o snr. abbade La Motte, meio-irmão do José Coupard, veio vêr Anésia. A pobre rapariga estava sentada na cama, socegada e immovel, vencida pelos desgostos. Pareceu não dar pela presença do abbade, até elle se aproximar d'ella e fallar-lho; fitou-o então como tal expressão de paciencia e resignação, que o abbade sentiu os olhos arrazarem-se-lho de lagrimas.

—Anésia, minha filha,—disse ollo, com ternura—que o Deus do toda a consolação te consolo, pois vã é a consolação do mundo para uma dôr como a tua! Devo, porém, alegrar-te a ideia da felicidade que estão desfructando aquelles que tão ternamente amaste.

—Sim, snr. abbade, alegra-me essa ideia,—disse a joven, apertando convulsivamente as mãos.

—O que te aconselhariam os teus bons paes n'um caso de grande afflicção, como esta que soffres?

—Aconselhar-me-iam a deligenciar dizer, de todo o coração: «Seja feita a sua vontade, oh Deus!»

—E que cantico de louvor te diriam elles que cantasses ao atravessares os profundos abysmos?

—Dir-me-iam que louvasse a Deus nas trevas, quando não visse a luz, que o louvasse á luz do sol, quando tudo resplandece e brilha, que o louvasse por tudo, em todas as occasiões e em toda a parte,—respondeu Anésia com um fundo suspiro.

—Assim é, minha filha, e deve do teu coração erguer-se, portanto, esse cantico. Mas,—acrescentou o abbade, com bondosa e viva energia, pois desejava levantar Anésia da triste apathia que estava mergulhada,—nem teu pae nem tua mãe desejariam que estivesse parada e ociosa quando fosse necessario andares e trabalhares, nem que estivesse triste e lacrimosa quando fosse necessario ganhares o pão de cada dia; e é o que tens agora a fazer, minha filha! Que destino pensas tomar? Podias ficar aqui com Peronnetto e ajudal-a no seu trabalho, podias ir viver com minha cunhada; mas nadá d'isto te convém, porque não ficarias se-

gura n'estes sitios. Deves partir o mais depressa que fôr possível; não ha tempo a perder.

Contou-lhe, em seguida, que na manhã d'aquelle dia entrara na pousada do Cavallo Branco um enviado de Madame de Saint-Aunais, o qual tinha perguntado á sua cunhada se sabia onde poderia ser encontrada a filha mais velha de André Robineau. Elle e outros companheiros haviam recebido ordem da condessa para percorrerem o paiz até a encontrarem. Sabia-se, dissera o mensageiro, que ella tinha ido para o templo, com o pae, na madrugada de domingo, e desconfiava-se que tinha voltado depois, sósinha, para a herdade.

O abbade não quiz contar-lhe tudo o que o mensageiro dissera ácerca da matança, e só lhe disse que, pouco tempo depois d'ella ter vindo para casa da viuva, fôra outro mensageiro á herdade, com ordem de a levar.

—Porque,—continuou o abbade,—Madame de Saint-Aunais suppõe que, se podesse mandar-te para um convento proximo d'aqui, aonde te ensinassem as doutrinas e os preceitos da nossa egreja, e aonde estivesses sujeita á disciplina da qual julga que tu precisas, annuirias, antes de muito tempo, a entrar para a egreja de Roma. Pobre creança! Eu sei qual seria o tratamento que te esperaria n'aquelle convento, se te mostrasses resolvida a não abandonar a tua fé; e tambem sei que tu, Anésia, como filha do santo e bondoso André, não entrarias para a nossa egreja nem por bem nem por mal. Não é verdade, minha filha?

—De maneira alguma abjuraria da minha fé, com o auxilio de Deus!—respondeu ella levantando as mãos para o céu.—Mas para onde hei de ir, e o que hei do fazer? Não tenho amigas que me soccorram. A minha tia, que vive em Nantes, não professa a minha religião, e teria medo de tomar conta de mim. Irei para onde me disserdes que vá, e farei o que me disserdes que faça, meu bom sr. La Motte, porque ereis amigo de meu pae, e meu pae era vosso amigo, e muitas vezes fallava a vosso respeito. Se elle soubesse que eu havia de ficar ao desamparo, sósinha, e correndo perigos, e que o seu velho amigo queria tomar

conta de mim e velar por que nenhum mal me acontecesse, teria ficado contente. O que julga o snr. abbade que eu devo fazer?

—Minha filha, Peronnette e eu já fallámos a esse respeito, e o logar que nos parece mais conveniente para te occultares é nas ilhas dos pantanos ou nas margens do Sèvre. Muitos dos infelizes protestantes se teem refugiado ali, vivendo em segurança nas pequenas ilhas cercadas de lagoas e de espessos e altos canaviaes. N'uma ilhota que se ergue no meio do bréjo, vive uma pobre viuva com os seus tres filhos. Tinham fugido de sua casa, para salvarem as vidas, por seguirem a religião reformada: encontrei-os, quasi mortos de fome, na floresta de Vouvant. Havia dias que se alimentavam unicamente de fructas, e a fome e a miseria quasi os haviam feito desesperar o desprender da vida. Tendo-me encontrado, quando eu passava a cavallo atravez da floresta, pois ia tomar posse da minha actual parochia, junto a Fontenay-le-Comte, fizeram-me signal para parar e pediram-me alguma coisa de coimer, porque estavam esfomeados. Adivinhando immediatamente quem elles eram, por saber que os pobres protestantes estavam sendo perseguidos, fallei-lhes benovolamente e dei-lhes a comida que levava na minha mala. Pedi a um camponez, que morava n'um casal da orla da floresta, que os recolhesse até eu ter tomado conta da minha parochia; depois, com o auxilio de um aldeão bondoso e de confiança, mandei-os para uma pequena herdado da região pantanosa, herdado que pertencia, assim como outras d'aquelles sitios, ao joven fidalgo de quem eu tinha sido tutor. Eu sabia que, se fallasse ao conde Agenor de Pontarlier, elle lhes permittiria tomarem posse pacifica de uma das ilhotas do pantano. Assim aconteceu, e a pobre familia vive, ha cerca de oito annos, n'uma casinha que ali construiu para sua habitação. Vou visital-os de vez em quando, e sempre dão testemunho da sua profunda gratidão pelo pequeno serviço que tive occasião de prestar-lhes. Estou certo, portanto, minha filha, de que se eu pedir á boa Leonor para te recolher e cuidar de ti, ella te receberá com os braços abertos, e será para ti uma outra mãe. Terás uma vida muito laboriosa, de muita po-

breza o até, algumas vezes, de pouca abundancia. Raras vezes verás alguém, afóra as pessoas com quem vives, mas ficarás ao abrigo dos que te perseguem, e poderás adorar a Deus segundo a tua consciencia, e lêr e meditar a sua santa Palavra sem opposição nem embaraço, em paz e segurança. Queres ir para lá, minha filha?

—Irei da melhor vontade, snr. abbade. Não faço escolha do logar para onde hei de ir, porque ninguem tenho que me ame; gostaria, até, de ficar n'esses sitios, para nunca mais voltar. O que desejo, snr. abbade, é que a vossa bondade para com uma protestante não venha a trazer-vos algum dissabor. Quando ontendeis que eu deva partir?

—Ao romper d'alva; porque a jornada para a região dos pantanos é comprida, e o caminho é aspero e aborrecido. Se as estradas estiverem impraticaveis, como ordinariamente acontece, mesmo na presente estação, não gastaremos menos de uma semana para lá chegarmos. Meu irmão emprestar-te-ha um cavallo, porque teremos de ir a cavallo a maior parte da jornada. Peronnette arraujará á medida do teu corpo um fato, que estava fazendo para um desgraçado rapaz que foi assassinado no dia da matança, e assim passarás por um moço que eu levo para casa de um lavrador dos arredores de Fontenay-le-Comte. A minha cunhada arranjará alguma comida para levarmos nos alforges. E adeus, filha, até amanhã. Enche-te de coragem. Com a ajuda e a boa protecção de Deus, chegaremos a salvamento a casa de Leonor.

E dizendo estas palavras, o bom do abbade saiu da cabana.

CAPITULO IV

Uma triste despedida

No dia seguinte, ao romper da aurora, já Anésia estava á porta da cabana, em companhia de Peronnette e de Nicolek, á espera do abbado, para dar principio á jornada. Tinha a apparencia de um rapaz de dezeseis annos, com o seu jaleco de panno grosseiro, colete branco assertoado sobre o peito, calções, polainas justas á perna, atacadas com fitas vermelhas, e chapéu desabado levantado de um lado. Parecia fraca e docnte, com o seu rosto agradavel e triste, mas tranquilla e determinada, apesar dos sulcos que as lagrimas lhe tinham deixado nas faces. Acabava de voltar de uma derradeira visita a quatro sepulturas solitarias, recentemente cavadas, sob um umbroso carvalho, por detraz da cabana de Peronnette. Em breve appareceu o abbade, acompanhado pela tia Coupard que trazia á mão um cavallo sellado. Depois de se despedir das suas amigas com palavras affaveis e estreitos abraços, Anésia montou a cavallo e deu-se pressa em seguir o abbade, que tomara a dianteira por entender que a pobre rapariga havia de desejar estar só no momento de se despedir d'aquelles sitios. Anésia voltou-se, ainda uma vez, para onde estavam as sepulturas, afim de enviar um ultimo adeus aos entes queridos que ali deixava, e aproximou-se do abbade sem dizer palavra. Que vontade podia ter ella de fallar, se o seu espirito estava oppresso pela triste recordação d'aquelles que perdera? Como o coração lhe palpitava, ao passarem os antigos marcos que delimitavam as fazendas de seu pae, e os sitios em que ella e seu irmão tantas vezes tinham brincado juntos!

Não eram aquellas as terras de sementeira, d'onde, ainda ha pouco, se tinha feito a colheita? Não era aquelle o portão onde a linda e encantadora Babette tinha aprendido a andar no balouço? Lá estava, mais adiante, o florido rosal, á beira do arvoredó, onde, ainda ha poucos dias, ella tinha colhido uma rosa vermelha a pedido da pequenina, cujas palavras «Ané, apanha a flór á menina»

ainda lhe soavam aos ouvidos. Alguns pintarroxos soltavam os seus cantos do outomno sobre as arvores que bordavam a estrada de um e outro lado; o gorgoeio das avezinhas trazia á memoria de Anésia o quanto seu pae gostava de ouvir as notas lastimosas do pintarroxo.—O seu cantar alegra-me e entristece-me ao mesmo tempo,—costunava elle dizer,—as suaves notas, em que exprime os seus lamentos, recordam-nos que já lá vão os dias quentes e brilhantes do estio, mas que ainda ficam o trigo e a rica uva madura—esses dons de Deus ao homem ingrato—para nos alegrar e nos dar forças. O seu cantar diz-me tambem que o nosso verão passa rapidamente, e que as nossas vidas não são mais do que um dia nublado do outomno. Importa que estejamos promptos para o dia glorioso e interminavel em que só o Senhor reinará.

Pobre Anésia, coitada! o curto gorgoeio do pintarroxo fallava-lhe de tempos, de factos e de palavras que tinham passado para sempre. Uma serie de pensamentos dolorosos lhe inundou a memoria em impetuosa torrente, e a donzella, deixando cair as ródeas sobre o pescogo do manso e velho cavallo, juntou as mãos acima da cabeça, exclamando com angustia:

—Oh! cala-te, triste pintarroxo, que me partes o coração!

O abbade que, sem proferir palavra, levava o seu cavallo ao lado do de Anésia, por ter adivinhado com bondosa sympathia os pensamentos que a opprimiam, tratou agora de distrair-a contando-lhe algumas historias e lendas da parte do paiz que iam atravessando, pois conhecia todo o baixo Poitou e Loge Fouquereuse, e já parochiara n'uma freguezia pouco distante d'ali.

Quando o sol se sumiu no horisonte, levou-a para a cabana de uma sua antiga parochiana, n'um logarejo que ficava proximo, e entregando aos cuidados da dona da casa a fatigada rapariga, tratou de arranjar cama para si na pequena pousada da estrada.

Assim foram jornadeando pelo Bocage, umas vezes por caminhos abertos em alcantilados penhascos sobre pedregalhas enormes, que pareciam ter sido atiradas para ali

por mãos de gigantes, outras vezes por caminhos, ou antes fundos tremedaes, de uma lama escura e espessa, consequencia das grandes chuvas que tinham caído ultimamente, e da densa ramada das arvores que, entrelaçando-se por cima da estrada, não permittia que o sol ou o ar podessem penetrar ali e seccar as aguas estagnadas.

Quando tinham de passar por caminhos d'estes, o abbade fazia apear Anésia, com receio de que o cavallo, em que ella montava, se mettesse no atoleiro e se suffocasse, como tantas vezes acontece. Anésia seguia então, a pé, ao longo das sebes, enquanto que elle, levando pela rédea o outro cavallo, mettia o seu ao atoleiro, que atravessava de vagar e com a maior cautella.

Aquellas estradas eram perigosas, muitas vezes, para se viajar, mas felizmente os camponozes, como pessoas de juizo, nunca sahiam das suas casas ou dos seus campos senão para irem ás feiras vender o producto das colheitas; e então, como as feiras ficavam ás vezes a cinco e a seis milhas de distancia, e se juntavam differentes familias para irem no mesmo carro, acontecia que as tres ou quatro juntas de bois corriam o perigo de se suffocarem, atoladas nas lamas dos caminhos.

Anésia assustava-se sempre que o abbade tinha de atravessar por estradas d'esta natureza, porque não obstante elle passar ordinariamente a salvo, nem elle nem os cavallos pareciam os mesmos quando sahiam do atoleiro: a sotaina e as polainas do pobre abbade vinham encharcadas e empastadas de lama, e os cavallos não tinham nem a fórma nem as côres com que ali haviam entrado.

Estes pequenos contratemplos só teem, porém, importancia quando a viagem é seguida. O snr. abbade encontrava sempre alguma cabana onde seccasse o fato e limpasse as polainas. Comida e descanso nunca lhe faltou.

O snr. La Motte e o moço que ia a seu cuidado eram sempre bemvidos nas aldeolas e nas herdades por onde passavam. Aquella boa gente offerecia-lhes o melhor que tinha, e quando se despediam, levavam sempre os alforjes attestados de pão, manteiga fresca, mel, ovos cozidos e fructa, para irem comendo pelo caminho. N'aquellas aldeias

e casacs, que eram muito distantes entre si e pouco numerosas, era raro vêr-se um viajante, mas, quando algum apparecia era sempre bem recebido. O snr. abbade julgara prudente tomar pelas estradas menos frequentadas, com receio de encontrar algum dos mensageiros de Madame de Saint-Aunais, porquanto sabia que a condessa não desistiria tão cedo de procurar a filha de André Robineau.

Havia quatro dias que elles viajavam no Marais; tinham passado muitos atoleiros, subido e descido muitos ponnascos e montes asperrimos, transposto muitos ribeiros, vadeado, até, dois rios, e ainda tinham de percorrer algumas milhas para chegarem á pequena cidade fortificada de Vouvant, situada junto da grande floresta do mesmo nome. O snr. abbade estava ancioso por chegar á cidade antes que as portas se fechassem, porque tinham cavalgado muito n'aquelle dia, e Anésia, que estava quasi extenuada, precisava de uma boa noite de descanso. O sol ia chegando ao ocaso, e os pobres cavallos estavam em tal estado que já não podiam andar senão a passo, apesar da crescente impaciencia, que os viajantes tinham, de entrar em Vouvant. Para matar o tempo, o abbade começou a descrever a cidade e a sua curiosa egreja, que data do decimo-segundo seculo, e Anésia ia ouvindo a descripção com interesse; pois, para ser agradavel ao amigo de seu pae, que assim se arriscava tanto por causa d'ella, diligenciava vencer os seus pezares e mostrar-se alegre.

—Tenho aqui um amigo, nos arrabaldes, do outro lado de Vouvant. Elle, teu querido pae, e eu, estivemos juntos, em rapazes, no collegio de Poitiers e no seminario, porque n'esse tempo destinavam-se ambos á vida ecclesiastica, e tinham paes abastados que ambicionavam para os filhos uma boa posição na sociedade. Estive muitos annos sem ver Roberto Fonteneau, e, quando vim a encontral-o, soube que tinha mudado de fé, e que casara com uma senhora rica, alguns annos mais velha do que elle. Mas Roberto não se havia esquecido dos nossos tempos de rapazes, nem dos perigos por que tinhamos passado, posto que nenhum de nós fallasse n'esses tempos. Não é preciso dizer-te que,

tanto elle como teu pae, mudaram de ideias depois de te rein tomado ordens sacras.

Ai de mim! só o medo cobarde, aos males que os homens podem infringir, me obrigou a vestir a sotaina. Creio que ouvirias contar a minha historia a teu pae, ao santo e fiel André, que veio a morrer martyr... Mas, como ia dizendo, Roberto Fonteneau era meu amigo e amigo de teu pae, e estou certo de que elle e sua mulher hão dar-nos canas e ceia para esta noite.

Tenho umas compras a fazer em Vouvant, pelo que, depois da ceia, deixar-te-ei em casa do meu amigo, entregue aos cuidados de Madame Fonteneau, e voltarei mais tarde depois de haver concluido os meus negocios. Combinaremos então a que horas devemos continuar a nossa jornada amanhã pela manhã.

—Estou contente por irmos para casa do vosso amigo. Não gosto muito de ficar só com pessoas ostras. Devo agora dizer-vos, caro snr. La Motte, que meu pae nunca me disse uma palavra ácerca do vosso passado... mas orava, muitas vezes, por vós, á oração da manhã e da tarde,—acrescentou Anésia com ar meigo.—Dar-vos-ia grande pena contar-me alguma coisa d'esses tempos em que vós e o meu querido pae eram moços e viviam juntos?

—Tanto o passado como o presente são humilhantes para mim, minha filha,—respondeu o abbade, com tristeza;—apesar d'isto, contar-te-ei alguma cousa d'esses tempos que lá vão; mas só começarei quando chegarmos á planície, onde o passo dos cavallos é mais commodo e o caminho menos lamacento. Ora dize-me, Anésia, que pediu teu pae, por mim, nas suas orações?

—Era assim que elle dizia:—«Oh Deus! fortaleco a debil fé de Huberto La Motte. Faze com que elle esteja prompto e disposto, se necessario fôr, a soffrer e a dar testemunho por Ti, para que não tenha de que envergonhar-se quando fôr chamado á tua presença!»—era assim que meu pae orava,—respondeu Anésia.—E vós haveis de ser fiel e haveis de dar testemunho da verdade de Deus, não é assim, snr. abbade?—acrescentou ella, em tom supplicante.

—Só posso dizer,—respondeu o abbade, em voz baixa,

estremecendo ao mesmo tempo—que defira Deus as orações de André, mas tremo, como um cobarde que sou, ao pensar nas torturas que tenho visto infligir a essa pobre gente, posto que fosse com alegria que elles davam as suas vidas pela fé. Oh! minha filha, não me desprezes, mas tem compaixão de mim, pois não sabes o que são os remorsos de uma consciencia inquieta.

Pronunciava elle estas palavras, quando dois cavalleiros passaram junto d'elles, a trote largo, em direcção a Vouvant; mas não tão depressa que o abbade não reconhecesse que usavam a libré de Madame de Saint-Aunais.

Ao vêr isto o abbade ficou sobresaltado, mas nada disse a Anésia para não a assustar; resolveu, porém, indagar, se fosse possível, o que tinham vindo fazer a Vouvant os mensageiros de Madame de Saint-Aunais, ao mesmo tempo que elle ali chegava.

—Reflectindo melhor sobre o caso, Anésia,—disse o abbade depois de curta pausa,—parece-me que será melhor arranjar cama para mim na hospedaria da cidade, porque tenho necessidade de tratar de alguns negocios; mas irei ter contigo para te dizer a que horas havemos de partir amanhã de manhã. Enquanto a ti, ficarás mais segura em casa de Roberto Fonteneau, pois professa a tua fé. Mas acautella-te; e se eu te levar de Vouvant um pequeno embrulho, não o abras diante de pessoa alguma, porque talvez tenha de dar-te algumas indicações por escripto, que bom será guardes para ti só. Conserva-te silenciosa o mais possível, e observa tudo o que se fizer e se disser em volta de ti. O teu silencio a ninguem surprehenderá, porque é natural estares cansada depois de um comprido dia de jornada. E vamos a apressar a marcha, porque é quasi sol posto.

O que o abbade não disse é que estava ancioso por entrar as portas da cidade antes de perder de vista os emissarios de Madame de Saint-Aunais.

CAPITULO V

Anésia cae nas mãos dos seus inimigos

O snr. La Motte e Anésia transpuzeram as portas da cidade sem que as sentinellas oppozessem difficuldade alguma, graças ás vestes ecclesiasticas do abbade e ao seu nome. Os cavalleiros haviam desaparecido. Com o fim de obter informações, ácerca da direcção que elles tinham tomado, o abbade chamou um archoteiro—que estacionava junto das portas offerecendo-se para allumiar as pessoas que quizessem andar até mais tarde pelas ruas escuras da cidade,—e disse-lhe que o guiasse a casa de Roberto Fonteneau. Pelo caminho, foi perguntando ao homem dos archotes se tinha visto entrar na cidade, um pouco antes, dois moços de libré. Respondeu o homem que os tinha visto, e que por signal eram muito mal encarados. Perguntou-lhe então o abbade, mostrando pouco interesse, para que lado tinham elles ido.

—Metteram-se ali para aquelle beco,—respondeu o homem dos archotes, apontando para um dos lados da rua, —mas não tardam na estalagem do *Sol Poente*, porque parecem ser gente que se trata e que sabe onde se encontram as commodidades.

—O *Sol Poente* ainda pertence a Felix Martin?—perguntou o abbade.

—O Felix morreu, agora é a viuva quem está á testa do negocio,—respondeu o homem dos archotes.

Voltando, á outra rua, passaram pela estalagem, e o abbade, indicando-a a Anésia, disse-lhe que era ali que tencionava arranjar quarto para passar a noite. Pouco depois chegaram á residencia do sur. Fonteneau,—uma grande casa de pedra com sua torre quadrada a um dos extremos, rodeada por espesso arvoredado. O abbade foi recebido de braços abertos pelo dono da casa, que o apresentou a sua mulher como amigo velho e de valor. Madame Fonteneau tratou o abbade com a maior delicadeza, convidando-o para ceiar e ao moço, e manifestando o desejo de que lhe

fizesse a honra de ficar aquella noite em sua casa : e accrescentou :

— Mandarei arranjar um mólho de palha na abogoa-ria, para o rapaz dormir, porque não ha logar para elle na casa da creadagem.

O snr. La Motte aceitou o offerecimento da ceia para ambos e do mólho de palha para o moço, mas recusou a cama para si, por temer, dizia elle, que os seus negocios o obrigassem a ficar na cidade ; pedindo licença, todavia, para vir, mais tarde, informar o seu companheiro da hora a que deviam partir no dia seguinte.

Segundo o costume, o moço ceiou á mesa dos criados, que foi posta no mesmo quarto e a pouca distancia da dos amos ; por felicidade ninguem lhe dirigiu a palavra, ou nem mesmo fizeram caso d'elle, talvez por parecer fatigado da longa jornada que fizera. O abbade percebeu, pela conversação que houve á ceia, que Madame Fonteneau era uma exaltada catholica-romana, e ficou bastante assustado ao saber que ella estava em relações intimas com a condessa de Châtaigneraie, e sympathisava com os esforços que esta fazia para anniquilar e destruir a nova religião. Mas tambem notou que Roberto Fonteneau não a acompanhava nas suas expressões de odio contra a egreja reformada.

Estavam ainda á mesa, quando se ouviu ruido de patas de cavallos, e o tocar da campainha annunciou que chegava alguém. D'ali a poucos momentos entrou um criado com uma carta fechada, que entregou á dona da casa, dizendo-lhe, ao mesmo tempo, que o portador pedia para lhe fallar logo que ella podesse recebê-lo. Madame Fonteneau leu a carta antes de responder, relanceando, por algumas vezes, olhares penetrantes para Anésia ; depois dobrou o papel e disse ao criado que iria fallar ao portador o mais brevemente possivel, como desejava. Assim que terminou a ceia, a dona da casa pediu desculpa de se retirar, pretextando que um negocio importante reclamava a sua attenção. O abbade, que percebera quanto a leitura da carta a tinha perturbado, e observara os olhos que ella lançara a Anésia, teve o cuidado, ao sair da casa de jantar, acom-

panhado pelo seu amigo, de recordar a Anésia as ordens que lho tinha dado, e disse-lhe que o sr. Fonteneau desejava que ella não saísse d'aquelle quarto até elle, ou Madame Fonteneau, voltarem.

Logo que se levantou a mesa e que os criados se retiraram para tratarem das suas occupaões, entrou um d'elles na casa de jantar, poz sobre a mesa um candieiro acceso, e sem dar a Anésia explicação alguma, saiu, fechando a porta á chave. Esta precaução, que evidentemente se tomava para a impedir de sair, surprehendeu a joven. Mas como tinha a maxima confiança na prudencia e nos cuidados do sr. abbado, poz de parte os terrores, e, como se sentissem fatigada e com somno, encostou a cabeça á parede e adormeceu. Quanto tempo doriniu, não o soube; foi subitamente despertada por alguem que a chamava, com voz sumida, mesmo ao pé d'ella:

—Anésia! Anésia Robineau! Escuta! Estás correndo perigo! não te assustes, porém, e, se tomaros conta no que vou dizer-te, poderás escapar. Vae, sem a menor resistencia, para ondo minha mulher te levar, fazo tudo quanto ella te mandar, calla-te, vigia e espera com paciencia. Não digas que te falloi; estarei com o nosso amigo, quando elle voltar, e combinaremos o que fôr preciso para a tua fuga. Adeus.

E, dizendo isto, saiu do quarto, silenciosa e apressadamente.

Apesar de ter accordado sobresaltada pela subita apparição do sr. Fonteneau, Anésia comprehendeu bem depressa a realidade, e resolveu seguir os conselhos que elle lho dera. Depois poz-se a pensar em tudo quanto tinha acontecido desde pela manhã.

—Como soube o sr. Fonteneau o meu nome verdadeiro? Será possivel que os criados de Madame de Saint-Aunais nos seguissem até aqui?..

E a carta mysteriosa que tanto tinha agitado Madame Fonteneau era provavelmente, pensou a joven, da condessa de Châtaigneraie, e dizia-lhe respeito. Depois, vieram-lhe á memoria os dois cavalleiros que tinham encontrado mesmo á entrada da cidade, as perguntadas que o

abbade fizera, a respeito d'elles, ao homem dos archotes, o a repentina mudança que elle fizera ácerca do logar onde havia de passar a noite. Sabia que o snr. La Motte não pensava, pela manhã, em dormir no *Sol Poente*; e, sobre tudo o aviso do snr. Fonteneau convencera-a de que tinham sido seguidos por criados de Madame de Saint-Aunais, e de que tanto ella como o bom abbade corriam perigo. Mas lembrou-se tambem de que estavam entregues á salvaguarda d'Aquelle que tem o poder de proteger e de salvar, e ficou consolada ao pensar na promessa do snr. Fonteneau, em quem via o amigo que Deus proporcionara para os defender.

Esperou por muito tempo, anciosa por ouvir os passos do abbade, mas nenhum som lhe chegava aos ouvidos. Por fim o candieiro apagou-se, deixando-a em profundas trevas. Sentiu então o rumor de passos pesados, que se approximavam; a porta abriu-se e appareceu Madame Fonteneau, acompanhada por dois homens, um dos quaes trazia uma lanterna, e outro uma bilha com agua e um pão.

—Anésia Robineau,—disse a dona da casa, desabridamente,—o teu disfarce foi descoberto e a tua fuga suspensa, porque a Santa Virgem te entregou nas minhas mãos. Tenciono guardar-te em minha casa até saber o que Madame de Saint-Aunais, aquella boa santa a quem pertences, resolve a teu respeito. O snr. La Motte, que não é mais do que um filho infiel da egreja, ainda não voltou, por qualquer motivo, e ainda que escape, por agora, ao que mereço, graças aos amigos poderosos de que dispõe, pode estar certo de que, mais dia menos dia, ha de pagar o que tem feito. Segue-me immediatamente e não tentes resistir, se não queres que te aconteça peor.

Dizendo isto, pegou no pulso de Anésia, e obrigou-a a acompanhá-la.

—Obedecer-vos-ei, senhora, porque estou no vosso poder, mas protesto que não pertenco, como ha pouco dissetes, á condessa de Châtaigneraie; nasci livre, como livre era meu pao, e não serva,—disse Anésia com tranquillidade, posto que as faces lhe ruborescessem de indignação.

Madame Fonteneau lançou-lhe um olhar de desprezo,

mas não respondeu ; encaminhou-se para a porta ordenando a Anésia que a seguisse, o que ella fez, e saíram ambas, acompanhadas pelos dois criados. Depois de passar por um corredor de abobada muito baixo, subiu um lance de escadas de pedra que conduzia a uma sala quadrada de dimensões regulares, que evidentemente servia de palheiro e arrecadação. N'um pequeno espaço que tinha sido desoccupado, junto de uma janella estreita e sem caixilhos, estava collocado um mólho de palha muito suja e um grosseiro banco de madeira, unica mobilia que se concedia a Anésia. As paredes, de pedra tosca, estavam occultas, em parte, pelos mólhos de ferro, mas, nos sitios em que estavam a descoberto, apresentavam grandes manchas esverdeadas, devidas á chuva que entrava pelo telhado. O aspecto d'aquella casa era tão triste, que o coração de Anésia desfalleceu ao entrar na prisão.

—Ahi tens a tua cama ;— disse a senhora, apontando para o mólho de palha ;—e como a solidão e a meditação podem fazer com que te arrependas do teu peccado, dar-se-te-ha pão e agua para dois dias, de cada vez. Ficarás aqui até eu receber ordens de Madame de Saint-Aunais.

Dizendo estas palavras, Madame Fonteneau saiu da torre, e ordenou aos criados que trouxessem consigo a lanterna e corressem bem os ferrolhos da pezada porta, que ficou fechada á chave. Anésia permaneceu immovel durante alguns momentos, atemorizada por se achar ás escuras, mas, adiantando-se ás apalpadellas encontrou o banco, e sentou-se. Pouco depois, o luar amigo brilhou com esplendor, coando os seus raios prateados atravez da janella e illuminando aquella prisão, fria e humida apesar de se estar no mez de agosto. A esta debil luz poudo a joven examinar o seu carcere. Viu que a porta e a pequena janella eram as unicas saidas que ali havia, e convenceu-se de que a tinham encarcerado na torre quadrada que vira de tardo.

Calculando que, provavelmente, seria pela janella que o snr. Fonteneau e o snr. abbade viriam libertal-a, quando chogasse a occasião propria, resolveu proceder a uma primeira tentativa, afim de se certificar se era ou não possivel effectuar a fuga, e, se o fosse, preparar tudo para

quando elles chegassom. Levando, pois, o banco para ao pé da janella, subiu acima d'elle, e passando a cabeça e os hombros pela abertura, olhou para o pateo coberto de musgo, que ficava por baixo e era cercado de altos muros, onde lhe pareceu distinguir uma pequena porta. Além dos muros do pateo, desenhava se no céu, illuminado pelo luar, a massa negra do alto e copado arvoredado. Pareceu-lhe, tanto quanto a luz incerta do luar lh'a permittia calcular, que a janella estava a uns dez pés acima do pateo, e passou-lhe pela mente a ideia de saltar para baixo; mas, lembrando-se de que tinha resolvido confiar no amigo do snr. abbado, e de que seria talvez uma loucura a sua tentativa de evasão, tornou a recolher a cabeça e a sentar-se no banco.

Certa como estava de que a sua fuga se faria pela estreita janella, tornou a saltar para cima do banco e conseguiu, posto que com alguma difficuldade, passar todo o corpo para fóra e collocar-se sobre o peitoril, que era bastante largo para ella poder apoiar os pés. Depois, olhou em roda de si. O pateo musgoso e humido, abandonado e esquecido, com o seu antigo relógio de sol, ao centro, deitado por terra, a pequena porta do muro, pela qual esperava vir a passar, as grandes arvores negras, que se elevavam do outro lado do muro, a viração que murmurava por entre a folhagem, segredando-lhe os pensamentos que o proprio coração lhe ditava: «Não temas, não te afflijas», as nuvens lanosas e prateadas, que deslisavam brandamente pelo disco da lua, o piar melancolico do môcho, e a sombra ligeira e silenciosa das azas dos morecegos, que perpassavam junto a ella sem o menor ruido,—tudo isto ella viu e ouviu, de pé e illuminada pelos raios da lua, de cima do estreito peitoril da janella da torre, tendo os seus pensamentos talvez em unisono com a solidão e as coisas phantasticas que a rodeavam, mas tranquilla e intrepida; porque era uma rapariga corajosa, dotada de uma solida e forte confiança em Deus. Depois, erguendo vagarosamente uma das mãos, a donzella murmurou:

—Não estou só, porque Tu estás comigo; não tenho que temer o mal. Não me deparaste Tu corações amigos?

E tornando a transpor a janella, arrastando-se com a maior cautella, sentou-se no banco, sempre vigilante e esperando com paciencia, sem atinar com a razão por que o snr. abbade se demorava tanto, visto que os Fonteneau, e toda a gente da casa, ha muito que deviam estar recolhidos.

CAPITULO VI

O que o snr. abbade ouviu por de traz da porta da dispensa.

—Querida avósinha, já tocaram a primeira vez para o jantar, e temos que ir para casa. Estou com um immenso desejo de saber como foi que Anésia saiu da torre; mas a avósinha ha de continuar a lêr depois do jantar, não é assim?

—Parece-me que não, Violeta. Estou muito cansada, e tenho que escrever algumas cartas, esta tarde, para a mala da India; se quizerem continuar a ouvir lêr a minha historia, estejam aqui outra vez, amanhã de tarde.

—Muito obrigada, avósinha. Visto que está cansada, e tem de escrever á nossa querida mãe, parece-me que o melhor será esperarmos até amanhã, para ouvirmos como foi a evasão de Anésia. Mas seria a leitura que a fatigou? ou seria o calor? Cá por mim, não me sinto cansada,—disse Violeta, interrogando a avó com um olhar de espanto.

—Pudéra! Se não tens feito mais do que estar sentada a ouvir! Agora, a avósinha, coitada, tem tido um trabalho violento em estar a lêr, assim em voz alta, por tanto tempo,—disse Isabel, rindo.

—Já não sou rapariga como tu és, minha Violeta,—disse a velha condessa, com um sorriso,—mas crê que tambem havias de sentir-te um pouco fatigada se tivesses lido tanto como eu. Mas, vamos depressa, para termos tempo de nos arranjar-mos para o jantar.

Na tarde do dia seguinte, o mais cedo que foi possível, Madame de Pontarlier e as suas duas netas vieram sentar-se, outra vez, debaixo dos olmeiros. Havia o mesmo céu azul da vespera, a mesma viração branda e suave agitando a folhagem do arvoredo, as vistosas flores campestres, o doce canto das aves, o mesmo regato murmurante, o zumbido afanoso das abelhas, o mesmo ambiente perfumado... Tudo tal qual era na vespera — pelo menos, ostensivamente — como se o mundo e tudo o que n'elle ha, a vida com os pesares, alegrias, dôres, odios e amores, não houvessem mudado nem envelhecido um dia. E comtudo, todas as coisas tinham mudado e envelhecido, na verdade, porque o tempo, e as coisas que lhe pertencem, não pára jámais. Arruinam-se, morrem e tornam a viver, porque da morte brota a vida. Ora novas e velhas, ora velhas e novas, e sempre assim, infinitamente; mas nunca, nunca as mesmas.

— Agora, avósinha, vae ficar muito bem sentada, — disse Violeta depondo na face da avó um carinhoso beijo e collocando-lhe, debaixo dos pés, um capacho que trouxera consigo. — Hoje não ha de ficar tão cansada como hontem.

— Com toda a certeza, visto que me proporcionaste as commodidades de uma rainha, — replicou a condessa, passando um braço em volta da cintura da neta e pagando-lhe o beijo com affecto igual. — Sinto-me prompta para lêr por muito tempo. Ficámos hontem... ficámos quando a pobre Anésia estava sentada ao pé da janella da torre, esperando anciosamente vêr ou ouvir algum signal de que o abbade e Roberto Fonteneau vinham libertal-a da sua prisão; não é verdade, meninas? — perguntou a velha senhora, abrindo o manuscripto.

— Exactamente. Oxalá que Madame Fonteneau não fosse interrompel-a mesmo na occasião em que ella ia ser libertada, — exclamaram ambas as jovons. — Mas, já vamos sabol-o.

— Bem. O titulo d'este capitulo é: «O que o snr. abbade ouviu detraz da porta da dispensa», — disse a avó, recomeçando a leitura.

Logo que o abbade e o dono da casa saíram da sala de jantar, veio ao encontro d'elles um criado, com um recado da senhora, pedindo a Roberto Fonteneau que lhe fosse fallar á sala de espera.

—E o snr. vá tratar de fazer as suas compras em Vouvant, antes que as lojas se fechem. Fallaremos quando voltar; e diga ahi a um dos criados que vá allumial o com um archote, porque não se vê nada pelas ruas antes do nascer da lua; — disse Roberto Fonteneau, parando á porta da sala de espera.

—Accito o offerecimento, e fico-lhe muito obrigado pela lembrança. E até logo... — replicou o abbade, que ardia em desejos de ficar em casa mais um bocado, para ouvir o que Madame Fonteneau queria dizer ao marido.

A chegada dos dois mensageiros a Vouvant, e a mysteriosa carta recebida por Madame Fonteneau, relacionavam-se evidentemente com Anesia, e o abbade estava ansioso por saber o mais que pudesse ácerca dos dois criados de Madame de Saint Aunais, para estar habilitado, caso fosse necessario, a formar qualquer plano para a evasão da pobre rapariga. Tomando, pois um archote, das mãos de um dos criados da casa, a toda a pressa, para o *Sol Poente*. Chegado ali, julgou prudente, attenta a possibilidade dos homens estarem a beber na sala publica, apagar o archote, que atirou para um tanque do pateo, onde os cavallos bebiam. Depois, aproximou-se cautelosamente da porta da cosinha e applicou o ouvido para se certificar se a tia Martin estava só. Como ouvisse rumor, mas não ouvisse fallar, empurrou a porta, e verificou que effectivamente a dona da casa estava só, como elle previra. Grande foi a admiração da tia Martin ao ouvi-lo pronunciar o seu nome e avançar para ella com um sorriso nos labios. A principio não o reconheceu.

—Esqueceu-se, então, de mim, Clotilde Maury e do tempo em que vivia em Logo Touquereuse com sua mãe viuva? Ainda não era então Madame Martin, por não ter querido trocar sua mãe doente pelo noivo, que aliás estava esperando por si, desde muito tempo, com a maior fidelidade. Não se lembra do seu abbade?

—Ah! o snr. Abbade La Motte! Ora se me lembro! e recordo-me tambem da sua bondade para comigo e para com minha mãe. E do costume, que tinha, de nos lêr n'aquelle bom e lindo Livro, que tanta consolação e tanta felicidade dava a minha mãe. Nunca podia esquecer, nem esqueci, a vossa reverendissima. Mas já ha mais do dez annos que o não via, e está muito mudado. Veiu então a Vouvant, e quiz honrar-me hospedando-se na minha casa? O moço já recolheu o seu cavallo?

—Não vim a cavallo, Clotildo. Venho de casa do meu amigo Fonteneau. O motivo que me traz a sua casa, assim ás escondidas, é pedir o seu auxilio para salvar uma pobre rapariga das mãos dos seus crueis inimigos.

—Conte vossa reverendissima com toda a minha dedicação. Sabe o snr. abbade onde poderá ser encontrada a infeliz menina?

—Está em casa de Madame Fonteneau. Levei-a para lá a fim de vêr se ella descançava, porque foi victima de um terrivel desgosto, e vem quasi extenuada pelos incommodos de uma longa e aborrecida jornada. Contava que estaria ao abrigo de qualquer perigo em casa dos Fonteneau, mas vou agora convencendo-me de que vim mottel-a mesmo na bocca do lobo. Eu lhe contarei o caso, que é bastante triste e por certo commoverá o seu bondoso coração. Diga-me, porém, antes de tudo, se se hospedaram aqui dois criados que usam a libré da casa de Madame de Saint Aunais?

—Estão ambos ahi, estão, snr. abbade; e são ambos bem mal encarados. Sairam, ha bocado, o creio, pelo que lhes ouvi dizer, que trouxeram uma carta de Madamo de Saint Aunais para Madame Fonteneau. Pareciam muito alegres e satisfeitos por alguma coisa que acaba de succeder. Tenho a certeza de que não andam a fazer bom a pessoa alguma. Mas elles não tardam ahi, e o snr. abbade poderá fallar-lhes, se quizer.

—Não desejo fallar com elles; nenhum proveito tiraria d'isso; mas tenho grande empenho em saber, se for possivel, qual é a commissão do que veem encarregados

para Madame Fonteneau, e a quem diz respeito essa commissão. Como poderei descobrir isto, Clotilde?

—Não será muito facil, snr. abbade; mas espere...

—disse a estalajadeira, depois de pensar um momento.— O snr. abbade vê, além, aquella porta da dispensa? Pois bem, os taes homens hão de entrar ali para a sala,—e apontou, ao mesmo tempo, para a casa que ficava do outro lado da porta.— Com certeza hão de pedir de comer. Offeracer-lhes-hei omeletta e carne de porco frita. E' claro que estes pratos levarão algum tempo a cosinhar, e eu prometto não me apressar muito. Emquanto elles esperam pela ceia, conversarão, seguramente, ácerca do caso de Madame Fonteneau, e é de crer que vossa reverendissima oiga o que deseja.

—Mas como hei eu de ouvir o que elles disserem, sem ser visto?—perguntou o abbade com anciedade.

—Estão não percebe? Abrirei o postigo, assim,—disse a tia Martin, juntando a acção á palavra,—e correrei este fecho para que elles não possam abril-o mais, dado o caso de se lembrarem de querer fallar comigo. Vossa reverendissima senta-se aqui, encostado ao postigo, que é bastante alto para elles o poderem vêr, e assim ficará occulto.

Combinado este plano, o abbade passou a narrar a Clotilde Martin, com a maior simplicidade, a desgraçada historia da pobre Anésia, e fel-o com tal sentimento que, d'ali a pouco, os olhos da bondosa mulher eram duas torrentes de lagrimas; mas quando elle se referiu á agonia dolorosa que a donzella tivera, segundo lhe contava Peronette, ao descobrir os cadaveres da mãe, do irmão e da pequenina Babette, a indignação da estalajadeira foi tamanha, e a sua ira contra a malvada condessa tão violenta, que o abbade teve bastante difficuldade em acalmal-a. Referiu-se depois á desconfiança que d'elle se apossara á vista dos mensageiros da condessa, á chegada da carta, e aos olhares penetrantes que Madame Fonteneau tinha lançado para Anésia.

—E' claro, snr. abbade, é claro!—interrompeu a tia Martin, pondo-se em pé.—Vossa reverendissima e a pobre

rapariga foram reconhecidos e vigiados em casa dos Fonteneau. Não podiam ter escolhido logar mais perigoso para pernoitar. O snr. Fonteneau não é homem para fazer mal a uma mosca, tem um coração de pomba, e nem mesmo creio que o medo que tem da mulher, e o mau genio d'esta, o impediriam de correr qualquer risco para salvar a pobre innocente, se elle soubesse que ella estava em perigo de cair nas mãos d'essa mulher cruel, que se chama Madame de Saint Aunais. O que é certo é que Anésia Robineau está em perigo, snr. abbade, e vossa reverendissima deve tratar de salva-la immediatamente. Ajudal-o-ei em tudo o que puder, meu bom snr. abbade.

—Obrigado, boa Clotilde. Eu bem sabia que podia contar com o seu auxilio. E' indispensavel, porém, que antes de voltar para casa da Fonteneau, onde disse que vinha fazer umas compras, eu me certifique se ella está realmente em perigo, e se será necessario tiral-a já das mãos de Madame Fonteneau. Preciso certificar-me d'isto antes de dar qualquer passo, Clotilde.

—Pois espere que esses homens nol-o venham dizer. Emquanto não conhecermos quaes são as intenções de Madame Fonteneau a respeito da rapariga, não podemos formar o nosso plano. Os homens não deixam, com certeza, de conversar sobre o que se passou em casa d'ella, e não devem tardar muito, porque já passa das nove horas. Silencio! eil-os que chegam!--exclamou a viuva, ao ouvir bater com força á porta da casa. —Deixe-se ficar onde está, snr. abbade. Vou leval-os já para a sala. E trate de abrir bem os ouvidos.

Dizendo isto, a tia Martin foi abrir a porta, deixando o abbade sentado junto ao postigo da dispensa. D'ali a um instante ouviu elle a voz da dona da casa, perguntando:

—Quem procura?

Não se ouviu a resposta, mas sentiu-se destrancar a porta e a tia Martin exclamar, cheia de indignação:

—São os srs.? Então, se queriam passar aqui a noite, porque não recolheram a horas? Pensam que tenho a minha hospedaria aberta toda a noite, ás ordens de gente da sua laia?

— Não pudemos voltar mais cedo. Estivemos tratando do um importante negocio de Madame de Saint-Aunais,— respondeu um d'elles, com mau modo.

— Não vale zangar tanto, tiasinha. Asseguro-lhe que não foi por divertimento que andámos na rua até estas horas, sem cciarmos.

— Olhe, temos uma fome tamanha, que eramos capazes de comer um boi,—disse o outro.

— Vá, vá; veja se nos arranja alguma coisa que se coma! E quer-se para aqui um bom petisco, entendeu?

— Que bom petisco hei de eu arranjar-lhes a estas horas, não me dirão? Quem é que ha de fazer-lh'o? A cosinheira está na cama ha uma hora bem puchada, e uns viajantes que ahi passaram ha bocado comeram tudo o que havia feito. Não de contentar-se com o que se puder arranjar; não teem outro remedio.

— Pois seja assim. Mas olhe lá, dê-nos do melhor que tiver, porque temos una fome de lobos, e precisamos comer bem.

— Eu mesma não quero que os meus freguezes fiquem com fome, e por isso irei fazer-lhes a ceia. Posso arranjar-lhes una boa omeletta e um bocado de carne de porco frita—que dizem a isto?

— Ora, que havemos de dizer? que venha tudo isso, e venha depressa. Agora, para ir abrindo mais o apetite, vá-nos trazendo uma garrafita do melhor vinho que tiver cá na adega.

— Entrem para sala, e lá verão, sobre a meza, um cangirão de vinho e alguns copos. Vão-se entretendo, que a ceia virá logo que esteja prompta.

Dizendo estas palavras, a tia Martin foi-os empurrando para a sala, e retirou-se fechando a porta atraz de si.

Quando entrou na cosinha sorriu e fez um signal de intelligencia ao abbade, levantando um dedo, como que para lhe dizer que não fallasse, e dirigiu-se para outra extremidade da cosinha a fim de preparar a omeletta.

O snr. La Motte era todo ouvidos, esperançado, como estava, em que os homens começassem a conversar, mas durante alguns minutos só os ouviu discutir a qualidade do

vinho. De repente, um d'elles exclamou, com uma grosseira gargalhada :

—Que me dizes tu á finura com que apanhámos o abbade e a pequena hereje ! Nempor sombras desconfiaram que os seguimos até á casa do snr. Fonteneau !

—Madame Fonteneau ainda não deitou a unha ao padre, e é mesmo provavel que elle se ponha ao fresco, porque o marido, pelos modos, não concorda com ella sobre o destino que se lhe ha de dar. O snr. Fonteneau era de parecer que o deixassemos ir em paz, uma vez que elle se obrigasse a não tornar a prestar auxilio aos inimigos da Egreja, e a mulher opinava que se lhe dêsse uma boa lição, conservando-o engaiolado até que a pequena fosse entregue á nossa ama e senhora. Mas o marido não esteve pelos ajustes, e não quiz que o padre fosse encarcerado no pavimento inferior da torre — um buraco bem humido, por signal — porque, dizia elle, o abbade tem protectores de alto cothurno.

—E como é que tu conseguiste saber tudo isso ?—exclamou o outro, interrompendo o que fallava.

—Como ? Porque estive a escutar á porta, já se vê ! Quando tu vieste cá fóra dar uma vista d'olhos aos cavallos, em logar de ficar na casa de espera a mandriar, subi meia duzia de degraus e fui ouvindo o que os donos da casa diziam um ao outro,—respondeu o companheiro.

—E, afinal de contas, no que foi que assentaram ?

—Em nada, que eu ouvisse, a não ser que a pequena ficaria presa, a pão e agua, até nós voltarmos com a resposta da senhora condessa.

—N'esse caso, estou vendo que Madame Fonteneau sempre vencerá; dizem que não é das que esmorecem ás primeiras. E estou na minha, em como o abbade faria bem se tratasse de se pôr a andar. Como elle ficará bem alojado n'aquelle bonito aposento ! Eh ! Eh ! Eh !

—E será muito bem feito ! Quem o manda favorecer os herejes ? Agora, o que eu não invejo é a sorte de Anésia Robineau.

—Nem eu ! Safa ! um bocado de pão para dois dias ! Diz Madame Fonteneau que a solidão e a fome hão de tra-

zel-a a bom caminho. Estou contentissimo por não ser hereje; se o fosse, e me applicassem aquella receita, o menos que me acontecia era endoidecer! Que te parece, João?

—Tambem não me agradaria muito a receita. Mas onde está mettida esta estalajadeira? E' preciso fazel-a aviar-se, senão morro aqui de fome.

E dizendo isto dirigiu-se para o postigo; mas vendo que não podia abril-o mais, bateu uma tremenda pancada, gritando com impaciencia:

—Olá, tia Martin: então vem de lá essa ceia? ou está ainda a matar o porco, para o frigir depois? Se quer, vou lá ajudal-a.

O abbade, que deu um pulo e se sobresaltara quando ouvira o que os homens tinham dito ácerca da prisão de Anésia, e da pouca comida que lhe haviam dado, deu involuntariamente um ou dois passos, quando o pesado murro do lacaio caira sobre a porta, junto da qual se achava; mas vendo que Clotilde tirava do lume a frigideira, e vinha vêr o que ora o que elles precisavam, tornou a sentar-se.

—Que bulha é essa que estão ahi fazendo? — perguntou ella com azedume.

—Queremos ceiar! E não tarde, que vamos ajudal-a a aviar-se! bradou um dos lacaios.

—Ajudar-me! Atrapalhar-me, querem dizer! Pois ainda tem de esperar mais dez minutos, só por me terem chamado. Sentem-se e vão conversando socegados até lá ir a ceia, — respondeu Clotilde, indignada.

—Pois bem, tia Martin, cá vamos conversar, — resmungou o homem que batera na porta, afastando-se.

—Ora deixa estar, que não hei de ser eu quem ha de tornar a pôr os pés em casa de Madame Fonteneau sem ter comido uma boa ceia ou um bom jantar, já que ella tem a dispensa tão vasia que não póde offerecer alguma coisa, que se coma, a dois pobres rapazes que andam em seu serviço, — exclamou o homem, com uma sonora praga.

—E' o que havemos de fazer! Só o trabalho que a gente teve em arranjar a arrecadação do ferro para a pequena hereje poder ir para lá! Ai! muito gostava eu de

vêr a cara que o abbade fará, quando voltar e der com o passaro na gaiola, e consigo na humida adegá! Mas custa-me a crêr que Madame Fonteneau se atreva a conservar-o ali por muito tempo. O rei Henrique está agora protegendo os herejos, segundo ouvi dizer.

—Embora proteja! que tem lá isso? A senhora do Châtaigneraie é aqui mais poderosa do que o rei, e nem elle se importa saber onde é que está o abbade.

—Ora até que finalmente ahi temos a ceia! — exclamaram os dois, vendo entrar Clotilde e pôr sobre a meza duas travessas e alguns pratos.

E, para logo, os dois servos pucharam das facas que traziam consigo e começaram a devorar a comida.

—Vá,—disse Clotilde—agora é regalarem-se e deixarem-me em paz enquanto vou lavar a loiça. Ahi lhes fica vinho bastante, arranjem-se como melhor puderem. Quando acabarem de ceiar, eu lhes trarei outra vèla para se irem deitar.

CAPITULO VII. •

A evasão.

Antes de Clotilde ter saído da cosinha com a ceia dos hospedes, teve o abbade occasião de dizer-lhe que ouvira tudo quanto lhe convinha saber, e que desejava contar-lhe immediatamente o que tinha ouvido. Apontou-lhe ella para a porta que da dispensa abria para a cosinha, e disse-lhe, em voz baixa, que esperasse ali até ella voltar. Pouco depois estavam ambos reunidos, e o abbade referia á estalajadeira, em breves palavras, a prisão de Anésia na torre, e as intenções de Madame Fonteneau a respeito da pobre rapariga.

—Como havemos de fazer com que ella fuja da torre?—perguntou o abbade

—Não será muito facil,—respondeu Clotilde.—Conhe-

co bom a frontaria da torre, e a pequena fresta que deita para aquelle lado foi tapada a pedra e cal. A janella do outro lado é bastante maior, mas ha uns muros muito altos em volta do pateo que lhe fica inferior. Seria precisa uma escada muito grande para se chegar ao espigão do muro, e como se havia, depois, de alcançar a janella e trazer para fóra a rapariga, a salvamento? Em todo o caso, é necessario resolver alguma coisa.

—Não ha uma porta no muro? Não pode deixar de haver uma porta que dê serventia para o pateo.

— Isso ha, snr. abbade, mas fica mesmo ao pé da casa do jardineiro, que vive ali com o moço da cavallariça. Seria imprudencia tentar esse caminho, a menos que o jardineiro não estivesse da nossa parte. Eu conheço-o perfeitamente, é um homem bom e honrado, e grande favorito do snr. Fonteneau. Creio que não seria difficil tornal-o nosso alliado, pois estou certa de que seu amo não approva o procedimento da mulher n'este negocio. Mas que havemos de fazer a estas horas da noite? O snr. abbade não ouviu quaes são as intenções de Madame Fonteneau a sou respeito? E ficou de lá voltar esta noite? Está persuadido de que ella não lhe deitará a mão? Receio muito que o faça.

— Os homcns disseram que ella tencionava prender-me no quarto inferior da torre até que elles trouxessem a Madame Fonteneau a resposta de Madame de Saint-Aunais relativa ao futuro de Anésia; mas tambem disseram que o sr. Fonteneau não havia de consentir que me fizessem mal. Estou bastante seguro, Clotilde.

— Olhe que não está tão seguro como julga, sr. abba-de. Eu sei, e toda a gente sabe, que a mulher de Fonteneau é muito senhora da sua vontade. Trate de não lhe apparecer.

— Com vontade ou sem ella, com perigo ou sem perigo, arriscarei, se necessario fôr, vida e liberdade, para salvar a filha do meu querido e velho amigo, a boa e infeliz Anésia, das mãos d'essas mulheres ignorantes e crueis. Mas, o que é isto? — exclamou subitamente o abbade, ao vêr um clarão avermelhado que penetrava pela janella.

— Depressa, depressa! esconda-se na sombra, — segro-

dou Clotilde, apagando a candeia e mergulhando toda a casa em trevas.

Um instante depois o clarão aproximou-se da janella, o reflectiu-se, na parede caiada, a sombra do braço e da mão de um homem; uma cabeça penetrou pela janella, o ouviu-se uma voz, chamando em voz baixa:

—Tia Martin! Oh tia Martin! foi a sua voz que eu ouvi agora a fallar? Trago um recado para si. Abra a porta depressa. Traz-me aqui um negocio urgente, e preciso fallar-lho.

—Não ha novidade, sr. La Motte. E' a voz de Pedro Godet, sem duvida alguma, o tal homem com quem o sr. abbade devia entender-se. Já vou abrir, Pedro, deixe ahi o archote e entre sem fazer bulha,—disse Clotilde, chegando á janella para fallar ao recém-chegado.

—Ou eu me engano muito,—disse o abbade avançando alguns passos,—ou o meu bom amigo, sr. Fonteneau, envia Pedro Godet para me contar que Anésia está presa.

—Entre e não falle alto, Pedro, para que os mensageiros de Madame de Saint-Aunais, que estão ali na sala, o não oíam, segredou Clotilde, mandando-o entrar. —Acompanho-me e diga-me sem mais rodeios se o recado, que traz, diz respeito ao sr. abbade,—continuou ella, levando-o para a dispensa.

—Diz respeito ao snr. abbade, sim, senhora. O meu amo quer que elle o receba immediatamente. Está elle aqui?

—Está ao pé de nós. Póde dar-lhe já o seu recado. Elle já sabe que Anésia Robineau está fechada na torre. Planeavamos agora, justamente, a sua evasão.

—Estou aqui, Pedro, e ancioso, por ouvir para que o mandou cá o seu patrão,—disse o abbade.

—Estimo que tenha passado bem, sr. abbade, e sou um seu criado,—disse Pedro, tirando respeitosaemente o seu chapéu.—O meu amo esteve á espera até ha bocado, que o sr. abbade voltasse, e queria prevenil-o, na rua, de que não devia entrar em sua casa, visto que a senhora tinha resolvido prendel-o no andar baixo da torre. Mas como já estivesse farto de esperar, voltou para casa, pensando em

mandar-me ter comsigo a Vouvant. Encontrou a senhora muito impaciente pelo regresso do sr. abbade, e desconfiada de que o patrão o tivesse avisado para não voltar. Por fim, a senhora resolveu-se a mandar deitar a credagem, dizendo que amanhã pela manhã havia de ir ter com a pobre rapariga e perguntar-lhe onde é que o snr. abbade poderia ser encontrado. Ouvindo isto, o patrão veio a toda a pressa á minha cabana e encarregou-me de descobrir onde o sr. abbade parava, a fim de o informar do plano que elle delineou para libertar Anésia Robineau—a filha de um velho e querido amigo, segundo disse—das mãos de seus inimigos. Encontrei o sr. abbade, e passo a dar-lhe o recado. Meu amo tambem deseja que eu offereça os meus serviços ao sr. abbade. . .

—E eu que os acceito da melhor vontade, bom Pedro; mas vamos a saber, quanto antes, quaes são os planos do meu amigo Fonteneau.

—Eil-os. O unico ponto por onde Anésia Robineau pode fugir é a janella da torre, que fica a uns quinze pés de altura do chão. Minha ama é quem tem em seu poder a chave da torre, e é natural que vigie, de dia e de noite, para que o patrão não tenha occasião de soltar Anésia Robineau. Portanto, é elle de opinião que o melhor de tudo será levarmos nós, o sr. abbade e eu, uma escada grande para o pateo, pela porta que ha no muro, subirmos á janella, e trazermos a rapariga para baixo, a salvamento.

—Optimo,—disse o abbade;—creio que isso mesmo o que ha a fazer, Pedro; Anésia ha de estar esperando por mim. Mas, para onde havemos de leval-a depois de a tirarmos da torre? E' indispensavel pôl-a immediatamente em logar seguro, o sem deixar quaesquer vestigios, senão. . .

—o o abbade apontou para o lado da sala,—senão, aquellos homens ir-nos-hão no encaço e não terei forças para a livrar das suas garras. Pensaria n'isto o meu amigo Fonteneau? Elle conhece, por certo, o paiz, aqui em volta, muito melhor do que eu.

—Parece-me que o melhor será leval-os a ambos para a choupana de meu irmão, na floresta de Vouvant, que fica a umas duas milhas d'aqui. Meu irmão é collaço do sr.

Fonteneau, e é-lhe extremamente dedicado. René é carvoeiro, mas é um santo homem, apesar, de pertencer á religião nova, á qual eu não pertença. Encontrai-o agora, e disse-lhe que os receberia, ou de dia ou de noite, e que os occultaria em logar seguro, até que todo o perigo tenha passado, em attenção ao sr. Fonteneau. Meu irmão não é pobre, e se se entrega á occupação de carvoeiro, é por gostar d'aquella vida. Por muitas vezes tem escondido alguns pobres protestantes,—que afinal de contas são gente boa e inofensiva, que a Igreja melhor faria em deixar em paz, com perdão do sr. abbade. Mas o que é preciso é pôr mãos á obra; não ha tempo a perder, e eu estou aqui a gastar o tempo do sr. abbade.

—Olhe cá, Pedro, — disse Clotilde, — a sua cabana fica junto á porta; o moço da cavallariça não os sentirá?

—Isso sim! Aquillo dorme como uma pedre, e de mais a mais sabe que eu tenho de sair durante a noite, para dar uma vista d'olhos ás arnadiilhas, — respondeu Pedro Godet.

—Eu estou prompto, — disse o abbade. — Mas, antes de partir, quero pedir a Clotilde que me empreste um vestido de mulher para Anésia. Deve despir o fato de rapaz, logo que seja possível.

—Da melhor vontade, sr. abbade, e ha de permittir que lhe offereça, para si, um dos fatos de meu marido. O sr. abbade não se deve arriscar a apparecer agora de so-taina.

Voltando á cosinha, ouviram a alegria que dominava os dois mensageiros da condessa : era evidente que a bella ceia lhes abrandara o mau genio. D'ali a poucos minutos, o abbade, completamente metamorphoseado pelo fato do fallecido estalajadeiro, partia com o jardineiro do sr. Fonteneau, a libertar Anésia do seu carcere.

Logo que chegaram a casa de Fonteneau, Pedro Godet levou o abbade, de roda, até á sua cabana, mostrando-lhe uma comprida escada que estava deitada no chão, junto á porta, Entraram. A mulher do jardineiro enrolou-lhe uns pannos aos pés; depois, o abbade e Pedro pegaram na escada e levaram-n'a silenciosa e rapidamente, atravez do velho pateo, collocaram-n'a erguida contra a parede, na di-

recção da janella. O abbado subiu immediatamente, e chamou Anésia, para que descesse. Entretanto, Anésia, tendo esperado, com ansiedade, durante algumas horas, pela chegada do snr. Fonteneau ou do abbado, tinha cedido a um ligeiro somno: foi despertada pelo ruido do que quer que fosse, que roçava contra as pedras da parede, junto á janella. Saltou immediatamente para cima do banco e olhou para baixo, na esperança de que tivesse chegado a almejada libertação; mas, como visse os vultos de dois desconhecidos, retirou-se assustada, posto que d'ali a um instante fosse tranquilizada pela bondosa voz do abbado, que a chamava pelo seu nome, e a convidava a sair pela janella sem receio, porque elle estava ali para a ajudar a descer a escada. Anésia obedeceu transportada de alegria, e em breve pisava o chão do pateo, sã e salva.

—Agora,—disse o abbade,—acompanha-nos, em quanto tiramos a escada. Estás fóra da torre. Confio em que alcançaremos a choupana do carvoeiro, sem contratempo algum.

Em casa de Pedro Godet vestiu a joven o fato de Clotilde Martin, e depois de dados os agradecimentos á mulher do jardineiro pelo auxilio recebido, Anésia, o abbade e Pedro partiram em direcção á choupana de René Godet, situada na floresta, á qual chegaram dentro em pouco tempo. René e sua mulher, ouvindo os passos dos seus hospedes, que se aproximavam, vieram ao seu encontro para lhes dar as boas-vindas.

—Venha aquecer-se, minha filha, porque a noite está agreste e humida, e deve estar transida de frio por haver caminhado atravez da floresta,—disse a mulher do carvoeiro, amavelmente, tomando Anésia pela mão e levando-a para um banco que estava ao pé do lume crepitante.—E o sr., faz obsequio de se sentar?—disse ella para o abbade, indicando-lhe outro banco.—Teem ambos passado um bocado de bastantes sustos e perigos; descancem agora á vontade, enquanto eu vou arranjar-lhes uma bebida quente e confortativa.

—E não nos esqueçamos de louvar e dar graças ao Senhor, que assim livrou do perigo a sua filha,—disse René Godet, tirando reverentemente o seu chapéu.

— Sim, amigo, rende-lhe louvores, porque a sua misericórdia não tem limites, — replicou o abbade, abaixando a cabeça e juntando as mãos.

— Oremos, pois, — disse Anésia, com a voz trémula pela emoção, e quasi vencida pela falta de repouso e pelo susto e anciedade de tantas horas. René deixou cair a seus pés o chapéu, e, erguendo as mãos, orou, com simplicidade e fervor, nos seguintes termos:

— Oh Pae celestial, nós, tous filhos, aqui reunidos, te rendemos sinceras graças pela protecção que te dignaste dispensar a esta tua filha. Somos poucos e somos fracos, e o nosso caminho está semeiado de perigos: mas Tu és grande e forte, e quem poderá resistir-te? Estende o teu braço, oh Deus, e defende esta ovelhinha dos inimigos crueis e enganadores, e guia-a em paz e segurança para o porto que lhe tens preparado. Isto te pedimos, pelo nome do nosso bemdito Salvador.

Por alguns miuutos, depois de finda a oração, reinou completo silencio na choupana, o qual foi, por fim, interrompido por Pedro, que se levantou e deu as boas-noites a todos, porque tinha que retirar-se apressadamente para sua casa.

— Ficamos anciosos por saber o que dirá Madame Fonteneau, e que resolução tomará quando descobrir amanhã pela manhã, a fuga de Anésia Robineau, — disse o abbade, despedindo-se de Pedro, e agradecendo-lhe com effusão os valiosos serviços que acabava de lhes prestar.

— Não poderei sair amanhã de dia, mas, á noite, darei uma volta por aqui e contar-lhes-ei o que souber. Agora, snr. abbade, a minha opinião é que estejam vigilantes e sejam prudentes; e que se preparem para uma visita de alguns dos criados de Madame Fonteneau. Estou certo de que meu irmão já lhes arranjou um bom esconderijo: deixem-se lá estar até o perigo ter desaparecido. O snr. abbade e a menina hão de ficar bem escondidos, não é verdade, René?

— Creio que sim. Vae descansado, Pedro; os meus hospedes ficam entregues em boas mãos.

— Oxalá que assim seja! Adeus, até amanhã á noite, — disse Pedro, saindo da choupana.

CAPITULO VIII

A choupana do carvoeiro

— Se o sr. abbade e Anésia Robineau quizerem chegar-se para a mesa, o servir-se d'esta omoleta e da bebida quente que lhes preparei, muito obsequiarão a sua creada Jeanette Godet, — disse a bondosa mulher, pondo sobre a mesa uma chaleira fumegante e o prato da omoleta, que estivera fazendo.

— Anésia, chega-te para a mesa e come d'esta excelente ceia que Jeanette Godet nos offerece. A bebida quente ha de reanimar-te e fazer-te bem; depois de a tomares, melhor poderás descansar, — disse o abbade.

— Sim, minha filha, o sr. abbade diz muito bem, e a menina parece estar muito fraca. Coma alguma coisa, e depois irá para a cama. Olhe que não é muito macia, mas é limpa e assejada. Espero que ha de dormir muito descansada. — Para ser agradavel á dona da casa, Anésia sentou-se á mesa, e comeu alguma coisa. Pouco depois regressou á choupana René Godet, que tinha ido acompanhar o irmão, até parte do caminho; e vendo que os hospedes tinham acabado de ceiar, propoz que fossem todos deitar-se.

— A minha boa mulher vae mostrar a Anésia Robineau a cama que lhe destinamos, e o sr. abbade terá de contentar-se com dormir na casa do feno, por cima da cavallariça, ao pé dos rapazes. Amanhã, ao romper do dia, logo depois de termos feito a nossa oração e de termos quebrado o jejum, o sr. abbade e Anésia Robineau irão para o esconderijo que lhes arranjei por detraz d'esta pilha de lenha. Em caso de perigo, podem entrar para lá n'um momento. A'manhã, quando Madame Fonteneau descobrir a fuga de Anésia, mandará, sem duvida, os creados de Madame de Saint-Annais, com algum dos seus, em procura dos fugitivos, pois facilmente concluirá que o sr. La Motte concorreu para a evasão da joven protestante, e se occultou em Vouvant ou n'esta floresta. Será necessario, portanto, que se deixem ficar escondidos até que o perigo desapareça, e de manciça alguma convóm serem vistos.

Porém, depois de anoitecer, e quando a porta estiver fechada, poderão sair do esconderijo a vir para aqui conversar connosco. Venha o sr. abbade comigo, — disse René, levantando-se e accendendo uma candeia, — vou mostrar-lhe aonde terá de dormir.

Logo que elles saíram da cosinha, Jeannette, auxiliada por Anésia, removeu um grande feixe de lenha, que estava atado com uma corda de esparto, e aparentemente prompto para ser vendido, encostado a uma alta méda de lenha que se erguia a um dos cantos da casa.

Feito isto, viu Anésia que aquelle feixe mascarava uma abertura, praticada na méda, sufficientemente larga para dar passagem a uma pessoa que caminhasse de gatas. Jeannette, empurrando a luz adiante de si, arrastou-se atravez da abertura, seguida por Anésia, que muito admirada ficou ao achar-se n'um pequeno compartimento triangular, cujas paredes, feitas de runas de achas, o separavam da cosinha, e se olovavam até quasi ao tecto, sustidas por prumos fixos ao vigamento da casa e enterrados no chão, que era terreo.

— Olhe, — disse Jeannette apontando para duas camas estreitas, feitas n'uma cavidade da parede. — Puz os dois colchões na cama debaixo para a menina dormir. Passa muito ar e muita luz pelos espaços que René deixou ficar entre as achas. Em vindo para aqui as duas tripeças, que os rapazes fizeram, e em se espalhando no chão um pouco de junco, ficará a menina aqui muito commodamente com o sr. La Motte, não lhe parece? — perguntou Jeannette, olhando em torno de si, satisfeita.

— Seguramente! Não sei como hei de pagar tanta bondade! — exclamou Anésia com reconhecimento.

— E' para nós recompensa bastante o ser-nos permitido servir uma pobre filha de Deus, que é persoguida por causa da fé. Deite-se, minha menina, e durma algumas horas em socego e á conta de Deus, — disse Jeannette, lançando sobre Anésia o chale que trazia consigo. Ainda Jeannette não tinha regressado á cosinha, já a donzella dormia profundamente.

Na manhã seguinte, ao alvorecer, foi Anésia despertada pela voz de Jeannette, que a convidava a erguer-se.

—Vamos, menina; o sr. abbade já se levantou e está na cosinha, á espera da oração da familia, na qual deseja tomar parte.

Minutos depois estava reunida a familia para ouvir lér a René uma porção da preciosa Palavra de Deus; finda a leitura, fizeram oração. Acabado o frugal almoço, que consistiu em pão de rala com mel, e agua da fonte, René Godet lembrou aos seus hospedes que era tempo de se retirarem ao esconderijo.

—No caso d'esses homens andarem rondando nas immedições da choupana,—disse elle,—será conveniente que o som das vossas vozes não seja ouvido, porque Madame Fonteneau desconfia de que pertenço á nova religião, e pode mandar vigiar-me, para vêr se eu sei aonde vos refugiastes; mas o que ella não é capaz de pensar é que estaes ambos dentro d'esta choupana. Agora, acompanhem-me, meus amigos.

A estas palavras, o abbade e Anésia levantaram-se; o feixe de lenha foi de novo tirado do seu lugar, e ambos passaram, de rastos, pela abertura, para dentro do acaanhado esconderijo.

Anésia sentou-se em uma das tripeças, no canto fronteiro á entrada, e o abbade na outra, junto ao repartimento de achas, por entre as quaes podia vêr e ouvir tudo o que se passava na cosinha.

—Boa mulher,—ouviu elle dizer a René, logo que a abertura foi tapada,—assim que tiveres arrumado a casa, vae sentar-te á porta, a fiar na tua roca. Se apparecerem por ahí alguns estranhos, a perguntarem pelos nossos hospedes, manda-os ter comigo; estarei perto d'aqui, a fazer carvão com Roberto e José.

—Vae descansado, homem.

—Ouvimos tudo quanto elles dizem. Ah! quanto desejo que esses homens venham e se retirem!—murmurou o pobre abbade:

—Tambem eu! mas creio que será melhor não fallarmos.

—Tens razão, Anésia; não direi mais palavra.

Jeannette aproximou-se do repartimento, junto ao lo-

gar em que o abbade estava sentado, e disse em voz baixa:

—Quando eu vir aproximar-se alguém, dar-lhe-ei signal, levantando o braço direito.

E, dito isto, foi pôr-se a fiar, á porta da choupana.

la passando o tempo. A roda girava e tornava a girar, mas Jeannette não fazia o signal. De repente, a roda parou por um momento e a fiandeira ergueu o braço. E a roda tornou a girar... a girar, cada vez com maior velocidade. Pouco depois, chegou aos ouvidos anciosos dos dois reclusos o ruído de passos pesados sobre as pedras do caminho: dois homens pararam á porta.

—Bons dias!—disse um d'elles, com voz aspera e grosseira.—Estimo tel-a encontrado aqui, porque pouparemos tempo. Madame Fonteneau encarregou-nos de apanharmos um passaro que lhe fugiu da torre hontem á noite, ou esta madrugada antes do sol nascer. Não se sabe para que lado foi, e ella mandou-nos procural-o á floresta. Resolvemos vir a esta choupana, para sabermos se haverá noticias d'elle por aqui.

—Madame Fonteneau que tomasse conta nas grades da gaiola! Andam ahi, por essas arvores da floresta, passaros aos centos; sempre desejava que me dissessem como é que se ha de conhecer esse tal que fugiu! Madame Fonteneau pensará que temos aqui redes armadas para apanharmos os passaros que lhe fogem?—respondeu Jeannette, com indignação verdadeira ou simulada.

—Este homem não se refere a um passaro verdadeiro, tia Godet; refere-se a uma rapariga hereje, vestida de moço de lavoura em fato domingueiro, á qual minha ama tinha deitado a mão e fechado á chave na sua torre, para a mandar entregar, o mais depressa possivel, á senhora de Châtaigneraie, a quem ella pertence. Indo vê-la á torre, hoje de manhãzinha, minha ama só encontrou o logar; a hereje tinha sido arrebatada pelo sr. *Satanaz*, disfarçado em abbade.

—E onde pára o tal abbade, ou o tal sr. *Satanaz*, como vocemecê diz?—perguntou Jeannette, ouvindo que o marido se aproximava.

—Ora! pôz-se ao fresco, é claro, quando lhe constou que a *sr.^a Virgem Maria* andava mettida no negocio; mas, pelo sim pelo não, foi levando da torre a hereje. Cá para mim não ha sombra de duvida em que foi elle quem a tirou de lá, porque a janella da torre fica a uns vinte e cinco pés acima do chão, e minha ama encontrou a porta ferrolhada, exactamente como a deixara na noite da vespera. Não ha que vêr! quem tirou a rapariga foi o *sr. Satanaz*, (1) por mais que Madame Fonteneau não o queira crêr.

Quando o marido entrou na cabana, Jeannetto disse ao creado de Madame Fonteneau que tornasse a contar a sua historia, o que elle se preparava para fazer, sem muito custo, porque gostava de ouvir o som da propria voz, quando o outro o atalhou, dizendo, com impaciencia, que não havia tempo para gastar com palavras superfluas; e que o que se precisava era achar a rapariga e vêr se arranjava alguma coisa para comerem, porque ainda estavam em jejum. Elle mesmo não acreditava nos bons catholicos que mandavam levantar da cama um creado, logo pela manhã, e o obrigavam a morrer de fome em seu serviço. Terminou por dizer que Madame Fonteneau os tinha mandado passar pela cabana e perguntar ao carvoeiro se a sua prisioneira—uma rapariga vestida de moço de lavoura em trago domingueiro—tinha sido vista por aquelles sitios na noite anterior, ou de madrugada, antes do nascer do sol. Via, porém, que era escusado fazer tal pergunta, porque, evidentemente, nem o carvoeiro nem sua mulher sabiam da rapariga, a qual, segundo elle suppunha, não chegara a entrar na floresta.

—As paredes da minha choupana não são muito grossas, mas são grossas de mais para termos visto a rapariga, se é que ella passou ahí durante a noite; diga lá isto a sua ama,—respondeu René.

(1) Este creado devia ser bretão, porque a gente da Bretanha tem o habito de chamar á Virgem Maria e a Satanaz, *sr.^a Virgem e sr. Satanaz*. Mesmo quando fallam de Deus costumam dizer *Monsieur le bon Dieu*, por julgarem que é expressão mais respeitosa.—*Yolanda de Pontarlier*.

—Tu não fizeste a René Godet a pergunta ordenada pela senhora; mas é o mesmo. Como elle não sabe dar noticias da rapariga, nem do abbade, ou antes do sr. Satanaz, que é quem elle é, parece-me que o melhor será irmos procural-os a outra parte,—disse o creado de Madame Fonteneau.

—Pois vae-te embora, se queres; já vou encontrar-te. Mas antes d'isso quero vêr se como alguma coisa. Este bom homem sempre me ha de dar um bocado de pão e uma fatia d'aquelle toucinho salgado, que ali está pendurado, se eu lh'o pedir;—disse o outro creado, apontando para uma manta de toucinho que pendia de uma trave, e entrando, ao mesmo tempo, na cabana.

— Emquanto á comida, está servido, mas não tenho que lhe offerecer para beber, senão agua da fonte. Entre, minha mulher vae dar-lhe do que ha. Eu é que tenho de voltar para o trabalho, pois deixei uma méda de lenha a arder,—disse René, civilmente, voltando-se para os dois homens.

—Lá por fazeres cerimonia em pedir, nunca tu has de morrer de fome,—murmurou o outro, entrando tambem.

—Sentem-se aqui,—disse Jeannette, levando-os para uma das extremidades da mesa, e cortando algumas fatias de toucinho, que, a seu pedido, um dos recémchegados despendurara.—Sirvam-se de pão, e, eu lhes vou buscar agua para beberem.

— Obrigado, tia Godet, eu cá não como, mas esperarei por esse meu companheiro. De nada serviria andar sózinho pela floresta em procura da rapariga.

— E faz muito bem, porque o fidalgo andou aqui á caça do javali, ha tres ou quatro dias, e matou um javalysinho, na occasião em que a mãe estava ausente, de maneira que não é prudente andar sózinho e desarmado pela floresta, porque o pobre animal anda derramado em procura do filho, e ai de quem lhe apparecesse adiante,—disse Jeannette.

— Ah! sim! Bem advinhava eu! Já ninguem torna a apanhar-me na floresta, assim desarmado; — replicou o

creado de Madame Fonteneau, que não primava por muito corajoso.

— Vaes então servir-me de muito, em atravessar a floresta comigo !

— Mas eu é que não estou disposto a correr o risco de ser comido em vida, só para apanhar uma hereje ! Venha cá procural-a quem quizer !

— E o que havemos de dizer á senhora, quando nos perguntar se encontrámos a rapariga e o sr. abbade, como ella lhe chamou ?

— O que havemos de dizer-lhe ? Essa é boa ! que percorremos toda a floresta, com risco das nossas vidas, e que ninguém nos soube dar noticia d'ellos na choupana do carvoeiro.

— Bem, bem. Tambem eu não estou disposto a arriscar a minha vida por causa de uma hereje. A vida de um bom catholico sempre valeu mais do que a d'um d'esses miseraveis da religião nova. Mas não se me dá de apostar que, se a rapariga não fôr encontrada em Vouvant, a minha senhora te mandará, e ao teu companheiro, procural-a outra vez n'esta floresta. Madade Fonteneau nunca deixa de fazer a sua vontade.

— Deixe ou não deixe ! Não passo d'aqui hoje. Tem a senhora uma cabana com muitas commodidades. Aquella méda de lenha é toda para fazer em carvão ? — perguntou o creado de Madame de Saint Annais, com a bocca cheia, apontando para as achas.

— E' como diz. Não ha de tardar muitas semanas que toda aquella lenha seja feita em carvão. Mas temos grande porção de carvão, no seccadouro, prompto para a venda. Havemos de leval-o ao mercado amanhã ou depois.

— E a senhora costuma ir com seu marido, quando vão vender o carvão ; não é verdade ?

— Vou, quasi sempre, outras vezes vae um dos rapazes, e chegamos a ir todos os quatro, quando a porção é grande e levamos as tres mulas. Quer que lhe deite mais agua ? Olhe que não tenho vinho para lhe offerecer.

— Obrigado ; não morro de amores pela agua, — respondeu o homem, fazendo uma careta. — Em compensa-

ção, sabo-me bem o pão e o toucinho ; quando a gente tem fome, come-se tudo, ainda que não haja um copo de vinho com que se empurre a comida.

O homem que isto dizia, levava tanto tempo a comer, que a pobre Jeannette começou a receiar que os dois quizessem demorar-se na choupana até serem horas de voltarem para casa e dizerem a Madame Fonteneau que lhes tinha sido impossível encontrar Anésia. Por isso perguntou-lhes se elles tinham procurado pela fugitiva na cabana de outro carvoeiro, um pouco mais adiante, e principalmente na estrada que atravessava a floresta, em direitura da casa de Madame Fonteneau.

— Não, — respondeu o creado ; — não passámos ainda d'esta choupana ; e não haverá perigo para nós, em irmos tão longe ?

— Não, — respondeu Jeannette, — porque os javalis nunca se aproximam do fogo. As nossas fogueiras estão ardendo hoje e arderão amanhã por todo o dia, e os nossos vizinhos teem carvão para fazer por uns poucos de dias. O melhor seria aproveitarem a occasião immediatamente, e irem lá perguntar se dão noticias da rapariga. Estou persuadida de que a sua ama não acreditará na patranha que lhe querem dizer, se não mostrarem que deram alguns passos no sentido de descobrirem onde pára a rapariga.

— Sim, tambem me parece que fariamos bem em perguntar, n'essa cabana, pela fugitiva, uma vez que nos affiança que não haverá perigo. Que dizes tu a isto ?

— Digo que é o que devemos fazer. Entretanto, deixa-me acabar com esta fatia de toucinho, porque talvez o carvoeiro vizinho tenha por lá uma pinga que nos offereça.

E, com grande jubilo para Jeannette, os dois creados partiram, dizendo, ao sairem da choupana, que tornariam a passar por ali, se não tivessem de dar grande volta, para dizerem se tinham achado a joven hereje e o abbade, ou, se pelo menos, tinham obtido alguma noticia a seu respeito.

Joannette ficou á porta, seguindo-os com a vista, e viu René Godet sair-lhes ao encontro e indicar-lhes o caminho mais perto para a choupana do outro carvoeiro ;

depois voltou para dentro, e dirigiu-se para o repartimento improvisado, a perguntar a Anésia e ao abbade como se achavam.

— Perfeitamente, e muito a salvo — responderam os dois hospedes, rindo. — E agora, poderemos sair d'aqui, e irmos sentar-nos um bocado na cosinha? A escuridão aqui dentro é tamanha! — acrescentou o abbade.

— Por ora não! Quem sabe se virá por ali mais alguém? Em todo o caso, estes dois homens prometteram voltar. Vou tratar de fazer o jantar, que lhes servirei ali dentro.

Os fugitivos tiveram de jantar no seu esconderijo, porque René Godet tambem não consentiu, quando veio jantar ao meio dia, com os filhos, que elles saíssem do lugar onde estavam occultos. Os dois homens podiam apparecer de um momento para o outro, e, mesmo que não voltassem, era provavel que Madame Fonteneau não acreditasse nas mentiras que elles lhe fossem contar, e mandasse outros emissarios á floresta, os quaes visitariam outra vez a choupana. Portanto, Anésia e o abbade permaneceram durante todo o dia no escuro compartimento triangular. Jeannette sentou-se junto á divisoria, Anésia fez outro tanto, e assim foram entretendo o tempo, a conversar, á espera que chegasse a noite, para ambos poderem vir juntar-se, na cosinha, com a familia da casa.

René Godet e sua familia deitavam-se, ordinariamente, ainda antes do anoitecer, mas como Anésia e o abbade não podiam sair da sua voluntaria prisão enquanto fosse dia, reuniram-se todos na cosinha, logo que se fechou a porta da rua, á espera que chegasse Pedro Godet, cuja entrada seria o signal para Anésia e o abbade saírem do seu esconderijo.

— Quando meu irmão vier, sr. La Motte, — disse René aproximando-se da divisoria, minha mulher e eu iremos acompanhal-os n'um pequeno passeio pela floresta, para tomarem um pouco de ar fresco. A lua já nasceu, e illuminará o caminho por onde os levaremos.

— Obrigados, — exclamaram as vozes dos dois. — Estamos anciosos por respirarmos livremente o ar puro.

D'ali a pouco chegou Pedro Godet, o qual foi de opinião em que não havia perigo para o abade e Anésia em irem dar um passeio pela floresta. René afastou o mólho de lenha, para dar passagem aos hospedes, os quaes saíram logo da choupana, acompanhados por Jeannette e seu marido, e foram respirar o ar puro da floresta.

Não se demoraram muito, porque René estava ancioso por saber o que se tinha passado em casa dos Fonteneau, depois de terem dado pela evasão de Anesia.

Assim que se correram os fechos da porta da choupana, sentaram-se todos em volta da brazeira (porque como se sabe, as noites são muito frias no Poitou), para ouvirem o que Pedro Godet tinha a communicar-lhes.

—Já sabem,—disse elle,—como o sr. abade e eu ajudámos Anésia Robineau a evadir-se da torre. Muito bem; parece que Madame Fonteneau se levantou logo de manhã-sinha, pois tem o habito de se erguer cedo para tratar dos arranjos de sua casa, e subiu a torre, onde deu pela fuga de Anésia, sem comtudo poder descobrir como e por onde se effectuara a evasão. Toda a gente da casa foi interrogada, inclusive o patrão, mas ninguem poudo esclarecer o caso, nem explicar por que modo se havia evadido a rapariga; todavia, cada qual suggeriu a sua ideia, indicando o modo provavel por que a fuga se effectuara, posto que não podessem atinar com quem a tinha auxiliado.

Jéham declarou que a pequena tinha sido arrebatada da torre pelo sr. *Satanaz*, como elle chamava ao anjo máu, porque tinha sido despertado, antes do nascer do sol, por um forte cheiro de enxofre; duas creadas depozeram no mesmo sentido, confirmando que tambem tinham sentido o tal cheiro. A senhora disse que não acreditava em semelhante coisa, e que o auctor da evasão devia ter sido o sr. abade, filho infiel da Igreja, que não passava de ser um hereje... Peço perdão, sr. La Motte, de repetir as proprias palavras da patrôa... e disse mais que, se lhe podesse deitar a mão, o sr. abade havia de pagar-lh'as bem caras.

—Isso creio eu! Mas; diga-me, Pedro, não lhe perguntaram, a si, juntamente com as outras pessoas de casa, se

sabia alguma coisa acerca da desappareição da pequena? E' de crêr que o mandassem chamar.

—Não tem duvida, mandaram; mas saiba o sr. abba-de que, antes da senhora começar a mexer-se, pela manhã, minha mulher e eu aparelhámos duas mulas, pegámos em dois saccoes vazios, e fomos buscar, a uma das propriedades que os patrões tem nos arredores de Vouvant, um pouco de estruno de que eu precisava para um plantio de couves, e que a senhora me dera ordem, na vespera, para eu ir buscar, pela manhã, com minha mulher. Não fiz mais do que obedecer, e ficámos contentissimos por não estarmos em casa quando os outros creados foram chamados. Por fortuna, Miguel, o moço da cavallariça, declarou que ninguem se tinha mexido em nossa casa até á hora em que tínhamos saído com as mulas. De modo que minha ama não chegou a suspeitar que eu tivesse concorrido, de qualquer modo, para a evasão de Anésia Robineau.

—E qual foi a conclusão a que chegou Madame Fonteneau, depois do interrogatorio que fez aos creados? —perguntou o abbade.

—Não pode chegar a conclusão alguma. Como sabe, os homens que mandou dar busca á floresta voltaram sem nada saberem. Ninguem tinha visto, nem sabia onde paravam, a hereje e o sr. abbade, —o que não me surprehen-de, por vêr que ainda aqui se encontram. E muito folgo em não terem caído nas mãos de minha ama.

—Ouviste dizer se ella tencionava mandar outra vez procural-os? —perguntou René.

—Tenciona, sim. E uma das rasões que aqui me trouxe foi prevenil-os do que ella projecta fazer. Creio que eu hei ser um dos da partida que ha de bater a floresta ámanhã. Meu amo, que foi quem me encarregou de ajudar o sr. abbade a salvar Anésia Robineau, veio ter comigo antes da ceia, estando eu no jardim, e disse-me que partici-passe ao sr. abbade que a senhora tencionava mandar tres creados seus, e os dois de Madame de Saint-Anais, todos bem armados, dar uma busca completa a esta floresta, e á gruta de Monfort, onde podem estar escondidos por Carlos Maury, cuja choupana havemos de revistar minuciosa-

mento, pois a senhora desconfia que estão lá, porque o vagabundo do João Gochon foi dizer-lhe que lhe parecia que o carvoeiro Maury, tinha em casa os fugitivos. Se não os encontrarmos por esta banda, seguiremos até Mervaut e Sanit-Michel-le-Cloucq, e, se ainda nada conseguirmos, voltaremos, os tres, para casa, e João Gochon e o outro irão direitos a Fontenay-le-Comte para indagarem o nome da abbadia do sr. La Motte, que meu amo ignora, e tambem o nome da herdade para onde Anésia Robineau ia servir.

—Obrigado, Pedro; ficamos sabendo por que caminho hei de levar esta pobre creança para o Marais.

Antes de Pedro voltar para sua casa, combinou-se que Anésia e o abbade ficariam ainda escondidos na choupana todo o dia seguinte; que Pedro voltaria ali, á noite, depois de terminada a sua excursão, e que então se resolveria o que conviria fazer para assegurar a salvamento dos fugitivos.

Na manhã do dia immediato, dirigiu-se René Godet para os lados da choupana de Carlos Maury, a fim de saber se os seus pobres moradores tinham sido victimas de algum vexame praticado pelos emissarios de Madame Fonteneau. Viu, com a maior indignação, que tudo quanto aquella pobre gente tinha na cabana fôra posto no meio do caminho, sem excepção do leito em que jazia enferma uma pobre creança, enfraquecida por um terrivel ataque da mysteriosa doença recentemente importada do Levante, (1) segundo diziam os medicos, a qual já fizera innumeradas victimas entre novas e velhas.

—Foi isto devido, disse-me a pobre da tia Maury, a uma ordem de Madame Fonteneau, que desconfia termos nós escondido em casa dois herejes, — continuou René, quando, ao regressar á sua cabana, referia, ao abbade e a Anésia, o que tinha presenciado.—Então Anna Maury contou-me que se tinham apresentado em sua casa dois creados de uma grande senhora, amiga de Madame Fonteneau, perguntando grosseiramente se dois herejes, um, vestido de pa-

(1) A *tosse convulsiva*, era, n'aquelle epocha, doença inteiramente nova em França. Foi trazida do oriente e propagou-se, com incrivel rapidez, do meio-dia ao norte da França; alastrando, mesmo, pela Inglaterra.—*Nota de Madame de Pontarlier.*

dre, e o outro, de moço de lavoura, estavam ali, e intimando-a a que lh'os entregassse. Respondeu-lhes ella que ninguem estava escondido na cabana, nem em similhantes pessoas tinha ouvido fallar; mas um dos homens teimou em dizer que se encontravam ali, e declarou que iam proceder a uma busca. Anna Maury tinha na mão um copo com vinho que o marido fôra buscar, por ordem do medico, para dar ao pequeno Jan, visto ser o vinho o melhor remedio contra a nova doença; ia dar um gole á criança, quando um dos recém-vindos deitou a mão ao copo, dizendo que era aquillo mesmo de que precisava, porque estava morto de sede, e ainda lhe havia de fazer melhor a elle do que ao pequeno. Anna ainda quiz luctar com o atrevido, mas elle era mais forte e tirou-lhe o copo da mão, esvasiando-o de um trago. Jan começou a chorar com medo, o sobreveiu-lhe um terrivel ataque de tosse, que o ia matando, pois mal podia respirar. O malvado ria e zombava da pobre criança, cujo rosto se tornava negro pela asphyxia.

—Enraiveci,—disse-me Anna Maury, soluçando,— porque não tinha nem mais uma gotta de vinho para dar ao meu pobre Jan, e encolerisei-me tanto, que peguei n'um cantaro e atirei com elle ao malvado, o qual, voltando-se contra mim, ter-me-ia matado se o outro homem não se houvesse mettido de permeio. Declarou então que se eu lhe não desse todo o vinho que tinha em casa, pôr-nos-ia na rua, a mim e a meu filho, e a tudo quanto havia em casa, o dar-nos-ia muita pancada. Ora, eu não tinha vinho algum, e foi isto o que lhe disse: pegou então no berço do meu Jan e levou-o para fóra da porta, bem como tudo quanto tinha á mão. Creio que o teria matado, se meu marido não houvesse apparecido n'aquelle momento. Carlos ameaçou-os, a ambos, de que os atava a uma arvore e os fazia em carvão se não saíssem d'ali immediatamente. Atemorizou-os esta attitude, porque meu marido é, como o visinho sabe, um homem muito rebusto, que não está com meias medidas quando o sangue lhe sobe á cabeça. E olles... seguiram o conselho de meu marido e pozeram-se a andar.

—E em que estado deixou o pequeno? — perguntou o abbade, atravez do repartimento.

— A pobre mãe achava-o peor, e desesperava de o vêr restabelecido, porque são muito pobres e não tinham com que comprar mais remedios. Tratei de a consolar, promettendo-lhe comprar um pouco de vinho, em Vouvant, e mandar-lh'o esta tarde por um dos rapazes.

— Pobre creança! Se o vinho lhe faz bem, ha de tel-o. Dê á mãe este dinheiro, e diga-lhe que compre aquillo de que o filho carecer,—disse o bondoso abbade, passando por um dos intervallos das achas, uma moeda de prata.

— Obrigado, sr. abbade. Como aquelle coração de mãe vae ficar contente! — exclamou René, guardando o dinheiro. — Agora, queira dispensar-me, porque tenho de ir ajudar os rapazes, e não se esqueça de que não devem sair d'ahi, nem o sr. abbade nem Anésia. Supponho que meu irmão Pedro não tardará muito, com os seus companheiros, e elle nos dirá o que se tem feito hoje para os apanhar. Preparemos tudo do modo a estarmos promptos a partir amanhã, para o Marais, com o sr. abbade e com Anésia, se for possivel,—disse René, antes de sair da choupana.

CAPITULO IX

Aventuras de viagem.

Havia algum tempo que anoitecera, e os habitantes da choupana esperavam anciosos por Pedro. Ouviu-se o rumor de passos apressados, e tres pancadas na porta annunciando a sua chegada.

— Demoraste-te muito, irmão; espero que não sejas portador de más novas.

— Não sou portador de más novas, René; mas não ha ainda muito tempo que voltámos da nossa expedição, a qual, como deves prevêr, não surtiu resultado algum.

— Tornaram a ir á choupana de Maury?

— Não ; tive eu o cuidado de obstar a isso. Descobrimos que o javali andava por aquelles sitios. Bastou fallar n'este perigo, para que os nossos homens perdessem a vontade de lá ir, e tomassem a direcção da gruta, que examinámos detidamente, marchando em acto continuo para Roc-Saint-Luc. D'aquí fomos sempre procurando, até Saint-Michel-le-Cloucq, onde comemos alguma coisa, depois de termos feito minuciosas pesquisas a seu respeito, sr. abba-de, e a respeito de Anésia ; mas ninguem soube dar-nos a menor informação, como era natural. Como ainda não tinhamos visitado Merveut, resolvemos, eu e outro creado, seguir pela margem do rio até áquella cidade. Sahimos, portanto, de Saint-Michel-le-Cloucq em companhia dos mensageiros de Madame Saint-Aunais, que iam a cavallo, e tinham ordem, como deveis estar lembrados, de se dirigirem a Fontenay-le-Comte, a fim de indagarem o nome da abbadia do sr. La Motte. Fizemos varias perguntas em Merveut e no castello visinho, e chegámos a casa de meu amo, ao cair da noite, extenuados pela grande marcha que tinhamos feito.

—E que disse Madame Fonteneau quando os viu de volta, sem resultado algum ?

—Ora! Ficou muitissimo contrariada ao vêr que não lhe traziamos Anésia. O que mais me admirou foi ella não perguntar pelo sr. abba-de, ainda que, quando eu fallei no seu nome, obscureceu-se-lhe o rosto como uma noite de trovões. Tive mais tarde a explicação d'isto, quando meu amo foi ter conigo a minha casa. Pelos modos, segundo elle me disse, estivera lá um alto dignitario da nossa Igreja, que ia de jornada para Paris, e prohibira que fizessem qualquer vexame ao sr. abba-de, quando ouviu a historia da evasão.

—E que disse a isso Madame Fonteneau? — perguntou o abba-de?

—Meu amo assegurou-me que ella não tinha tornado, desde então, a fallar no sr. abba-de nem em Anésia.

—E o sr. Fonteneau pronunciou o nome do Bispo?

—Não, senhor.

—Creio que sei quem é esse amigo desconhecido,— disse o abbade La Motte.

—Se é quem eu supponho,—observou René,—é suspeito de ter decidida sympathia pelas doutrinas protestantes; e se não fez igual prohibição a respeito de Anésia, foi, naturalmente, por prudencia e diplomacia. Em todo o caso, sr. La Motte, não se fie em Madame Fonteneau.

—Esteja descansado, René. E o patrão deu-lhe algum recado para mim, amigo Pedro?

—Incunbiu-me de lhe dizer que não se demorasse em realisar o plano de levar Anésia para o Marais. Contei-lhe a ideia de René, do sr. abbade e Anésia partirem d'aqui com as mulas carregadas de carvão e de lenha para o mercado, e dirigirem-se depois para a ilha do Marais, em que o sr. abbade fallou, e meu amo approvou o plano.

—A minha ideia, é que o sr. abbade e Anésia vistam os fatos que eu e o rapaz costumamos levar para a venda do carvão. Minha boa mulher vae connosco muitas vezes, e proponho que ella e um dos rapazes os acompanhem durante a maior parte do caminho, para venderem o carvão e a lenha; logo que tenham atravessado a planicie, e vendido a maior parte da fazenda, minha mulher e o rapaz voltarão para casa com uma das mulas, seguindo o sr. abbade e Anésia, com a outra, em direcção á ilha do Marais.

—Acho optimo e seguro esse plano, amigo René. Qual das estradas lhe parece melhor que tomemos? Não devemos aproximar-nos muito de Fontenay, para que não succeda toparmos com mensageiros da condessa. Agora falta combinarmos a que horas havemos de partir; parece-me que não devemos estar a incommodar, por mais tempo, amigos tão bons e tão sinceros. E que tencionam fazer, René e Roberto.

—Por quem é, sr. La Motte! Aluguei uma das mulas do sr. Fonteneau, e trarei uma carga de estrume dos pantanos para a horta de Pedro; calcularemos as horas de maneira que encontremos Jeannette e o rapaz, á vinda, e voltaremos juntos para casa. Ao romper do dia estaremos promptos para partir.

— Como sois todos tão bons para mim ! o quanto vos estou reconhecida ! — disse Anésia.

— Não tem que agradecer, — exclamaram, á uma, todos os presentes.

— Meu amo tambem me encarregou de lhe entregar esta bolsa, que contém algumas moedas de oiro, por se lembrar de que talvez o sr. abbade não viesse prevenido para esta viagem inesperada, e por saber quanto é util o dinheiro em occasiões difficeis ; e mais lhe manda dizer que, se o dinheiro não for preciso para a jornada, espera que a filha de seu antigo amigo o accitará e o applicará em seu proveito na sua nova residencia, — disse Pedro, collocando em cima da mesa, defronte do abbade, uma bolsa bem recheiada.

— Agradeça ao sr. Fonteneau, em nosso nome, e diga-lhe que, como eu venho prevenido com dinheiro para a jornada, Anésia tratará de lhe dar applicação na herdade para onde vae.

— E não se esqueça de lhe manifestar quanto sou grata á sua amabilidade, — disse Anésia.

Depois de ligeira consulta, os habitantes da choupana começaram a fazer os preparativos da partida, porque o tempo ia correndo e ainda tinham muitas coisas a arranjar, antes de poderem passar pelo somno. Encheram quatro saccas de carvão, fizeram tres feixes de lenha, metteram dentro de um grande sacco tres avantajados pães de rala, ovos cosidos e um bom pedaço de queijo, o que tudo constitua uma abundante provisão para alguns dias, pois tinham por mais prudente que os fugitivos não parassem, para comer, em nenhuma das casas ou estalagens do caminho. Duas compridas camisolas de grosseiro linho foram destinadas a Anésia. e ao abbade; e foram tambem tirados do seu logar um chuço e uma espingarda, com as competentes munições, com que René fôra brindado, por seu irmão collaço, para se defender dos lobos e dos javalis que infestavam a floresta. Antes de sair da choupana, onde se demorara para ajudar aos preparativos da jornada, prometeu Pedro vigiar pela segurança da habitação, durante a ausencia dos moradores ; e, logo que tudo ficou prompto, a

familia de René e os seus hospedes foram descansar por algumas horas.

Ao raiar da aurora, as mulas carregadas esperavam pacientemente á porta da choupana, enquanto que René e sua familia, o abbade e Anésia, ajoelhados, pediam reverentes o auxilio e a benção de Deus, para a jornada que iam emprehender. Com fé simples e fervorosa entregava René, a sua pessoa, os seus hospedes, e a sua querida familia, ao ternos cuidados do Pae celestial.

—Meu caro René,—disse o abbade, com voz trémula, pondo-se de pé,—agradeço-lhe o agasalho e o refugio que vocemecê e os seus me concederem e a esta pobre rapariga; acabo de ouvir a sua prece, para que todas as benções nos acompanhem, e para que o favor de Deus seja connosco; tambem eu, tambem nós, pedimos que benção igual desça sobre todos os d'esta casa; e acceite os nossos sinceros agradecimentos.

—Obrigado, sr. La Motte: que Deus oiça a oração que lhe faz em nosso favor.

Antes de partirem, René explicou o plano dos caminhos que cada um devia seguir. Roberto e elle tomariam para a direita, ao chegarem á gruta, em direcção a Sévigné e d'ali para Montreuil-sur-Mer, onde trocariam o carvão por uma carga de estrume dos pantanos, voltando depois, por Fontaines, a encontrar-se com Jeannette e José na Capella dos Sete Caminhos, junto áquella cidade, o que tudo calculava em tres ou quatro dias de jornada. O abbade, Anésia, Jeannette e José apartar-se-iam d'elles junto á gruta, tomando um atalho, á esquerda, em direcção a Fousars, seguindo depois para Denant, e fazendo venda do carvão e da lenha nas aldeias e casaes situados á beira da estrada. Nas proximidades de Denant, Jeannette e José deixariam seguir o abbade e Anésia, com uma das bestas, para a herdade do Marais, e atravessariam os campos para irem encontrar-se com René e Roberto junto á antiga capella.

—Admiro-me, René, de que reinando agora Henrique de Navarra, o qual, apesar de ter mudado de fé por conveniencias politicas, continúa a ser protestante no coração,

a Liga se atreva a massacrar os subditos protestantes, como aconteceu, ainda ha poucos dias em Brossandiere, e que Anésia, e eu, que procurei salva-a da sua miseravel sorte, andemos em risco de perder a nossa liberdade e, porventura, as nossas vidas. Ouvi dizer que o rei tenciona publicar uma carta, ou edicto, concedendo aos protestantes tolerancia religiosa, e peço a Deus que isto se effectue, porque me desgostam estas crueis perseguições. Os protestantes só ambicionam servir a Deus segundo os dictames das suas consciencias.

—Espero, sr. abbado, que esse bom tempo ainda ha de chegar. Nós, os pobres protestantes, só pedimos paz, justiça, e liberdade de consciencia. Póde ser que venha esse edicto, mas não me parece que dure muito tempo, nem que nos seja concedido gosar, enquanto elle estiver em vigor, os nossos direitos em inteira paz e sem vexames. E' muito provavel que as perseguições individuaes continuem, por ordem d'aquelles que teem poder e vontade para as fazer.

Estou persuadido, pelo conhecimento que tenho dos bispos e do clero catholico-romano, de que, enquanto viver o nosso rei, versatil e amigo de prazeres como elle é, poderemos gosar uma limitada tolerancia; mas ai de nós depois da sua morte, porque então começará uma reacção terrivel, e far-nos-ão pagar bem caras a paz e a liberdade de consciencia que tivermos gosado. Não obstante, sr. abbade, á imitação dos santos da antiguidade, devemos estar promptos a continuar na fé, e a entrar no reino de Deus pelo caminho da tribulação. Rogo a Deus que nos conceda, a mim e aos meus, a graça de darmos d'Elle testemunho fiel, se tanto fôr de nós exigido!

—«Sêde fieis até á morte e vos darei uma corôa de vida». Eu não terei direito a essa corôa, René; porque neguei o meu Senhor, e sinto todos os dias um pungente espinho no meu coração! — disse o abbade, em tom de profundissima dôr.

—Não diga isso, sr. abbade; não negou Pedro ao seu Senhor, quando este tanto carecia que um amigo verdadeiro e fiel estivesse a seu lado? e apesar d'isso, não foi, de-

pois, incançavel, durante a sua vida, em dar testemunho do seu amor e da sua fé no Salvador, a ponto de morrer martyr pela verdade?

—E' certo, René; mas eu sou um desgraçado cobarde, indigno da longanimidade e da clemencia do Redemptor, porque pécco sabendo o que faço.

—Peça a Deus que faça fructificar no seu coração um verdadeiro arrependimento, sr. abbade.

—Peço-lh'o muitas vezes. . . Mas, agora reparo, amigo René, estamos perto da gruta. . .

—Separemo-nos, pois, e siga cada um o seu caminho.

Os companheiros, que vinham andando mais atraz, aproximaram-se de René e do abbade, o qual, depois de agradecer ainda uma vez ao carvoeiro, os favores recebidos, entrou com Anésia no atalho, conforme se combinara, em companhia de Jeannette, que dirigia ao marido uma ultima palavra de despedida.

—Veja, sr. La Motte, --disse Jeannette, juntando-se aos fugitivos, — René encarregou-me de lhe entregar este chuço, não podia conformar-se com a ideia de atravessarmos o bosque, armados unicamente com o mosquete; receiou que nos saísse ao encontro o javali, o qual, segundo Pedro affirmou, é terrível e anda muito enfurecido, e que as nossas vidas corresse perigo, no caso do mosquete errar fogo. Meu marido costumava andar com este chuço antes do sr. Fonteneau lhe fazer presente da arma de fogo, mas pode agora dispensal-o porque vae com Roberto e não tarda que saiam da floresta.

—Muito bem, Jeannette; mas tenho esperança de que não precisaremos fazer uso de nenhuma d'outras armas.

Os viajantes apenas descançavam por alguns minutos, de vez em quando, e só tinham comido um pedaço de pão, porque nem Jeannette, nem o abbade, julgavam conveniente perder tempo. Tinham andado um bom par de milhas, desde o alvorecer, a que haviam partido da choupana, e sentiam-se cansados e com bastante fome quando chogaram a um sitio da floresta em que o arvoredo era muito cerrado; e como a ramada das arvores os protegesse ali contra os

raios abrasadores do sol, propoz Jeannette que se sentassem no tronco de uma arvore derrubada, para descansarem á vontade e matarem a fome, ideia que todos acceitaram com alegria. Foi aberto o sacco das provisões, levaram as mulas a beber ao rio que corria proximo, e depois deixaram-n'as pastar.

Gosavam descuidosamente das bellezas que a floresta lhes offerecia, entretendo-se a observar os movimentos rapidos e vivos de um bando de esquilos, que retouçavam pelas arvores, subindo e descendo pelos troncos, a pequena distancia do local em que o grupo dos viajantes estava sentado; a admirar uma manada de gamos, ou a seguir com o maximo interesse, e não menos dó, uma assustada lebre, esperando que na sua vertiginosa carreira conseguisse escapar ao seu feroz perseguidor—a raposa. Ao mesmo tempo, discutiam os estragos que os lobos tinham causado no ultimo inverno. Contava o abbade a historia de uma aventura acontecida a seu pae, com uma matilha de lobos esfomeados, na floresta de Poitiers, quando foram surprehendidos, repentinamente, por um grito penetrante. Pozeram-se todos de pé, voltaram-se para o lado de onde o grito tinha partido, e viram, proximo do caminho por onde havia pouco tinham passado, um espectaculo horrivel:—um javali atacava e dilacerava, com as aceradas presas, uma pobre mulher, que jazia morta ou privada dos sentidos, perdendo, pelas feridas, grande quantidade de sangue.

Sem hesitar um momento, o abbade doitou a mão ao mosquete, e dizendo rapidamente ás companheiras que se occultassem n'um matagal proximo, correu para o sitio em que estava a mulher, e, apontando a arma á cabeça do animal, desfechou-a.

As testemunhas d'esta scena horrivel ouviram a detonação, e ficaram aterrorisadas ao verem que o tiro não produzira ferimento mortal; enfurecido, o javali precipitou-se sobre o abbade, que esperou a sangue frio, prompto a defender-se com a coronha do mosquete. N'aquelle momento, Anésia saiu do matagal empunhando o chuço, e passou-o ás mãos do abbade, exclamando: — Defenda-se, sr. La Motte!

O abbade deixou cair a arma de fogo, e pegando no chuço, embebeu-o com toda a força no peito do animal, que caiu morto a seus pés. Correram então para a pobre mulher, que não dava accordo de si, e conduzindo-a para cima da relva, banharam-lhe o rosto com agua fresca do rio.

—Fico-te muito obrigado, minha boa e valente rapariga; humanamente fallando, salvaste-me a vida, pois não poderia ter-me defendido por muito tempo com o mosquete descarregado; mas, —acrescentou o abbade, assumindo um ar severo,—não devias ter-te abalançado a tamanho perigo: o javali podia atacar-te.

—Embora! Nunca eu poderia vêr o sr. abbade, ou qualquer outra pessoa, em risco de vida, sem fazer tudo quanto estivesse ao meu alcance para o salvar; e que tinha lá que eu morresse? Mas olhe, sr. abbade, esta pobre creatura está-se esvaindo em sangue! —disse Anésia, apontando para a moribunda.

—Vamos a vêr se, com o auxilio de Jeannette, consigo pensar-lhe as feridas,— disse o abbade.

Com o maior cuidado e pericia, o sr. La Motte ligou-lhe as horriveis mordeduras com tiras de um lenço que Anésia encontrou n'uma trouxa que estava ao lado da mulher. Entretanto, José corria á choupana de Carlos Maury a pedir soccorro para a moribunda. Quem ella fosse, e d'onde vinha, nenhuma das pessoas presentes podia dizer.

—Olhe, snr. abbade, n'este pedaço, que rasguei do lenço, está bordado o nome de Monica Girard, e o bordado parece ser feito por mão muito experimentada.

Fizeram tudo quanto era possivel fazer-se para chamar á vida a pobre creatura, e, ainda antes de José voltar, já ella estava em condições de poder responder ás perguntas do abbade. Souberam então que era viuva; seu marido morrera recentemente na Rochella, para onde tinham ambos fugido durante as perseguições feitas no Baixo Poitou, em 1587, pelo exercito da Liga, commandado pelo duque de Nevers.

—Visto isso,—disse Jeannette, suavemente,—a senhora pertence á religião nova; não tenha receio de fallar, porque todos os presentes professam a mesma fé.

—Deus seja louvado pela sua infinita bondade! Sinto que vou morrer... não se afastem de mim enquanto eu não exhalar o ultimo alento,—murmurou a desconhecida.

— Para onde ia, irmãsinha? — perguntou o abbade, affectuosamente.

— Ia para La Tardier, para minha casa... para minha casa, não; a minha casa é lá em cima, — respondeu ella, illuminando-lhe o rosto um fulgor de alegria. — Se amaes o bemdito Senhor, orae por mim.

— Da melhor vontade. — E ajoelhando ao lado da moribunda, o abbade orou, fazendo varias citações de textos das Escripturas, que sabia deverem consolal-a.

Carlos Maury e sua mulher, que chegavam trazendo um colchão em cima de uma taboa, no momento em que Monica Girard expirava, ficaram surprehendidos ao vêrem duas pessoas estranhas com Jeannette e José, em lugar de René e de seu outro filho, que esperavam encontrar ali.

Jeannette, como notasse a hesitação dos recém-chegados, e soubesse quanto seria valioso o seu auxilio, não teve duvida em dizer-lhes, visto serem pessoas dignas de confiança, que o sr. La Motte e o moço de lavoura iam fugindo de crueis e poderosos inimigos. Contou-lhes, portanto, em poucas palavras, o que tinha acontecido com o javali, e como aquelle bondoso cavalheiro, que era o mesmo que na vespera lhe tinha mandado dinheiro para comprar vinho para o pequeno Jan, arriscara a vida para vêr se salvava a pobre mulher da sanha do javali.

Maury e sua mulher agradeceram reconhecidos ao abbade a esmola que lhes fizera, e manifestaram o desejo de o auxiliarem, a elle e ao moço, em tudo quanto lhes fosse possivel.

— Muito estimo, — disse o abbade cordealmente, — que o seu pequeno esteja melhor, e que a minha lembrança lhes fosse util. E acceitamos a sua amavel offerta, pedindo-lhes o favor de levarem d'aqui o corpo d'esta infeliz creatura.

Pediu então a Carlos Maury que levasse o cadaver para a sua choupana, e que o enterrasse, á noite, em algum sitio escuso da floresta; rogando, ao mesmo tempo,

que a ninguem referissem o que se tinha passado, nem dissessem que o tinham visto e ao moço. Com a promessa de completo silencio, feita pelos esposos Maury, deixaram os fugitivos o theatro da morte de Monica, e seguiram seu caminho; chegando, ao cair da noite, ao pequeno casal, proximo do Foussars, onde Jeannette não era conhecida, e onde deviam pernoitar.

Durante os tres dias de jornada, que se seguiram, evitaram cuidadosamente entrar em alguma aldeia ou herdado em que Jeannette ou José podessem ser conhecidos, e quando desconfiavam que isto podesse acontecer, ia Jeannette sósinha com o filho vender o carvão, e Anésia, e o abbade seguiam para diante com a outra mula, indo esperar pelos companheiros para algum sitio retirado.

Na manhã do terceiro dia, tendo já vendido grande parte do carvão e da lenha, chegaram aos arredores da cidade de Denant, onde Jeannette e José deviam apartar se dos fugitivos, deixando-lhes uma das mulas com algum carvão e lenha, para elles irem vendendo pela estrada que atravessa a Plaine em direcção ao Marais, ao passo que a mãe e o filho caminhariam umas sete ou oito milhas a travoz da Plaine, para irem juntar-se a Pedro e a Roberto na capella dos Sete Caminhos, d'onde deviam regressar a casa.

Foi com grande difficuldade que o abbade e Anésia conseguiram convencer Jeannette a receber o valor da mula, do carvão, e da lenha que deviam levar comsigo; a pobre mulher recusou, todavia, com a maior indignação, receber o quer que fosse pelo agasalho e pela comida que de tão boa vontade tinham offerecido, ella e René, aos seus hospedes.

— Sr. abbade, — insistiu ella, — não queira privar-nos do prazer e da satisfação de termos dado um copo d'agua fresca aos filhos queridos do Senhor, na occasião em que, por amor d'Elle, estavam em perigo e tribulação; não desejavamos tambem receber paga por essas coisas de que carece para a sua jornada; mas uma vez que não quer acceital-as e se offende com a nossa recusa, manda a cortezia que acceitemos a sua offerta.

— Deus vê a gratidão dos nossos corações para comsi-

go, Jeannette, e para com seu marido. Nenhum de nós esquecerá jamais a agradável convivência que tivemos com a sua família na sua choupana, mas horas em que nos era permitido sair da nossa estreita prisão, nem dos pequenos passeios que demos na floresta á luz do luar, nem tampouco do que temos fallado ácerca de Deus durante a nossa jornada. Espero que ainda havemos de encontrar-nos em tempos mais felizes; e se não fôr n'este mundo, será na feliz morada lá de cima.

O abbade e Anésia, disseram, finalmente, o ultimo adeus a Jeannette e a José, com egual pena de parte a parte, recomennando-se muito a Pedro e a René, e seguiram seu caminho.

—Descance agora um pouco, avósinha; olhe que já está a ler alto ha muito tempo, e ha de estar cansada.

—Estou, minha Isabel; além d'isso, o dia está a findar, e cae muita cacimba. Mas, não sei o que isto é, sempre que leio esta historia, interesso-me por ella, apesar de a saber quasi de cór, —disse a condessa, fechando o manuscrito.

—Parece-me que é a historia mais bonita que tenho ouvido, e olhe que já tenho ouvido contos lindissimos, com esta idade que tenho, —disse a muito experiente e muito idosa menina Violeta. que contava . . . nove annos de idade.

—Tambem me parece. —confirmou Isabel; —estamos agora muito perto da historia do bom abbade, avósinha? A avósinha lembra-se que elle prometeu contal-a a Anésia quando chegassem á planicie.

—Começaremos amanhã a sua historia.

—Como estou contente! Gosto muito do bom do velho abbade protestante, e estimo que não tivesse sido queimado, porque então, a avósinha bem vê, nunca teriamos ouvido a sua historia nem a de Anésia, —disse Violeta, dando o braço a Madame de Pontarlier, que já se dirigia para o castello.

Fazia intenso calôr, no dia seguinte, quando Madame de Pontarlier e suas netas foram sentar-se na aprasivel gruta, para continuarem a leitura da historia.

CAPITULO X.

A historia do abbade

Os nossos amigos entraram na Plaine a pequena distancia de Foussars, mas foi só depois de Jeannette e do rapaz os terem deixado, que Anésia fez notar ao abbade a enorme differença que este paiz fazia do arborizado Bocache, cheio de pequenos campos e de altas sebes plantadas de arvores. Agora era tudo plano e aberto, o solo secco e duro, por vezes coberto de seixos que pareciam rolagos pela acção das aguas. Esta ultima circumstancia pareceu, a Anésia, tão singular, que, pegando n'um dos seixos, disse ao abbade :

—Veja, sr. La Motte, veja este seixo e estas conchas petrificadas; ha-as ahi de differentes especies. E' notavel, principalmente por não estarmos proximos do mar. São taes quaes umas conchas verdadeiras que meu pae apanhou uma vez na praia e trouxe para nossa casa. . . quero dizer, para o que foi, em outros tempos, nossa casa.

—Tambem essas foram verdadeiras conchas n'outro tempo, verdadeiras conchas, habitadas por seres vivos, ha muitos seculos; pois julga-se que esta planicie foi antigamente coberta pelo mar. E' natural que essas conchas fossem trazidas á superficie pelo arado. A terra está cheia d'ellas, e acham-se petrificadas pela acção dos seculos.

—E' singular ! Custa a crêr que esta planicie, secca, triste, desprovida de arvores, tão monotona e tão desolada, estivesse outr'ora coberta pelas irrequietas e magestosas ondas do oceano de que meu pae costumava fallar-nos. Ai de mim ! ai de mim ! e de que nunca mais nos fallará !—disse a pobre rapariga, tristemente, com as faces inundadas de lagrimas e com mil recordações do passado feliz a cruzarem-se-lhe na mente.

—A Plaine parece sempre triste e monotona no outomno, depois de ter sido despojada das suas ricas messes, mas no principio do verão, nos sitios bem regados, chega a parecer bonita com os seus verdes campos de trigo e de cevada, de trevo vermelho e de ervilhacas, —respondeu o ab-

bade, sem mostrar ter notado as lagrimas que Anésia diligenciava occultar.

—Parece que não ha muitas ovelhas nas herdades por onde passámos, — disse Anésia.

—Os fazendeiros raras vezes criam mais de quarenta ovelhas, mesmo nas herdades de vinte ou trinta geiras; não ha pastos sufficientes para criar mais, de modo que os pobres animaes não teriam que comer durante metade do anno, e perderiam a maior parte da lã por negligencia dos donos e por falta de alimento. Tenho muita pena de que estes animaes tão uteis não sejam mais bem tratados, tanto na Plaine como no Bocage.

—Tambem meu pae assim dizia, mas era muito difficil arranjar trabalhadores bastantes para o amanho das terras, — disse Anésia.

—Na Plaine dá-se a mesma falta. Ha quem diga que as fazendas mais bem cultivadas e mais productivas são as que pertencem a lavradores protestantes.

—Noto, sr. abbade, que os lavradores d'estes sitios empregam mulas em vez de bois.

—E' verdade; e o nosso paiz é celebrado pelas boas mulas que produz, mas veem quasi todas, para aqui, de Saint-Maixent, ao pé de Niort, e de Melle, cujas mulas passam por ser as melhores da Europa. Sabes que os nossos medicos andam sempre montados em mulas quando viajam pelo paiz.

—O sr. La Motte não fez, ha muitos annos, uma viagem assim, em companhia de meu pae? Recordo-me de lhe ter ouvido fallar varias vezes a esse respeito.

—Sim, Anésia, ha muitos annos; quando nós eramos rapazes; ha muito tempo, mas parece que ainda fci hontem.

—O sr. abbade disse-me, ao atravessarmos o Bocage, que havia de contar-me a sua historia quando chegassemos a esta planicie. Penalisal-o-ha contar-me a historia do passado? Não pense mais n'isso, se porventura o incommoda.

—Nada! hei de cumprir a minha promessa, querida Anésia; e serei o mais breve possivel. Em primeiro lugar, devo dizer-te que o verdadeiro appellido da nossa familia é La Motte Malestroit. Meu pae era conde de Malestroit,

mas desde o tempo de meu bisavô, que vendeu e hypothecou os seus bens para auxiliar o rei Carlos VII, a nossa familia decahiui muito da sua antiga grandeza e ficou quasi pobre. Quando meu pae entrou na posse da sua reduzida herança, era um fidalgo arruinado, incapaz de sustentar a dignidade da casa. Meu pae era, por natureza, extramamente orgulhoso, mas resolveu depositar no parlamento, por alguns annos, a sua espada de cavalleiro, até que pelo commercio houvesse restabelecido a fortuna da nossa familia, reclamando o direito de usar, entretanto, a espada de ferro dos fidalgos arruinados. Para realisar o seu proposito, vendeu as poucas geiras de terra que lhe tinham pertencido na partilha, e comprou, com o producto, uma herdade nas margens do rio Charent, ao pé de Cioray, cujos campos são afamados pela sua belleza e fertilidade. Meu pae era intelligente e ambicioso, e recebera uma boa educação; foi augmentando a extensão da sua propriedade; o gado e as mulas eram enviados ás grandes feiras, vinte milhas em redondo, e os cereaes e outros productos da lavoura, a Poitiers, de modo que dentro em pouco tempo tornou-se rico. A minha querida mãe possuia uma pequena fortuna quando casou com meu pae, porque era viúva, e o primeiro marido tinha-lhe legado todos os seus bens, com a clausula de que ella olharia por um filho que elle adoptara. Este rapaz, que vivia connosco, sempre lhe chamou mãe, e a mim, como criança, ensinaram-me a tratá-lo e a querer-lhe como se fosse meu irmão, e ainda me lembro perfeitamente do amor e dos carinhos que elle me prodigalisou na minha infancia.

Quando tive a idade sufficiente, o meu bom pae ensinou-me a lêr, e mandou-me depois, juntamente com meu irmão José Coupord, para o pequeno mosteiro de Civray, afim de receber educação digna de um filho de cavalleiro de antiga linhagem. Desde os meus primeiros annos, costumava meu pae sentar-me nos seus joelhos, e, mostrando-me a sua espada de ferro, dizer-me que quando eu fosse homem, devia restabelecer a abatida fortuna dos Malestroit, e reclamar a espada de Damasco de seus nobres avós, em troca d'aquella espada ferrujenta, de copos de ferro, que el-

le trazia á cinta quando andava atraz do arado, ou quando guiava as suas juntas de bois. Pobre pae! viveu para vêr quão fallazes e inuteis são as honras e as riquezas do mundo, para vêr frustradas as suas mais caras aspirações, e lançada aos ventos a fortuna que adquirira á custa de tanto trabalho; e a mim, ao filho para quem tanto trabalhara e economisara, vi-me obrigado a fugir para salvar a vida. Não antecipemos, porém, o fim da minha historia.

Teria eu os meus dez annos, deu-se um facto que influuiu muito na corrente e nas circumstancias da minha vida futura, e deu origem á esperanza e ambição unicas dos meus tempos de rapaz e de adolescente. Esse facto podia ter sido, em seus resultados, a minha maior e mais verdadeira felicidade no sentido mais elevado da palavra—se eu tivesse feito o que tu, á hora da morte, me aconselhas-te que fizesse, minha amada e sempre querida Ivelone! E não o fiz, porque fui indigno.

O sr. La Motte parecia ter esquecido que Anésia estava ali ao seu lado, quando pronunciou com ternura e tristeza o nome querido de quem lhe recordava o passado, morto e silencioso, e o amargo arrependimento, de que ainda precisava arrepender-se.

—Bem,—continuou o abbade, depois de pequena pausa,—n'uma fria noite de outomno, estando meu pae e nós, os dois rapazes, sentados em volta da brazeira, ao tempo em que minha mãe preparava a ultima refeição d'aquelle dia, sentimos bater um corpo pesado contra a porta da casa que estava encostada para dar saida ao fumo, e logo em seguida ouvimos o lamentoso choro de uma creança. Corremos para vermos o que era, e encontrámos uma mulher, caída sobre a soleira da porta, e uma menina, de cerca de cinco annos de idade, que, acorada no chão ao pé da mulher, fazia os seus maiores osforços para a ajudar a levantar-se, chamando-lhe lastimosamente—*minha Mãe, minha Mãe!*

Levámos a pobre creatura para dentro de casa, e meu pae e minha mãe reconheceram, em breve, que estava morta. Quem ella era e d'onde vinha, nunca pudemos saber, mas os meus paes chegaram á conclusão de que era aia da

menina, em vista dos vestidos que trazia, que eram muito bons, apesar de rotos e sujos; e da dôr manifestada pela pequenita quando viu que as suas caricias e rogos não lo-gravam accordal-a, concluiu minha mãe que a aia tinha sido boa e affavel para a creança. Encontraram-se á mul-her algumas moedas de oiro, cuidadosamente embrulhadas n'um pedaço de panno. Nada mais traziam além dos seus vestuários; mas o vestido da creança, e bem assim as rou-pas brancas, eram de bom preço, e capa que a aia trazia, com o evidente fim de abafar a creança a seu cargo, era de espesso e macio veludo de Genova, debruada de pelles. Minha mãe encontrou o nome da creança bordado a seda nos seus vestidos, sob uma corôa de condessa. Chamava-se Ivelone M. M. de M. Meu pae declarou que devia ser filha de alguma familia nobre e insistiu em que d'ali em diante fos-se tratada por Ivelone de Malloé.

Era impossivel descobrir quem eram os paes da meni-na, onde viviam, ou a rasão por que a mulher a trouxera para a nossa porta. Era evidente que tinha andado muitas milhas, porque tinha os sapatos todos rotos e cobertos de lama. Minha mãe ganhou, em pouco tempo, a confiança de Ivelone, pelos seus modos ternos e affaveis, e empregou va-rios meios para ver se a pequenita contava a sua historia. Sempre que minha mãe pronunciava a palavra *mamã*, a menina sacudia a cabeça, tornava a dizer *minha Mad, mi-nha Mad*, e desatava a chorar, de maneira que parecia que se lhe partia o coração. Pela minha parte, declarei que ella queria dizer *minha Madlone*, que era, provavelmente, o nome da mulher que a acompanhava.

O mysterio que envolvia a creança nunca se desven-dou, apesar de meu pae fazer todas as diligencias, duran-te muitos mezes, para descobrir o seu nome de familia, os seus parentes, e as circumstancias que haviam determinado a sua subita e inesperada apparição á porta de nossa casa. Que a creança era nobre, por nascimento, não soffria du-vida; e que pertenciam, tanto ella como a aia, á nova reli-gião, foi tambem assente por meus paes, em consequencia de nenhuma d'ellas trazer consigo *cruz, rosario* ou *esca-pulario*, bentos pelo Padre Santo, — circumstancia que minha

mãe notou com bastante desgosto. Minha mãe era de opinião que o pae de Ivelone tinha sido perseguido por motivos de religião, e explicava o facto da creança parecer não se recordar de sua mãe, por haver esta morrido, provavelmente, algum tempo antes, ficando, desde então, entregue aos cuidados da aia, que fugira com ella para a salvar de um convento e do poder do clero. A minha querida mãe viu confirmada a sua suspeita quando, alguns mezes depois, meu pae soube, uma vez que foi a Poitiers tratar dos seus negocios, que o rei Francisco I publicara um decreto, poucos mezes antes da creança ter apparecido, no qual ordenava, ao logar-tenente do Poitou, que, sem mais demora, fizesse prender e castigar exemplarmente todos quantos professassem ou ensinassem as novas doutrinas.

Tambem disseram a meu pae que, em differentes cidades e villas do Poitou, tinham sido atormentados e queimados vivos alguns protestantes, para terror e exemplo dos demais. Poucos protestantes, sem distincção de classe, tinham sido poupados, e era possivel que o pae de Ivelone houvesse entrado no numero dos martyres, e que os seus bens tivessem sido confiscados.

A pequena Ivelone tornou-se, pelos seus modos affaveis e carinhosos, tão querida por meu pae e por minha mãe, como se fosse sua propria filha: para mim e para José era ella a nossa rainha, o objecto mais precioso e mais querido da nossa dedicação, do nosso respeito e do nosso amor. Era tão boa, tão bonita, graciosa, e, apesar de creança, tão franca e generosamente conhecedora do seu poder sobre o rude e sensivel José, e sobre min,—seus escravos voluntarios—que só podiamos amal-a e adoral-a. Não precisavamos que nosso pae nos mandasse tratar a delicada e encantadora creança, com cortezia, ternura e dedicação. Na verdade, nunca dama alguma teve campeões mais respeitosos e dedicados, do que eu e José.

Já Ivelone—que assim lhe chamavamos—estava em nossa casa havia dois annos e meio, quando eu e outros rapazes nos preparámos para a nossa primeira communhão, sendo nosso director um dos frades do seminario.

Cêrca de seis mezes antes d'isto, entrara para o se-

minario um rapaz chamado Eugenio Gubert, que era alguns annos mais velho, do que eu. Tinha vindo acompanhado por sua mãe, que só se retirou depois de ter tido uma longa conferencia com o reitor. O proprio Eugenio nos disse que, logo que completasse os estudos necessarios, no seminario e no collegio de Poitiers, tencionava tomar ordens.

Poucos rapazes sympathisavam com o tal Eugenio Gubert; desconfiavamos d'aquelles modos brandos, affaveis e dissimulados com que buscava captar as boas graças dos superiores, posto que só algum tempo depois viessemos a descobrir que elle nunca era estranho ás reprehensões e aos castigos, muitas vezes immerecidos, que nós os rapazes soffriamos, pois começando por nos tentar e espiar, terminava por ir denunciar o que tinhamos feito. Era com tanta habilidade e com tanto segredo que fazia estas coisas, que não conseguíamos obter prova alguma contra elle; havendo mesmo uns dois ou tres dos nossos condiscipulos que não acreditavam que elle não fosse um companheiro affavel e de bons sentimentos, sempre prompto para os ajudar a estudar as suas lições ou para lhe evitar qualquer desgosto com os professores. Não julgues, Anésia, que seja falta de caridade, da minha parte, attribuir á ambição do poder o motivo que influenciava todas as acções de Gubert. Sabendo que a maneira de adquirir esse poder sobre os condiscipulos consistia crear-lhes obrigações constantes, tratou em primeiro lugar de introduzir-se nas boas graças dos seus superiores, os quaes nunca se cançavam de o apontar aos demais rapazes como um exemplo de piedade, de mansidão e de obediencia.

Foi devido ao acaso que descobri que o reitor o empregava para espionar, não só aos condiscipulos,—pois é bem conhecido o costume que ha, nas nossas escolas ecclesiasticas, de vigiar de perto todos os passos dos estudantes—mas tambem um ou dois dos frades. Gubert descobriu, dentro em pouco tempo, que eu lhe percebi o jogo, pois, sem fazer caso da sua ira nem do seu extremo enfado, abertamente o accusei de promover intrigas entre os rapazes e os mestres, por meios clandestinos e fraudulentos.

E' claro que nem elle nem o reitor me perdoaram a ousadia, como á minha propria custa tive occasião de verificar; mas Gubert nunca me deu palavra a tal respeito. Anos depois, vim a saber que fôra elle a causa de todas as desgraças que caíram sobre a pobre e innocente Ivelone, e sobre quantos eu amava. Mas não anticipemos, porque tenho ainda muito que contar.

Devo dizer que o meu querido pae, para nos ser agradavel—a mim e a José—dizia-nos muitas vezes que convidássemos rapazes, que eram todos filhos de boas familias, para passarem os dias feriadados em nossa casa. A condição unica, imposta por meu pae, era que os dez rapazes que havia no seminario viriam por turnos de cinco, e que não perseguiriamos os rebanhos. Minha mãe fazia-nos muitos bolos e muitos requeijões, e como meu pae cultivava pomares de maçãs e de peras, tinhamos, no tempo, fructa em abundancia,—quanto podiamos comer.

E' escusado dizer que os rapazes gostavam de ir á herdade, não só por causa das boas coisas que comiam, mas tambem por causa da liberdade que gosavam; por isso que o reitor consentia que não fossem acompanhados por um frade, visto que meu pae promettia que não os perderia de vista.

Umás tres semanas antes da minha segunda communhão, disse-me meu pae que pedisse a cinco dos rapazes para irem passar connosco um dia feriado. Eugenio era um dos cinco a quem d'aquella vez pertencia ir. Obedecendo aos desejos de meu pae, convidámol-o, assim como aos quatro restantes. Eu tinha deixado de lhe fallar desde que o apontara aos outros rapazes, e fôra castigado pelo reitor por ter accusado *falsamente e sem caridade* um rapaz bom e verdadeiramente christão.

Esperava que elle se recusasse a acompanhar os discipulos; mas, vi com surpresa e desgosto, que accoitava o convite, chegando á herdade em companhia dos outros, aparentemente disposto a não mostrar resentimento e a fazer-se agradavel. Ivelone ignorava o que se tinha passado entre nós, mas deu a conhecer, pela expressão do seu rosto franco, onde se reflectia tudo o que sentia e pensava, que

não lhe agradava muito o *rapaz novo*, como ella dizia. Mostrou-se, contudo affavel e cortez conforme lhe dissera meu pae que devia ser para com todos os nossos hospedes. Acabado o jantar, jogámos toda a especie de jogos até nos cansarmos, e resolvemos depois irmos sentar-nos no chão, ao pé de Ivelone, que estava a descansar á sombra de uns limoeiros. Propoz, então, Eugenio, que cada um de nós contasse uma historia. Pediram-me para ser eu o primeiro, do que me desinpenhei contando uma antiga lenda, que tinha ouvido a minha mãe; e, depois de outros terem contado as suas historias, coube a vez a Eugenio. Como a historia que elle contou marca uma epocha na minha vida, repetil-a-ei palavra por palavra, tanto quanto a memoria m'o permite.

Crio, —começou elle por advertir, —que já lhes tenho contado quasi todas as historias que sei; mas agora mesmo me veiu á lembrança una aventura succedida em minha casa, que supponho lhes ha de interessar. Meu pae era um pouco litterato, e comprava, de vez em quando, alguns livros, o que minha mãe não approvava. Subitamente, começou a ausentar-se de casa, por muitas horas seguidas, sem dizer a minha mãe para onde ia, o que naturalmente lhe excitou a curiosidade. Um dia veiu com elle para casa, um homem desconhecido. Como se demorassem muito tempo a conversar, no gabinete de meu pae, á porta fechada, minha mãe e eu resolvemos descobrir o assumpto da conversação, e fomos escutar á porta. Pareceu-nos que o desconhecido orava, depois lia, e depois fallava com meu pae, respondendo ás perguntas que este lhe fazia de quando em quando. Depois pareceu-nos que estavam outra vez a orar, posto que só os padres possam fazer orações.

Quando terminaram, ouvimol-o distinctamente dizer: —Vimos o que a palavra de verdade nos diz a respeito de investigar as Escripturas, e Deus não pode errar. Adeus, meu caro amigo!

O som dos passos, que se dirigiam para a porta, foi signal para que eu e minha mãe fugissemos.

—Eugenio, —disse-me minha mãe, depois —estou certa de que aquelle homem anda a ensinar heresias a teu pae. Quando elle cá voltar, has-de esconder-to no gabinete, den-

tro do armario, e iremos contar ao nosso padre confessor o que elles disserem.

Portanto, quando o desconhecido voltou a nossa casa, fui esconder-me, a toda a pressa, dentro do armario, occultando-me atraz d'um capote que lá estava pendurado. Um instante depois entravam no quarto, elle e meu pae. Confesso-lhes que me bateu apressadamente o coração, quando senti que meu pae se dirigia para o armario e olhava para dentro d'elle. Felizmente não me viu, e, fechando a porta, observou: «Não gosto de portas abertas.» Depois, dirigindo-se ao desconhecido, disse: «Vernou, dê-me, pois, o livro que conseguiu obter para mim. Estou satisfeitissimo por possuir a preciosa palavra de Deus, mais preciosa agora para mim do que todo o oiro! Diga-me quem o traduziu, e quanto custou?»

«E' o Novo Testamento traduzido em francez por Le Tevre, e revisto por Pedro Roberto Olivetau em 1535. Le Tevre, como sabe, era vigario de Briçonnet e bispo de Meaux. Uma vez, o proprio bispo fez uma distribuição d'esta traducção a todos os pobres da diocese que mostraram desejo de possuil-a: a coragem faltou-lhe, porém, quando a Sorbonne prohibiu o estudo das Escripturas a quem não fosse clerigo de ordens sacras: ficaram-lhe chamando, desde então, o timido Briçonnet. Agora emquanto a preço, custa o seu livro 4 florins, 3 livras e 11 soldos» (1) (Que dinheiro meu desperdiçava n'un livro que não podia entender sem lhe ser explicado por um padre!—disse Eugenio).

Vernou disse então para meu pae: «A ultima vez que *conversámos, vimos que o proprio Deus nos manda investigar as Escripturas, provar tudo quanto dizemos, firmar-mo-nos no que é bom, e que Deus nos ensinará, com o auxilio da sua Santa Palavra. Não se encontra, em todo o Novo Testamento, passagem alguma d'onde se infira que nosso Senhor jámais designasse um sacerdote ou sacrificador.*

«Todos os crontes em Jesus Christo são espiritualmente sacerdotes.» porque está escripto: «E nos tem feito para

(1) Esta quantia corresponde a 81 francos e 30 centimos, da nossa moeda actual.

(Nota de Madame de Pontarlier.)

o nosso Deus reino e sacerdocio santo,» e tambem, «Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melchisedec.» E' claro, portanto, que Nosso Senhor retém nas suas mãos, para sempre, o officio e o exercicio do sacerdocio, de maneira que não pôde haver sacrificadores, como a Igreja catholica-romana manda crêr!

—Mas,—disse Eugenio, voltando-se para os condiscipulos,—a nossa santa Igreja diz-nos, como sabeis, que, no sacrificio da missa, o corpo e o sangue de Christo são offercidos, em holocausto incruento, pelas mãos dos sacerdotes.

E se a nossa santa Igreja diz que o preto é branco —acrescentou,—devemos curvar as nossas cabeças, e crêr, porque só ella pôde interpretar as sagradas Escripturas.

Meu pae interrogou depois o homem ácerca do Santissimo Sacramento da Eucharistia, offercido a Dous, pelo sacerdote, pelos vivos e pelos mortos.

Respondeu-lhe Vernou dizendo que, n'esta doutrina, a nossa Igreja contradizia directamente a Palavra de Deus, a qual declara que o unico sacrificio pelo peccado consiste na morte de nosso Senhor Jesus Christo sobre a cruz....

Muitas outras coisas disse Vernou, mas, pelo que tenho referido, tereis visto que o que elle lia no seu livro oppunha-se á doutrina da Santa Igreja, e era, portanto, condemnavel heresia. Vernou começou depois a dizer que as palavras «este é o meu corpo, este é o meu sangue,» não deviam ser tomadas no sentido litteral. As palavras «isto é» significam, na maior parte dos casos, «isto representa.» Se eu vos perguntar de quem é aquelle retrato, e me responderdes «E' meu pae,» não quereis dizer que a pintura seja realmente o vosso pae; ou se, apontando para a figura cunhada n'uma moeda, me disserdes «Eis aqui a cabeça do rei Francisco,» não quereis dizer que na moeda esteja effectivamente a cabeça do rei: O que quereis dizer é que a cabeça do rei está ali representada. No capitulo X do evangelho de João, quando o Senhor diz «Eu sou a porta,» não quer dizer-nos que era litteralmente uma *porta*, e tampouco queria dizer que era effectivamente uma

videira, quando disse: «Eu sou a videira.» Todos os que ouviram, souberam que Elle fallava em sentido figurado.

Não posso repetir agora todos os disparates que aquelle homem disse a meu pae, mas haveis de ver que este desprezível hereje estava diligenciando destruir-lhe a sua fé na nossa santa Igreja, e haveis de comprehender como minha mãe e eu julgámos necessario informar, sem demora, o nosso confessor, do que se estava passando em casa.

Este longo discurso pareceu impressionar os rapazes, mas nenhum dos argumentos de Eugenio, se argumentos se lhes podia chamar, me satisfez. Indignou-me o pensar que a Palavra de Deus era afastada de nós. Voltei-me para Eugenio e disse-lhe: «Creio que Vernou ensinava a verdade a teu pae, porque o que elle disse era tirado das Escripturas, e Deus não pode enganar-se. Quem me dera possuir a palavra de Deus, porque então descobriríamos a verdade ácerca de todas as coisas.

N'este momento, um dos condiscipulos, por nome Jorge Laroche, rapaz com quem eu muito sympathisava pela sua isenção e rectidão de character, poz-se de pé, exclamando: «Vou ver se posso arranjar um livro d'esses; hei de tê-lo todo, e crêr em tudo quanto elle ensina; se é a Palavra de Deus, deve Deus gostar de que a leiamos; e hei de tê-la. apesar de tudo o que dizem os padres».

Estas palavras animaram-me a dizer: «Cá por mim, não creio que um padre—que afinal de contas, é um homem como qualquer de nós—tenha poder para transformar pão e vinho no verdadeiro corpo de nosso Senhor. Christo morreu por nós, e o que nos salva é o seu sangue derramado na cruz; o padre nada tem a fazer para a nossa salvação.»

—Ensinam-nos muita mentira: estou certo d'isso!

—exclamou Jorge.

A estas palavras, o rosto de Eugenio tomou uma expressão de horror.

—Que ouço, rapazes!— exclamou elle.—Será possível qua a minha historia tenha provocado tão terriveis expressões de erro? Recceio ter de referir essas palavras ao nosso reitor.

—São horriveis, na verdade!— gritaram os outros tres

rapazes. — Tens obrigação de contar ao reitor o que elles disseram, Gubert; e o reitor ha de impôr uma penitencia a Huberto e a Jorge.

As ameaças d'elles era que menos cuidado nos davam, e não podémos deixar de sorrir ao vermos Gubert assentado e de mãos postas, em ar de humildade, ao mesmo tempo que os outros tres rapazes olhavam para elle com amor e reverencia.

N'aquelle momento senti que uma mão pequenina se introduzia entre as minhas, e, erguendo o olhar, vi a pequena Ivelone de pé, a meu lado, tendo no rosto a expressão de uma viva anciedade. A pobre creança julgava-me afflicto, e viera consolar-me.

Depois de uma longa pausa, Eugenio voltou-se para os condiscipulos e disse, suspirando:

— Meus amigos, não posso continuar a minha historia; tem-se pronunciado aqui taes blasphemias contra as doutrinas de nossa santa Egreja, que estou magoado até ao intimo do coração.

Pela expressão do rosto de Jorge, vi que este, assim como eu, estava convencido de que Gubert não era mais do que um hypocrita; mas os outros rapazes começaram a dirigir-nos uma torrente de improperios, e a pedir a Eugenio, ao *bom* Eugenio, que continuasse a sua historia

Ivelone ficou muito assustada com a attitude dos meus condiscipulos, e encostou-se a mim com toda a sua força, como para me proteger.

Todavia, Eugenio fez aquietar os rapazes e proseguiu na sua historia, dizendo ter esperanza em que todos nós aproveitariamos ouvindo a narração do seu zelo.

Jorge e eu interrompemol-o n'este ponto, e declarámos que não queriamos ouvir contar mais nenhum dos seus feitos; e levantámo-nos para nos retirarmos; mas Gubert e os outros entraram a dizer que tinhamos medo de ouvir o resto, e José disse-nos ao ouvido; «Tenham juizo; se se retiraram, hão de julgar que realmente teem medo.» Estas palavras convenceram-nos; tornei a sentar-me, e Jorge fez outro tanto.

Eugenio continuou a sua historia n'estes termos:

Omittirei o resto da conversação que Vernou teve com

meu pae, pois vejo que seria perigoso para alguns espiritos fracos aqui presentes. Despediu-se de meu pae, e, aconselhando-o a occultar o livro que lhe trouxera, saiu do quarto, promettendo voltar dentro em poucos dias. Podem imaginar quanto eu estava impaciente por que meu pae saísse do quarto, e como fiquei satisfeito quando minha mãe veio abrir-me a porta.

Minha mãe ficou muito assustada quando eu lhe repeti a conversação que tinha ouvido, e ambos concordámos em que o padre Ponten devia ser informado do que se passava, sem perda de tempo. Fomos procural-o no dia seguinte, e fui elogiado pelo meu zelo. Combinou-se que meu pae seria seguido, a primeira vez que se ausentasse de casa, pois o padre Ponten estava convencido de que havia nos arredores algum logar occulto onde os herejes se reuniam, e era preciso dispersal-os, sem demora.

Effectivamente, descobriu-se, poucos dias depois, uma pequena assembléa de protestantes, a que Vernou servia de pastor, em uma pedreira abandonada, situada a umas cinco milhas da nossa casa.

Ora, como a lei declara illegaes similhantes reuniões, a auctoridade mandou uma porção de soldados para dispersar os herejes; alguns foram fusilados em acto continuo, outros foram presos e castigados depois.

—E que foi feito do teu pae?—perguntou um dos rapazes.

—Ia dizel-o agora mesmo. Meu pae foi apanhado na reunião, com o livro que Vernou lhe tinha comprado; recusou entregal-o, e não só declarou que pertencia á religião nova, mas obstinou-se a tal ponto que o magistrado mandou prendel-o na cadeia, e pôl-o a ferros.

Enquanto esteve preso, não quiz prestar ouvidos aos argumentos do padre Ponten e d'outros santos homens que foram visital-o, de modo que o magistrado deu ordem para elle comparecer ante o tribunal.

Minha mãe, que não queria que elle fosse tratado com severidade, rogou-lhe que assistisse com ella á missa, e que promettesse voltar para o seio da santa egreja; elle porém, a nada se moveu. Declarou que tinha encontrado a

verdade, que confiava no seu Salvador, e que não tinha medo de morrer. Foram baldados todos os esforços que foram feitos para o salvar, com o que minha mãe muito se penalizou. Por fim, condemnaram-o a ser posto a tratos, a ser, depois, queimado vivo, e as cinzas lançadas aos ventos.

—E foi, realmente, queimado vivo?—perguntou Jorge, cuja face trahiua profunda emoção.

—Não foi,—respondou Eugenio,—mas simplesmente porque morreu na prisão; nem minha mãe, nem eu, imaginavamos que elle fosse tão aferrado aos seus erros. O nosso confessor consolou minha mãe, dizendo-lhe que ella procedera como uma filha dedicada da Igreja, denunciando uma pessoa de coração tão endurecido, e tambem me elogiou muito pelo zelo que eu mostrara pela boa causa.

—E que foi feito de Vernou?—perguntou Jorge, em tom de mal contida indignação.

—Sinto ter de dizer que conseguiu escapar. Uma sentinella que, segundo o costume dos herejes, estava de vigia durante a reunião, deu-lhes aviso da aproximação dos soldados, e alguns amigos conseguiram pôr Vernou a salvo, ainda a tempo. E' provavel que se escondesse nas proximidades da pedreira, mas não foi possível apanhal-o.

—É qual foi a causa da morte de teu pae?—perguntei eu.

—Meu pae havia pouco tempo que fôra submettido á tortura; e já não estava de perfeita saude ao tempo de ser preso; depois, era inverno, e a prisão era excessivamente humida. Tudo isto concorreu, talvez... mas não se sabe, ao certo, de que foi que morreu. O carcereiro encontrou-o morto, uma manhã, deitado sobre o molho de palha em que dormia. Minha mãe, ficou muito triste, mas o nosso santo confessor disse-lhe que fazia mal em chorar, porque semelhante morte fôra até boa de mais para um hereje.

N'este ponto, a compassiva Ivelone que, havia muito tempo a custo suffocava os soluços, teve uma explosão de lagrimas.

Procurei socegal-a, mas Ivelone afastou-se de mim, gritando: «Ai! pobre homem, pobre homem!»

Levantei-me para a seguir, e, voltando-me para Eugenio, disse-lhe que elle era uma féra, sem coração e sem vergonha.

—Alma cruel!—disse Jorge Laroche.—E's o assassino de teu pae!—e afastou-se d'ali indignado.

Fui encontrar Ivelone sentada debaixo do seu limoeiro predilecto. Ella gostava sempre de chorar sósinha os seus desgostos de creança, e pediu-me para ir procurar Jorge, pois estava certa de que elle tambem havia de estar a prantejar a sorte do pae do Eugenio. Fui em procura de Jorge, para lhe fazer a vontade; encontrei-o sentado no telheiro das ferramentas, entregue a profunda meditação.

CAPITULO XI

A educação do abbade

Os frades, nossos professores, viam-se muitas vezes em grandes difficuldades para responderem ás perguntas que Jorge Laroche fazia ácerca de todas as coisas que não podia perceber. A sua resposta usual. «Não lhe importa saber isso,» não o satisfazia. Fallámos, como era natural, a respeito da historia de Eugenio, e ambos manifestámos o horror que nos causara a traição cruel e cobarde de que elle usara para com o seu bom pae. Declarámo-nos cren-tes nas doutrinas de Vernou, e assentámos em arranjar um Novo Testamento, no nosso idioma, semelhante ao que elle tinha. Rapazes como eramos, as suas palavras e as suas citações tinham despertado em nós um vislumbre da verdade e um desejo de sabermos mais alguma coisa do Deus de Vernou.

Como voltássemos, atravessando o campo, para a arvore predilecta de Ivelone, vimos que esta corria para nós, chorando amargamente, enquanto que, junto da arvore debaixo da qual ella se sentara, avistámos José e os outros rapazes. José fallava com Gubert, em tom alto e indignado.

Ouvimol-o dizer: «Sae immediatamente da herdade, creatura cruel e insolente! Atreves-te a insultar a nossa Ivelone com as tuas mentiras!»

Corremos n'um instante ao encontro de Ivelone, que exclamou ao aproximar-se de nós:

—Ai! Huberto, Huberto! Eugenio diz que eu fui apanhada da lama, á beira da estrada. Huberto, Huberto, diz que não sou filha de ninguém, que não tenho pae nem mãe!

Tomei-a nos braços, e disse-lhe que Eugenio era um malvado e um mentiroso.

Quando chegámos ao pé de José, já Gubert se ia retirando, mas, ao chegar ao portão, voltou-se e ameaçou-nos com o punho fechado.

Como Ivelone continuasse a chorar amargamente, levei-a para junto de minha mãe, e fui depois ter com José, para que me dissesse o que se tinha passado.

—Assim que tu e Jorge,—respondeu elle,—se retiraram, os tres rapazes, que estavam muito zangados com vocês, por chamarem nomes ao *santo* Eugenio, queriam ajudar o *santo* a dar-lhes uma boa sova. Como eu ouvisse a combinação que entre si estavam fazendo, preveni-os, muito claramente, de que, se se mettesem em semelhante coisa, ver-nos-íamos, nós tres, na necessidade de lhes applicar uma tosa mestra.

Gubert, que, como sabes, é um grande covarde, declarou, com os seus modos de santarrão, que por maiores que fossem as injurias que lhe dirigissem, nunca seria elle capaz de se vingar, mas que esperava que se fizesse justiça dentro em pouco tempo. Segredou algumas palavras ao ouvido dos companheiros e depois perguntou-me se lhes seria permittido apanharem algumas flores do jardim, para offerecerem a Ivelone. Como o meu desejo era entretel-os em alguma coisa, pois sabia que o pae não havia de gostar que brigassemos com os nossos hospedes, promptamente lhe concedi a licença que sollicitavam.

Feitos ramalhetes, o maior dos quaes—já se vê—era o de Eugenio, disse este a Gaspar Salis e aos outros dois, que offerecessen os ramos fazendo uma grande mesura, e

que elle seria o ultimo. A nossa condessinha pareceu surprehendida a principio; mas, quando Adriano Barbarin lhe trouxe o seu ramo, riu e bateu as mãos de contente, agradecendo-lhe com uma cortezia.

Creio que não tinha ainda dado por Eugenio Gubert, mas quando este se chegou, com o seu modo affectado e insupportavel, e lhe offereceu o seu ramo, fazendo uma profunda reverencia e dizendo—«Deponho este ramo, com toda a homenagem, aos pés da rainha da belleza», o rosto de Ivelone annuviou-se subitamente com desprezo e indignação, e, pegando nas flores, arremeçou-as para longe de si, exclamando:—Não! não accoitarei as tuas flores, rapaz cruel e malvado, que mataste o teu desgraçado pae! vae-te, vae-te d'aqui!—e arredou-o de si, com um gesto de desprezo.

Eugenio fitou-a, espantado, durante um momento, como se não entendesse as suas palavras; mas quando ella lhe disse que se fosse embora, fusilou-lhe no olhar embaciado um raio de profundo odio.

Avançou para ella e sibilou por entre dentes:—«Como te atreves tu a encarar-me e a fallar-me d'essa maneira? tu, miseravel engeitada, que foste tirada da lama á beira da estrada e que não tens pae nem mãe de quem uses o nome!»

Eu tinha corrido para junto do Ivelone quando Gubert avançara para ella, receiando que o covarde fosse bater-lhe, mas quando ouvi as suas palavras, atirei com elle ao chão.

Ivelone soltou um grito, e correu ao teu encontro. Assim que Gubert se levantou, ordenei-lhe que saísse immediatamente da herdade. Elle retirou-se, seguido pelos outros rapazes, que pareciam estar acobardados, rosnando consigo mesmo:—Deixem estar, que eu tirarei a minha desforra!— e ao vêr-te, e a Jorge, com Ivelone, mostrou-lhes o punho cerrado. Eugenio é muito estimado pelo reitor; vae contar-lhe, com certeza, tudo o que aqui se disse e se passou, e nós havemos de soffrer alguma coisa.

Quando meus paes souberam o que se tinha passado, ficaram indignados contra Eugenio, e disseram-nos que

nunca mais tornassemos a convidal-o para ir a nossa casa.

No dia seguinte fomos severamente castigados, como já esperavamos. Amarraram-nos as mãos, a mim e a Jorge, e deram-nos muita pancada, contra o qual não reagimos porque não podíamos fazel-o.

—Este castigo,—disse o reitor, que assistia ao acto, acompanhado por Eugenio e por cinco frades,—é para flagellar o espirito de heresia que tendes no corpo.

Similhante brutalidade não fez mais do que excitar em nós a raiva e a indignação; como tinhamos as linguas soltas, fizemos torcer o moço jesuita e os seus amigos sob o azorrague das nossas palavras.

Por isto impuzeram-nos um certo numero de penitencias degradantes e pueris, e tambem a José, o qual posto que não fosse açoutado como nós, tinha assistido ao castigo e não podera conter a sua indignação.

Todos tres nos recusámos a cumprir taes penitencias; pelo que fomos encarcerados e postos a pão e agua.

Quando meu pae teve conhecimento d'estas coisas, tirou-nos immediatamente do seminario, a mim e a José. Jorge fugiu pouco depois, e decorreram annos antes que eu tivesse noticias d'elle. José, que era então um rapaz de dezeseite annos, alto e robusto, ficou em casa afim de ajudar o pae na sua lavoura, e a mim mandaram-me para um seminario de Poitiers, destinado aos filhos de gente abastada.

Fui bastante feliz durante os quatro annos que lá permaneci, porque o reitor era um ancião affavel, e tão justo que não se deixou influenciar pela carta de prevenção que o outro reitor lhe escreveu a meu respeito.

Cerca de seis mezes depois, veiu meu pae a uma grande feira que se fazia em Poitiers, e trouxe consigo Ivelone, para a metter n'um convento da cidade, onde devia receber educação condigna do seu nobre nascimento. Tinha ella então, segundo creio, uns dez ou onze annos, e era a creança mais bella e mais graciosa que pode imaginar-se. Foi grande a nossa alegria ao tornarmos a vêr-nos; e como meus paes desejavam que ella casasse comigo quan-

do tivesse idade sufficiente, ficámos solemneamente desposados. E' claro que não podiamos avistar-nos com frequencia, mas encontravamo-nos, umas vezes por outras, quando sahiamos a passeio com as pessoas encarregadas da nossa educação; e, quando meu pae vinha a Poitiers tratar de algum negocio, a madre abbadessa do convento, em que estava Ivelone, permittia que ella viesse passar connosco algumas horas.

Mas o nosso tempo mais feliz era quando meu pae nos levava por um mez para a herdade. Eu estava um rapaz desenvolvido, cheio de amor e de respeito pela minha joven desposada, que era ainda a mesma creança radiante, anavel e innocente de outros tempos, e tão amiga de brincar como d'antes. Eu e José, que continuava a ser o mesmo rapaz rustico e sensivel, corriamos e brincavamos com ella, como escravos obedientes e dedicados, dando-nos por felizes em supportar a sua tyrannia infantil e em receber os seus agradecimentos ternos e amaveis.

—Felizes tempos! felizes tempos! —exclamou o pobre abbade, interrompendo a sua narrativa,—até chego a esquecer-me, quando n'elles penso, de quanto estou velho e cansado!

—Mas,—continuou o abbade,—nem sempre brincavamos; ás vezes iamos sentar-nos debaixo do velho limoeiro e conversavamos em coisas melhores. Um dia, teria ella então os seus doze annos, começámos a fallar a respeito de Eugenio Gubert. Disse-me que o encontrara, pouco depois de eu ter ido para o seminario de Poitiers, em occasião em que andava a passeiar com a aia. Quando passaram junto d'elle, Gubert correrá para Ivelone, e dissera-lhe, com um olhar terrivel.—«Ainda não esqueci o teu insulto, minha engeitada!»—e fôra juntar-se outra vez ao reitor, a quem acompanhava.

Depois contou-nos quanto gostava da madre abbadessa do convento.

—Sabes, Huberto,—disse Ivelone,—a madre abbadessa chama-me para a sua cella, e a mais duas meninas de quem gosta, e lê-nos lindas historias n'um livro chamado o Novo Testamento, que ella diz ser a Palavra

de Deus, as Escripturas de verdade. São historias lindissimas, Huberto, todas ácerca de Deus e do amor de que usou para connosco, enviando o seu unico Filho para morrer por nós, afim de podermos ser salvos se n'Elle crêrmos. Não disse Eugenio que aquelle santo homem, que ia visitar seu pae, costumava lêr n'um livro egual ao da abbadesa?

Ouvindo alludir ao que Vernou tinha ensinado ao pae de Eugenio, senti reviver em mim o desejo, que ha muito nutria, de conhecer molhor a Palavra de Deus, e alegrei-me por saber que Ivelone aprendera a amar e a apreciar as Escripturas.

Quando fiz dezoito annos, sahi do seminario e fui concluir a minha educação no Collegio, onde tive por condiscipulos, durante um anno, teu querido pae e Roberto Fonteneau. Como havia entre nós muitos motivos de sympathia, tornámo-nos amigos intimos. Contaram-me ambos que haviam tencionado ordenar-se, mas que tendo-se levantado em seus espiritos algumas duvidas sobre a pureza das doutrinas da Egreja, as consciencias lhes não permittiam ministrar n'uma egreja em que tanto predominava o erro e a superstição. Contei-lhes, então, parte da minha historia, e como tinha o desejo de conhecer mais a fundo a palavra de Deus e as doutrinas ensinadas pela religião nova. Ao ouvirem isto, disseram, sob solemne promessa de segredo, que costumava celebrar-se uma pequena reunião em uma gruta, perto de Poitiers, onde concorriam algumas pessoas entre as quaes um bom numero de estudantes, para estudarem as Escripturas e discutirem as doutrinas da Egreja de Roma.

Fôra n'aquella gruta, segundo teu pae affirmou, em frente das ruínas do aqueducto romano, na extrema da planicie, que, uns trinta annos antes, se reunia frequentemente com seus amigos o joven reformador, João Calvino, que mais tarde viera para Poitiers. O seu fim era examinare juntos as doutrinas e os preceitos da Egreja papal. As coisas que se encontravam nas escripturas eram conservadas, e tudo o que se lhes oppunha era regeitado, restabelecendo-se, ao mesmo tempo, a verdade esquocida ou

posta de parte. Não tardava, porém, que o ensino e as doutrinas de Calvino se tornassem suspeitas, e elle fôra obrigado a sair de Poitiers, passando, alguns depois, a residir em Genebra; d'ali dirigira sempre o movimento religioso que se operava em França. Alguns discipulos, que Calvino deixara em Poitiers, haviam-se dedicado ao perigoso mister da evangelisação: percorriam as provincias em perigos continuos, indo de aldeia em aldeia, batendo ás portas tanto dos ricos como dos pobres, e annunciando a todos as boas novas. Estes santos homens, e outros como elles, proseguiram ainda na vulgarisação do Evangelho.

Teu pae terminou esta informação com as seguintes palavras:

—Um cavalheiro, de appellido Vernou, pertencente a uma das familias mais antigas de Poitiers, amigo e discipulo de Calvino, tem-se dedicado especialmente á conversão dos estudantes, assim como prégação da verdade. Ha de estar na reunião: queres tu acompanhar-nos lá?

Não é preciso dizer-te quanto fiquei contente com a ideia de encontrar este bom amigo do pobre pae de Gubert, e de boa mente concordei em ir com elles á reunião, que havia de realisar-se na noite immediata. Creio que a ideia de perigo, segredo e mysterio, agrada geralmente a gente moça: em todo o caso, seduziu-me. Concertámos o nosso plano e tomámos todas as precauções. Moravamos todos tres na mesma casa, e, por felicidade, em companhia de pessoas que sympathisavam cordialmente com o movimento religioso que se operava.

Paroço-me estar presenciando ainda a scena da reunião; a gruta mergulhada em semi-obscuridade, os grupos de amigos dispersos por um e outro lado, alguns d'elles occultos por uma saliencia da rocha, escutando os oradores com intensa gravidade. Sinto ainda soarem-me ao ouvido os echos do *amen* pronunciado no final das orações, e as exclamações involuntarias de assentimento, de admiração ou de anciedade que se succediam durante a leitura da Palavra de Deus. Estou ainda vendo os rostos graves dos prédadores, que, sentados á grosseira meza e tondo diante de si a Biblia, eram illuminados pela bruxuleante luz das ve-

las. Estou ainda vendo-os... As suas feições profundamente accentuadas eram cheias de uma expressão de indomável firmeza, paciencia, fadiga e tristeza. Estou ouvindo o tom claro e cadenciado de suas vozes lendo e prégando; a terna e penetrante vehemencia com que fallavam do grande amor do Pae, do convite do Salvador e Bom Pastor aos peccadores, e da sua compaixão pelas almas.

Havia ali pessoas que eu nunca julguei encontrar lá —entre estas um ou dois clérigos do nosso collegio—que, segundo teu pae me disse, já lá tinham estado por varias vezes. Não posso exprimir a alegria, o descanso e a satisfação que ali obtive a tantos pensamentos, e tantas duvidas, que nem sequer sabia formular. Conheci, no intimo da minha alma, que ouvia a verdade—a verdade da verdade—que havia de libertar-me. Quanto desejava eu ter Ivelone ali, ao pé de mim! Compreendi quanto era ignorante ainda nos elementos mais rudimentares da verdadeira religião; vi que tinha de aprender tudo de novo, que não sabia as Escripturas nem as doutrinas da palavra de Deus, e que estava a tal ponto mergulhado no erro, que precisaria annos inteiros para esquecer o erradô ensino da religião catholica-romana.

Pensei, mais tarde, que, se tivesse ido mais vezes áquellas reuniões que se celebravam na gruta e nos subterraneos do collegio—por não ser prudente celebral-as sempre no mesmo local—ter-me-ia adiantado mais no conhecimento da verdade, e teria ficado melhor preparado para affrontar as privações a que havia de ser submettida a minha fé; mas, Deus me perdoe, Anésia, a minha fé era fraca. . . Quando chegou a hora da provação, pouco sabia da verdade e desconhecia a minha propria fraqueza, posto que alguma luz houvesse penetrado na minha alma. Não fui fiel a Deus, porque tinha posto a mão no arado e olhava para traz temendo o que poderia vir após mim e o que poderia acontecer áquelles a quem amava. Como poderia eu esperar que Deus estivesse a meu lado e me desse forças para arrastar com a fornalha ardente, se eu não o buscava no caminho em que podia enconral-o?

Apenas tinha assistido a umas dez ou doze reuniões

quando cahi perigosamente enfermo. André conservou-se junto do meu leito sempre que o permittiam os seus estudos e as lições a que tinha de assistir, e quando, finalmente, no delirio da febre, trahi o segredo das nossas reuniões, elle e Roberto sollicitaram e obtiveram licença para velarem, por turnos, á minha cabeceira, de modo que nunca deixei de ter um ou outro a meu lado. Nos intervallos de delirio, André repetia-me um texto consolador do Novo Testamento—precioso livro que já conseguira obter—e o som das bellas e maravilhosas palavras reanimava o meu espirito debilitado e fazia renascer em mim o desejo de tornar a ouvir as practicas evangelicas.

Decorreram quasi tres mezes antes que eu me restabelecesso a ponto de poder voltar ás reuniões. A ultima vez que ouvi Vernou, foi por occasião da Ceia do Senhor, pouco tempo antes de eu voltar para casa, porque tinha-se manifestado a peste em Poitiers e a maior parte dos habitantes e dos estudantes fugiam da cidade tomados de terror. Tendo-me aconselhado os medicos a ir para o campo, a fim de recuperar a saude, resolvi acompanhar meu pae que estava para ir a Poitiers. Eu tinha conversado algumas vezes com Vernou, e as palavras de benevolencia com que me animava tinham unido os nossos corações.

Na ultima noite em que lhe fallei, alludiu elle, com amor e com bondade, ao meu restabelecimento. Ai! quem havia de dizer-me que só tornaria a vê-lo no meio das chammas, atado a um poste,—morrendo martyr pela fé!

Houve uma grande reunião, na gruta, n'aquella noite, porque Vernou estava de partida para os valles do Valdeuse, em direcção a Genebra.

Como sabes, muitos dos convertidos da Egreja Reformada consultavam Calvino, frequentemente, ácerca de pontos relativos á fé protestante, e recebiam do grande mestre instrucções para se guiarem. Genebra era n'aquelle tempo, e foi mesmo depois, uma cidade de refugio para os protestantes perseguidos. Era já tarde quando André e eu chegámos á gruta, porque tínhamos sido detidos pela visita inesperada de Eugenio Gubert, o qual, ao que parecia, estava em Poitiers havia algumas semanas: segundo me informou,

o seu amigo reitor mandara-o completar ao collegio, em alguns mezes, o curso de theologia, antes de se ordenar. Quando chegámos á gruta estava quasi terminada a reunião, e Vernou concluia o seu discurso. Louvava o grande reformador.

--Poucos homens, —dizia elle—teem sido tão mal comprehendidos e tão mal representados como Calvino. Quantas vezes lhe ouvi eu discutir, aqui n'esta gruta, a doutrina —contraria ás Escripturas—do sacrificio da missa! Uma vez, debatia elle esta questão com o seu patricio, o lente Carlos Le Sage, o qual sustentava a realidade do sacrificio, realidade que Calvino negava, provando pelas Escripturas que era impossivel e opposta á boa doutrina christã. Calvino chegou a indignar-se, e, atirando ao chão o seu barrete do pelles exclamou, erguendo os olhos para o céu:

—Senhor, se no dia do julgamento me reprehenderes por não ter ido á missa, e por a haver esquecido, responder-te-ei:—Senhor, tu não me ordenaste que o fizesse! Aqui está a tua Lei! Aqui estão as Escripturas que me deste como regra e como guia; não encontro n'ellas outro sacrificio senão o que foi offerecido no altar da cruz.

Póde datar-se desde então a rejeição do dogma da presença real, e o sacramento da Ceia do Senhor tornou-se o que o Senhor quiz que elle fosse—uma commemoração tocante da sua morte, e un symbolo da união espiritual dos verdadeiros crentes, entre si, e com o seu Senhor e Salvador. D'ali por diante foi celebrada a Ceia do Senhor, com esta significação, nas reuniões que faziamos na gruta e nos subterraneos do collegio.

Alguns dias depois veio meu pae buscar Ivelone, que já estava quasi uma senhora e tinha acabado os seus estudos. Como meu pae tivesse convidado André e Roberto para passarem algum tempo connosco na herdade, fomos todos juntos para casa, muito contentes e satisfeitos.

—Mas parece-me,—disse o abbade—que são horas de jantar. Olha—continuou elle, apontando para uma pequena estalagem—vamos sentar-nos debaixo d'aquellas arvores, ao pé do fresco regato que além corre.

—Não deixa de ser muito agradável, e estou certa de

que a mula tambem não desgostará de descansar, — disse Anésia, apeando-se.

A boa da estalajadeira collocava, pouco depois, em frente dos dois viajantes, uma refeição que se compunha de ovos fritos, manteiga fresca, leite, maçãs e peras recentemente colhidas, nozes, e pão escuro de centeio.

—Creio que poderemos, emfim, sentarmo-nos e comeremos em segurança, porque Fontenay já nos fica muitas milhas para traz, e não temos visto nem ouvido noticia dos creados de Madame de Saint-Aunais.

—Como sabe bem estar a gente livre de perigo! Porquo, segundo creio, já estivemos em grave risco por uma ou duas vezes, não é verdade, snr. abbade?

—E' verdade, é! Quanto a mim, o risco não foi grande, porque, felizmente, tenho no conde de Pontarlier um poderoso amigo; mas receio que me tivesse visto em grandes difficuldades para te livrar das mãos de Madame de Saint-Aunais, dado o caso que houvesse caído em seu poder.

—Egual receio tenho eu, snr. abbade; mas, diga-me, estamos ainda muito longe da herdade do Marais, para onde me leva?

—Não, não estamos muito longe, apesar de termos feito um grande rodeio, á cautella. Esta tarde havemos de passar ao pé de Oulmes, onde começa a região pantanosa, que abrange a maior parte d'este paiz, e offerece muitas difficuldades aos viajantes.

—Creio, snr. La Motte, que se tem affastado muito do seu caminho, por minha causa.

—Sim, Anésia; quando chegarmos á herdade, para onde te conduzo, estarei ainda a boa distancia da minha parochia; mas nunca me importou viajar. Tenho atravessado por varias vezes, a maior parte da França e não me preocupo com as distancias.

—Snr. La Motte,—perguntou Anésia,—como se chama a sua parochia, e em que parte do paiz é situada?

—Chama-se Valembrose, e é uma pequena aldeia distante umas trinta milhas de Fontenay, para o occidente.

—E agora, snr. La Motte, diga-me...—Anésia, porém, hesitou e interrompeu-se.

—Então, filha, o que é que ias a perguntar?

—Receio affligil-o com a minha pergunta...

—Não tenhas receio, Anésia. Até me parecez que sei o que ias perguntar-me.

—Bem, snr. abbade, como é que poude fazer-se padre da Egreja do papa e celebrar missa aos seus parochianos, sabendo, como sabe, que a doutrina papal é opposta ás Escripturas e offende a Deus? Perdoe-me se o afflijo, snr. abbade.

—Não tenho que perdoar, Anésia; mereço a tua censura. Dizes bem! como pude eu fazer tal coisa! E' difficil a desculpa, porque não pôde haver desculpa para as más acções, por maior que possa ser a pena em que incorramos por seguirmos o mau caminho; mas o motivo que ditou o meu procedimento foi o amor e a compaixão para com a minha pobre mãe, cheia de desgostos. E' certo que não dei ouvidos ás palavras que dizem «o que ama a seu pae ou a sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim;» mas tambem é certo que ainda não ouviste o resto da minha historia. Emquanto aos meus parochianos de Valerbrose, só tenho, felizmente, a meu cargo umas cento e cincoenta almas—incluindo as creanças; é uma gente muito pobre e muito simples. Ha dez annos, quando entrei no exercicio das minhas funcções, eram totalmente ignorantes. A principio repelliram todas as minhas tentativas, porque me julgavam um estranho entremettido; agora, porém, amam-me e confiam em mim, e como aprenderam comigo tudo quanto sabem—principalmente pelas Escripturas—acceitam sem contestação tudo o que lhes digo. Creio que não poderia continuar a exercer o logar que exerço se fosse obrigado a ensinar-lhes todas as doutrinas da Egreja Catholica Romana, das quaes eu mesmo supponho ignorar ainda grande parte.

—Muito obrigada lhe fico, snr. abbade, pelo que acaba de dizer-me. Muito folguei em saber que os seus parochianos são instruidos na verdade.

—Está aqui fresco,—disse o abbade, depois de um curto silencio—debaixo das arvores e junto do regato, e, se não tens grande pressa de continuar a jornada, ficaria aqui uma ou duas horas a descansar, porque tenho os pés doridos em

consequencia da longa marcha atravez da planicie pedregosa. Chegaremos ainda com dia a um pequeno casal sobre a margem do Aulise: passarás ali a noite em companhia de umas boas aldeãs em cuja casa costume pernoitar duas vezes por anno, quando vou tratar dos negocios do conde de Pontarlier; deixar-te-ei ali e seguirei até Courdant, a fim de fretar um barco que nos leve pelo Antise abaixo, e virei buscar-te pela manhã.

—Está dito, snr. abbade; descançaremos aqui um bocado. Tenho pena de não me ter lembrado d'isso mais cedo.

—Mas não teria eu consentido, porque estava ancioso por me vêr fóra do alcance d'aquelle dois bravos e intelligentes servos de Madame de Saint-Aunais,—observou o abbade, rindo.

—Então, ámanhã de manhã estaremos a atravessar o Marais? perguntou Anésia.

—Amanhã chegaremos a Oulmes e a Courdant, que ficam parte na planicie e parte no Marais.

O coração de Anésia entristeceu com a ideia de ter de separar-se, como sabia que ia succeder, do bom abbade, do antigo e verdadeiro amigo de seu pae, e a pobre rapariga ficou silenciosa. Mas o snr. La Motte, advinhando a causa d'aquelle silencio, tornou a servir-se do antigo expediente de lhe desviar a attenção de si propria, perguntando-lhe se queria que elle continuasse a sua historia.

—Da melhor vontade,—respondeu Anésia.

CAPITULO XII.

Continuação da historia do abbade

Ha, porventura, algum logar, sobre a terra, que nos seja tão caro, tão doce, como o nosso lar? Para lhe conhecermos o valor, para lhe comprehendermos as bençãos, é preciso que o deixemos por algum tempo. Aonde, perguntamos, aonde houve jámais pae e mãe que nos amassem mais do que os nossos? aonde campos e searas tão frescos e tão viçosos? aonde arvores e flores mais bellas? Não era simplesmente esta ou aquella feição, que tornavam o nosso lar tão doce e tão precioso,—era o lar querido da familia, em todo o seu circulo de vida, occupado pela presença dos entes mais caros, era a tranquillidade pacifica, e a liberdade santa.

Assim, pelo menos, pensavamos, Ivelone e eu, quando nos sentavamos á sombra dos queridos e velhos limoeiros, conversando em assumptos varios. Além, nos campos, andavam meu pae e José, atarefados em gradar a terra recentemente lavrada, cantando, por turnos, aos jungidos bois, para os animarem a trilhar o fertil solo. Era n'uma tarde dos principios de maio. N'uma moita proxima, o rouxinol soltava trinados de amor, brandos murmurios e suaves aromas nos trazia a viração da tarde, e os nossos corações uniam-se em amor, alegria e gratidão.

Ivelone permanecera silenciosa durante alguns momentos. Perguntei-lhe em que pensava. Respondeu-me que pensava em como ensinaria a outras pessoas as boas coisas que aprendera, em como poderia fazer participar, seu pae, sua mãe, José, e toda a gente que conhecia, da leitura do bello livro que a abbadessa lhe tinha dado. —Porque é preciso que saibas, Huberto,—me disse ella—que Deus tambem os ama, e não quereria que guardassemos para nós as boas novas que sabemos.

Eu já tinha pensado n'isso, e teu pae tambem, e tanto que n'aquella manhã tinhamos estado a fallar sobre este assumpto com Roberto. Disse-lhe, pois, que se meu pae quizesse, poderíamos juntar no celleiro todos os creados da her-

dade e da lavoura, na tarde do proximo domingo, e lêr-lhes uma porção do Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Christo.

Ivelone ficou encantada com esta ideia, e propoz que fossem tambem convidadas as mulheres e as creanças, ao que me oppuz, por me parecer melhor e mais prudente reunir só os homens, da primeira vez, visto ser o livro novo e desconhecido para elles, e serem os camponezes, em geral, muito afferrados aos seus usos e costumes: podiam assustar-se.

—Sabes melhor do que eu,—respondeu Ivelone.—Faz-se como tu entenderes; mas quando essas queridas almas ouvirem as preciosas e amantissimas palavras, ellas se encarregarão de trazer todos os entes que lhes são caros.

Assim, foi resolvido que Ivelone fizesse o pedido a meu pae, n'aquella tarde. Eu sabia que elle havia de consentir, porque a amava tanto que nunca podia resistir aos seus modos ternos e suaves; e não era para receiar-se que minha mãe se oppozesse, se o pae consentisse, porque tudo quauto elle fazia era justo e prudente aos olhos d'ella. Meu pae poucas observações fez quando soube o que desejavamos, e que livro queriamos que fosse lido.

—Bem. Façam o que entenderem. Agrada-me a sua ideia, por ser o livro de Deus que querem lêr, e elle é mais precioso do que o oiro. O mais que podemos fazer é irmos ouvir e aprender, para vêrmos se nos tornamos tão bons e tão felizes como tu és, minha filha.

A mãe ficou assustada ao saber do nosso projecto; perguntou a meu pae se o livro não era heretico, e se tal leitura não poderia ter consequencias graves e chamar sobre nós a colera da Igreja.

—Se a leitura do livro de Deus pode ter consequencias graves, não o sei; mas sei que não deve tel-as. Emquanto a sermos molestados por homens perversos, lá está Deus para tomar conta das nossas almas; Elle cuidará de nós, creio firmemente, se padecermos pelo seu amor. Demais. que me importa a colera da igreja? Deus é maior do que a Igreja. Sou o unico senhor na minha casa, e hei de proteger a minha gente, quanto estiver ao meu alcance,

se elles tiverem de padecer por obedecerem ás minhas ordens,—disse meu nobre pae.—Meus filhos—continuou elle, voltando-se para nós quatro, que anciosamente esperavamos a sua ultima palavra,—nas minhas idas a Poitiers tenho tratado com alguns excellentes homens, que pertencem á religião nova, e nunca vi que elles receiassem fallar-me ácerca d'este santo e maravilhoso livro. O testemunho que d'elle davam era tão agradavel que tenho desejado ouvir mais a seu respeito, e agora sois vós. meus filhos, que m'o trazeis! Na verdade, Deus é bom.

Ivelone tratou de ir ter com toda a gente da lavoura, quando estavam no trabalho, e manifestou-lhes, como convite e como ordem, que o sr. Cavalleiro—que assim chamavam a meu pae,—desejava que elles, seus filhos e seus paes, comparecessem na eira grande, na tarde do primeiro domingo, para ouvirem o filho de seu amo lêr um bello e optimo livro, parte do qual, segundo ella dizia, lhes era conhecido. Como era natural, todos prometteram logo comparecer, porque estimavam e respeitavam meu pae, que era um amo justo e bom. Tinhamos combinado que se leria o Novo Testamento sem explicações, mas se alguém fizesse qualquer pergunta ácerca do que tinha ouvido, lhe responderia teu pae, o nosso caro André Robineau, que se dedicara ao estudo das Escripturas: não que nós esperassemos que n'esta primeira reunião se fizessem perguntas; mas porque sabiamos que a Palavra da Verdade por si mesma se recommendaria aos corações dos nossos aldeãos, honrados e simples, apesar de ignorantes e supersticiosos.

Arranjámos a eira de modo a poder accomodar a nossa pequena congregação; reservando um espaço, na parte superior, para o leitor dos Evangelhos, e outro logar para meu pae, minha mãe e Ivelone, em frente do povo. André e Roberto ficaram ao lado de mim. A reunião foi pouco numerosa, umas trinta pessoas, ao todo. Ao principio os pobres homens pareciam enfadados; mas quando André terminou a sua oração, os olhares de enfado, e porventura de reprovação, desappareceram, e todos escutaram com seriedade e manifesta emoção. Li parte do 1.º capitulo do Evangelho de João, os tres ultimos de Matheus, o 3.º, 4.º e 5.º

da Epistola aos romanos. Vi deslizar lagrimas por muitos d'aquelles rostos tismados pelo sol. Minha mãe chorou, em silencio, ao ouvir as narrativas da agonia no horto e da crucificação, e meu pae estava muito commovido. Conforme esperavamos, não se fez pergunta alguma, mas dois ou tres dos mais idosos, depois de trocarem algumas palavras com os seus amigos, foram ao encontro de meu pae, que ia saindo da eira, e pediram-lhe, em nome dos companheiros, que tornasse a reunil-os o mais breve possivel, pois desejavam continuar a ouvir a leitura d'aquelle livro, que continha coisas como elles nunca tinham ouvido.

Esta reunião foi prologo de outras; era tal a vontade que aquella boa gente tinha de ouvir lêr as escripturas, e de que lh'as explicassem, que instei com meu pae para lhes permittir que trabalhassem na herdade, nas noites de luar, por mais uma hora ou duas, para assim poderem assistir á leitura do livro de Deus e receberem algumas explicações durante uma hora em cada noite, sendo possivel. Não preciso dizer que começaram logo a trazer as mulheres e os filhos. Alguns continuaram a assistir, como de costume, aos serviços da sua igreja, outros diziam que não podiam, ou que não estavam para isso. Meu pae e minha mãe anciavam por ouvir a leitura e as explicações das Escripturas; todas as noites nos sentavamos todos em roda da mesa, para estudarmos juntos a Palavra de Deus, e tinhamos reunião na eira tres vezes por semana. Como a Igreja da aldeia ficava muito distante da herdade, e os caminhos eram muito perigosos, esperavamos que não seria notado o faltarmos á missa,—e talvez assim tivesse acontecido se não fossemos trahidos por Eugenio Gubert.

Creio que Eugenio suspeitava que eu assistira a alguns serviços protestantes em Poitiers, e posto que não houvesse descoberto a reunião da gruta e dos subterraneos do Collegio, tivera noticia de que eu, no meu delirio, dera a entender que sabia de algumas assembléas hereticas, e que as frequentava. O seu coração trasbordava odio contra todos nós, e só esperava uma occasião para se vingar do desprezo e do desdem com que o tinhamos tratado a ultima vez que elle fôra á herdade. E' evidente que não nos espiava

para bom fim, quando descobriu que nos reuníamos, para estudar as Escripturas, escutando á porta do celeiro. Estava então em vigor o edicto do rei Francisco. Era sufficiente denunciarem-nos como propagandistas das novas doutrinas para incorrerem nas penas de prisão, confiscação de bens, até na pena de morte : e Eugenio sabia-o perfeitamente. A principio deixavamos sempre um homem de vigia, fóra da porta do celeiro, mas como já havia decorrido um mez inteiro sem novidade apparente, e como a herdade estava encravada nos campos—longe de qualquer habitação humana,—tinhamos dispensado aquella precaução.

Aconteceu, por felicidade, que na occasião em que os soldados foram mandados dissolver a nossa reunião e prender alguns de nós, por ordem do logar-tenente de Poitiers, só muito poucos estavam presentes, visto que a maior parte dos cultivadores, e muitas das mulheres andavam a trabalhar com meu pae, e Ivelone ficara em casa, a acompanhar minha mãe, que estava doente. Começa teu pae, querida Anésia, a fazer uma pratica sobre um ponto do Novo Testamento, porque os congregados estavam anciosos por comprehenderem as Escripturas, quando entrou repentinamente no celeiro um rapaz, filho de um dos nossos trabalhadores, gritando : Fugam ! fugam ! veem ahi soldados e muita gente da aldeia, pela azinhaga abaixo, para os prenderem. Esconda-se patrão ! esconda-se depressa, que ainda ha tempo !

Tratámos, immediatamente, de fazer sair os velhos e as mulheres. Os trabalhadores, que ali se achavam, queriam ficar de guarda a mim e aos meus dois amigos, mas eu ordenei-lhes que acompanhassem os invalidos e as mulheres e os conduzissem a logar seguro, ao que promptamente obedeceram. Sem perda de tempo, segui, com teu pae e com Roberto, por um caminho escuso, em direcção a uma antiga fonte, em ruinas, debaixo da qual havia um cubiculo, onde vivera, em tempos, um ermitão. Apenas cabiam ali tres pessoas ; a entrada ficou completamente occulta por pedras e por matto, que amontoámos na abertura. Tudo isto se passára tão rapidamente, que nem tempo tiveramos para pensar ; atormentava-me a idéa do que te-

ria acontecido a Ivelone e a meus paes. Quiz ir immediatamente em procura d'elles, mas Roberto e teu pae obri-garam-me a ficar, mostrando-me quanto era imprudente esse passo. André fez-me comprehender que nem eu, nem mesmo nós tres, seriamos capazes de os livrar, dado o caso que tivessem caído nas mãos da soldadesca.

—Teu pae está, por felicidade, no campo com os seus homens, tua mãe está na cama, e a menina de Malloé serve-lhe de enfermeira. A nossa presença não faria senão pôr em risco a sua segurança,—disse André — O conde sabe onde tu poderás ser encontrado, e, ou virá procurar-te pessoalmente, ou, se não puder vir, mandará alguma pessoa de sua confiança logo que anoiteça.

Compreendi quanto eram sensatas as observações de André, e temendo que a sua situação se aggravasse caso eu fosse descoberto, conservei-me occulto nas ruínas, bem contra minha vontade. E afinal, André tinha razão ; porque pouco depois ouvimos um signal de reconhecimento e alguém que me chamava, pelo meu nome, á entrada. Meu pae mandava dizer-nos que nos conservassemos escondidos até que elle proprio viesse ter connosco. Estavam todos livres de perigo mas ia proceder-se a uma busca para nos prenderem, a mim e aos meus dois amigos. Nunca as horas me pareceram tão compridas, nem a luz do dia tão fastidiosa, como n'aquella tarde. Passaram-se quatro ou cinco horas, ia escurecendo, mas não havia o menor signal de meu pae. Por fim a minha anciedade tornou-se tão grande que resolvi seguir pelo caminho de casa, acontecesse o que acontecesse.

Arrastei-me para fóra das ruínas, e corri em direcção a nossa casa.

Por fortuna, havia um espesso nevoeiro, que me permitiu atravessar os campos sem ser visto, comquanto eu tivesse o cuidado de me occultar o mais possivel por detraz das sébes. Caminhava apressadamente pelo ultimo prado quando vi um vulto negro, que se dirigia furtivamente para a casa. Occultei-me atraz de uma arvore e observei-o, cheio de curiosidade por saber quem era e o que queria aquelle homem, pois era com certeza um homem que ali

ia. Hesitava, sem saber se devia ou não segui-lo, quando ouvi passos atraz de mim e uma voz conhecida que me chamava. Voltei-me, e reconheci Collin, o pastor.

— Senhor Huberto, não vá ainda para casa, — disse elle. — O sr. Gubert tem andado vagando em roda da casa desde que os soldados saíram da herdade. Elle, e dois outros padres do seminario, instaram com o capitão para que levasse presos o sr. cavalleiro, sua esposa e a menina de Molloé; mas o capitão oppoz-se, porque, segundo disse, só trazia instrucções para prender os que fossem encontrados a assistir á reunião, e quando chegara não tinha achado pessoa alguma no celleiro. O sr. Gubert, porém, insistiu em affirmar que elles tinham estado na reunião, e tanto assim que elle e o reitor tinham visto o sr. Huberto entrar para o celleiro com os outros dois senhores, e tinham ouvido lêr lá dentro, pouco antes de partirem em busca dos commissarios do rei. A casa e toda a herdade foram cuidadosamente revistadas pelos soldados, acompanhados pelos padres, ficando entretanto o capitão, que parecia ser uma excellente pessoa, de guarda á familia, com tres dos seus soldados.

Perguntei ao honrado Collin qual era o motivo porque Gubert estava ainda na herdade, e o que tinha elle feito depois da partida dos soldados.

— Oh! — respondeu o bom do pastor — o sr. Gubert disse que o sr. havia de estar escondido ahi por algum sitio, e queria encontral-o. Imagina talvez que o sr. voltará para casa dentro em pouco tempo.

Certo de que aquelles que me eram caros estavam livres, resolvi não me expôr a perigos inuteis, mas pedi a Collin para ir dizer-lhes que estavam em lugar seguro, que nos levassem de comer sendo possivel, que se acautelassem de Gubert que andava por ali espiando, e que tivessem o cuidado de não pronunciarem nomes quando estivessem a conversar na cosinha.

Collin tambem me prometeu vigiar os movimentos de Gubert, e ir informar-nos quando elle partisse.

Decorreram bem duas horas, e como nem meu pae nem Collin apparecessem, começámos a desconfiar de que

teria sobrevido alguma novidade. Emfim, por volta das duas horas da madrugada, vimos um vulto correndo encostado ás sébes em direcção ao nosso esconderijo. Não era meu pae como esparavamos; era a velha Theresa, nossa creada.

—Sr. Huberto,—disse ella—seu pae manda-lhe um recado muito urgente: manda dizer-lhe que fujam do paiz todos tres, sem mais demora. Acaba de chegar muita tropa; a herdade está toda cercada pelos soldados, que não consentem que pessoa alguma da familia possa sair. Amanhã pela manhã hão de ser interrogados todos os trabalhadores, e suas familias, e passar-se-ha uma revista ás suas habitações, afin de se descobrir aonde é que os srs. estão escondidos, porque sabe-se que não saíram das terras pertencentes á herdade. Amanhã pela manhã será já demasiado tarde para tentarem fugir; o sr. e os seus amigos são accusados de fazerem propaganda de doutrinas perigosas e condemnadas, e eu venho aqui dizer-lhe, da parte de seu pae, que a sua presença n'estes sitios não faz senão augmentar o perigo para todos. Ordena-lhe, portanto, que saia immediatamente do paiz, por amor de sua mãe e da menina de Malloé.

Perguntei a Theresa se Ivelone não lhe tinha dado algum recado para mim, e se seria possível encontrarmos antes de partirmos.

—A sua dosposada não pode mandar-lhe recado algum,—respondeu Theresa;—está vigiada muito de perto, e não lhe consentem, a pedido do sr. Gubert, que falle a sós, com seu pae, nem com sua mãe. Como sabe, sou eu quem faz a comida e trata da cosinha: pois ainda agora, quando fui lavar a louça, encontrei entre dois pratos esta tira de pergaminho, que o sr. cavalleiro provavelmente lhe envia, para o caso de pretender escrever-lhe. Eil-a aqui. O sr. é muito instruido, e póde escrever o que lhe approuver; eu farei diligencia por entregar o bilhete á menina.

Peguei no precioso pedaço de pergaminho, e escrevi com uma penna que improvisei de tronco de urze, e molhei no meu proprio sangue. Deligencieei animar a minha amada, entregando-a, bem como meus paos, á segura guarda de Deus.

Disse-lhe que tencionavamos dirigir-nos a Poitiers, e conservarmo-nos ali homisiados até podermos voltar para casa. Estava eu escrevendo isto, quando chegou Collin ; o fiel servo, sabendo que meu pae estava inhibido de fazer o que quer que fosse para nos facilitar a fuga. e que a sua anciedade a nosso respeito devia ser grande, trazia-me o seu melhor fato de pastor, e dois fatos de camponezes para os meus amigos. Lembrando-se de que tivéssemos falta de dinheiro, trouxera-nos as suas economias e as de João—um dos nossos trabalhadores—para as dividirmos entre nós tres ; elle bem sabia que meu pae não deixaria de lh'as restituir. Tambem levava dois bezerros para a cabana de seu pae, afim de nos serem entregues, e aconselhou-nos que nos escondéssemos por alguns dias na floresta proximo de Couhé, aonde iria levar-nos algum recado de casa, se fosse possivel, ou, em todo o caso, dar-nos as noticias que podesse obter ; e instou connosco para que fugíssemos immediatamente, porque os soldados não tardariam em chegar. Acrescentei ainda uma linha á minha missiva para Ivelone, em que lhe dizia que iam fugir para a floresta, e rogando a meu pae que me mandasse noticias por Collin, o qual se prestava a ir ter connosco durante a noite. Vestimos apressadamente os fatos que o pastor nos tinha trazido, e mettendo nas algibeiras o pão de Thereza, despedimo-nos dos nossos amigos com os corações oppressos, e saímos da herdade.

Achámos os bezerros e deixámol-os entregues ao cuidado do pae de Collin, que nos ensinou o caminho mais seguro para a floresta de Couhé, e nos disse que conhecia ali alguns dignos aldeãos, membro da religião nova, que nos auxiliariam em tudo que estivesse ao seu alcance. Chegámos á floresta ao annoitecer, e internámo-nos na parte mais densa. onde dormimos em segurança. Logo ao amanhecer foi teu pae, Anésia, procurar um tal David Roy, antigo amigo de Collin, o qual nos trouxe pão e leite, que muito agradecemos, e nos convidou para assistirmos a uma pequena reunião de protestantes, na floresta, para leitura das Escripturas e celebração da Ceia do Senhor, porque era domingo. Aceitámos o convite com a maior alegria.

Nada nos faltou durante os dez dias que passámos n'a-

quellas immedições, graças ao disvelo e á bondade d'aquella honrada gente. E' preciso, porém, que saibas que eu adoeceira tres dias depois de ter deixado a casa de meu pae, e de me haver apartado d'aquelles a quem amava tão ternamente. Os cuidados constantes pela segurança d'aquelles entes queridos, e a fome, o frio e as privações que tive de sofrer, foram fortes de mais para mim. Collin fôra ter comnosco á floresta, dois dias depois, como nol-o promettera. Era portador de um bilhete de meu pae, mas as noticias não eram animadoras. «Ivelone — escrevia meu pae — está muito doente; o desgosto de se separar de ti sem poder despedir-se, o susto e a anciedade por ti, por tua querida mãe e por mim, e o receio pelas consequencias que esta persoguição poderá vir a ter para todos nós, prostraram-n'a com febre.

Estamos muito receiosos de que a pobre creança venha a trahir, nas suas horas de delirio, o sitio em que te propões occultares-te, porque o seu espirito está sempre contigo, e não faz senão pedir ao bom Salvador que te proteja. Felizmente, ignora onde te encontras, n'este momento.»

Dizia-nos, em seguida, que eram vigiados de dia e de noite; estavam aquartellados na herdade trinta soldados e um capitão, os modos rudes e grosseiros dos quaes muito incommodavam a familia. Eugenio Gubert, o auctor de toda a nossa desgraça, e o reitor do seminario não tinham saído da herdade, na esperança de virem a apoderar-se de mim. A carta de meu pae terminava por estas palavras, escriptas muito á pressa: «Não vão para Poitiers, e fujam da floresta quanto antes.»

E' desnecessario dizer que o cuidado em que eu estava por Ivelone e por meus paes, augmentou ainda com a leitura de taes noticias. Nada podia fazer para protegel-os; pelo contrario, a minha presença em casa só serviria para lhes acarretar maiores perigos. Supponho que apanhei um grande resfriamento por ter dormido debaixo das arvores. pois achei-me tolhido com dôres em todo o corpo, e apesar de desconfiarmos, em vista das ultimas palavras da carta de meu pae, que o nosso esconderijo fôra descoberto, encontrei-me na impossibilidade de continuar a jornada. Teu pae e Roberto não quizeram abandonar-me, por mais que eu

lhes pedisse que tratassem do se pôr a salvo. David Roy insistiu em levar-me para a sua cabana, a despeito do perigo, que corria, de ser condemnado a uma morte affrontosa, por haver dado agasalho a um protestante. Em casa d'este Bom Samaritano fui tratado, por elle e por sua mulher, com todas as atenções e carinhos.

Quando me senti um pouco melhor, resolvemos caminhar atravez das montanhas da Saboya, em direcção a Genebra, cidade de refugio para os perseguidos protestantes. N'esta occasião resolvemos tambem adherir á Egreja Reformada,—não que, por minha parte tivesse sido instruido, como o nosso querido André, na verdade de Deus. Estava ainda aferrado a muitos dos erros da doutrina romanista—mas André desejava ardentemente que eu fosse apresentado a Calvino, e fosse instruido por elle. Não cheguei a Genebra, porque tive conhecimento, em Chambéry, de noticias que me obrigaram a voltar, a toda a pressa, para minha casa, ou antes para o que tinha sido, n'outros tempos, a minha querida e feliz casa; André, porém, e Roberto, seguiram, sósinhos a instancias minhas, o caminho de Genebra, onde ficaram durante alguns mezes, e onde muito aprenderam, com o grande theologo, das Sagradas Escripuras.

Ao sairmos da floresta, tinhamos substituido os nossos trages por outros que arranjáramos em Couhé: Roberto disfarçou-se em bofarinheiro, eu em alfaiate ambulante, e André em cirurgião. Por conveniencia propria, não viajavamos sempre juntos, posto que nunca nos perdessemos de vista e que uma vez por outra nos reunissimos.

E' escusado contar-te, Anésia, todas as nossas aventuras e os perigos por que passámos; teu pae certamente t'os contou. Creio que lhe ouvirias fallar do que lhe aconteceu na aldeia de St. Bornett, proxima da ponte do Arve, onde quizeram prendel-o e condemnal-o como feiticeiro, por haver curado uma pobre mulher de uma grangrena na mão, com um simples remedio que lhe ensinara teu avô, que era, como sabes, um medico distincto.

—E' verdade, sr. abbade. Recordo-me de meu pae me haver contado essa historia, e até de me haver dito que

a imbecil da doente, instigada pelo curandeiro da aldeia que certamente invejava a pericia de meu querido pae, affirmou, sob juramento, que elle fizera sortilegios sobre o vaso em que fervia aservas para lhe fazer o remedio,— disse Anésia.—Não foi n'essa noite que meu pae conseguiu fugir, graças ao seu auxilio e ao do snr. Fonteneau?

—Foi, sim, minha filha, e isso nos obrigou a mudarmos do caminho; evitámos a ponte do Arve, e fomos de volta por Chambéry, porque ouvimos dizer que iam ser ali executados alguns protestantes, dentro em poucos dias, e desejavamos saber os nomes d'esses martyres. Sabiamos que o santo Vernou tencionava visitar Genebra, e os nossos corações estavam cheios de apprehensões a seu respeito. Estavamos no principio de outubro, e tinhamos partido da herdade em junho. Dirigimo-nos para Chambéry, a toda a pressa, e chegámos lá ao quarto dia de marcha. Quando entravamos na cidade, vimos que muita gente corria precipitadamente na mesma direcção. Compreendemos que alguma coisa extraordinaria estava para acontecer; grande temor se apoderou dos nossos corações, e seguimos com a multidão, que crescia de numero a cada momento. Em breve chegámos á praça do mercado, e, impellidos pela gente que vinha atraz de nós, achámo-nos em frente do proprio cadafalso. Ficámos mesmo ao pé do logar onde aquelles santos martyres iam morrer. Roberto estava muito agitado, e poz-se a soluçar quando viu, de pé sobre o cadafalso, Vernou e os seus quatro amigos, manietados, á espera que se cumprisse a sentença.

Não posso descrever-te aquella scenã; durante annos inteiros tive presentes aquelles momentos terríveis. Não ha palavras que possam descrever a agonia e o desespero que senti ao fitar os semblantes pallidos, tranquillos, resignados, mas radiantes e quasi alegres, d'aquelles bemaventurados martyres. Desejava encontrar o meu olhar com o de Vernou. Desejava animar aquelles homens com palavras de sympathia e de promessa do proprio Deus; mas era tão intensa a agonia do meu coração, que a lingua se me pegou, litteralmente, ao céu da bocca, e fiquei como mudo, sem poder articular uma palavra. Não aconteceu outro

tanto a teu pae, que estava a meu lado, junto do cadafalso, pallido como um cadaver e com os labios tremulos de emoção. Vernou pronunciou algumas bellas e edificantes palavras antes que o algoz se apoderasse d'elle — que era o primeiro a ser estrangulado e queimado —; subitamente, teu pae ergueu as mãos, exclamando com voz firme: — Alegra-te, João Vernou! santo de Deus, em breve estarás, para sempre, na presença do teu Senhor, em companhia d'aquelles que, assim como tu, são fieis até á morte, por Seu amor! — Creio que Vernou ouviu estas palavras, porque se voltou, por um momento, para teu pae. Illuminava-lhe o rosto um sorriso de jubilo celestial.

N'este momento Roberto Fonteneau caiu desmaiado, talvez por haver querido conter a sua emoção. Eu tinha tapado os olhos com as mãos para não ver a agonia de Vernou; mas vendo o que succedera ergui o olhar, e avistei dois frades que segredavam entre si, contemplando André com ar ameaçador. Agradei a Deus, no meu coração, a boa oportunidade que me dava, de subtrair André e Roberto aos olhares dos frades, cuja desconfiança era manifesta. Dei uma palmada no hombro de André, dizendo: — Amigo, queira ajudar-me; desmaiou um homem aqui ao pé de mim, e bom seria que o levássemos para fóra d'esta multidão. Levámol-o, com alguma difficuldade, para um logar afastado, sem que ninguem desconfiasse que eramos seus amigos. Roberto voltou a si pouco tempo depois; a scena da execução de Vernou, e dos seus amigos tinha sido forte de mais para o seu terno coração. Eu tambem não teria tido animo para a presenciar, se não fosse lembrar-me que Vernou poderia reconhecer-nos, e sentir alguma consolação pela presença de amigos verdadeiros.

O testemunho d'estes nobres martyres da verdade de Deus encheu-me do desejo de os imitar. N'aquella occasião tive vontade de me apresentar ousadamente ao lado d'elles, e declarar que professava a mesma fé, — e tel-o-ia feito, se não me houvesse contido a consciencia de que eu não era mais do que uma creança em Christo, e que, como tal, não podia honral-o como elles tinham feito. Ai, Anésia! que alegria devia ser a que aquelles santos sentiram ao

ouvirem a voz do seu Salvador dizer-lhes:—«Servos bons e fideis, entrae no goso de vosso Senhor.» Creio, porém, que se eu os houvesse imitado, teria commettido um insolente peccado por minha vontade e para minha propria gloria: teria esmorecido e teria deshonorado o Salvador. Tinha sido Deus que, deferindo a uma oração, nos fizera testemunhas do martyrio de Vernou e dos seus quatro amigos, como vaes vêr.

Teu pae e eu estavamos sentados em companhia de Roberto, debaixo da arvore para onde o tinhamos levado, e conversavamos ácerca do triste espectaculo que viñhamos de presenciar, quando se acercou de nós um manco trajando de carreiro.

—«Amigos—disse elle—assisti, junto de vós, á morte dos bemaventurados martyres. Tenho pedido a Deus, ha algumas semanas a esta parte, que me conduzisse para vós, e eis que Elle ouviu a minha oração, porque me trouxe para onde estaes. Não me conheces, Huberto?»

Decorreram alguns momentos antes que eu pudesse recordar-me d'aquelle rosto, posto que a sua physionomia aberta e o seu modo franco me parecessem familiares. Brillou então pela minha memoria a lembrança de um dia passado na herdade, alguns annos antes. — Jorge Laroche! é possível? — exclamei. Era Jorge; Jorge, a quem eu amava e respeitava, e que tinha perdido de vista havia muito tempo. Contou-me em poucas palavras a sua historia, desde que fugira do seminario, e disse-me que visitara a herdade de meu pae havia pouco tempo. Conheci, pelos seus modos, que tinha ruins noticias a communicar-me. Declarei-lh'o e roguei-lhe que me contasse tudo immediatamente. — Ivelone morreu? — perguntei-lhe eu, angustiado pelo receio de que assim tivesse acontecido.

—Não, meu caro Roberto, mas ficava muito fraco e muito doente quando, ha seis semanas, sahi da herdade.

—Tinha alguma febre de mau character?

—Não, não tinha febre.

Instei com Jorge para que me dissesse toda a verdade, por mais dolorosa que fosse, e, fazendo-lhe perguntas sobre perguntas, vim a saber tudo. A minha Ivelone, a

minha amada, tinha caído n'um profundo desanimo, e a vida extinguiu-se-lhe pouco a pouco. Anhelava por tornar a vêr-me antes de partir e de ir augmentar, com mais um anjo, o côro celestial.—A sua oração de dia e de noite, — concluiu Jorge—é que Deus, em seu terno amor, permitta que tu voltes para casa antes que ella morra.

Fiquei anniquilado com taes noticias ; o golpe era subito e inesperado. O meu unico pensamento foi voltar logo para junto d'ella ; torturava-me a idéa de que poderia não chegar já a tempo. Quiz parecer-me que Jorge suppunha que já seria tarde mesmo que partisse immediatamente, e disse-lh'ô.

Jorge fez quanto pôde para me animar ; o pobre rapaz viera todo o caminho com a esperança de nos encontrar e de voltar commigo para casa de meus paes. Depois disse-me que meu pae e minha mãe já não estavam na herdade. A propriedade tinha sido confiscada, e meu pae perdera a maior parte da fortuna que tanto lhe custara a ganhar. Com algum dinheiro que lhe tinha ficado, o meu querido e nobre pae comprara uma pequena casa e um pedaço de terra nas immedições da herdade. Felizmente, segundo Jorge me disse, não se sabia que minha mãe possuia uma pequena fortuna, na qual ninguem bulira, portanto. Meu pae tivera um grande desgosto com a perda da propriedade, por causa de mim, mas dissera a Jorge que de bom grado perderia tudo por amor do seu Salvador, que tanto soffrera por elle.—E minha mãe?—perguntei eu, porque conhecendo o seu coração timido, terno e affectuoso, receiava que a sua constancia cedesse ante os soffrimentos d'aquelles a quem tanto amava, dando logar á infidelidade.— Essa diz que teu pae padece por amor da justiça, e deseja ardentemente padecer tambem. E' ella a primeira a incitar teu pae a permanecer fiel, e a não ceder ao tentador nem tanto como o ponto de um i ; mas o que é verdade é que os desgostos e os sobresaltos pelo cavalheiro o pela menina de Malloé, e mais ainda por ti, que és a menina dos seus olhos, tem-n'a acabado muito. Parecia fatigada e doente quando parti de sua casa em procura de ti, e lá ficaram esperando em que eu regressaria comtigo, caso

Deus se dignasse attender á nossa oração ; e bem vês que attendeu, e por um modo inteiramente inesperado. A julgar pelo que me disseram na floresta, suppunha que estarias a estas horas em Genebra. Por certo não esperava encontrar-te a assistir á morte dos bemaventurados martyres ; na verdade, foi o que muitos chamam *acaso*, o que me trouxe a Chambéry. Perdi-me ao atravessar as montanhas, e tomei a estrada que conduz a estes sitios, sem saber para onde ia. A noite passada ouvi fallar a respeito de cinco herejes que deviam ser estrangulados e queimados hoje, na praça do mercado, e assim vim, ou antes fui arrastado pela multidão, até ao logar do supplicio. Estava mesmo atraz de ti, Huberto, e mal sabia que tambem estavas ali. Ouvi as palavras que o teu amigo disse ao martyr moribundo, e vi o teu outro amigo desmaiar. Quando te voltaste para elle, reconheci-te instantaneamente, tanto pela recordação que de ti conservava, como pela descripção que tua mãe me fez de ti e dos teus amigos. Quão maravilhosas são os caminhos de Deus, e incomparaveis as suas graças !

— Sim, é na verdade um Deus que ouve as orações e que cumpre as promessas !—exclamei eu.

— Mas diga-me, meu caro sr. La Motte, sempre chegou a casa são e salvo? . . . — Anésia ia a perguntar-lhe se tambem chegara *a tempo*, mas vendo que o abbade se callara subitamente, e fazia esforços para reprimir a sua emoção, alterou a pergunta,

— Sim, cheguei a salvo, e em deferimento ás nossas orações, cheguei tambem a tempo, muita a tempo para vêr a minha Ivelone entregar o seu espirito A'quelle de quem o recebera. Não posso fallar muito d'esse tempo, mas, em todo elle, manifestou Deus o seu affectuoso cuidado e a sua terna misericordia, protegendo-nos e guardando-nos dos nossos inimigos. Quando cheguei á minha nova casa, vim a saber que, como eu e os meus amigos fugiramos sem deixarmos vestigio dos nossos passos, os soldados haviam retirado; e que, apesar da minha familia ser vigiada, haviam permittido que meu pae e dois trabalhadores cultivassem o bocado de terra pertencente á casa. Eu tive,

naturalmente, de occultar-me, mas o meu querido pae, na sua fé forte e simples, crendo que Deus havia de permitir, em deferimento ás suas orações, que eu regressasse a casa são e salvo, havia mandado preparar, para me receber, a pequena cella do ermitão. Todas as noites me levavam lá a comida, e, logo que escurecia, Jorge, o mais verdadeiro e o mais dedicado dos amigos, que insistira em ficar, com o nosso fiel Collin, por trabalhador de meu pae, ia ter comigo á cella, quando via que não havia perigo, e trazia-me para junto de Ivelone e de meus paes, com quem eu passava algumas horas enquanto elle ficava de atalaia; e assim aconteceu, durante cerca de tres mezes. Dia a dia, hora a hora, vi a pobre creança ir definhando; todavia aquellas horas eram preciosas para mim, por saber que a minha presença era uma consolação para ella, e que ella gostava de me ouvir lêr e orar. A palavra de Deus era o seu principal alimento, sempre apetecido. Sustentava-se d'ella de dia e de noite, e muitas vezes quando o excesso de debilidade a impedia de me ouvir lêr, pedia-me que lhe repetisse algumas palavras de graça o de verdade; e quando dispunha de mais alguma força, tratava de me consolar e de me animar a ser fiel e constante ao Salvador que me redimira, incitando-me, ao mesmo tempo, a dar testemunho, se necessario fosse, pela verdade, por aquella verdade que nos libertou do peccado e da morte. — Aconteça o que acontecer — dizia ella — sê fiel a Deus e á sua verdade. Talvez o caminho seja escabroso, e o soffrimento grande, mas será só por pouco tempo, e a recompensa ha de ser agradavel.

Algumas vezes, porém, apoderava-se d'ella a tristeza, em pensar que havia de separar-se de mim; tocava-me então a vez de a animar e consolar: e se eu não implorasse o auxilio de Deus, nada poderia dizer-lhe, tão grande era a agonia do meu coração. Quão forte e verdadeiro amigo é o nosso Deus em occasiões de tristeza, de necessidade e de perigo! sempre prompto a supprir como julga mais conveniente, as necessidades de todos os seus filhos!

A minha querida mãe estava constantemente ao lado de Ivelone, servindo-lhe de enfermeira disvelada e cari-

nhosa; o meu pae, que trabalhava, com Jorge, em lavar e semear os pequenos campos que nos pertenciam, emquanto Collin apascentava as vaccas e as ovelhas nas pastagens, largava ameudadas vezes o seu trabalho para lér um capitulo do Novo Testamento, que conservava cuidadosamente escondido quando d'elle se não servia, ou para orar por Ivelone, antes que eu saísse do meu esconderijo e fosse sentar-me ao lado d'ella.

Devo dizer-te que eu nunca sahia do meu esconderijo antes de anoitecer, porque sabiamos que eramos vigiados; e muitas vezes aconteceu ser a nossa casa visitada pelos emissarios do logar—tenente do Poitou. Por nossa felicidade, Eugenio Gubert esteve em Niort até pouco tempo antes da morte da minha amada Ivelone. Raras vezes nos incommodavam, de sorte que podia passar as noites com meus paes e com a doente, sem correr graves perigos; esta felicidade não devia, porém, ter longa duração. A agonia de Ivelone prolongou-se até ao principio do novo anno, época em que Deus foi servido chamal-a a habitar consigo. A sua morte custou-me muito—muitissimo—não que eu desejasse outra coisa, pois a morte era a melhor solução; se Ivelone vivesse, os desgostos, a perseguição e o martyrio teriam sido a sua sorte. Era muito santa e muito fiel para não ter sido chamada a dar testemunho da verdade—da verdade de Deus—a qual ella dizia frequentemente que não poderia nem se atreveria a negar, por não ser coisa sua, que podesse comprar ou vender. Oh! como a sua morte foi alegre! alegre como a sua vida,—disse o pobre abbade, vencido pela emoção que em sua alma despertava a recordação d'aquelles tristes tempos, que já iam tão distantes.

E continuou, depois de breve pausa:—Como já tive occasião de dizer-te, a minha familia era vigiada, e é de crer que, por isso, chegasse ao conhecimento do parochio da aldeia visinha a noticia do fallecimento de Ivelone, o qual veiu a nossa casa logo no dia seguinte para annunciar a meus paes que, tendo a menina de Malloé morrido sem receber o viatico nem os serviços da igreja, não podia fazer-se-lhe enterramento christão. Meu pae, que esta-

va presente, declarou que elle proprio lhe faria um enterramento verdadeiramente christão. Seria muito doloroso referir-te tudo o que se passou entre meus paes, este padre, e o reitor do seminario, por causa do enterro de Ivelone; mas a questão terminou por ser collocado o cadaver da minha amada, por meu pae, Jorge e Collin, no seu ultimo logar de descanso, junto ao seu limoeiro favorito, aquelle velho limoeiro á sombra do qual eu e ella nos tinhamos sentado a conversar tantas vezes. Sepultaram-n'a, ao nascer do sol, quando os campos estão silenciosos e orvalhados, e só m'o disseram mais tarde. Meu pae asseverou-me que tinha orado e lido algumas porções da Escriptura appropriadas ao acto do enterramento, e Jorge accrescentou, segurando-me com força, pela mão, (pois quasi desmaiei ao darem-me a triste nova) — «Ivelone está esperando agora por uma gloriosa resurreição. Ella e tu, e todos os santos de Deus hão de resurgir juntos para habitarem com o Senhor para sempre.»

Apezar do meu coração estar lacerado pela morte da minha amada, em breve tive occasião de dar graças a Deus por ella estar em segurança com o Salvador, fóra do alcance dos impios. Desencadeiou-se uma tormenta sobre meu pae, por causa da parte que elle tinha tomado nos acontecimentos da morte e do enterro de Ivelone. Quizeram obrigar-o a declarar onde tinha sepultado a filha adoptiva; mas elle recusou-se terminantemente a satisfazer tal exigencia e a entregar o cadaver ás mãos dos perseguidores. Em consequencia d'este procedimento *blasphemo e contumaz*, caiu sobre meu bom e piedoso pae toda a especie de indignidade. Sequestraram-lhe a casa e as terras, e expulsaram-n'o de casa, a elle e a minha mãe, n'um dia tempestuoso de março, — o que foi ensejo para que os bons jornalheiros, que tinham trabalhado outr'ora nas nossas fazendas, manifestassem quanto amavam e respeitavam a nossa familia. Quando souberam o modo por que os meus queridos paes estavam sendo tratados, correram, todos á unha, á cabana arruinada em que elles se haviam recolhido, e offereceram-lhes as suas casas, sem se importarem com o perigo que correriam dando agasalho a herejes. Ao sabe-

rem que meus paes antes queriam ficar na cabana arruinada do que promover perigos e desgostos aos seus amigos fieis, aquelles dedicados aldeãos foram buscar-lhes lenha e alimentos, e logo ao romper da manhã começaram, por turnos, a reedificar a cabana, tornando-a o mais confortavel possível, e demonstrando assim quanto queriam aos seus nobres amos, como sempre lhes chamavam.

Graças ao cuidado e á infatigavel vigilancia de Jorge e de Collin, ninguem descobriu, nem mesmo suspeitou a minha presença na cella do ermitão, durante os mezes que se seguiram á morte de Ivelone. Era bem contra minha vontade que eu ali me conservava occulto durante o dia, e só o fazia para satisfazer os desejos de meus paes e por amor á segurança d'ellos. Sahia do meu retiro depois de anoitecer e passava longas horas da noite em casa, fazendo quanto podia para animar os meus inconsolaveis paes, e seguindo com terrivel anciedade o progressivo enfraquecimento da saude de meu pae. Apezar da sua tranquillidade e da sua alegre resignação á vontade do Pae Celestial — a fagueira esperança de uma vida melhor n'aquella mansão feliz onde a tristeza e a dôr serão desconhecidas, e onde teremos, para nos aquecer, o sol dos sorrisos do Salvador — eu percebia que os desgostos do anno findo, a morte da nossa Ivelone — a quem elle chamava «a sua alegria,» os frios e privações que tinha soffrido, assim como minha mãe, haviam-lhe affectado profundamente a saude. Viamos com pezar que elle estava, cada dia, mais fraco e abatido. Estou certo de que a misericordia de Deus assim ordenava, pois se a vida de meu pae se tivesse prolongado por mais algumas semanas, seguramente o teriam feito subir á fogueira como heretico contumaz.

Ainda não tinham decorrido muitas semanas depois de meus paes se haverem installado na cabana, quando foram citadas a comparecer perante os commissarios regios, e responder á accusação de heresia e outros maleficios, que lhes era movida. Meu pae estava então muito mal, por causa de um resfriamento que tinha apanhado na occasião em que tinha sido expulso de sua casa, com um tempo de abrido. Collin foi ao tribunal e disse qual era o motivo

que impedia meu pae de comparecer, em vista do que foi concedido um addiamento. Poucos dias depois, appareceu na cabana o reitor do seminario, acompanhado por Eugenio Gubert, que já a esse tempo recebera as ultimas ordens. Vinham, segundo disseram, avisar meus paes do perigo que corriam, e aconselhal-os a renunciar os seus erros e a salvar as suas vidas, para o que deviam assistir á missa o mais depressa possivel. Minha mãe não estava na cabana, n'aquella occasião, pois, se estivesse, talvez se houvesse obrigado a ir á missa no domingo seguinte, imaginando que assim salvaria a vida de seu presado marido. Foi, porém, meu pae quem os recebeu, e ouvindo a que iam, terminantemente se recusou a ir ouvir missa—ceremonia que elle já acreditava ser um insulto blasphemo contra Deus—ainda mesmo que d'isso dependesse o salvar o seu corpo das chammas; o como conhecesse a opinião de minha mãe sobre o assumpto, recusou egualmente em nome d'ella.

Os dois padres recorreram a todos os argumentos para persuadirem meu pae a acceitar a proposta que lhe faziam. Referindo-me os promenores da entrevista, disse-me meu pae:—«Estou intimamente convencido de que estes dois homens, cegos e infelizes, eram sinceros no empenho que mostravam de salvarem a tua mãe e a mim. Conheci que a consciencia de Eugenio Gubert o exprobara por haver feito cair sobre nós a desgraça, a ruina e o sofrimento. Afinal, vendo que a violencia da minha tosse me impedia de continuar a conferencia, despediram-se, dizendo que tendo feito quanto estava ao seu alcance para nos salvar, viam-se obrigados a dar lugar á lei, para que esta seguisse os seus tramites. E assim foi... ou assim teria sido se meu pae vivesse mais algum tempo.

Mas nunca chegou a estado de poder comparecer no tribunal, para onde minha mãe foi arrastada, sem mais aviso ou prevenção. Meu pae estava agonisante, e sósinho com ella, quando os soldados se apresentaram para a levar. Elle exhortou-a a ser fiel á sua propria consciencia, e a dar bom testemunho da sua fé: e ella assim compriu, a que-rida mãe, nobremente e com firmeza. Jorge, o nosso

honrado Jorge. sabendo que minha mãe fôra presa, correu ao tribunal, a tempo de ouvir as respostas que ella dava ao juiz. Contou-me ella depois, que o vira entre o auditorio; a sua presença deu-lhe coragem; e recordou-lhe as ultimas exhortações que meu pae lhe fizera de manhã, ao separarem-se. Jorge disse-me que minha mãe respondeu a todas as perguntas com firmeza e promptidão, posto que não pudesse vencer o tremor nervoso que a accomettera. Comprehendeu logo qual seria o fim d'aquelle julgamento, e deu graças a Deus quando o juiz a intimou a comparecer outra vez no tribunal, d'ali a oito dias, para responder a outro interrogatorio. Por felicidade, não a mandaram para a cadeia, mas permittiram-lhe, a requerimento de um dos padres que estavam presentes, que voltasse para casa, para tratar do marido enfermo, o qual tambem foi citado para se apresentar na semana immediata.

Escuso dizer-te que nem meu pae, nem minha mãe, tornaram a apparecer aos commissarios regios. Na tarde seguinte, chamou Deus a si o meu bom e santo pae, subtraindo-o ao peccado e á dor; e em cumprimento das suas ultimas determinações, a minha querida mãe, e eu, puzemo-nos a caminho n'aquella mesma noite, disfarçados em vagabundos ou mendigos, dos quaes, como sabes, ha grande abundancia no nosso paiz.

Jorge, prevendo qual seria o fim do julgamento, conversava com meu pae a este respeito, e preparava tudo para a nossa fuga, tencionando ir encontrar-se comnosco e acompanhar-nos a Paris, onde seus paes habitavam, logo que tivesse sepultado meu pae debaixo das folhas cahidas que atapetavam o pequeno bosque proximo da cabana, entre as quaes desabrochavam as modestas violetas, as douradas primaveras e as rosas silvestres. Opprimidos pela dôr e pelos cuidados, partimos, a minha querida e inconsolavel mãe e eu, n'aquella noite, e entrámos no vasto mundo como verdadeiros peregrinos e forasteiros;—Graças a Deus, Huberto—disse minha mãe, ao sair da cabana, apoiando-se no meu braço—graças o Deus, não partimos sós. Não vae comnosco o nosso Deus, o Deus de teu

pae? Contámos-lhe o nosso perigo, a nossa necessidade, quando, ha pouco, ajoelhámos, e a sua memoria é muito fiel para não nos esquecer, e o seu braço muito forte para nos salvar; demais, deixou-te a mim, meu filho, para me acariciares e amares. Se te perdesse, seria, na verdade, muito infeliz; não, tu não has de deixar-me morrer sósinha, Huberto bem o sei.

Prometti então, á minha querida e terna mãe, que nunca me separaria d'ella, acontecesse o que acontecesse. Não era ella o ente mais querido que eu tinha no mundo, mais querido ainda do que a minha amada Ivelone, ainda que por outros motivos? Só comprehendi bem quanto amava minha mãe quando a perdi. Está escripto: «Aquelle que ama o pae ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim.»—Oh meu Deus! perdoa-me se, para salvar a vida de minha mãe, e a minha propria vida por causa d'ella, me tornei indigno de Ti! Agora é já demasiado tarde para eu provar o meu amor ao meu Salvador, e até me envergonho de lh'o offerecer depois de tantos annos de apostasia!—disse o abbade, occultando o rosto entre as mãos, e estorcendo-se n'uma emoção abafada.

Anésia chorava condoida, sem saber o que havia de dizer para o consolar; pensou então que o melhor de tudo seria desviar-lhe a attenção para outro assumpto, perguntando-lhe se não eram horas de continuarem a jornada para o Marais.

—São, são—respondeu elle, levantando-se—devemos partir sem mais demora.

Arreiado o jumento, e paga a conta, Anésia e o abbade puzeram-se a caminho de Oulmes, que ficava a umas dez milhas de distancia da pequena locanda da estrada.

CAPITULO XIII

Conclusão da historia do abbade

—O senhor abbade,—observou Anésia—já ha tempo que não falla do seu bondoso irmão José Coupard. Ainda o encontrou em casa de seu pae quando voltou do collegio?

—Já não. Quando Ivelone, teu pae, Roberto Fonteneau, e eu, voltámos para casa com meu pae, tinha José sahido de casa havia algumas semanas. Como te disse, José Coupard tinha sido adoptado pelo primeiro marido de minha mãe, e nenhum parentesco tinha comnosco. O sr. Miguel soubera, quando se compadeceu do orphãosinho, que elle tinha uma tia, casada com um pequeno lavrador do norte do Poitou, e adoptou-o por não ser possivel descobrir onde existiam estes parentes. Algumas semanas, porém, antes do nosso regresso, appareceu na herdade um mendigo desconhecido, o qual, estando sentado á lareira, depois de uma abundante refeição, disse a minha mãe que andava em procura de um rapaz chamado José Coupard. Pelo que disse o mendigo, veio minha mãe a saber que o tio e a tia de José tinham morrido, e que a tia, pouco antes de fallecer, o encarregara, com promessa de boa recompensa, de descobrir o paradeiro do rapaz e de lhe participar que era o herdeiro da estalagem e de um bocado de terra que elles tinham ao pé da Bossardière.

O mendigo tinha-se dirigido a nossa casa por lhe haverem dito que morava ali um rapaz chamado José Coupard: e assim se encontrou, o bom do José, senhor de uma rasoavel fortuna. Por conselho de meus paes, partiu immediatamente a tomar posse dos seus bens, e casou pouco tempo depois, com a excellente mulher que tu conheces. Feliz foi elle em escapar ás privações e aos desgostos que cahiram sobre nós.

—Eu sabia que o bondoso José Coupard era seu irmão adoptivo, sr. La Motte. Recordo-me de meu pae falar, muitas vezes, da amizade e consideração que elle tinha pelo sr. abbade. Oh, mas como é triste trazer á me-

moria os tempos passados! E estou certa de que ainda ha de ser mais triste para o futuro. Sinto que todas as palavras, todos os olhares, as maneiras, e até a lembrança do contacto e do som da voz dos entes queridos que perdi, hão de seguir-me e encher o meu coração de dôr. Mas, ao mesmo tempo, julgo que não é justo alimentar pensamentos tão tristes, porque esses entes queridos são agora felizes, e bem depressa irei encontrar-me com elles. O mais que poderemos viver será «um pouco de tempo,» diz o Senhor, por isso hei de combater, e combato, estes pensamentos, pois sei que devo vencer as lagrimas inuteis e os vãos pezares, que só servem para nos enfraquecer e parecem murmurar da vontade de Deus, que é sempre para nosso bem. Nunca sentiu estas coisas, snr. abbade?

—Sim, Anésia, e, homem como sou, não me envergonho de dizer que derramei em segredo muitas lagrimas amargas, ao pensar na morte de Ivelone e na do meu nobre pae. Como tu, luctei contra estes pensamentos, porque tinha de trabalhar e de empenhar-me pelo bem estar e pela segurança da minha querida mãe, e tambem para ganhar o nosso pão até que minha mãe tornasse a entrar na posse dos seus bens, os quaes tinham sido recebidos por José Coupard, a pedido de Jorge, e mediante os bons officios de Roberto Fonteneau. Roberto, tendo deixado teu pae em Genebra, dirigia-se para a nossa nova propriedade, a visitar-nos: encontrou Jorge nas proximidades de Ciray, e, sabendo o que se passava, resolveu ir ter com José e dizer-lhe o que convinha que elle fizesse com as propriedades de minha mãe, para que ella, a todo o tempo, pudesse receber as rendas.

Como pôdes suppor, decorreram alguns mezes antes de chegarmos a Paris. Caminhámos muito de vagar a principio, na esperança de que Jorge nos alcançasse, e tive particular cuidado em deixar certos signaes, de ante-mão combinados, nas estradas que percorriamos, e nas aldeias em que descançavamos; mas elle não nos alcançou. Em alguns pontos, as estradas estavam em tão mau estado de conservação, que tinhamos de deixal-as e de entrar-

mos nos campos, para que minha mãe não corresse o risco de se afundar nos lameiros escorregadios e profundos, ou de se afogar nas poças que cobriam a maior parte dos caminhos. De vez em quando, encontravamos alguns bondosos camponeses que iam vender ás cidades os productos das suas terras, e que sempre se compadeciam dos dois pobres mendigos. O rosto de minha mãe, magro e pallido, mas sempre bello, excitava a compaixão.—« Bem se vê — diziam elles — que a sua desgraça a obriga a caminhar em busca de alimento. A cara d'esta pobre mulher falla por si; e pena ó que o estado da mão e do braço do filho (que eu levava cuidadosamente ligados), o impeçam de amparar sua mãe.»

E podiam tambem dizer que minha mãe parecia fraca e doente! Os desgostos e sustos por que tinha passado, o canção, a alimentação grosseira e ás vezes em pequena quantidade, as noites frias, as pessimas camas, a falta de uestuario, e o perigo de sermos descobertos e levados á presença do logar-tenente (o que varias vezes nos ia acontecendo, graças ao zelo de um ou outro empregado da justiça), tudo isto se reflectia na sua saude, a ponto de resolvermos alterar o nosso itinerario e o nosso disfarce. Sahimos, pois, da estrada e internámo-nos n'uma floresta onde nos pareceu que poderíamos facilmente occultar-nos. Por felicidade para minha mãe, estavamos no mez de julho, e alguns pobres mateiros, que encontrámos, permitiram-nos que dormissemos debaixo de um telheiro onde elles faziam tamancos. Esta gente era extremamente pobre, mas trouxeram-nos pão e leite de cabra. Tinhamos ainda, do nosso peculio, algumas moedas de prata e duas peças de ouro; o resto fôra gasto em comprar alimentos para minha mãe. Como nos iamos aproximando de Paris, e eu visse que as suas forças diminuiam sensivelmente, resolvi comprar fatos decentes para uma senhora e para um creado, assim como uma hacanêa para ella e uma mula para mim. Para fazer estas compras e ficar ainda com dinheiro bastante para occorrer ás nossas necessidades, tive de desfazer-me de algumas joias de valor, que tinham pertencido aos senhores de Malestroit, familia de meu pae.

Graças a estas precauções, chogámos a Paris, sem novidade, no principio de agosto, tendo a fortuna de encontrarmos, á entrada da cidade, Jorge Laroche, com o auxilio do qual passámos as barreiras sem sermos notados. Jorge levou-nos para casa de seus paes, que eram pessoas abastadas, e possuíam uma casa muito confortavel no arrabalde de Saint Germain. N'essa época, 1557, habitavam sósinhos com sua filhinha em parte da casa, visto que Jorge andava por fóra quasi sempre, nas suas digressões evangelicas. A outra parte da casa estava arrendada ao conde e á condessa de Pontarlier, que tinham ido consultar um dos mais afamados medicos de Paris, por causa da doença de seu filho unico, rapaz de dez annos, muito debil, que em breve se tornou meu discipulo querido, e tem sido, desde então, meu amigo verdadeiro e dedicado, e meu protector. E' agora coronel, e combate pelo seu rei; a condessa, sua esposa, está, no concelho de Meneldray, no Poitou, com um filhinho que teem.

Quasi não sei como referir-te os acontecimentos que rapidamente se succederam nos mezes immediatos, maconservo d'esse tempo uma recordação dolorosa, amarga e cheia de remorsos, porque foi então que me ordenei padre da Egreja Catholica Romana, a instancias angustiosas de minha mãe, com o fim de salvar a vida a ella e a mim. Não o fiz, seguramente, só por salvar a minha vida, que tinha em bem pouca conta; e, se não fosse a promessa que fizera a minha mãe, e a certeza de que a sua vida ficava livre de perigo, teria consentido que as auctoridades me entregassem aos inquisidores que estavam constituídos em tribunal, diziam elles, para fazerem justiça a toda a gente, sem terem em vista coisa alguma que não fosse a gloria de Deus. Vê tu quanto são differentes as ideias que se formam ácerca de Deus e da sua gloria.

A vista das torturas corporaes, infligidas a dois martyres, as quaes nós fomos obrigados a presenciar, e a agonia de espirito que minha mãe experimentou n'aquelle dia terrivel, decidiram-me a optar pela unica alternativa que se me offerencia, e a tornar-me o desgraçado apostata que sou e tenho sido por muitos annos. A principio, posso affir-

mal-o com verdade, foi sómento o desejo de a salvar das horriveis chammass que deitou o meu procedimento: mas depois, devo tambem confessal-o, depois de ter dado o primeiro passo no caminho do peccado, tornei-me actor consciente e convicto d'esse drama de mentira. A recordação do spectaculo da morte d'aquelles felizes e bemditos martyres ainda hoje me persegue, e sinto que nem assim posso, nem devo, confessar a minha hypocrisia e o meu erro.

—Ah, senhor La Motte, não é certo que os soffrimentos e as dôres corporaes, e a perseverança no apartamento do caminho direito, crescem com os annos? A minha querida mãe assim nol-o dizia, quando nós eramos creanças se algum de nós era mais tardio em confessar as maldades que fazia, com receio de ser castigado. Comtudo, Deus é muito misericordioso, e ha de dar sempre força aos seus filhos para fazerem o que devem — observou Anésia, involuntariamente, aproveitando um momento de silencio do abbade.

—Tens rasão, Anésia; conheço que tens rasão, mas ainda assim . . .

—Peço-lhe que continue a sua historia, senhor abbado, —redarguiu Anésia, para o desviar de pensamentos afflictivos, vendo que o seu companheiro de jornada tornava a ficar silencioso, e que o seu rosto denunciava uma dôr moral.

—Ia contar-te como fui preso pelas auctoridades. Estavamos em principios de setembro. Jorge tinha partido na vespera, em companhia de um amigo, a fim de prégar as «boas novas» n'uma provincia proxima. Dirigi-me sósinho, para uma casa da rua de Saint-Jacques, onde já tinha ido uma vez, com Jorge, celebrar a Ceia do Senhor. Todos os domingos, elle, eu, e minha mãe, quando já restabelecida dos incommodos e das fadigas da nossa grande jornada, a pé, do Poitou a Paris, assistiamos a alguma reunião de protestantes, em casa de pessoas amigas. N'aquella noite—pois era sempre de noite que nos reuniamos, para maior segurança—ao terminar o serviço, e no momento em que cada um se dispunha a seguir para o seu

destino, foi invadida a casa pela gente da visinhança, incitada pelos padres do collegio de Plessis, situado em frente da casa em que nos reuniamos. As auctoridades aproveitaram este ensejo para prenderem todos os protestantes a quem poderam lançar mão.

Poucas horas depois de eu estar na prisão, vem vêr-me o conde de Pontarlier. Tanto eu, como minha mãe, tínhamos travado conhecimento com o conde e com a condessa. Bastara o nosso appellido para os convencer de que pertenciamos á nobreza; e comquanto esta estivesse dormente durante o tempo, que meu pae se dedicara á agricultura para restaurar a fortuna da familia, tornaria a vigorar quando elle, uma vez realiado o proposito, requeresse a sua espada ao parlamento, como estava para fazer quando a perseguição o reduzisse novamente á miseria. E não ha duvida em que a nossa nobreza tornaria a vigorar, porque assim o affirma um livro escripto em 1081 sobre o estado da natureza: «Quando os nobres se dedicam ao commercio, adormece o seu nobre sangue, mas torna a reviver logo que cessa a occupação derogatoria: a nobreza só se perde com a morte.»

Minha mãe tinha contado aos Pontarlier a historia da nossa familia, e elles, com a nobreza de verdadeiros fidalgos, dispensaram á nossa amizade todas as provas de deferencia e consideração.

O filhinho d'elles estava constantemente comnosco, e habituou-se tão depressa a amar-me e respoitar-me, que, sempre que os paes iam assistir a alguma festa da cõrte, pedia licença para ficar em nossa casa.

Quando, a instancias de minha mãe, o conde veiu visitar-me, disse-me que havia de ir procurar um dos seus amigos, que era conselheiro do rei, a fim de obter d'elle a promessa de empregar a sua influencia, junto do tribunal, para que a minha vida fõsse salva, não sendo eu julgado em audiencia publica, na qual não podia deixar de ser condemnado, visto haver sido preso n'uma reunião heretica. F'allou-me de minha mãe com pezar e terror, para que eu não insistisse em recusar seguir os conselhos dos meus amigos e consentisse em livrar-me da fogueira pelo unico cami-

nho que se me deparava. Mas eu recusei salvar a minha vida por uma mentira, isto é, recusei ir á missa com minha mãe no domingo seguinte. O conde, bondoso como era, fez as maiores diligencias para me convencer, mas recusei terminantemente. Depois de elle se retirar, muito desgostoso por amor de minha mãe, recebi a visita de um frade, que contava ter conseguido fazer reentrar diversos protestantes na Egreja Catholica Romana.

Empregou o frade o melhor dos seus argumentos para me convencer do erro das minhas doutrinas; mas, apezar dos seus sophismas, me desnortearon por fim, eu sabia que era elle quem errava, e propuz-me responder-lhe com as Escripturas. Mas, ai de mim, a Palavra de Deus não me era tão familiar como a teu querido pae, nem eu tivera, como elle, occasião para estudal-a.

O frade percebeu que a vantagem estava do seu lado, e aproveitou-se d'ella, mas não me convenceu com os seus sagazes argumentos, e assim lh'o disse. Procurou então excitar o meu terror enumerando os tormentos que me estavam reservados, se não me conformasse com as doutrinas da *unica egreja verdadeira*, como elle lhe chamava, e descrevendo, por menor, todos os horrores da tortura e da fogueira. Posto que a horrivel descripção me gelasse o sangue nas veias, e o meu coração tremesse, lá no intimo, só com a ideia de tanto soffrimento, tornei a declarar-lhe que persistia em ser martyrisado pela minha fé.

Revelou-me, então, sem rodeios, que minha mãe brevemente seria julgada pelo crime de heresia. Disse que, visitando-a n'aquella manhã, descobrira que ella já tinha comparecido perante os commissarios regios, á justa sentença dos quaes se subtrahira fugindo commigo; e terminou por affirmar ser muito provavel que ella fôsse condemnada á fogueira, pelos seus erros. A ideia de que a minha querida mãe havia de padecer os tormentos que eu ouvira descrever, venceu toda a minha opposição; e mais ainda, por elle me assegurar que a minha retratação lho salvaria a vida, provavelmente. Escutei-o, então, sem lhe fazer observação alguma, e prometti-lhe, á despedida, que pensaria attentamente em todos os seus argumentos.

No dia seguinte, o conde veio vêr-me outra vez. Disse-me que minha mãe esperava, na prisão, a sua sentença. Não fôra preciso segundo julgamento, e elle fizera quanto estava ao seu alcance para lhe salvar a vida. Por felicidade, estava então em Paris um padre da nossa Egreja (1), que gosava de certo valimento junto do rei, e passava por sympathisar, secretamente, com as doutrinas da Reforma. Fôra a este padre que o parente do conde se dirigira, e d'elle obtivera a promessa de empregar a sua influencia, em nosso favor, junto do parlamento, entre cujos membros havia muitos calvinistas. No entretanto, pouca esperança devia haver em escaparmos á sentença, porque o cardeal de Lorraine aconselhava o rei a usar o maximo rigor para o aniquilamento do protestantismo.

Dias depois, fui informado de que, graças á intercessão de uma pessoa eminentemente collocada, tanto eu como minha mãe nos salvaríamos da fogueira se retractassemos nossos erros, declarassemos professar as doutrinas da egreja Catholica Romana, e fossemos ouvir missa no domingo seguinte. Para prova do meu arrependimento, devia eu obrigar-me a tomar ordens sacras; e como castigo e advertencia de qual viria a ser a nossa condemnação, se nos tornassemos relapsos, deviamos assistir á execução de dois protestantes. Parece que todos os outros, presos na reunião da rua de Saint-Jacques, tinham salvado as vidas por mentiras e hypocrisia... como nós iamos fazer. Fui tambem obrigado a prometter solemnemente não revelar a minha pobre mãe a commutação da minha pena, — pois, como te disse, deviamos presenciar, um junto do outro, ao martyrio dos protestantes; obtive, porém, por intercessão do bondoso conde, o favor de sermos collocados em uma janella do palacio em que elle residia, e que defrontava com o local em

(1) Provavelmente o cardeal Odet de Chatillon, irmão do almirante de Coligny e de D'Andelot, general da infantaria franceza. Converteu-se mais tarde á fé protestante, e fugiu para Inglaterra, onde entaboiou negociações com a rainha Isabel para que esta auxiliasse a guerra em que os protestantes se achavam envolvidos. Morreu em Southampton, quando voltava da côrte da rainha Isabel; havendo motivos para se suppôr que morreu envenenado. — *Nota de madame de Pontarlier.*

que havia de levantar-se a fogueira. Não me permittiam vêr minha mãe, que permaneceu no carcere até ao terrível dia.

Não tardou este em chegar, e então nos encontrámos, minha pobre mãe e eu, sob a guarda de soldados e de dois frades. Obrigaram-nos a estar á janella, ao lado um do outro, esperando a chegada dos dois pobres martyres que deviam ser queimados á nossa vista. Antes de eu sair da prisão tinham-me dito que minha mãe julgava que iamos assistir á execução de dois determinados herejes, e que a mesma pena nos seria imposta se não retractassemos os nossos erros, e tornassemos a entrar no gremio da Egreja de Roma. Havia uma cadeirinha para minha mãe, e n'ella a conduziram: a pobre senhora estava muito fraca em consequencia dos desgostos e pezares que por mim tivera; além d'isto, supportara os rigores do seu encarceramento, ainda sem estar restabelecida de uma grave enfermidade. Não consentiram que nos fallassemos, mas não puderam impedir a linguagem dos nossos olhares; porventura, pôde o homem dissimular a terna e muda agonia da alma? Cruzámos os nossos olhares, minha mãe e eu, e um só olhar foi bastante para mim! Li em seus olhos a profundidade do seu amor, a agonia que lhe ia n'alma por amor de mim, e resolvi salvar-lhe a querida existencia, e a minha propria, por amor d'ella. O meu Senhor e Mestre, a Verdade, e o meu dever para com Deus, tudo, tudo esqueci: só pensava em minha mãe!

Oh! como os brilhantes e ardentes raios do sol, penetrando pela janella, me escarneciam e torturavam! Mas nenhuma tortura era comparavel ao tormento do meu proprio coração, porque a apostasia é peccado tão repugnante e tão degradante, que eu nunca acreditara que pudesse vir a commettel-o. E apezar d'isto, ali estava eu apostata e mentiroso. Quão pouco conhecia eu o peccado e a fragilidade do meu depravado coração! Mas minha mãe, prostrada pelos desgostos e pezares, fraca e doente, cuja vida eu podia salvar com algumas palavras, ainda que falsas, estava ali ao meu lado, e eu estava preparado para tudo. Oh! ainda que tivesse sido pelo sacrificio da minha vida!

Lá embaixo, a rua estava silenciosa; apenas, de quando em quando, se ouvia o rumor de alguns passos apressados. De repente, porém, ouviu-se um som confuso de clamores e gritos, que se iam aproximando, e o rodar de pesado carro. Minha mãe, ouvindo tal ruído, ergueu a cabeça, que conservava entre as mãos, e dirigiu-me um olhar de muda agonia. Ia fallar-lhe quando o joven frade, que estava atraz de mim, me tocou levemente no braço, dizendo-me ao ouvido: — Cala-te por amor d'ella! recorda-te do que prometteste!—Os furiosos brados e os gritos da excitada e furiosa populaça aproximavam-se cada vez mais, mas, acima de tudo, ouvia-se o rodar do pesado carro sobre as pedras da calçada. Quando este passou, rodeado pela multidão, cruel e embravecida, que atirava lama sobre os dois pobres martyres, que iam de pé e com os braços atados atraz das costas, a minha pobre mãe ergueu-se, chegou á janella e olhou para baixo. A pobre senhora não sabia o que fazia; mas eu, julgando que ella ia precipitar-se á rua, segurei-a palas costas, e bradei-lhe—Minha mãe! —Logo o segundo frade me empurrou para cima do banco, emquanto que o outro, mais bondoso, se curvava e me dizia ao ouvido:—Está socegado, irmão, e não lhe toques; crê que será melhor fazeres o que te peço!—

Minha mãe permaneceu de pé, contemplando perfeitamente alheia ao que se passava e encostada ao braço do mais velho e mais grosseiro dos frades, durante longas horas,= que, para mim, foram uma eternidade==a horri-vel scena que se desenrolava á sua vista, e murmurando, de espaço a espaço, as palavras:—Meu filho! meu filho!—

Temendo que, no seu delirio, ella imaginasse ser eu um dos martyres que eram torturados na fagueira, tornei a exclamar: Minha mãe, minha mãe, aqui estou ao seu lado. Ella, porém, pareceu não me ter ouvido, e continuou a ter os olhos fixos nas lavaredas, sobre as quaes aquelles santos de Deus estiveram por muito tempo suspensos, até que a parte inferior de seus corpos foi consumida, antes que a morte viesse libertal-os de tão afrontoso tormento. Finalmente, a furia da multidão ficou satisfeita. Deus chamara para si os espiritos dos seus santos: terminara para elles o

curto tempo de dôr e afflicção; e começara o tempo infinito de prazer e de gozo na presença do Altíssimo.

Quando a execução terminou, e nada mais havia para vêr, a multidão dispersou, atroando os ares de brados que, supponho, traduziam a expressão do fanatismo satisfeito. O frade, que estivera amparando minha mãe junto da janela, permittiu-me que ajudasse a assentar minha mãe e incumbiu o outro frade de ir buscar agua fria, para refrescar o rosto da pobre senhora, que estava desmaiada. Vendo que ella continuava sob a impressão de que eu era um dos que acabavam de ser queimados vivos, exclamei:— Minha mãe, minha mãe, não vê que estou aqui a seu lado, são e salvo?

Pouco a pouco, as minhas caricias e as minhas palavras de amor despertaram-n'a do seu estado inconsciente, e comprehendendo, a final, que eu estava salvo, encostou a cabeça ao meu hombro e desatou a chorar. A alegria embargava-lhe a voz . . .

Tratei de animal-a e consolal-a, ao que os frades não se oppozeram; quando porém, esquecendo a minha promessa, ia dizer-lhe que poderíamos escapar á fogueira, o mais velho dos frades ordenou-me peremptoriamente que me calasse, e, voltando-se para ella, annunciou-lhe que eu fôra poupado, até ali, a um julgamento publico, graças á clemencia régia, por se esperar que me retractaria da minha heresia e dos meus erros, e me conformaria com as doutrinas da Santa Igreja Romana; mas que se persistisse em ser contumaz, seria julgado pelo tribunal ecclesiastico, e ali condemnado á mesma pena que fôra imposta aos dois herejes, a cujo supplicio acabavamos de assistir. E proseguiu dizendo que, como minha mãe já tinha sido julgada e condemnada, seríamos queimados juntamente, a não ser que salvassemos as nossas vidas pela retractação de nossos erros, beneficio que a Santa Madre Igreja estava sempre disposta a conceder, em sua misericordia. Jámais esquecerei o agonisante olhar de horror e de supplica que minha mãe me dirigiu, quando ajoelhou implorando-me que salvasse a minha vida e a sua, submettendo-me á Igreja de Roma. Encontrava-me preparado para consentir, porque

já resolvera fazer tudo quanto de mim exigisse para salvar a vida de minha mãe.

Não te descreverei o que se passou no anno que se seguiu áquelle dia mesquinho, áquelle dia cuja recordação me queima a alma com um ferro em braza. Tudo puderei esquecer, menos aquelle dia! Toda aquella scena—a agonia e morte dos martyres, o rosto de minha mãe denunciando desespero e amor, o seu olhar e as suas palavras supplicantes quando ajoelhou a meus pés, os brados de triumpho da multidão cruel—ainda se representam á minha imaginação como se estivessem succedendo agora. Ah! e não só isto; tambem a lembrança da minha apostasia, da minha vergonha, me perseguirá e me atormentará. Existe, por acaso, um peso sufficiente para esmagar a memoria? Mas para que estou eu contando estas coisas que me vão n'alma, a uma creança como tu? Nunca tencionei fazer tal; mas uma palavra arrasta outra, e desejei,—talvez, que não me julgasses severamente. Tu és filha do melhor e mais querido amigo que tenho tido, e julgo que me farás justiça.

—Oh! senhor La Motte, eu não sou seu juiz. Lamento-o, lamento-o muito! Não pertence condemnal-o áquelles que nunca passaram pelas provações que o senhor tem passado. Nem mesmo me atrevo a dizer que não teria procedido de egual modo para salvar aquelles que tanto amei—meu pae, minha querida mãe, Josué e a pequenina Babette,—disse Anésia, debulhada em pranto.

—Mas, ai de mim! o mal nunca pôde tornar-se em bem. Tenho um Salvador misericordioso; e a Elle peço constantemente que apague todos os meus peccados.

—E fazeis bem!—exclamou a joven; mas não poude pronunciar mais palavra.

—Estas terriveis scenas, e os sustos que por mim padecia, causaram a minha pobre mãe uma doença grave e demorada—a propria consciencia a reprehendia tambem amargamente, a despeito da alegria que mostrava por nos vêrmos salvos, pois amava ternamente meu pae e a santa e bella Ivelone. Levámol-a, delirante, da sala para os nossos antigos quartos. O medico, que viera com o bondoso conde, disse-me que a sua doença era febre cerebral. De dia e

de noite a velámos durante muitas semanas, eu e a enfermeira, que tambem pertencia á Egreja Reformada. A bondade e os favores que nos dispousaram o conde e a condessa, nunca poderão esquecer-me.

Vi Jorge Laroche uma vez, durante a doença de minha mãe Viera a casa buscar sua familia—o pae, a mãe e a irmãsinha—para os levar para a livre Suissa, onde poderiam adorar a Deus segundo os dictames de sua consciencia. Demoraram-se algum tempo em Genebra, transferindo a sua residencia, no decurso do tempo, para a Hollanda, onde ainda hoje vivem. As palavras de despedida do bom, dedicado e fiel Jorge, tocaram-me profundamente. Ignoro se elle teria procedido como eu procedi, posto que amasse ternamente sua mãe; mas o que sei é que nunca passou pelas provações por que eu passei. Querido Jorge! como elle procurava, com palavras do fé e de ternura, fortalecer o meu desanimado coração, dizendo-me:— «Aquelle que ama a seu pae, ou a sua mãe, mais do que a Mim, não é digno de Mim,» «Sê fiel até á morte.» Conheci quanto lhe custava pronunciar estas palavras, pois chorava ao pronuncial-as; mas o certo é que eu deixava de ser fiel.

Quando o conde de Pontarlier teve conhecimento de que eu tomara ordens sacras, convidou me para mestre de seu filho; e como pedisse a minha mãe para me acompanhar, e puzesse á nossa disposição tres casas do seu palacio, acceitei de bom grado o offerecimento, não só por saber que minha mãe passaria una vida feliz em companhia do conde e da condessa, mas por me persuadir de que assim escaparia á constante espionagem a que estava sujeito. Tinham-me arrebatado o meu Novo Testamento, mas como eu sabia que a preciosa Palavra de Deus era o Seu proprio legado, tratei de obter outro alguns depois de residir em Meneldray, e posto que não ousasse servir-me d'elle abertamente, utilizei-o em dar boas lições ao meu pupillo.

Oito annos estivemos, eu e minha mãe, em casa dos Pontarlier, até o conde Agenor entrar para o serviço do rei Francisco II. Tomei então a meu cargo una parochia da provincia, sendo-me promettido, graças á influencia do conde, que seria transferido para a dos Pontarlier, quan-

do esta viesse a vagar, o que ainda se não realisou, porque o bom do cura ainda vive, apesar de muito avançado em annos, e lá continúa a ensinar ao seu rebanho muitas verdades evangelicas. que aprendeu não sei aonde. E bastante estimo que assim aconteça, porque menos difficil será o meu trabalho quando tomar posse da parochia, se esse dia tiver de chegar. Tenho reconhecido que nas pequenas povoações, cujos habitantes são simples e ignorantes, logo que algumas verdades hajam sido ensinadas, ha sempre boa disposição para receber outras verdades.

Costumo visitar o conde Agenor de Pontarlier, agora coronel do exercito, quando está na sua casa de Mencl-drays. Seus bondosos paes morreram, ha alguns annos, em Paris, victimas do contagio das bexigas. O conde Agenor e sua esposa recebem-me sempre com a maior amabilidade, e sinto satisfação em poder servir-lhes de alguma utilidade.

—Elles teem filhos, senhor La Motte?—perguntou Anésia.

—Só teem um vivo ; os outros morreram, infelizmente : e o que resta é uma creança muito debil.

—Como eu ficaria contente se podesse entrar para o serviço dos condes de Pontarlier ! O senhor abbade bom sabe que devo tratar de ganhar o meu pão.

—Queres ir para lá, Anésia ? talvez a condessa algum dia consinta em tomar-te ao seu serviço. Por agora, será mais seguro ficares por algum tempo escondida no Marais, mas crê que não esquecerei o teu desejo. E está acabada a minha historia, a triste historia da minha fraqueza.

—Bem triste que ella é, senhor abbade, e muito deve o sr. ter soffrido. Nunca senti desejo de voltar para a fé da Igreja Reformada, durante este tempo todo, e de adorar a Deus segundo a sua consciencia ?—perguntou Anésia, com alguma hesitação.

—Nos primeiros annos da minha apostasia — porque nunca deixo de qualificar devidamente o meu procedimento—os remorsos que senti eram insupportaveis ; por vezes estive a ponto de fugir para Genebra ; mas as lagrimas e as supplicas de minha mãe, e o receio dos perigos em que

ella viria a encontrar-se, sempre me detiveram. Effectivamente, o que seria da pobre senhora, se eu a abandonasse? Mas tenho sido o meio de salvação para algumas almas attribuladas, apontando-lhes o unico Salvador dos peccadores. Ah!—continuou o abbade, tristemente,—a minha entrada no céu não será a entrada triumphante dos «servos bons e fieis»; entrarei no porto do descanso como um pobre navio desarvorado, não pelos meus proprios merecimentos, que são nullos, mas tão sómente mediante o sangue e a justiça do Salvador.

Anésia pensou em replicar:—Estou certa de que o meu querido pae lhe diria n'este momento: «Sê fiel agora, Huberto; antes o sejas agora do que nunca.» Mas recciou dizel-o, por considerar que era ainda muito nova para dar conselhos.

Caminhavam em silencio por mais algum tempo, e depois a joven perguntou ao abbade, se sabia o que era feito de Eugenio Gubert.

—Nunca mais tornei a vê-lo; mas ouvi dizer que tinha entrado para um collegio de jesuitas, alcançando depois um eminente logar na Egreja.

—Agora, — disse madame de Pontarlier, — como está acabada a historia do abbade, vamos para casa, porque está orvalhando. Amanhã entraremos, com Anésia e o snr. Lá Motte, no paiz do Marais.

—Creio,—disse Violeta,—que o snr. La Motte é, de todos os abbades de quem tenho ouvido fallar, aquelle por quem sinto maior interesse; mas o certo é que a sua historia faz-nos chorar...

Effectivamente, as duas meninas tinham chorado por mais de uma vez, ao ouvir a historia do abbade.

CAPITULO XIV

Na herdade do Marais

—Agora,—disse a pequena Violeta, quando a condessa e suas netas tornaram a sentar-se debaixo do umbroso ulmeiro,—creio que Anésia e o abbade terão chegado á região dos pantanos, e em breve alcancem a herdade a que se dirigem. Fiquei tão satisfeita em saber que o snr. La Motte não consentiu que sua mãe fosse queimada! toda eu tremo, só de pensar n'isto.

—E eu tambem; mas não estou bem certa se o abbade fez bem em proceder como procedeu, ainda que se tratasse de salvar a vida da sua querida mãe. . . ao mesmo tempo, parece-me que, no seu caso, teria feito outro tanto. . . Sou tão amiga da mamã! Diga-nos, avósinha, o seu procedimento foi correcto, aos olhos de Deus?

—A propria consciencia do abbade o condemnava. Mas, se a mãe tivesse uma fé mais forte, ter-se-hia opposto a que a sua vida fosse salva mediante a negação da verdade de Deus, e teria animado o filho a ser fiel até á morte. Deus poderia, em deferimento ás suas orações, ter apparelhado algum meio de salvação. Não sei mesmo se, tendo-se elles conservado fieis a Deus e ás suas consciencias, e recusando apostatar, aquelles amigos, que de tanta influencia e de tanto poder pareciam dispôr, teriam planeado algum meio de lhes salvar as vidas. A provocação da sua fé foi muito grande, e o coração humano é muito fraco; mas Deus é maior do que os nossos corações, e têl-os ia fortalecido e habilitado a glorifical-o na fornalha ardente. Teria estado a seu lado quando transpozesses o vallo das sombras da morte. Mas, voltemos á minha historia,—disse madame de Pontarlier, recomeçando a sua leitura.

Chegados que foram á choupana, que se encontrava na extrema da região do Marais, e na qual Anésia devia passar aquella noite, o abbade apressou-se a ir fretar uma barca que os transportasse á herdade, que ficava situada entre os pantanos, junto da margem do rio Sèvre. Quando

raiou a manhã seguinte, já o abbade estava esperando Anésia, e pouco tardou que a estreita e comprida barca começasse a sulcar as aguas tranquillias e pouco profundas do Marais, que estava quasi constantemente inundado pelo trasbordo das aguas dos rios Sèvre, Antise e Lá Vendée. O unico meio que se offerecia á derivação, para o mar, d'este grande volume d'aguas, era o leito do baixo e tortuoso Sèvre; por isso que, o estado de agitação em que o paiz se achava, em rasão das continuas guerras religiosas, não tinha ainda permittido que se tratasse de esgotar os pantanos da bacia do Sèvre, n'aquolla parte do paiz. Mas pouco tardou que o patriotico rei Henrique IV tomasse energicas providencias para que taes pantanos fossem esgotados.

Anésia sentiu-se dominada por uma especie de terror ao contemplar aquellas verdes planicies, tão extensas e tão silenciosas. Era ainda muito cedo quando a barca transpoz o braço principal do Antise, em Pont de l'Île, ponto junto do qual o mesmo rio ali divide em dois ramos, para a direita e esquerda, que vão depois affluir ao Sèvre, mais ao sul, formando a ilha de Maillezais. Ao passarem junto da ilha, o abbade indicou a Anésia a antiga e grande cathedral de S. Pedro, que por varias vezes tinha sido devastada, desde 1573, durante as guerras da Liga e das guerras protestantes. Maillezais tornara a cair em poder de Henrique, que era então rei de Navarra.

—Em 1589,—disse o abbade,—os assaltados eram capitaneados por Theodoro Agrippa d'Aubigné, guerreiro valoroso, protestante dedicado, e amigo fiel do rei Henrique. D'Aubigné é actualmente governador da ilha, a qual foi solidamente fortificada por Sully, a quem não passou despercebida a importancia que teria, para a causa protestante, a posse de uma fortaleza nas condições em que está esta, cercada, de tres lados, por impenetraveis pantanos, e pelo rio Sèvre do lado sul. Claudio Buron poderá contar-te muitos factos da vida d'este grande homem.

O sr. La Motte fez uma breve descripção da ilha a Anésia, e fallou-lhe dos homens celebres que tinham habi-

tado no mosteiro de Maillezais. ⁽¹⁾ O engenhoso auctor satyrico, Rabelais, tinha sido frade n'aquelle mosteiro por algum tempo, havia cerca de cincoenta annos, durante o episcopado de Godofredo d'Estissac, homem de espirito independente, que passava por ser favoravel ás doutrinas de Martinho Luther. O bispo era muito affeçoado ao voluvel e irrequieto monge, e comprazia-se em escutar-lhe as picantes ironias e os ditos engraçados; e quando, por fim, o monge, cansado de sopportar a fastidiosa vida monastica, procurou, escalando os muros do mosteiro, a independencia absoluta que ambicionava, o prelado perdoou-lhe, pedindo-lhe apenas, quando elle, mais tarde, se passou ao reino de Napoles, que lhe mandasse para os seus jardins as flores e as sementes mais raras e mais delicadas, por isso que era, em extremo, apaixonado pela floricultura. Rabelais não olvidou o pedido do seu amigo bispo, e a elle devemos muitas das nossas plantas e flores.

Já o ardente sol do meio-dia tinha dissipado o azulado nevoeiro matinal, quando o abbade e Anésia chegaram ao rio Sèvre, e se sentaram no banco do remador, a fim de contemplarem o panorama que se offerecia a seus olhos. O rio, pouco profundo, corria por entre vastos pantanos que o orlavam de um e outro lado. Da direita e da esquerda, por toda a parte enfim, e tanto quanto a vista podia alcançar, avistavam-se vastas planicies verdes, e extensos massiços de cannas e de juncos; aqui e ali cerradas florestas de salgueiros e de freixos emergiam das aguas, juntamente com luxuriante profusão de plantas aquaticas. O pesado silencio d'esta enorme solidão era apenas quebrado pelo ruido dos compridos remos e pelos gritos agudos e prolongados de innumeradas aves ribeirinhas, que esvoaçavam no ar, ou sulcavam, nadando, as aguas tranquilladas e espalhadas.

— Oh sr. abbade!—exclamou Anésia, soltando fundo suspiro, depois de um longo silencio,—estamos ainda no mesmo mundo em que estavamos hontem? Ha, alem de nós, outras pessoas viventes n'esta grande solidão esverdeada-

(1) Historia de Maillezais, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, por Carlos Arnaute, 1840.

da, ou estamos em outro mundo, onde só existem as tres pessoas que estão n'esta barca? Diga-me, sr. abbado, diga-me se estou sonhando.

— Não estás sonhando, Anósia; vamos apenas passando aavez de vastos e silenciosos pantanos, onde, ha occultos, as cannas e os juncos balouçam as suas hastes flexiveis, as arvores estendem seus ramos para o sol, as aguas são povoados pelas mesmas especies de sêres, e as aves penduram seus ninhos nos ondulantes cannaviaes. ou os constroem entre as hervas onde criam os filhinhos. Sim, e dentro em pouco veremos homens e mulheres, verdadeiros filhos do decahido Adão, da mesma natureza peccadora que nós tomos, mas pobres, ignorantes, ferozes e selvagens, que mal sabem que existe um Deus que detesta o peccado, mas que está sempre prompto a receber o peccador que para Elle volta. N'estes impenetraveis pantanos, e mais especialmente no Marais, nas margens do rio Sévre, vive um povo singular a quem chamam *Colliberts* ⁽¹⁾. No decimo seculo habitavam os espessos matagaes da ilha de Maillezais; agora encontram-se sempre alguns nas margens do Sévre. Constroem as suas grosseiras choupanas com mólhos de canas ontrelaçadas com ramos flexiveis e algum barro, e cobrem-n'as com uma espessa camada de juncos, que tiram do rio. Não teem chaminé, como geralmente teem as choupanas dos nossos camponezes, e dispõem a lareira no meio de um dos quartos. Fixam no chão terreo duas hastes em fôrma de forquilha, sobre as quaes atravessam uma vara, d'onde pende o gancho que segura a panella. Como o fumo não tem sahida facil, emquanto cosinham, a casa enche-se de densa fumarada, a ponto de não se distinguirem as pessoas que estão no mesmo quarto, como já por vezes tenho presenciado. Uma illota d'este rio é habitada por uma familia numerosa, que vive em tres d'estas choupanas; toda a mobilia que ali poderás encontrar não passa de uma cama alta, sem cortinas, uma arca antiga, dois ou tres pratos quebrados e uma grande cabaça servindo de cangirão.

— E de que vive essa gente, sr. abbado?

(1) *Memoria de M. Savary, engenheiro militar.*

—Sustentam-se de aves aquaticas, de peixe, de leite e de algumas hortaliças que cultivam ao pé de casa. Muitos d'elles possuem vaccas, que alimentam com as plantas aquaticas que por toda a parte se encontram; e vendem o leite que lhes sobra do consumo domestico. Além d'isto, criam grandes bandos de patos, nos canaes que abundam n'esta região, e vão vendel-os aos mercados de Maraus e de Fontenay. No inverno caçam muitas aves de arribação que emigram para aqui, vindas do norte da Europa, e vendem-n'as tambem. O combustivel de que usam, são as mesmas plantas com que sustentam as vaccas. Os mais emprehendedores e industriosos podem fazer abundante colheita de linho e de feno no terreno, apropriado a estas culturas, que está situado a menos de cem pés de distancia das choupanas.

—Essa gente singular tem habitos semelhantes aos dos nossos honrados e fieis compatriotas do Poitou, sr. abade?

—Tudo serão, menos honrados; pois, na verdade, pouco é o bem que se diz d'elles. Teem a reputação de serem perigosos vizinhos, por causa de sua tendencia para o roubo, de serem bullentos, selvagens, intractaveis e rudes de maneiras, insensiveis a todos os sentimentos de humanidade e de amor de familia, posto que extraordinariamente sagazes para tudo que lhes interesse. Supponho que são grandes ladrões, ratoneiros e incendiarios. Já me disseram que voluntariamente assassinam as pessoas que encontram no rio—onde habitualmente vivem—depois de lhes roubarem tudo, e que são destituídos de todos os sentimentos generosos. Ainda assim, creio que poderiam ser regenerados por uma sympathia verdadeiramente christã e uma paciente benevolencia.

Leonor Buron disse-me que funda muitas esperanças em que alguns d'ellos, a quem tem tratado carinhosamente em occasões de doenças e de mortes, continuem a dar provas de amizade e mesmo de gratidão. Se eu vivesse n'estes sitios, havia de estar constantemente no meio d'esta pobre gente, semi-selvagem e abandonada de todos. Aconselho-te a ajudares Leonor, na sua boa obra.

Da melhor vontade o farei, snr. La Motte. Mas que gente tão singular e tão perversa ! Diga-me se só habitavam n'estes sitios, e se são livres ou servos.

—São uma especie de meio termo entre servos e livres, menos livres do que estes, mas mais livres de que os servos. Ha muito que sustente a opinião de que esta raça não está adstricta aos pantanos do Sévre, mas existe disseminada por toda a França ; e ha tambem quem sustente, com auctoridade não inferior, que ella é a unica representante da primitiva população do Baixo-Poitou. (1) Mas, qualquer que seja a sua origem, em nada se parecem com os honrados, fieis e religiosos camponezes do Bocage. Na verdade, pouco se sabe ácerca d'este povo singular, ao qual os nossos compatriotas do Poitou evitam e desprezam.

A barca ia então atravessando extensos paúes, que ficavam á beira do rio, orlados por densas massas de plantas aquaticas, fortes e vigorosas, que pareciam sahir do terreno solido e tentavam o incauto forasteiro a desembarcar n'aquelles viçosos jardins ; mas, ai de quem cedesse á tentação, porque a vegetação luxuriante se se elevava tres braças acima da superficie do rio, profundava não menos de outro tanto n'um terreno viscoso e lamacento. A pequena embarcação, seguindo o rio acima, internou-se depois n'uma estreita vereda aberta entre juncaes muito altos, deslizando pela superficie da agua profunda e tranquilla que parecia atapetada por grandes folhas verde-negras, no meio das quaes sobre-sahiam as alvas flores da açucena aquatica. (2)

Momentos depois o abbade apontou para uma pequena ilha, situada perto do rio, e cercada, por tres lados, por uma larga valla, orlada por densas massas de juncos, que quasi occultavam a cabana que ali se erguia.

—Olha ! n'aquella ilha, que alem vês, e que, segun-

(1) Arcére, na sua historia de Rochella, sustenta que os Coliberts (*cabeças livres*) são Teifalianos que entraram na Gallia, no quinto século, capitaneados por Goar, rei dos Alanos.

(2) *Estatistica ou descripção geral do departamento de Vendée*, por J. A. Cavoleau e A. D. de la Fontenelle de Vaudore, 1844.

do parece, não é mais do que um mouchão, vive um Colibert que a levantou áquella altura com a terra que tirou da valla que o circunda: Leonor conhece-o; visitou-o durante uma doença e disse-me que elle era muito velho e muito pobre, e que se julga ser um criminoso fugido. E eis-nos, enfim, chegados á tua nova casa, Anésia; mas não desanimés, minha filha, Leonor ha de ser muito tua amiga e tratar-te muito bem, e tu, por certo, has de respeitá-la e ser tambem muito sua amiga,—disse o abbade, suavemente, vendo a pobre rapariga empallidecer, e arrazarem-se-lhe os olhos de lagrimas —Crê que has de encontrar para fazer aqui algum trabalho abençoado, agradável ao querido Salvador, entre estes desgraçados pagaões. Pelo que respeita á habitação dos Burons, é bonita e confortavel. Leonor e seus filhos gostam muito de flôres, e o jardimzinho, que teem junto á casa, está cheio de lindas plantas. Has de gostar muito d'ellas, recrear-te-has em cultivá-las. Anima-te, pois, Anésia, e não deixes entristecer o teu coração; debes fazer diligencia por te mostrares alegre, radiante e feliz, para que todos o sejam.

—Assim o farei, snr. abbade. Eu bem quero não me affligir; mas que quer? é difficil esquecer, e considerar que vou achar-me sósinha entre estranhos. Oh! agora vejo quanto a vida é triste! e eu que a julgava doce e alegre!... Diga-me, vae demorar-se algum tempo em companhia dos Burons, meu caro snr. La Motte? —perguntou Anésia, depois de pequena pausa.

—Tres ou quatro dias, quando muito. Tenho de voltar para os meus parochianos e para a minha vida de solidão, porque sei que sou amado pelos meus simples camponezes, e que ficarão contentes ao verem-me regressar. Quão pouco sabemos, quando estamos no liminar da vida, o que virá a ser o nublado futuro que nos espera! Quão brilhantes eram as côres dos quadros que nós phantasiavamos, a querida Ivelone, meus paes, e eu! Mas creio firmemente, Anesia, que tudo quanto dimana da mão do Pae amantissimo, quanto o grande e sabio Deus tom ordenado, é ainda muito mais do que mereço. Nem esqueço que não

é n'este mundo a minha morada, e graças dou a Deus que assim succeda.

—Ah! snr. abbade, apesar de tudo, o meu futuro pode ser mais alegre do que o seu. Com o tempo, hei de talvez esquecer o terrível passado. Demais, não me depa-rou Deus amigos bondosos e verdadeiros, e uma casa segura e tranquilla n'este estranho e bello paiz? Mas está certo, snr. abbade, de que Leonor Buron gostará de me receber sem ter sido avisada? Não lhe serei pesada, é verdade, mas é possível que ella não queira conservar-me em sua casa.

—Estou mais do que certo de que Leonor, e seus filhos, hão de receber-te de braços abertos. E' dotada de um coração grato e bondoso; e receber-te-ia com alegria, só para me ser agradável; mas quando ouvir a tua historia, o seu coração terno e maternal ha de encher-se de compaixão para contigo. Não tenhas receio, Anésia, n'aquella casa de paz só vaes encontrar bondade extrema; e estou certo de que assim me dirás quando eu vier, no mez de junho, visitar estes sitios, por parte do conde.

—Leonor Buron conhece a sua historia, e sabe o seu antigo nome e o seu titulo, snr. abbade?

—Pouco sabe da minha historia... e para que precisa sabel-a? Mas sabe que o verdadeiro appellido é Males-troit, e que não desejo que me tratem assim. Podes dizer-lhe a meu respeito tudo quanto quizeres, Anésia. Eu é que não poderia fazer outro tanto. Mas, eis-nos chegados ao pequeno canal que ha de levar-nos á herdade Douval. Vês aquella ilha oblonga que se eleva, além no pantano, rodeada de altas reprezas cobertas de arvoredo? e vês, um pouco para a direita, um terreno ainda mais elevado do que os canaviaes e reprezas?—perguntou o snr. La Motte, apontando para os logares que indicava.

—Vejo. Parece um oiteirinho verde a sahir da planicie, e aquellas brilhantes fitas prateadas que, em diferentes direcções, correm para este rio atravez do pantano, parecem-me canaes em que o sol se está reflectindo.

—Duas ou tres d'essas fitas prateadas, como lhe chamas, são rios. Não existem muitos canaes e diques d'este

lado do Antise, porque é ainda muito pouco o que se tem feito para se esgotar estes pantanos. O Sêvre distingue-se, por muitos motivos, dos outros rios da França. Ha alguns seculos era desconhecido, porque o mar cobria então parte do Baixo-Poitou e o Aumise; e foi só quando o mar retrocedeu, que o Sêvre se formou das aguas dos vastos pantanos, das do Antise-la-Vendée e das de outros ribeiros.

Quando o abbade acabou de dizer estas palavras, atracou a barca ao pequeno caes da ilhota, e ambos desembarcaram, dirigindo-se, em acto continuo, para a casa dos Burons, que ficava um pouco acima, na encosta. A casa mostrava ser alegre, feliz e bem disposta, pois respirava contentamento, gosto e commodidade.

—Como é delicioso o aroma das madresilvas e dos jasmineiros, e que bem lançados estão por cima da porta e em volta d'aquella janella!—disse Anésia, apontando para o arco das odoríferas trepadeiras, cuidadosamente guiadas de maneira a formarem um alpendre por cima da porta. —Como tudo, aqui, parece tranquillo e secehado! Muito bom foi para mim o snr. La Motte em trazer-me para esta alegre casa! Difficil serei de contentar se não me der bem aqui.

—Estou certo de que has de dar-te bem, e que has de ser muito feliz. Eh! Claudio!—continuou o abbade, dirigindo-se a um mancebo que appareceu á porta, seguido por um rapazito, olhando ambos com ar de surpresa para os recém-chegados.

—Ora esta! é o snr. La Motte! Quem tal havia de dizer! E quem...—mas o mancebo calou-se de repente, ao vêr Anésia.

—Sim, Claudio, sou eu em pessoa. Tua mãe está em casa?

—Está, sim, senhor; hoje é dia de fazermos coscoções, parte dos quaes hei de ir vender amanhã a Maillerais. Mas, então, não entra, snr. La Motte? como minha mãe vai ficar contente de o vêr! Oh mãe, mãe! venha cá! está aqui nem mais nem menos do que o snr. La Motte.

N'este ponto, o rapazito, Amric, deitou a correr para ir levar a noticia á mãe.

Um momento depois, appareceu uma mulher de aspecto muito agradável, parecendo tão surpreendida como seus filhos. Feitos os mais affectuosos cumprimentos ao inesperado hospede, a dona da casa, com modo digno e gracioso, voltou-se para Anésia, que estava um pouco atraz do snr. La Motte, e tomando-a por ambas as mãos disse-lhe:

—Sê bem vinda, menina! és, naturalmente uma pobre fugitiva que o bom do snr. abbade me traz para ter segurança e protecção. Não é assim, snr. abbade?

—Tal qual o diz, Leonor, uma pobre fugitiva. Esta menina, coitada, tem soffrido grandes desgostos e passado por grandes perigos desde 15 de agosto. Foi salva das mãos dos seus inimigos por auxilio que recebeu de um dedicado amigo de seu pae, e de outras pessoas que entre si se ligaram para salvarem a innocente perseguida. Cabe-lhe agora a vez de a proteger e de a educar, Leonor. Vae ouvir a sua historia, e estou certo de que ha de amar e proteger uma das bem-amadas do Salvador.

—Seguramente, por amor d'esse Salvador, e tambem por vosso amor. Mas, façam favor de entrar. Devem ter vontade de comer, e chegaram em occasião propria para se servirem de uns coscorões fresquinhos, ainda quentes. Alécia está n'este momento tirando-os do lume. Entrem...

E assim fallando, Leonor dirigiu-se para o interior da casa, seguida por todos.

Anésia ficou encantada por vêr a belleza de Alécia, filha unica de Leonor, que entrava na vasta cosinha com um grande açafate cheio de coscorões fumegantes, que acabavam de sahir do lume.

—Vê, filha, quem o nosso Claudio encontrou lá fóra! Não deviamos ter-nos assustado tanto com as vozes estranhas que ouvimos. Estavamos longe de adivinhar a quem pertenciam, e quanto os forasteiros haviam de ser bem-vindos a esta casa!

O abbade riu muito do olhar espantado de Alécia; mas esta, depois de ter trocado algumas palavras com elle, deu as boas vindas a Anésia, beijando-a e dirigindo-lhe palavras amaveis. Leonor e Alécia apressaram-se em

pôr a meza, que forneceram do melhor que havia em casa.

Anésia estava muito triste e pezarosa para poder comer, porque a vista d'aquella feliz mãe e de seus filhos trazia-lhe á memoria os entes que tanto amara e que perdera. Recordando-se, porém, da promessa, que tinha feito ao abbade, de se mostrar feliz e radiante na sua nova casa, por amor dos outros, esforçou-se, corajosamente, por enxugar as lagrimas.

Finda a refeição, propoz Leonor que fossem para o jardim assistir ao pôr do sol. E, depois de Anésia ter descansado, Alécia e seus irmãos levaram-n'a em torno da prospera fazenda, mostrando-lhe as suas cinco lindas vacas, o pequeno rebanho, os vigorosos cavallos, e mais o feno, as sementeiras de linho, proximas do canal que cercava a ilhota, e as searas do trigo e da cevada.

—Olhe, — disse Claudio, — nós só semeamos o trigo e a cevada necessarios para gasto da casa. Minha mãe e Alécia fazem de cevada todo o nosso pão; e o trigo, guardamol-o, para fazer coscorões, que só podem ser feitos de farinha fina. Não imagina a grande quantidade de coscorões que vendemos, em Maillerais e em Niort. Agora vendemos tantos, que temos de fazel-os duas vezes por semana, ajudando eu e Amric.

—E como aprendeu sua mãe a fazer as filhós? A minha querida mãe sabia fazer todas as coisas, menos filhós, que assim lhes chamamos na nossa terra.

—Ora, — respondeu Claudio, — minha mãe é natural de Saint-Réothe, e a menina bem sabe que esta aldeia e Saint-Juire são afamadas pelos bons coscorões que lá se fazem, ou boas filhós, como a menina lhes chama.

—Agora, mana Anésia, — disse Alécia, a quem sobre-modo agradara haver descoberto, nas intelligentes perguntas de Anésia, ácerca da producção e cultura da pequena herdade, que ella sabia entender e apreciar o seu trabalho e a sua actividade, — agora vamos vêr as nossas quatro juntas de bois — que tiveram hoje o seu dia de descanso — as nossas gallinhas e os nossos patos, que nós creamos e vendemos por bom dinheiro nos mercados de Maillerais e de Niort.

Alécia e seus irmãos, depois de mostrarem á recém-chegada, que ia passar a ser considerada pessoa da familia, a fazenda, o gado e a creação, foram ter com a mãe, que estava sentada junto da porta da entrada ouvindo a narração, que o sr. La Matte lhe fazia, das infelicidades de Anésia. Os olhos de Leonor trasbordaram de lagrimas ao estreitar a donzella entre os seus braços.

—Faze por viver alegremente na nossa companhia, minha filha. Farei todo o possivel para te servir de segunda mãe, e os meus filhos serão para ti irmãos e irmã. Tudo quanto é nosso te pertencerá egualmente, as tuas maguas serão as nossas maguas, a tua alegria a nossa alegria. E's minha filha de hoje para o futuro, e permanecerás n'esta ilhota emquanto quizeres viver connosco.

Anésia accitou o offerecimento de Leonor com gratidão affectuosa, e ficou sendo uma pessoa da familia, ajudando ao trabalho d'alli em deante, e tomando parte nas alegrias e cuidados d'aquella boa gente.

Na manhã seguinte, Claudio e Amric apanharam uma duzia dos mais gordos patos que nadavam no canal, outros tantos frangãos, e metteram-nos em canastras, que taparam com redes. Acondicionaram cuidadosamente muitas duzias de coscorões frescos, grandes pães de manteiga de quatro ou seis arrateis cada um, e um bello ramo de rosas, madesilvas e jasmims, que destinavam a um soldado doente que gostava muito de flôres, por lhe recordarem, segundo dizia, o amor de sua mãe e os seus tempos infantis. Leonor nunca se esquecia de encher uma condeça de coscorões, bolos e manteiga fresca para Claudio e Amric levarem ao soldado, seu patricio e correligionario, desde que soubera que elle estava em Maillerais, sob as ordens de Agrippa d'Aubigné.

— Digam-lhe,—recommendeu Leonor,—que hei de ir vê-lo brevemente, e fallar-lhe do Salvador, a quem tanto ama.

Na herdade havia abundancia de trabalho para todos, e de trabalho bastante violento, durante a maior parte da primavera, do estio, do outomno e do inverno, e desde o nascer até ao pôr do sol. Quasi todo o serviço da lavou-

ra, lavrar, semeiar, e ceifar, era feito por quatro braços trabalhadores. Mas, no tempo da colheita, em que duas mulheres, um homem e um rapaz, por muito que trabalhassem, não podiam colher e transportar os fructos, ajustavam tres ou quatro rapazes, dos semi-selvagens Colliberts, para ajudarem a carregar o carro com o trigo ou a cevada, os feijões, o canhamo, ou outras novidades que recolhiam. Os Burons tinham, porém, o cuidado de não perderem de vista os seus perigosos auxiliares, n'essas occasiões, por saberem que elles estavam sempre promptos para se apoderarem, sem mais cerimonia, do que pertencia a seus patrões.

A' tarde, antes de escurecer, a familia reuniu-se na espaçosa cozinha para o culto da tarde, servindo o abbade de ministro, a pedido de Leonor; porque a preciosa palavra do Deus era amada e honrada n'aquella mansão de paz, e lida e explicada de manhã e á noite pela dona da casa, sem temor nem embaraço. Depois, quando o ultimo raio de luz desaparecia, iam todos deitar-se, para se erguerem na manhã seguinte, ao romper do dia, e retomarem os labores quotidianos.

A manhã seguinte foi muito occupada, por ter de se carregar a comprida e vistosa barca, em que os productos da herdade iam para o mercado de Maillerais. As feiras tinham sido instituidas n'esta localidade no reinado do bom Henrique IV, em 1591. «Porquanto,» — diz a cartapatente da instituição — sendo o paiz appropriado e fertil em todos os productos, e obstando o estado actual de agitação em que elle se acha, a que os seus habitantes se abastecem em paz nas feiras da Rochelle, Fontenay e Niort, permittimos que os mercadores ponham á venda as suas fazendas nos mercados de Maillerais.»

—Agora, — disse o abbade, depois de Claudio e Amric terem partido, — vou tornar a vestir o fato que me serviu de disfarce, e irei comsigo, Leonor, e com Alécia, para o trabalho do campo. N'outro tempo trabalhei muito com meu pae, e posso assegurar-lhes que não sou dos peiores lavradores.

—Muito bem,—replicou Leonor—começaram a gradar outro terreno, já que hontem nada fizemos.

Assim partiram para o trabalho. No campo, o abba-de guiava a pesada grade de destorroar, Leonor caminhava ao lado da junta de bois, e Alécia e Anésia apanhavam as ervas bravias e as raízes que appareciam nos torrões desfeitos, para as ajuntarem em montões, com destino ao lume. D'este modo trabalharam até quasi ao meio dia, hora a que Leonor voltou a casa para arranjar o jantar, deixando ao cuidado do abba-de e das raparigas dar agua e ração aos pacientes e vagarosos bois.

—Claudio já viu alguma vez o bravo capitão d'Aubique?—perguntou Anésia.

—Sim! muitas vezes. Claudio julga que não ha militar mais valoroso, e tem vontade de se alistar ao seu serviço, para ir combater, com elle, pelo rei. Affirma-se que Henrique IV não gosta que o bravo capitão se conserve por detraz dos muros de Maillerais; mas o valente soldado ama o seu retiro pacifico d'estes pantanos, e vive cercado de livros, satisfeito, ao que se diz, de ser governador de Maillerais, entregue ao cumprimento dos seus deveres e dirigindo pessoalmente os fortes que está construindo para melhor defenza da ilha. Não é estimado na côrte, nem se considera feliz quando lá vive, porque detesta os vícios que alli vê por toda a parte, e não poupa os cortezãos ás suas finas e lancinantes ironias, nem ás suas amargas predicções. Não admira que, na côrte, o detestem e o temam, e tenho ouvido dizer que já, por mais de uma vez, se tem tentado contra a sua vida. Um homem tão independente, tão honrado e tão justo nunca poderia ter grande popularidade na côrte. Todavia, é verdadeiro e leal para com o rei, de quem é amigo, e vae á côrte, de tempos a tempos, para lhe ser agradavel. Mas, parece-me que vejo tua mão a chamar-nos para jantar,—disse o abba-de.

Depois da refeição voltaram para o trabalho, e, ainda este não terminara, já Claudio e Amric estavam de volta, com a barca despejada, pois haviam vendido tudo quanto tinham levado pela manhã.

— Olhe, mão! que grande quantidade de dinheiro nós

trouxemos! — disse Claudio. E poderíamos ter vendido outro tanto, porque a nossa criação e a nossa manteiga são muito procuradas; enquanto aos coscorões, quem uma vez os prova, está sempre a perguntar por elles.

—E como achaste Godofredo Gavan?

—Está muito melhor, mãe. Um frade, que é muito entendido em bons remedios para curar doenças, entrou o outro dia na sua choupana, para se abrigar da tempestade, e, quando o ouviu tossir, disse-lhe que havia de mandar-lhe um remedio que havia de pô-lo bom. Elle manda agradecer-lhe, mãe, as boas coisas que lhe mandou, e ficou contentissimo quando eu lhe disse que a mãe ia vê-lo brevemente.

—Sim, sim. E não nos contou uma linda historia do grande capitão d'Aubigné? — interrompeu Amric.

—Contou; e as suas historias são verdadeiras, porque lh'as conta um official, homem muito estimavel, de quem o governador é particular amigo e com quem conversa ameadadas vezes. Este official costuma ir visitar Godofredo, porque Godofredo salvou-lhe a vida uma vez, e o official não esqueceu este serviço. Comemos, na sua choupana, o pão e o peixe frio que levavamos, e, enquanto iamos comendo, contou-nos Godofredo uma boa porção de coisas a respeito do bravo d'Aubigné. Querem que eu lhes diga o que elle nos contou? — disse Claudio, voltando-se para sua mãe, e para as demais pessoas que o escutavam.

—De melhor vontade.

—Então, lá vae. Disse-nos Godofredo que, depois da morte de Henrique III, a Liga, que odiava o rei protestante, reconheceu, como rei de França, o velho cardeal de Bourbon, tio, me parece, de Henrique IV. Alguns chefes protestantes entenderam então que o mais prudente era remover o cardeal, de Chimon, onde se achava, para logar mais seguro, e incumbir a sua guarda a pessoa cuja fidelidade fosse reconhecida. Lembraram-se de Maillerai e de Agrippa d'Aubigné, e, apezar da opposição manifestada por Duplessis-Mornay, o rei Henrique insistiu, dizendo que—a palavra de d'Aubigné era quanto bastava para abonar a segurança do cardeal.

O cardeal-rei foi transferido para Maillerais durante a noite; depois do que, muitas tentativas foram feitas para o libertar, por parte da Liga, que persistia em considerá-lo como rei Carlos X. A duquesa de Rets mandou offerecer a d'Aubigné 200.000 peças de prata e o governo de Belle-Isle com o soldo de 50.000 peças por anno, para que elle favorecesse a fuga do Cardeal. Mas d'Aubigné respondeu:

—A ultima parte da offerta seria a melhor de accetar, porque assim poderia comer, em paz, o fructo da minha infedelidade; mas a minha consciencia acompanhar-me-ia para toda a parte, embarcaria commigo para Belle-Isle, e encher-me-ia de constantes remorsos. Podeis retirar-vos, pois, senhor, — disse elle ao italiano que lhe trouxera a carta e a offerta do marechal e da duquesa de Rets, — podeis retirar-vos como viestes; mas crêde que se não tivésseis vindo com um salvo-conducto, assignado por minha mãe, vos mandaria entregar ao rei, meu amo, atado de mãos e pés.

Depois d'esta tentativa, outras se fizeram; mas a vigilante lealdade de d'Aubigné nunca adormecia. Por fim, desanimados pelo mau exito da empreza, os partidarios do cardeal resolveram assassinar o valente e honrado governador, e foi um capitão, chamado Dauphin, celebre pelas grandes pilhagens que tinha commettido no Marais, quem tomou a seu cargo a realisação do criminoso projecto. Para este fim, escreveu a d'Aubigné, sollicitando d'elle uma entrevista particular, sem que declarasse o seu nome d'Aubigné, apezar de ter sido avisado, de toda a parte, de que o conde de Brissac Dauphin intentava assassinal-o, d'Aubigné, que tantas vezes encarara a morte no campo de batalha, não recebeu encaral-a mais uma vez. Annuiu ao pedido de Dauphin, e consentiu em encontrar-se com elle, n'uma choupana abandonada, nas margens do Sévre. A entrevista devia effectuar-se ao nascer do sol, e d'Aubigné, para cumprir a sua promessa, devia sair do castello sem que ninguem o soubesse. A'quella hora baixaram-se as pontes-levadiças, e o bravo governador saiu só e intre-

pidamente. Quando chegou á choupana, encontrando-se com Dauphin, que sósinho o esperava, comprehendeu então o laço que lhe fôra armado, e dirigiu-se-lhe n'estes termos :

—Ouvi que querias matar-me. Não quiz acreditar-o. Comtudo, vejo que tens ahi dois punhaes, para levares a effeito o teu sinistro intento. Podes escolher o que mais te agradar para a realisação do teu fim ; e além tens um barco ; um barco prompto para te levar a salvamento além do Marais, com as tuas armas e a tua fortuna...

Dauphin, vencido por estas palavras, pronunciadas com tanta tranquillidade, atirou as armas assassinas aos pés de d'Aubigné, jurando que nunca pensara em tirar-lhe a vida!

—Oh ! que boa ideia teve o bravo capitão ! — exclamou Alécia.

—E ha quanto tempo aconteceu isso, meu filho ?

—Não ha mais de seis ou sete annos, mãe. Godofredo disse-nos que o cardeal foi transferido, pouco depois d'esto caso, para Fontenay-le-Comte.

—Onde morreu, haverá cinco annos, — concluiu o abade.

—Oh mãe ! — disse Claudio. — Muito gostava eu de entrar para o serviço do capitão. Combater sob as ordens de um homem tão valente, é toda a minha ambição.

—Claudio, meu filho, não pensas no que dizes. Se fizesses o que desejas, o que seria de tua mãe, de tua irmã e de teu irmão ? Poderíamos, nós quatro, cultivar esta herdade, sem o auxilio do teu braço robusto de mancebo ? Ignoras, porventura, quanto é já dura e amarga a nossa lida ? Demais, nunca consentiria que fosses soldado, e que tingisses as mãos no sangue do teu semelhante, nos campos de batalha. Não soariam aos teus ouvidos, de dia e de noite, os gemidos da mãe, da viuva e dos orphãos ? Deve haver guerras, n'um mundo perverso como este, e havelas-ha, bem o receio, até que o Salvador venha outra vez. Mas eu conheço-te muito bem, meu filho ! Desfallecerias á vista da carnagem, dos soffrimentos e da morte, no campo de batalha. Lamentarias o dia em que, para sempre,

tivesses abandonado o teu pacifico lar. Não ! tu és o meu filho primogenito, occulta-te aqui comnosco. E assim serás mais feliz, acredita.

O discurso fôra extraordinariamente longo para os habitos de Leonor; mas a pobre mãe sabia quanto Claudio desejava combater pelo seu rei, e sabia tambem que tal não podia, não devia, succeder, e por isso fallou quando viu chegado o momento opportuno.

Os outros filhos não disseram palavra, e reinou completo silencio, até que, por fim, Claudio, erguendo a cabeça, disse :

—Mãe, eu não poderia deixal-a !

—Muito bem, meu filho, — disse Leonor.

Claudio e Amric tinham ido trabalhar para os campos com as demais pessoas da casa, até á refeição da tarde, depois de terem tratado os cavallos e o gado e mugido as vaccas; porque alli ninguem tinha tempo para estar ocioso. Quando a familia se encontrou reunida, sentaram-se todos, na grade, para descansar e ouvirem o que havia a dizer-se, continuando depois a trabalhar até que o sol foi descansar, por algum tempo, por detraz dos altos juncaes e cannaviaes que se projectavam no horisonte de oeste. Leonor, seus filhos, Anésia e o abbade, voltaram então apressadamente para casa, caminhando atraz do fatigado boi, cantando e palestrando, promptos para ceiar e para dormir, depois do culto da noite.

Anésia viu, assim, qual era a vida habitual na herdade, salvo alguma pequena alteração proveniente da natureza dos trabalhos; e foi com a maior gratidão que ella agradeceu ao Dador de tudo o que é bom, o haver ligado a sua sorte com os bondosos Burons, n'aquelle lar tranquillo e feliz.

Dois dias depois, Claudio e Amric deviam conduzir, na barca, o snr. La Motte, pelo mesmo caminho por onde Anésia e elle tinham vindo, pois o abbade não queria ouvir fallar em domorar-se mais tempo.

CAPITULO XV

A despedida do abbade

Na tarde anterior á partida do abbade, os irmãos levaram a barca e os apparelhos de pesca para o Sévre, a vêr se apanhavam peixe para a ceia. Leonor Alésia ficaram a engommar, na cosinha, a roupa da semana.

—Anésia, — disse Leonor, — enquanto o teu ferro aquece, vae levar este canhamo ao snr. La Motte, que está arranjar o jasmineiro e atal-o por cima da janella; e podes ajudal-o, se quizeres. Alécia e eu temos tempo sufficiente para acabar de engommar antes que os rapazes venham com o peixe.

Anésia foi levar o canhamo ao abbade.

—Obrigado, Anésia, tinha acabado de atar o ultimo pedaço, mesmo agora. Olha, este jasmineiro está quasi a florir outra vez. Creio que os rapazes ainda não estão de volta.

—Ainda não, senhor abbade. Leonor disse-me que o senhor tinha resolvido partir amanhã pela manhã cedo. Sei que os seus deveres reclamam a sua partida, snr. La Motte, mas sinto-me triste.

—Parece-te que não serás feliz aqui, Anésia?

—E' verdade, snr. abbade. Deveria ser, realmente, muito difficil de contentar, e muito ingrata, para não me considerar feliz n'esta bella e tranquilla casa. Mas não é isso; é que o senhor é o amigo, o velho amigo de meu pae; o senhor conheceu e amou meus paes; soube todas as nossas maguas e provações; presenciou o fim d'aquelles que amei tão ternamente, e foi depôl-os a descansar nas suas sepulturas... Parece-me sentir que, quando o senhor partir, se alargará e tornará mais profundo o rio que se para esta nova vida da minha antiga vida do passado, com todas as recordações queridas de outros tempos. Mas, não, nunca poderei esquecer-me. Foi apenas um pensamento, um pensamento insensato, que me tornou louca. Hei-de ser feliz n'esta casa, e então nada receio, meu bom snr. La Motte.

Anésia pronunciou estas ultimas palavras com expressão alegre, porque, ao tempo que fallara, vira desenhar-se, no rosto do bondoso abbade, uma sombra de contrariedade e de desgosto.

—Não te entregues a pensamentos tristes e a vãos pezares, porque não são bons nem justos. Lembra-te, Anésia, que é Deus quem tem mandado, e quem sempre ha de mandar, os acontecimentos da tua vida, e fiquemos n'isto,—disse o snr. La Motte, em tom affavel,—Olha! olha ahí veem os rapazes a correr, para casa, com o peixe.

A' tarde foram todos, outra vez, trabalhar para os campos, quasi promptos agora para a sementeira da ervilhoca que havia de sustentar os cavallos e o gado durante o inverno. O tempo estava quente e suffocante, e os trabalhadores cançados, porque tinham trabalhado, a valer, por algumas horas.

—Snr. La Motte,—disse Alécia,—a mãe disse, quando foi para casa frigir o peixe, que o senhor devia recolher-se cedo para descansar. Por isso lhe peço que leve Amric comsigo, e que nos mande, por elle, uma porção de leite fresco, pois já bebemos todo o que trouxemos, e queremos mais algum. Tanto nós, como os bois, estamos com vontade de descansar um bocado. E o senhor lembre-se da grande jornada que tem de fazer amanhã atravez da planicie.

—Tens razão ;—disse o abbade—obedecerei á tua boa mãe, e descansarei em casa, á sombra. Anda d'ahi, Amric, péga na bilha, e vem commigo.

O abbade foi sentar-se na cosinha, e Leonor encheu a bilha a Amric, que voltou para o campo.

—Como é natural que todos tenhamos fome, depois de havermos trabalhado tanto, estou a fazer uns pasteis para depois do peixe. Os pequenos gostam muito d'ellos. Não sei o que havia de ser de nós, se não fosse o peixe que apanhamos no rio em tanta abundancia. Alécia e os rapazes estão sempre com fome... e eu tambem, é um facto, desde que nos vimos na necessidade de cultivar o campo para obtermos o pão de cada dia. Quando o meu querido marido vivia, e tinhamos, na nossa escola, quarenta ou

cincoenta rapazes e meninas a aprender, durante o verão, nunca nos faltou que comer.

—Creio, creio, Leonor; e o somno do lavrador é também mais suave e mais profundo.

—E' sim, senhor. E o dos meus rapazes é mesmo tão profundo que difficilmente os accordo pela manhã. Tenho esperança de que Anésia estará melhor e mais forte, dentro em pouco tempo. Parece tão debil e tão triste, a pobre creança, que só de vel-a me doe o coração.

—Pobre rapariga! não admira que pareça triste; poucas da sua idade terão tido tantos desgostos, como sabe. Creia, Leonor, que estou satisfeito por lh'a ter trazido. Ella ha de ser muito sua amiga, e dos seus filhos, que tão alegres e satisfeitos estão sempre. Emquanto a Anésia, estou certo de que ha de achal-a diligente e trabalhadora. Espero encontral-a também alegre e satisfeita quando cá voltar, no mez de junho. A senhora ainda costuma visitar alguns d'estes pobres Colliberts?

—Estou muitas vezes com elles durante o verão, quando os dias são maiores, e tenciono reunir nas compridas noites d'este inverno quatro ou cinco rapazes das familias de Colliberts que residem nas proximidades, para lhes dizer algumas palavras ácerca de Deus, do Salvador, e de quanto Ello ama os pobres peccadores.

—Que Ello lhe dê sabedoria e paciencia para ensinar esses pobres selvagens, Leonor! Receio que não ache muito intelligentes os seus discipulos.

—E' possivel, mas nada é de mais para o serviço de Deus, que pode tocar os corações pobres, perversos e ignorantes. Eu creio que as novas do seu grande amor e da sua grande misericordia hão de enternecer muitos corações despertados pelo seu Santo Espirito.

—Diz bem, Leonor; mas como conseguirá reunil-os aqui?

—Os meus filhos irão buscal-os na canôa, a um por um, e quando forem leval-os, para suas casas, prenderão um archote acceso á proa, para os alumiar pelo rio abaixo, quando estiver escuro, como fazemos quando partimos, an-

tes de nascer o dia, para o pequeno culto que temos em Benet-Marais, aos domingos de manhã.

—O Senhor fará prosperar a sua empresa de amor. E crê que elles acudirão ao seu convite?

—Creio; convidal-os-hemos tres vezes por semana, e á terceira dar-lhe-emos uma ceia boa e quente, de pasteis e coscorões. Além d'isto, havemos de ter bom lume na lareira; a recepção será cordeal, e as nossas palavras serão benevolas.

—Sim, o carinho entornece os corações duros como a pedra. Ha pouco, fallei com Anésia ácerca da obra que a senhora empreendeu entre este povo original, e ella mostrou desejos de a auxiliar na sua obra.

—Da melhor vontade; ella pode ajudar-me muito, porque ama o Salvador e pode fallar do que conhece, assim como Alécia. Emquanto a Claudio e Amric, só conhecem o Senhor pelo que ouvem dizer. Os seus corações ainda não foram tocados: Amric é mais inclinado ao bem do que Claudio, posto que este seja bom e amantissimo filho, verdadeiro e sincero. O coração do pobre rapaz está no mundo; mas nada sabe das más doutrinas, nem dos seus maus caminhos, por experiencia propria, — nem poderia saber, porque esta vida tranquilla e isolada, de muito trabalho e de poucos prazeres, é tudo quanto elle tem conhecido desde que, ha oito annos, para aqui veio commigo, graças á bondade do senhor abbade.

—E' certo, Leonor, mas receio que venha a enfadar-se da triste monotonia da sua vida actual. Estive a conversar com elle um bocado, hoje de manhã, e pareceu-me que o seu coração de creança é inclinado aos perigos e ás commoções dos campos de batalha, e á vida agitada das cidades.

—Supponho que ha de acontecer outro tanto a todos os da mesma indole,—disse Leonor.—Presinto que ha de deixar-me tão depressa possa. Pobre moço! então saberá quanto custa a seguir, sósinho, o fatigante caminho da vida, e provará as suas amarguras sem fim, e as suas raras doçuras! não poderei protegê-lo contra os seus espinhos crueis, mas Deus ha de lembrar-se das orações de uma mãe, e nenhum perigo lhe succederá.

—Vamos, meus filhos, levem as suas pelles de carneiro, e ponham uma na canôa para o snr. La Motte; o céu está escuro e ameaçador. Teremos chuva antes que voltem,—disse Leonor, quando todos acabaram de almoçar logo de madrugada, antes do abbade partir.

—Obrigado, boa Leonor. As pelles prestar-me-hão bom serviço, porque não poderei encontrar onde me abrigue através da planície, mesmo que não comece a chover antes de a alcançarmos.

Dentro em pouco, a comprida e estreita canôa esperava pelo abbade, e tanto este como os dois rapazes estavam promptos para partir.

—Deus o traga depressa, snr. abbade!—disse Anésia, que, com a mãe e a filha, viera ao embarcadouro para os vêr largar.

—E que Deus vos tenha, a todos, em sua santa guarda, até que tornemos a encontrar-nos, se assim for de sua vontade!—disse o abbade, ao tempo que os dois rapazes faziam vogar a canôa, que, sulcando velozmente as aguas do canal, em breve lhes fez perder de vista o bom e velho amigo.

Depois da partida do abbado, Anésia sentiu mais do que nunca, como já tinha dito, que o rio, que separava a sua vida passada, com tudo o que mais amara sobre a terra, da sua vida futura em companhia dos bondosos Burons, na herdade, se tornava mais largo e mais profundo, e que a unica ponte que podia transpor-o era a memoria do passado. Mas, sabendo que estes pensamentos não a ajudariam a amassar a farinha nem a coser o pão, desterrou-os da mente e foi começar o trabalho.

Quando ella estava a amassar, disse-lhe Leonor que na manhã seguinte, ainda antes de alvorecer, iriam a uma pequena reunião de protestantes, em Benet-Marais.

—Não precisamos almoçar antes de partirmos para o pequeno templo, que fica a duas horas de caminho, mas levaremos, na canôa, pão e uma bilha de leite, e comemos, á volta, como costumamos fazer.

A tarde já ia adeantada quando Claudio e Amric regressaram a casa. Tinha chovido a cantaros, disseram elles,

durante todo o seu trajecto pelo Sèvre e pelo Antise — a agua tinha-lhes encharcado todo o fato, alagara o bote, e elles tinham estado com os pés n'agua durante algumas horas.

—Mãe,—disse Claudio,—trago-lhe um recado de Goderanne, o velho Collibert. Viu Amric, quando passavamos em frente da sua choupana, e chamou por elle, dizendo:—Desejava muito que sua mãe me mandasse uma tisana, como a que fez quando a minha outra vacca esteve doente.» «Eu pedirei a minha mãe, mas é possível que ella não tenha o remedio prompto.» «Desgraçado que eu sou! a vacca morre-me, seguramente, e o que ha de ser de mim? Não podiam dizer a sua mãe que preparasse a tisana, e que m'a mandasse esta tarde, por algum de vós?» Do maneira alguma;— respondi — mande lá busca-la por algum de seus filhos.» «Ora, os meus filhos andam á pesca no Sèvre, e se eu deixasse a vacca sósinha, poderia morrer antes de eu voltar.» «N'esse caso, sua mulher que fique com a vacca.» «Essa não pode; só a muito custo se levanta da cama. Está tolhida com dôres nos ossos; já não presta para coisa alguma, por desgraça minha.» «Com que, então, a sua mulher, coitada, está doente? Minha mãe ha de sentir isso muito mais do que a doença da sua vacca. O que me surprehende é o senhor estar tão descansado.» «Não diga isso, mancebo; sabe perfeitamente que posso arranjar outra mulher sem difficuldade, mas onde hei de ir buscar outra vacca? faz favor de me dizer?» replicou Goderanne, em tom agastado.— Eu ia a chamar-lhe bruto, mas Amric atalhou, dizendo: «Bem, vamo-nos embora; o melhor é mandar lá a nossa casa, o mais depressa que puder, e antes de anoitecer, para vêr se minha mãe lhe manda a tisana para a vacca, e algum remedio para sua mulher.» E despedimo-nos.

Muito antes das cinco horas da manhã, já os Burons estavam a pé, preparando-se para irem ao culto, aos pantanos de Benet. Anésia estava envolvida n'uma capa de pelles de carneiro, pertencente a Leonor. Accenderam o archote, o ataram-n'o, no logar do costume, á proa da cumprida e estreita barca. Logo que a pequena familia tomou

logar nos tres bancos, Claudio e Amric começaram a remar. A claridade indecisa da alvorada ainda não tinha apparecido no horisonte do oriente, e já a canôa vagava pelo rio abaixo. Corriam atravez das avenidas orladas de altos cannaviaes, que, em alguns sitios, se curvavam sobre as suas cabeças, formando uma especie de abobada. Nenhum som vinha perturbar as sombras da noite, mas ouvia-se, de vez em quando, o subito e agudo grito do mocho, da coruja ou da gaivota, que eram despertados pela brilhante claridade do archote, á medida que a barca ia avançando. Seguiam agora por um estreito canal que conduzia ao pequeno templo. Soprava agora uma ligeira briza por entre os vastos e flexiveis cannaviaes e juncaes, produzindo uma melodia doce e monotona. Os rapazes continuavam a remar com todo o vigor, e ninguem se lembrava ainda de quebrar o silencio, quando Leonor, lembrando-se de que era tempo de comerem o pão e beberem o leite, disse:

—Vamos, filhos; façam entrar a canôa n'aquella onseada; comeremos ali, e, depois, eu e Alécia pegaremos nos remos enquanto vocês descansam um pouco.

Quando foi tempo de seguirem do seu destino, Leonor e Alécia tomaram os compridos remos, enquanto os rapazes descansavam, e assim chegaram ao templo, cuidadosamente occulto entre densas massas de cannas, juncos e uma multidão de plantas aquaticas. Amarraram solidamente a canôa a outros barcos, junto da porta do templo, e, despindo os casacos de pelle de carneiro, entraram no logar destinado ao culto.

Um dos anciãos da Egreja, verdadeiro servo de Deus, veio ao encontro dos Burons, á entrada do templo, para lhes dizer que o seu pastor estava gravemente enfermo, o que os anciãos julgavam conveniente que houvesse um curto serviço de oração e graças, e leitura das Sagradas Escripturas. O mais velho de todos, um venerando velho coberto de cãs, cuja fé fôra provada com muitas perseguições e amarguras, foi quem dirigiu o serviço d'este punhado de santos pacientes e soffrodores. O pastor enfermo foi lembrado nas fervorosas supplicas da congregação, e, depois de entoarem um dos hymnos de Clemente Marot, os con-

gregados retiraram para suas casas, algumas das quaes ficavam, como a dos Burons, a consideravel distancia do pequeno templo.

Pobre Anésia! o seu coração sentia-se opprimido pela dôr em quanto durava a oração. Como poderia ella esquecer a scena da morte de seu pae, e a da capella de Broussardiere, e ainda a scena mais terrivel de sua casa? Os compassivos Burons, vendo as lagrimas que borbulhavam nos olhos da donzella, e percebendo a causa que as determinava, não lhe dirigiram a palavra, e esperavam que Anésia se reanimasse por si só. Dentro em pouco, tinham tornado a occupar os seus logares na canôa e sulcavam as aguas do canal, de regresso a casa. Ao passarem junto da choupana do velho Goderanne, Claudio e Amric encalharam o barco mesmo defronte da habitação, e Leonor, Alécia e Anésia desembarcaram e entraram. A velha Badet jazia na sua miseravel cama, atormentada pela dôr e soltando fundos gemidos.

—Pobre Badet,—disse Leonor, affavelmente, pondo a mão sobre a fronte abrasada da velha — tem grandes dôres, bem vejo. Trouxe-lhe um remedio, e uma bebida fresca para lhe mitigar a sêde.

—Ai! minha boa senhora, tenho sempre tanta sêde!... e não sei o que hei de beber; morreu-nos a vacca, e não me atrevo a beber a agua do canal.

—Porque não bebe leite da outra vacca?—perguntou Leonor.

—Não bebo,—respondeu a velha com voz extincta,— porque o meu marido não quer gasta-lo commigo.

--Onde está Goderanne?

—Está na arribana, a mugir a outra vacca.

—Então vou lá buscar leite; — e pegando n'um jarro de grosseiro barro, já quebrado, unica vasilha que ali encontrou, Leonor saiu, em busca do velho Goderanne. Alécia e Anésia ficaram na choupana, e em breve ouviram a voz aspera do velho Colibert que se lamentava a Leonor por causa da morte da sua melhor vacca; e depois de mais algumas palavras e acalorada contestação do velho, Leonor entrou com o jarro de leite. Encheu d'elle uma caneca

de barro ordinario, e offereceu-a á pobre creatura. Reconhecendo que ella tinha febre, e que, ás vezes, estava quasi delirante, Leonor fez-lhe um colchão e um travesseiro com juncos seccos e plantas aquaticas, pôz a caneca do leite sobre um banco velho, ao alcance da mão da doente, e, curvando-se, pronunciou algumas palavras de bondade e compaixão, com voz meiga e suave. Ouviu-as a pobre velha, pois abriu os olhos baços e vitreos, e deixou transparecer na physionomia um vislumbre de tranquillidade e contentamento.

—Volte, volte cá, minha boa senhora; murmurou ella com difficuldade.

—Voltarei amanhã, minha pobre Badet, e hei-de trazer-lhe um bom caldo; e minhas filhas, Alécia e Anésia, virão visital-a todos os dias. Agora são horas de nos retirarmos. Goderanne prometteu-me que lhe daria o leite que fosse preciso.

—Ai! minha boa senhora, isso disse elle mas não o dará, porque quer vender a manteiga.

—Ha-de dar, Badet; não tenha receio; viremos saber se lh'o deu.

E antes que a velha tivesse tempo para replicar, saíram da choupana e tornaram a embarcar.

—Como chegou a conseguir o leite, mãe?

—Ora,—replicou Lenor,—quando o velho recusou, barbaramente, dar um pouco de leite a Badet, repliquei-lhe que havia de dar-me todo aquelle de que eu precisasse, pois lhe pagaria a importancia de tres bilhas por dia, e mais ainda, se Badet mais desejasse: e que, como não podia confiar que elle o desse mais á pobre doente, eu e meus filhos viriamos visital-a repetidas vezes durante o dia. Não lhe agradou esta resolução, mas afinal deu-se por satisfeito, quando lhe disse que lhe daria mais pelo leite do que elle poderia fazer em manteiga no mercado do Maillezais.

Durante quatro ou cinco dias, Claudio e Amric conduziram Leonor. Alecia e Anésia, cada uma por sua vez, a casa da velha Badet. Com boa alimentação, palavras affaveis e conveniente tratamento, a velha Collibert foi

melhorando, mas sentia-se ainda muito fraca para poder-se sentar. Claudio foi, portanto, a Maillezais, e trouxe de casa do tecelão, algumas braças de linho grosseiro, tecido com as fibras do canhamo que Leonor e Alécia tinham fiado nas compridas tardes de inverno, demasiado escuras para os trabalhos do campo. Do panno fizeram almofadas, que encheram com pennas de gallinha, que Leonor costumava guardar. Apoiada nas almofadas, poudo Badet sentar-se na cama. Habitou-se dentro de pouco tempo, a achar interesse nas lindas historias ácerca do *bom Monsieur*, como ella chamava ao Salvador, na sua ignorante mas bem intencionada reverencia. Gradualmente, pouco a pouco a luz da Verdade foi illuminando o tenebroso espirito da pobre velha, e ella aprendeu, com a fé simples de uma creancinha, a crêr e a confiar no seu Salvador.

Era evidente, para Leonor, que a velha Collibert não viveria muito tempo; mas, o que mais a satisfazia, a ella e a suas filhas, era a insistencia com que Badet repetia, em tom de alegria e admiração: «Ai de mim! ai de mim! pensar eu que o querido Salvador, o Santo Filho de Deus, morreu n'aquella execravel cruz, só para salvar umas creaturas desgraçadas, miseraveis e peccadoras como eu! Ai de mim! ai de mim! isto é maravilhoso, maravilhoso!» O rosto macillento da doente illuminava-se com uma luz sagrada, que o tornava perfeitamente bello. Assim o julgou Claudio quando lhe foi levar, n'um dia de grande temporal, a comida que sua mãe preparara para a velha Collibert, e se sentou junto d'esta, até ella acabar de comer com receio que o selvagem do marido, como elle chamava a Goderanne, comesse tudo que era destinado á mulher.

—Mãe,—disse Claudio ao regressar a casa,—se visse como o rosto da velha Badet parecia bello, ao fallar do Senhor Jesus, que ella aprendeu a amar comsigo e com Anésia e Alecia... se visse a especie de aureola luminosa que irradiava da sua frente e dos seus olhos... E Engelberto, o neto mais moço de Badet, estava sentado ao pé d'ella, escutando attentamente o que a avó dizia, e affirmando que muito gostava de ouvil-a. Perguntei lhe se gos-

tava de vir, para o inverno, ás nossas orações da tardo, e respondeu-me que teria n'isso o maior prazer.

—Estimo que o convidasses, Claudio. Badet disse-me que elle ia sentar-se algumas vezes junto d'ella, depois de eu ter saído, mas que tinha vergonha do se encontrar comnosco. Ha-de vir a perder esta timidez.

Quando Badet começou a sentir-se melhor e mais forte, Leonor e as duas donzellas passaram a visital-a só uma vez cada dia, por turnos, reclamando Claudio o direito de levar e trazer aquella a quem a visita pertencia. Muitas vezes, enquanto ellas estavam com Badet, o mancebo ia até ao pantano caçar alguma ave para a ceia, ou entreteinha-se a fazer ramalhetes de flôres aquaticas, de grandes myosotis azues e de juncos floridos: e quando viu que Anésia gostava muito de flôres, pondo-as cuidadosamente em agua e adornando com ellas a cosinha, nunca mais se esqueceu de lhe trazer as mais bellas que encontrava nos pantanos.

Operara-se grande mudança na velha Badet durante as cinco semanas que estivera doente, e á medida que, pouco a pouco, se fôra restabelecendo. Aprendera a amar o Senhor; e o proprio marido, tão brutal, cujo mau genio ella supportava com tanta paciencia e mansidão, declarava que a sua mulher estava completamente mudada desde que aquella *boa senhora*, e suas filhas, tinham tido a ideia de vir visital-a tanto a meudo: e desejava que a *boa senhora* fizesse igual bem a seus filhos e nôras, que habitavam nas choupanas visinhas.

Todos os domingos, os Burons e Anésia partiam, antes do alvorecer, para a pequena reunião que se realisava no templo do pantano. Anésia costumava dizer que, apesar de serem, para ella, horas de felicidade todas as que passava na herdade, estava sempre anciosa que chegasse a viagem, á luz do archote, para o templo, e o culto cheio de simplicidade que se lhe seguia.

Uma tarde, cerca de seis semanas depois que Badet adoecera, voltou Leonor da sua visita habitual, dizendo que a enferma peiorara repentinamente. Quizera ir mugir o leite da vacca, para satisfazer os desejos de Goderanne,

que lhe dizia que ella já tinha mandriado muito, e que era tempo de começar a fazer alguma coisa. A pobre creatura, coitada, querendo obedecer á ordem do marido, arrastava-se para a arribana; mas, como houvesse muita humidade e muito vento, enquanto mugia a vacca, foi atacada de falta de ar e de uma pontada no coração. Eugelberto, que tinha entrado com um mólho de hervas aquaticas, que fóra apanhar para a vacca, ouviu os esforços que a avó fazia para respirar, quando passou defronte da porta da arribana, e levou-a para a cama, sem saber o que havia de fazer-lhe, o pobre rapaz.

—Logo que cheguei,—disse Leonor—e que vi o estado em que ella se encontrava, disse a Amric que tornasse a trazer-me a casa a fim de lhe arranjar algum remedio simples; e agora volto para lá immediatamente, e ficarei com ella esta noite, pois parece-me que não chegará amanhã com vida.

Na manhã seguinte, muito cedo, Claudio, que estava com muito cuidado em sua mãe, metteu-se na canôa e foi vel-a. Ao entrar na choupana, teve noticia de que a pobre Collibert fallecera de madrugada. Sentado no meio da casa, junto do lume e envolvido n'uma densa fumarada, estava Eugelberto, com o rosto occulto entre as mãos, e soluçando em alta voz. A velha Badet amava o neto, a seu modo, e fallara-lhe, pouco antes de morrer, ácerca da alegria de que es ava possuida; rogando-lhe, instantemente, que não descançasse, nem de dia nem de noite, enquanto não tivesse procurado e encontrado aquelle bom e grande Salvador que a salvara do abysmo da perversidade e ignorancia, em que ella se afundava. O rapaz prometteu á pobre avó que havia de pedir a Leonor para o ensinar e mostrar-lhe o caminho.

—Gostava que tivesse visto e ouvido a maneira por que a velha Collibert,—disse Leonor— exprimia a sua alegria e a sua paz, com simplicidade e fervor, antes de soltar o ultimo alento.

Claudio ficou enternecido, mas nada disse, e, avistando o velho Goderanne, que dormia a somno solto e ressonando com estrondo, sobre um mólho de cannas que esta-

va a um canto, no chão, apontou para elle com tedio e desprezo; mas limitou-se a perguntar a sua mãe se estava prompta para regressar a casa.

Assim se passavam as semanas na herdade Douval, com os trabalhos e lidas de cada dia, e tambem com os mais simples prazeres. Setembro, com o seu bello colorido e os seus dias cada vez mais pequenos, tinha passado, e outubro, o mez da folhagem dourada, annunciando os primeiros frios, já trouxera bandos de aves aquaticas, cujas especies e quantidade augmentavam de dia para dia, e atroavam com os seus gritos selvagens, penetrantes ou lamentosos. Claudio e Amric iam muitas vezes á caça, visto que o trabalho da herdade era menor, e recolhiam trazendo grande variedade de aves bravas. Claudio sabia os nomes vulgares e os habitos de todas, e nada lhe causava maior prazer do que referil-os a Anésia, que, por sua parte, muito gostava de ouvir contar como essas differentes aves construiam seus ninhos, como eram os seus ovos, quaes os seus costumes, etc.

Mais tarde, nos dias muito frios, Alécia, Anésia e Claudio, embuçados nas suas capas de pelles de carnoiro, caminhando por sobre os rios ou pantanos gelados, iam procurar, entre os tufos das cannas e de juncos, as aves mais raras, que, á aproximação dos atrevidos intrusos, se escondiam cuidadosamente. Algumas vezes encontravam narsejas, com os seus bicos, compridos e flexiveis, espetados na terra lodosa para chuparem os vermes e insectos; mas que levantavam o vôo, com os pescoços estendidos para deante e as pernas para traz, logo que alguem se approximava d'ellas, soltando agudos gritos. Claudio contou a Anésia como estas aves, quando as incommodavam nos seus ninhos, se fingem coxas, com o fim de afastarem aquelles que vão importunal-as.

—Muitas vezes,—disse Claudio—Amric e eu divertimo-nos em espantar os passaros, só para os vermos fingirem-se coxos.

Outras vezes, os dois irmãos levavam Anésia e Alecia, na canôa, pelos pantanos ou pelo rio Sèvre, até aos logares frequentados pelas garças, cysnes bravos e outras

aves que apparecem em grandes bandos. Claudio e Amric costumavam trazer para casa algumas d'estas aves, brancas como a neve, para comerem, e para as duas jovens fazerem as tranças de finissimas pennas com que guarneciam os capuzes que levavam ao templo nos bellos dias de inverno.

Nas noites claras de luar, Anésia e Alécia passeiavam, de braço dado, á beira d'agua, sob as arvores privadas de folhas, sondando as sombras ou escutando o brando e suave romorejar dos cannaviaes, os gritos dos alcaravões, que se elevavam nos ares até se perderem do vista, ou o cadenciado bater das azas dos bandos de cysnes bravos, que voavam á luz do luar, formando, sobre as suas cabeças, uma densa nuvem branca. Uma vez, Claudio foi ao encontro das jovens, com um recado de sua mão, para que viessem cedo para casa; eram horas de se recolherem.

—Como pode encontrar-vos, Claudio; — perguntou Anésia.

—Guiou-me o luar, que batia no cabello dourado de Alécia.

Alécia riu muito, dizendo que gostava de que o seu cabello fosse tão bom pharol. Depois passearam mais um bocado, riudo e brincando, até que se ouviu a voz da boa Leonor, que as chamava.

Anésia gostava d'estes suétos, como ella lhe chamava. Cada dia trazia algum passatempo novo e innocente, que muitas vezes lhe serviam de distracção e de conforto, quando a lembrança de outros dias e a recordação d'aquelles entes tão queridos, cruelmente arrebatados ao seu amor, se erguiam em visões ante os seus olhos, e a prostravam de dôr.

A pobre rapariga, esforçava-se por affastar estes pensamentos, que a opprimiam, e por se mostrar alegre e satisfeita. O amor e a sympathia vigilantes de Leonor em breve adivinhavam o soffrimento de Anésia, e, para distrahir a joven, planeou Leonor alguns passeios e visitas a casa de familias Colliberts, em que havia doencas, e cujas cabanas se erguiam nas margens do Sèvre ou á beira de pantanos quasi impenetraveis.

CAPITULO XVI

A primeira reunião dos jovens Colliberts

No escuro e humido novembro, Claudio e Amric, amarrando um archote acceso á canõa mais comprida, sahiram em procura dos semi-barbaros rapazes Colliberts, que foram buscar ás differentes choupanas em que elles habitavam. Ao chegarem a casa de Leonor, na primeira noite em que se reuniram, os jovens Colliberts apresentavam um aspecto singular e meio-selvagem, impacientes e agitados, com os cabellos desgrenhados, as caras e as mãos sujas, os pesados tamancos cobertos de lama e os fatos rotos e cheios de nodos. Claudio e Amric estavam um tanto envergonhados de trazerem a sua mãe tão extraordinarios hospedes, e desejavam que elles se portassem bem, posto que os tivessem prevenido e ameaçado de que seriam immediatamente expulsos se fossem desobedientes. O coração da pobre Leonor succumbiu ao contemplar aquelles seis rapazitos tão singulares, formados em fileira deante d'ella, como Claudio os dispuzera. Recebeu-os, porém com benevolencia, e disse-lhes qual era a sua intenção ao pedir-lhes que viessem passar duas ou tres horas, em cada semana, a sua casa. Quereriam elles vir? Os rapazes responderam que lhes parecia que haviam de gostar de vir; mas a resposta só foi dada depois de longo silencio e de algumas palavras ditas, em segredo, por Engelberto.

Leonor tinha feito um caderno de folhas de pergaminho para escrever os nomes dos rapazes, pois não queria esquecer-os, e sabia que elles tinham nomes muito extravagantes, que provavelmente tinham sido usados nos seculos anteriores, pelos seus antepassados, de quem os haviam herdado.

— Bem, — disse ella, — quero saber como se chamam, e, para não me esquecer dos seus nomes, vou escrevel-os todos n'este caderno. Como te chamas tu, rapazito? — perguntou, dirigindo-se a um dos colliberts.

— O pae e a mãe chamam-me Rigomer — respondeu o rapaz.

—E quantos annos tens?

Mas Rigomer pareceu ficar intrigado e pôz-se a coçar a cabeça. Leonor, para o ajudar um pouco, proseguiu:

—Então, não sabes dizer-me ha quantos annos vives com teu pae e tua mãe, na vossa choupana?

Esta nova pergunta não facilitou a resposta, porque o rapaz limitou-se a abanar a cabeça.

Engelberto segredou-lhe então algumas palavras ao ouvido, e o rapaz respondeu afinal, com ares de quem havia descoberto a verdadeira resposta:

—Vivo com meu pae e minha mãe, desde que a nossa cabana foi feita.

—E sabes a quanto tempo ella foi feita?

—O avô diz que foi feita quando elle era pequenino.

Leonor sorriu, e disse:

—Custa-me a crer que tenhas a mesma idade que teu avô; provavelmente não sabes o que se entende por um anno.

—Eu não, senhora.

—Bem; calculo que terás uns doze annos. Ha de de andar por isso. —E voltando-se para Engelberto, continuou: —O teu nome sei eu.

—E tu, como te chamas?—perguntou ao terceiro rapaz.

O pae chama-me Pieut; mas a mãe diz que São Pieut é que eu sou.

—Ora essa! Pois nós chamar-te-hemos como teu pae te chama. São Pieut foi bispo de Poitiers, ha muitos centos de annos, me parece.

—Sim, sim! E' isso mesmo que a mãe diz que eu sou, quando vamos á missa à capella d'esse santo. —disse o rapaz mostrando-se muito satisfeito.

Ao ouvirem esta informação, Claudio e Amric soltaram uma gargalhada, e as duas jovens sorriram. Os tres rapazes restantes disseram a Leonor, com algumas originalissimas reflexões da sua lavra, que os seus nomes eram Glaber, Odom, e Huon. Este ultimo, creatura desonrada e intratavel, declarou brutalmente a Leonor que não

queria o seu nome enfeitado por aquellas garatujas pretas que ella estava a fazer no caderno.

Estas palavras lançaram grande susto nos outros rapazes, que subitamente se precipitaram, correndo, para a porta; mas Claudio e Amric detiveram-n'os a tempo. Leonor ficou attonita, sem poder comprehender o terror dos rapazes; mas Engelberto explicou-lhe que os rapazes nunca tinham visto escrever, e haviam-se assustado com as palavras de Huon, por julgarem que ella os estava enfeitando a todos

—Mas,—continuou Engelberto,—vou dizer-lhes como as senhoras foram boas e affaveis para a avó, durante todo o tempo que ella esteve doente.

E, dirigindo-se aos aterrorisados companheiros, fallou-lhes por alguns minutos, tratando de os socegar e tranquillisar. Leonor não entendeu nem uma palavra, porque a linguagem, de que usavam entre si, era completamente incomprehensivel.

Leonor fallou-lhes então, mostrando-lhes quanto eram insensatos, e terminou por dizer-lhes que esperava que elles viessem a confiar n'ella e em seus filhos e a crêr que o seu unico desejo era fazer-lhes bem e ensinar-lhes muitas coisas boas, de que elles nunca tinham ouvido fallar.

—Esta tarde,—disse ella,—não lhes contarei nenhuma das lindas-historias que sei, por ser a primeira tarde que passam em minha casa; meus filhos vão leval-os a dar uma volta pelo campo, e quando voltarem hão de encontrar uma boa ceia. Agora tratem de ser bem comportados, quietos e obedientes, e se se portarem bem, hei de convidal-os outra vez para ceia; isso dependerá do comportamento que tiveram hoje. Agora podem sair, se meus filhos já estão promptos para os acompanhar.

Os rapazes não foram morosos em obedecer, e Claudio e Amric levaram-n'os para o campo. Uma abundante ceia de pasteis e coscorões estava preparada para elles: dois grandes bancos, que os filhos de Leonor tinham feito, foram collocados junto da parede, para os rapazes se sentarem, e Leonor espalhou pelo chão, em volta dos bancos, uma porção de rama de junco, pois já contava que os seus

hospedes não teriam o cuidado de evitarem fazer-lhe no-doas no chão. Sobre os bancos, e entre cada dois logares, havia um pastel, um coscorão e uma caneca de leite, estando sobre a mesa um grande prato com mais comida.

Quando tudo estava prompto, Alecia saiu a chamal-os. Os rapazes tinham fome, como geralmente acontece ás creanças, e o agradável cheiro dos pasteis quentes e dos coscorões, que presentiram logo que se aproximaram da cosinha, muito concorreu para que se portassem bem.

Todavia, apesar das preventes instrucções e dos avisos e ameaças que Claudio e Amric acabavam de fazer aos seus hospedes, a entrada na cosinha teria sido uma perfeita desordem e uma completa confusão, se Claudio, com toda a presença de espirito e prudencia propria de um bom general, não mandasse fazer alto aos selvagens Colliberts, antes da chegada á porta da cosinha. Os rapazes, receiando as consequencias da desobediencia, agora que a festa estava tão proxima dos seus narizes, executaram promptamente a ordem de Claudio, e entraram em socego. Ninguem se importava que partissem a comida em bocados, como animaes bravios, e que engulissem tudo com grande sofreguidão, pois ninguem esperava vê-los comer como gente civilisada.

Dentro em pouco tempo, as pilhas de pasteis e de coscorões, que Leonor, Alécia e Anésia continuamente serviam aos rapazes, tinham completamente desaparecido. Houve então alguns minutos de silencio, porque os commensaes já quasi não podiam respirar, extenuados pela precipitação com que haviam comido. Claudio recommendou-lhes que estivessem socegados e quietos, e Leonor, com voz grave e terna, pronunciou estas palavras:

—Abençoa, Senhor, estes dons e todos aquelles que nos concedes!

—E digam-me, agora, antes dos meus filhos os levarem para suas casas, se estão satisfeitos, e se gostarão de vir, duas vezes por semana, ouvir as bonitas historias que nós sabemos; e ceiar em nossa casa uma vez por semana. Que dizem a isto?

—Queremos vir, queremos vir! — responderam todos em côro.

—Pois nós gostaremos que venham; mas ha de ser com uma condigão. Hão de fazer a diligencia por serem bons e obedientes. Estão resolvidos a portarem-se bem?

—Estamos, estamos! — volveu o côro dos rapazes.

Pouco depois, a canôa, tripulada pelos dois irmãos, e ostentando o archote accesso, recebia os passageiros.

Quando Claudio e Amric voltaram, discutiu se esta primeira reunião dos jovens Colliberts.

—Como elles são terrivelmente ignorantes, mãe! — exclamou Claudio, rindo. — Ha de custar-lhe muito a principiar a sua obra, e a ensinál-os. Parece-me que nunca chegarão a comprehender o que é um anno. . . olhe que Rigomer julga que tem a idade do avô. Nem mesmo comprehendem o sentido das palavras mais triviaes.

—E o que queria dizer Huon, quando disse que a mãe o estava enfeitigando? — perguntou Amric.

—Engelberto explicou que os pobres rapazitos supozeram, na sua ignorancia, que eu lhe estava fazendo encantamentos ou sortilegios, quando escrevia os seus nomes. Julgo que crêem, como os nossos aldeãos, em bruxas, lobishomens, maus olhados e artes diabolicas. E' preciso trabalhar com paciencia, ensinál-os a crêr em melhores coisas, e no Deus unico e nosso Salvador.

—E o que queria dizer na sua o Picut, quando affirmava que é São Pieut? — perguntou Alécia.

—Coitado! nem elle sabia o que queria dizer. Provavelmente, a mãe disse-lhe que elle tinha o nome de São Pieut, a quem estes povos edificaram e dedicaram uma pequena capella em Maillezais, ha muitissimos annos, quando se tornaram christãos, ou antes pretensos christãos. Creio que esta capella está totalmente em ruinas, mas os Colliberts ainda lá vão resar quando as cheias os levam a pescar no rio Sèvre. Pobres creaturas! com rasão se póde dizer que «não sabem o que adoram!» E os rapazes disseram alguma coisa a respeito da sua visita a nossa casa, meus filhos?

—Não fallaram n'outra coisa, em todo o caminho,

—disse Amric.—O seu unico desejo era ceiaem assim todas as noites. Os glotões não pensavam n'outra coisa! Como se tres noites por semana, não fosse já demais para os aturarmos.

—Seria já demais, se tivéssemos só em conta o nosso gosto e a nossa commodidade. Estou certa, porém, de que tanto tu, como Claudio, hão de dar o seu incommodo por bem empregado se conseguirmos ensinál-os a serem menos ignorantes, menos grosseiros e menos supersticiosos; a serem mais innocentes nos seus costumes e mais affaveis uns para os outros. Não tornaremos a convidál-os, senão para o mez de março, quando os dias forem maiores, e pudermos trabalhar mais cedo nos campos.

—Muito bem, querida mãe,—disse o bondoso Claudio.—Conformar-nos-hemos com esse castigo. Amric e eu poderemos fazer rêdes novas, e remendar as antigas, enquanto a mãe, Alécia e Anésia, estiverem a ensinar, a esses lindos e intelligentes meninos, que dois e dois fazem quatro.

Assim decorreram tres ou quatro mezes de inverno, mas os progressos dos jovens Colliberts eram muito pouco consideraveis. A paciencia e a bondade de Leonor estavam já muito provadas, e Alécia e Anésia desesperavam de conseguir realisar algum beneficio duradouro n'aquelles caracteres estupidos e interesseiros. Serviam-se de todos os meios imaginaveis para excitar n'aquellas creanças algum sentimento generoso, ou de admiração, pelos homens bons e eminentes que lhes apresentavam para exemplo, ou ainda o desejo de os imitarem; mas coisa alguma movia os nescios e boçaes Colliberts. O mesmo aspecto de estúpida indiferença permanecia sempre nos seus rostos, que traduziam estas palavras: «Não quero saber d'isso.» A historia da criação, do peccado e da sua condemnação, a maravilhosa historia da Cruz e do amor de Deus, da maldade humana e da necessidade de um Salvador,—todas estas historias— contadas com simplicidade e carinho, nenhum effeito pareciam produzir n'aquellas creanças, nem sequer abalal-as.

—Mãe,—disse Alécia,—quando eu estava a regar as

flores, esta manhã, com Anésia, caiu uma gota de agua no degrau da porta. «Não tarda que seque, sem deixar vestígios, disse-me Anésia. Outro tanto acontece ao trabalho que temos com os Collibertes. Façamos o que fizermos, digamos o que dissermos, por mais que nos cansemos, o nosso trabalho será todo em vão. Poderíamos ter tanta esperança de quebrar a pedra do degrau com esta gota de agua, como a podemos ter de modificar os corações d'estas creanças.» Mãe estamos tão fatigadas com este inutil trabalho! Tenciona continuar, ainda?

—Tenham paciencia, minhas filhas; não serão baldados os nossos esforços. Faremos a colheita na estação propria. Deus abençoa os que semeiam sem quererem sabor das chuvas, e so nós temos o trabalho, Elle dá os fructos e as suas bençãos. E não quer que sómente trabalhemos. Precisamos mais fé e mais amor, e por isso devemos orar mais fervorosamente, minhas filhas.

Os rapazes continuaram a vir, portanto, tres vezes por semana, mas só por uma hora, em vez de duas, porque Leonor viu que uma hora era tempo sufficiente. So faziam muita bulha ou se tornavam desobedientes, eram despedidos, mesmo antes de passada a hora. Parecia, porém, que os rapazes tinham tomado gosto por aquellas reuniões, pois era raro faltar algum. Engelberto dera sempre menos incommodo de que os outros, e, depois de tres mezes de paciente ensino, começou a mostrar algum interesse pelo que ouvia, chegando mesmo a fazer uma ou outra pergunta, posto que muitas vezes não comprehendesse de que se tratava. Sem embargo, Leonor ficava satisfeita com este bom signal, e animava Engelberto a fazer novas perguntas. Seu primo Glaber em breve lhe seguiu o exemplo, e, d'ahi por diante, ambos mostravam grande interesse pelas historias biblicas, e maior intelligencia em suas perguntas. O que sobremodo animava Leonor era a gratidão e os bons sentimentos que elles manifestavam.

—Mãe,—disse um dia Claudio,—Engelberto veio perguntar-me, esta manhã, se consentiria que elle viesse trabalhar comnosco, visto termos tanto que fazer com as sementeiras do trigo e da cevada. E para mostrar, supponho

eu, como está prompto para a servir, disse-me que tanto elle como seu primo Glaber queriam trabalhar para a boa senhora (como sempre lhe chama,) mas sem receberem, por isso, boa ceia. Veja, mãe! não é isto uma prova de que estes rapazes teem uma especie de coração, e não um pedaço de couro duro no logar em que os seus corações deviam estar, como sempre julguei?

—Abençoadas creanças! em breve aprenderão a amar o bom Salvador. Oh! como me sinto satisfeita!

—Lembre-se, porém, minha mãe, de que o desejo d'elles não significa muito. Mal sabem ainda qual é a sua mão direita, e estou certo de que teem ainda graves duvidas para distinguirem o que é direito do que é torto,—disse Claudio, que não podia absolutamente conformar-se com as ideias de sua mãe.

—E' verdade, filho. Mas, por pouco valor que tenha, o seu offerecimento póde comparar-se á pequena nuvem, não maior do que a palma da mão, que se levanta no horisonte: abundante e abençoada chuva se lhe seguirá. Como ficarão contentes Anésia e Alécia!

—Posso contar a Anésia o que os rapazes desejam fazer. Se julga que ella ficará contente, gostava de ser eu quem lh'o dissesse.

—Pois vae dizer-lh'o, meu filho.

Quando Claudio se exprimiu n'estes termos, sua mãe olhou fixamente para elle, e accudiu-lhe á mente esta ideia: «Amará Claudio a nossa Anésia?» e este pensamento encheu-a de alegria. Mas depois perguntou a si mesma: «E amará ella... quererá ella amar Claudio?» E a pobre mãe entristeceu, ao formular esta pergunta, porque a resposta não podia ser affirmativa.—Seria um par desigual, e não poderiam viver juntos, com felicidade, sem estarem de perfeito accordo. Ella ama o Senhor fervorosamente, de todo o seu coração, emquanto que o meu querido filho não vê belleza alguma no Senhor, porque todos os seus pensamentos se apartam d'Elle. Não! Eu conheço Anésia perfeitamente. Não poderia pensar em Claudio, ainda que o amasse com terno affecto. E estimo, por amor d'ella, pobre rapariga, que não se importe com Claudio.

Alésia e Anésia andavam a passeiar á beira d'agua, junto da comporta; era o sitio favorito de Anésia, e ali se encontrava, geralmente, quando tinha alguns momentos de descanço durante o dia. Claudio foi ali procural-a.

—Anésia,—disse elle—venho dizer-te uma coisa que, segundo a mãe diz, ha de agradar-te muito.

—Que poderá ser, Claudio?—perguntou a donzella.

—Não é coisa de grande importancia... antes fosse, por amor de ti...

—Vamos, Claudio, dize depressa o que é. Deve ser coisa boa, se a mãe disse que o era.

O mancebo contou, então, o que Engelberto e Glaber desejavam fazer, e acrescentou:

—Creio que a mãe ficou mais contente com isto do que ficaria se eu lhe trouxesse um sacco de dinheiro.

—E com muita razão, porque a noticia é realmente boa. Como estou satisfeita!—disseram, a um tempo, as duas jovens.

—E que bem resultará d'ahi para os rapazes? fazem favor de me dizer? Parece-me, na verdade, que dás maior importancia, Anésia, aos desejos d'esses estupidos Colliberts, do que aos meus desejos! Estou certo de que, se eu satisfizesse os impulsos do meu coração, e entrasse para o serviço de Agrippa d'Aubigné, não exclamarias «Como estou satisfeita!»—disse Claudio, despeitado, sem saber porquê, pela alegria de Anésia.

—Se realisasses esse desejo, Claudio, ficaria satisfeita e triste, ao mesmo tempo. Mas tu não és como esses pobres, boçaes e ignorantes Colliberts,—respondeu Anésia, com ares de quem se magoara com as palavras do mancebo.

—Perdôa-me, Anésia, eu não queria magoar-te; tenho a certeza de que és sempre justa,—disse Claudio, estendendo-lhe a mão.

—Ouçam! lá está a mãe a chamar-nos para a ceia; vamos depressa,—disse Alecia.

.....
Engelberto e Glaber, satisfazendo o seu desejo, tinham vindo trabalhar com os Burons quasi todos os dias, por uma ou duas horas. Era grande o seu serviço e ver-

dadeiro o auxilio que elles prestavam aos laboriosos Burons, e os pobres rapazes ficavam contentissimos quando Leonor lh'o dizia.

—Mas,—acrescentou ella uma vez,—vocês teem trabalhado muito e muito bem, durante algumas horas, ha já tres dias, e eu não posso consentir que continuem a trabalhar de graça. Enquanto tivermos muito que fazer, dar-lhes-hei trabalho, a ambos, por meio-dia, e vocês ganharão o jornal de um trabalhador e terão uma boa comida antes de se retirarem. Isto, já se vê, se vocês quizerem, e seus paes consentirem; digam isto a seus paes, antes de virem amanhã.

Os rapazes ficaram encantados, e logo affirmaram que não podia haver duvida em os paes dizerem que sim!

D'ali em diante, vinham todos os dias para a herdade. O exemplo quotidiano de confiança, pureza e rectidão, a affabilidade, a affeição e a verdadeira cortezia de todos os membros da familia, uns para com os outros, tiveram boa influencia na indole inculta, mas não perversa, dos rapazinhos. Inconscientemente, aprenderam a imitar estas boas qualidades, começando por fazer comparação entre o viver miseravel e depravado, das suas choupanas, e a vida feliz, pacifica e piedosa da herdade.

Chegado o aprasivel e radiante mez de abril, com as suas arvores floridas e os seus amiudados aguaceiros, Rigomer, Odon, Pieut e Huon deixaram de vir fazer as suas visitas á herdade, pelo que manifestaram ruidosamente o seu desgosto, com grande espanto de Leonor.

—Podemos voltar, outra vez, depois de passar o verão?—perguntaram elles, com os seus modos grosseiros.

—Então gostaram das nossas historias, das nossas lições?—disse Leonor.

—Se gostámos!..—exclamaram os rapazes.—E gostámos tambem das ceias, das luzes, do lume e dos bancos! era tudo muito bom, muito bom.

—Melhor, talvez, do que o que vocês por cá fizeram, a mim e a meus filhos,—disse Leonor, sorrindo, esperando provocar alguma expressão de pezar e, ao mesmo tempo,

de gratidão para com o desejo que tinham tido de lhes fazer bem.

—Não, não!—respondeu Rigomer.—Gostámos de si, e de seus filhos, ainda muito mais, muito mais.

—E' verdade! muito mais, muito mais; e nunca mais tornaremos a furtar-lhe os seus patos!—exclamaram todos, em côro.

—Bem. Façam por serem bons rapazes, e por se lembrarem das historias que lhes contámos. Se eu vir que posso confiar em vocês, hei de convidal-os, uma vez por outra, para uma festa e para uns brinquedos nos campos;—disse Leonor, ao despedir-se dos Colliberts.

A boa mãe via, com receio e apprehensão, que o amor de Claudio por Anésia ia crescendo. O pobre moço vagueava por todos os pantanos, nas poucas horas de descanso que tinha, em busca das flores mais raras e mais bellas, e dos ninhos das aves mais bonitas; o seu maior empenho era arranjar flores, e ovos de toda a especie de passaros, para adornar o pequenino quarto em que Anésia dormia. Leonor via, porém, no franco reconhecimento com que Anésia correspondia ás atensões manifestadas por Claudio, ao trazer-lhe dos pantanos estes amaveis presentes, que a donzella só via n'elles uma prova de estima fraternal para comsigo e para com Alécia. Mas Claudio, ignorando o que a joven pensava, sentia-se recompensado pela satisfação que ella exprimia.

Quando chegou o formoso maio, o mez das aves e das flores, Leonor fazia feriado em algumas tardes das mais aprasiveis, e dizia a seus filhos que a levasssem na canôa a alguma choupana affastada, onde nunca tivessem ido, porque Engelberto descrevia-lhe, de vez em quando, uma scena de miseria e de desgraça, e pedia-lhe que fosse visitar os que soffriam. Claudio apreciava muito estas visitas, porque sua mãe mandava-o passeiar pelos prados e pelas margens dos pantanos, com Anésia e Alécia, até serem horas de voltarem para casa. Depois de passeiarem um pouco, Alécia sentava-se a descansar, e Claudio conduzia Anésia até algum massiço de verdura, onde podesse descansar tambem um pouco. Claudio expunha então os proje-

ctos, que imaginava, para melhorar a casa e a herdade, e fallava, muitas vezes, das esperanças que alimentava pelo futuro, do desejo que tinha de ir por esse mundo, incorporar-se no bulício e na agitação das grandes cidades, de viajar em outras terras, e de vêr e ouvir os factos e as palavras dos bons e dos grandes, alguns dos quaes nomeava. Anésia prestou, a principio, condescendente ouvido a estas palavras, e sympathisou com os desejos do mancebo, deixando-se arrebatado pelo seu enthusiasmo; mas quando elle exclamou, com um profundo suspiro de descontentamento,—Oh! estou tão aborrecido d'esta fastidiosa vida da herdade; tão farto de vêr estas extensas e monotonas planícies, tão cansado de pescar no Sévre e de caçar aves bravas, dia após dia, mez após mez; sempre, sempre a mesma coisa! que não posso, nem quero supportar semelhante vida por mais tempo! Preciso sair d'aqui; quero ir-me embora!—então as suas palavras trouxeram á memoria de Anésia os receios de Leonor, e quanto esta temia que o filho viesse a abandonal-a. Disse-lhe, pois:

—Mas, o que havia de ser de tua mãe, e de todos nós, se tu nos deixasses, Claudio? Não deves apartar-te de nós.

—Que dizes?—perguntou o mancebo, voltando-se rapidamente para ella.—Sentirias a minha falta, Anésia, e ficarias triste?

—Por certo, havia de ficar muito triste, Claudio.

Ao pronunciar estas palavras, Anésia tinha na mente o pezar de Leonor; mas Claudio exultou de prazer, porque julgou que ella apenas exprimia o seu proprio desgosto.

—Se desejas que fique, não me irei embora,—disse elle.

Anésia agradeceu-lhe, sem ao menos sonhar que esta resolução era tomada sómente por amor d'ella.

CAPITULO XVII.

Uma lucta com os bandidos.

—Diga-nos, avósinha,—perguntou Isabel, quando a condessa fez uma pausa na leitura, para descansar,—ainda ha alguns d'esses semi-barbaros Colliberts nos pantanos da Vendéa ?

—Creio que ainda existem algumas familias de Colliberts nas margens do Sévre, ou nos pantanos que ainda não foram esgotados; mas supponho que a raça vae desaparecendo rapidamente, desde que o governo emprehendeu a abertura de canaes, a construcção de diques, e a drenagem de muitas das terras alagadas, do sul da Vendéa. Ovi dizer que muitas das ilhotas, em que esta pobre gente tinha as suas choupanas, teem sido cortadas ao meio pelos canaes, vendo-se os desgraçados na necessidade de ir construir as choupanas n'outro sitio, ou de abandonar definitivamente as ilhotas.

—E continta, esse povo semi-barbaro, a ser tão mau e tão ignorante, como no tempo em que Leonor Buron ali vivia ?

—Receio que sim, minha Isabel; sei, pelo menos, que ha trinta ou quarenta annos viviam no mesmo estado, e eram tão ignorantes e tão ladrões como ha trezentos annos.

—Tenho bastante pena, --disse a pequena Violeta, —esperava que, afinal, tivessem aprendido, com a bondosa familia Buron, a tornarem-se melhores.

—Não podia haver grandes fundamentos para essa esperanza, minha filha. Em primeiro logar, Leonor não podia dirigir-se a muitos d'elles, e posto que ella, a sua familia, e mais tarde Anésia, prégassem e ensinassem a todos a verdade, não teriam o poder de transformar os corações dos Colliberts. E', porém, certo que muitos aprenderam a amar o Salvador. Estou convencida de que o trabalho dos Burons não foi baldado, como vamos vêr. Creio que o vosso querido pae, quando voltar da India, fará uma digressão por aquelles sitios, e buscará colher mais algumas informações ácerca de um povo tão original. Estive-

mes conversando a respeito dos Colliberts, a ultima vez que elle e vossa querida mãe estiveram aqui, antes de partirem para a India, e disse elle, a proposito do que eu lhe contei d'essa gente, que havia muitos pontos de similhaça entre os Colliberts e uma raça de barbaros, chamados Cobblesticks, que habitava em Cornwall no fim do seculo passado. Constituiam um povo perfeitamente distincto dos outros habitantes, e viviam em cavernas e buracos cavados no terreno, ou nas cavidades dos dolmens e antas druidicas, mais como animaes do que outra coisa. Disse tambem recordar-se de seu avô lhe contar historias ácerca d'esses barbaros, quando era creança, e do medo que tinha de encontrar algum, apezar de se haver extinguido a raça desde muito tempo. Muito pouco se sabe da origem dos Cobblesticks, e lembrava-se vosso pae que talvez constituissem primitivamente, com os Colliberts, uma e a mesma raça.

—E' interessante! Muito desejava eu que o nosso querido pae conseguisse averiguar se essa é a verdade.

—E eu tambem,—disse madame de Pontarlier.—Mas, voltemos á nossa historia.

N'uma tarde dos meados de maio, quando os Burons voltavam para casa, para ceiaem, depois de terminado o trabalho do dia, avistaram Engelberto, que corria direito a elles. Apressaram o passo, na direcção do rapaz, movidos pela curiosidade de saberem a causa que o trazia á herdade a hora tão desusada.

—Boa senhora,—disse Engelberto, a Leonor, precipitadamente,—o marido de minha irmã Vivette caiu ao Sèvre, e quando os meus irmãos o tiraram da agua, estava morto. Glaber, e os outros, foram levar o corpo para casa da viuva, que está muito mal, quasi a morrer. Glaber diz que o menino d'ella morrerá de fome se lhe faltar a mãe, visto que o pae está morto, e manda pedir á senhora para ir vêr já a irmã d'elle e o menino. Eu posso leval-a á choupana de Vivette na minha pequena canõa, se a senhora quizer ir comigo.

Leonor comeu alguma coisa, muito á pressa, mettu n'um sacco alguns objectos destinados á mãe da creança,

e partiu com Engelberto, dizendo aos filhos que fossem ter com ella depois do terem ceiado, e que lhe levassem as almofadas que tinham feito para a velha Badet, e algum abafo para ella, pois era provavel que tivesse de passar a noite na choupana.

—Enquanto vocês arranjam a roupa que havemos de levar á nossa mãe,—disse Claudio,— trataremos eu, e Amric, de afiar as nossas navalhas, para cortarmos alguns tóros de freixo para atirmos a esses estupidos passaros que andam a comer-nos o trigo já nascido. Mesmo ao pé da choupana de Vivette, ha freixos bem bons para este fim.

Um pouco antes das seis horas, partiram todos, na canôa, com a roupa de Leonor. Os dois irmãos empunhavam os remos com vigor, porque a choupana ficava bastante longe, no meio de um pantano quasi impenetravel. Passaram nas proximidades de uma ou duas choupanas de Colliberts; á porta de uma d'ellas viram o pae de Glaber, com dois dos seus filhos, já crescidos, que lhes gritaram o que quer que fosse, quando a canôa passou, fazendo, ao mesmo tempo, signaes vehementes para que parassem. Comtudo, não entenderam o que os Colliberts diziam, nem estiveram resolvidos a parar, por julgarem que eram palavras ociosas, que não mereciam attenção. Só mais tarde se recordaram d'esta circumstancia, e comprehenderam então que os Colliberts queriam prevenil-os de algum perigo invisivel.

Ao fim de uma hora de caminho, pouco mais ou menos, chegaram á choupana de Vivette; as duas jovens saltaram em terra, levando a roupa de Leonor, e os mancebos remaram um pouco mais ávante, para irem cortar as grossas varas de que precisavam. Alécia e Anésia conheciam já muito bem os habitos dos Colliberts, e tinham visto as casas dos ricos e dos pobres—porque tambem, entre os Colliberts, havia pobres e ricos—mas nunca tinham entrado em casa mais pobre e mais miseravel do que esta. Glaber tinha-lhes dito, havia pouco tempo, que a choupana de sua irmã ardera, e que a pobre familia não pudera salvar o pouco que possuia, em consequencia da violencia do incendio; mas que Giroard, que assim se chamava o

cunhado, estava fazendo outra choupana para recolher Vivette e o seu menino.

Era tristissima a scena que presenciaram quando penetraram na choupana por uma abertura praticada na parede, formada de molhos de cannas grosseiramente ligados entre si por varas de salgueiro. No quarto não havia mobilia, nem mesmo cama, e sobre um molho de juncos jazia a pobre mãe, completamente alheia ao que se passava em torno d'ella. Segundo o costume, o fogo estava no meio da casa; mas, em lugar das travessas destinadas a suspender a panella, estava uma canga enterrada no chão, da qual sahia uma vara de cuja extremidade pendia a panella. Não havia abertura no mal coberto telhado para saída do fumo, o qual, portanto, enchia toda a casa. N'uma cama de juncos verdes, e outras plantas aquaticas, via-se, a um canto da casa, o corpo do fallecido. Leonor estava sentada junto da moribunda, diligenciando dar de comer á creança com uma colher que trouxera comsigo.

—A pobre mãe está ás portas da morte,—disse ella ás jovens, logo que estas entraram.—Glaber diz que nenhum dos parentes tomará conta da creança, que ainda não tem dez dias, e Vivette por certo não chega a amanhã. E' necessario levarmos para nossa casa a pequenina e debil creatura, e tomarmos conta d'ella. Não desejaria tomar semelhante obrigação, porque já temos bastantes cuidados,—mas não podemos, nem devemos, deixar perecer a creancinha á mingua. E' um presente de Deus, e devo tomar sobre mim este fardo.

—Sim, minha querida mãe,—disse Alécia.—traga o menino para casa. Anésia e eu não veremos outra coisa. A mãe já tem bastante que fazer. Entregue, pois, o menino ao nosso cuidado. Havemos de amal-o com a maior ternura; não é verdade, Anésia?

—E' verdade, querida mãe. Bem vê que eu estou habituada a tratar de creanças, porque tive a meu cargo, muitas vezes, a pequena Babette.

—Muito bem, minhas filhas, hão de ajudar-me ambas. Levarei a creança para nossa casa, logo que Vivette passe d'este mundo.

—Está aqui sósinha, mãe!—perguntou Anésia.

—Glaber foi ahi fóra, buscar comida para a vacca, ao pantano proximo; voltará dentro em pouco; mas tem de recolher cedo á cabana de seu pae, para fazer um trabalho, segundo me disse. Eu nada preciso para comer, porque Glaber trouxe-me um pouco de peixe. Ha aqui leite em abundancia, e pão trouxe eu de casa.

As jovens não gostavam de deixar a mãe sósinha, n'aquella desolada cabana, durante toda a noite; mas não conseguiram fazer com que Leonor mudasse de resolução, apesar da anciedade que ella mostrava por que os filhos viessem busca-las antes que começasse a cerrar-se mais o novoeiro que estava caindo.

Claudio e Amric voltaram, trazendo algumas fortes achas de salgueiro, e, depois de uma palavra de despedida a sua mãe, partiram todos para casa. O novoeiro tinha-se dissipado á medida que desciam o canal, e iam todos brincando e rindo das burlescas tentativas, que faziam, para imitar os varios gritos das aves aquaticas que sulcavam o canal, quando ouviram, subitamente o bater de remos e uma voz aspera, que bradava:—Alto! alto ahi!—e avistaram uma canôa, tripulada por dois homens mal-encarados, saindo de uma enseada, umas cem braças atraz d'elles.

—Deus nos ajude!—exclamou Claudio,—são dois ladrões armados, d'esses que veem do norte do Marais! Nada temos para nos defendermos senão estas achas! Passem ambas depressa para traz de nós; venderemos as nossas vidas para as defender; mas se virem que estamos prestes a ser vencidos, venham em nosso soccorro com esses paus. E' necessario que não caiam nas mãos d'estes homens. Anésia, Alécia, a nossa unica salvação é irmos na dianteira e fugir. Vamos, Amric,—rema com força!

—Vamos a isso!—respondeu Amric.

—E nós faremos o que nos dizes!--exclamaram as donzellas, transidas de susto.

Tomaram ambas os seus logares á proa, por detraz de Claudio, e, um segundo depois, a canôa voava pelo canal abaixo. Mas Claudio viu, com terror, que os homens da

canôa avançavam rapidamente sobre elles, e poucos minutos depois viriam abordal-os.

—Rendam-se! são nossos prisioneiros, pois não podem defender-se,—disseram os ladrões, com uma gargalhada grosseira.

—Não nos toquem; não teem o direito de nos incomodar!—exclamaram Claudio e Amric.

Mas um dos homens, vestido com um uniforme militar, todo esfarrapado, lançou mão firme á canôa dos Burons, enquanto o outro erguia um punhal sobre Amric.

—Sois nossos prisioneiros pelo direito da força; entreguem-se já, se não querem perder as vidas!—exclamou elle, brutalmente.

—Pouco queremos de vocês, rapazes; mas estejam certos de que não perderemos o ensejo, que se nos depara, de levarmos essas raparigas para nos fazerem um caldo,—disse o outro.

Emquanto se diziam estas palavras, Claudio e Amric tinham pegado, cada um, em sua acha.

—Nunca! enquanto fôrmos vivos!—exclamaram os dois rapazes, pondo-se de pé, rapidamente.

Claudio atirou uma forte paulada ao braço do bandido que levantara o punhal, esperando desarmal-o, e Amric jogou a sua acha, com toda a força, á cabeça do que segurava a canôa, para o atordoar; este, porém, evitou o golpe, e, saltando para o barco dos Burons, derrubou o mancebo e vibrou-lhe duas punhaladas, depois de o ter subjugado. Entretanto Claudio, não podendo desarmar o outro bandido, travara-se com elle em lucta, corpo a corpo, recebendo alguns ferimentos profundos.

O segundo ladrão preparava-se para tornar a ferir Amric, cujas feridas vertiam muito sangue, quando Alécia, vendo o perigo em que estava o irmão, despediu violenta pancada á cabeça do inimigo, justamente no momento em que elle ia repetir o golpe. O miseravel cambaleou e caiu em cima do banco, atordoado pela pancada, circumstancia que Alécia aproveitou para erguer a cabeça de Amric, que havia desmaiado. Claudio, que luctava com denodo contra o seu adversario, buscando parar-lhe os golpes e

apoderar-se do punhal, estava fazendo esforços desesperados para subjugar o seu contendor, que tentava fôr-lo no coração, quando, embaraçando-se-lhe os pés n'um cabo que estava no fundo da canôa, perdeu o equilibrio e caiu pesadamente para traz. Anésia, quasi paralyzada de terror á vista do que tão rapidamente se passava, vendo Claudio prostrado e sem poder defender-se, e o bandido prestes a descarregar-lhe um golpe sobre o coração, poz-se de pé, e, erguendo a acha que segurava com ambas as mãos, deixou-a cair com toda a força no braço do assassino, e o punhal caiu á agua. Esta aggressão subita e inesperada desnortou por um instante o bandido, que, voltando a si, ia lançar-se de novo sobre Claudio, que ainda estava a seus pés, quando retumbaram no ar as vozes de quatro homens que, n'uma comprida barca, se dirigiam apressadamente para o local do conflicto.

—Estamos salvos! graças a Deus!—exclamaram as donzellas.

Logo que o ladrão comprehendeu que chegava socorro e salvação, chamou pelo companheiro, mas vendo que este não dava accôrdo de si, voltou rapidamente para a sua canôa e remou para o largo.

Os Colliberts prolongaram a sua barca com a dos Burons.

—Chegamos a tempo?—perguntaram anciosamente os Colliberts.

—Sim, sim: chegam a tempo;—responderam todos.

—Ah! quanto lhe ficamos reconhecidos!—disse Anésia.

Amric foi transportado, com o maior cuidado, para o barco dos Colliberts, e deposto sobre uma cama que elles improvisaram com os seus capotes. Claudio insistiu em que as duas jovens tambem passassem para o barco dos Colliberts, declarando que não se sentia muito mal, e que ajudaria a conduzil-as para casa, emquanto dois dos Colliberts iriam buscar Leonor, depois de terem coberto com ramos de junco as nodoas de sangue que havia no barco, para que a mãe não se assustasse ao vê-las. Não obstante, Alcécia e Anésia instaram com Claudio para que se sentasse junto de seu irmão, que continuava desmaiado, isto por

vêrem que elle não estava em estado de pegar n'um remo, attenta a sua pallidez mortal e a quantidade de sangue que perdia e lhe ensopava o fato. Claudio insistiu em remar, mas, poucos minutos depois, caiu para traz, completamente desmaiado.

Deitaram-n'o ao lado de Amric, vendo-se Alécia obrigada a pegar no remo, porque o barco era demasiado comprido para ser governado só por dois remadores.

Anésia tirou, então, o lenço do pescoço, e embebendo-o n'agua, banhou as testas e as mãos dos pobres rapazes.

Chegaram, enfim, á herdade, e os feridos foram depostos sobre as suas camas, enquanto os dois rudes Coliberts promettiam ir, sem demora, a Maillezais, buscar o cirurgião. As jovens ligaram-lhes as feridas, como puderam e souberam, até chegar Leonor ou o facultativo.

Era quasi noite fechada quando Leonor regressou a casa, trazendo o orphãosinho, pois lhe repugnava deixal-o sózinho na choupana, exposto a morrer de frio e de fome. Quando ella chegou, já o doutor estava pensando as feridas dos dois irmãos, e só então ella soube, com espanto e terror, que ambos os seus filhos ostavam gravemente feridos, e abatidos pela perda de sangue. O cirurgião viu que o ferimento, que Claudio recebera no lado, era difficil de curar, e talvez podesse ser fatal, mas que os outros ferimentos não apresentavam gravidade. O estado de Amric era mais satisfatorio, posto que estivesse muito fraco, em consequencia da perda de sangue.

Carlos Bernard, assim se chamava o cirurgião, como homem muito bondoso que era, teve muito dó da infeliz mãe e das filhas, e insistiu em mandar-lhes uma mulher para tomar conta do pequenino, pois sabia—disse elle—que todo o tempo lhes seria preciso para tratarem dos feridos. Durante toda a doença dos dois irmãos, Carlos Bernard deu provas de ser um bom e valioso amigo dos Burons.

--Contem-me, minhas filhas, — disse Leonor, depois de Claudio e Amric terem sido convenientemente pensados,—tudo o que se passou esta tarde, depois de me deixa-

rem. Os Colliberts só depois de chegarmos me contaram o succedido. Vejam, filhas, alguns dos fructos do nosso trabalho e dos esforços que temos feito para ensinarmos estes rudes Colliberts a conhecerem Deus e a sua verdade. Theoberto, um dos irmãos de Glaber, disse-me que Engelberto não quiz deixal-os em paz enquanto elles não partiram na sua canôa grande, em procura de todos vós, por terem ouvido dizer que dois ex-soldados da Liga, que andavam a roubar e até a assassinar por toda a parte, tinham sido vistos por estes sitios do Marais. Engelberto sabia que tinheis saído na canôa grande, porque seu pae e seus irmãos vos tinham visto passar, e vos tinham gritado que parasseis, mas não prestasteis attenção ao que elles diziam. Tinham a canôa grande no Sèvre, com alguns da sua companhia, e Engelberto lá foi buscal-a, porque o outro barco, de que dispunham, era pequeno demais para levar mais de uma pessoa. Foi esta a causa da demora.

Alécia narrou a sua mãe o que acontecera, da melhor maneira que pôde.

—O ataque e a defeza,—disse ella, em conclusão,—passaram-se rapidamente. Ainda sinto resoar aos ouvidos o ruido da lucta, as pragas dos bandidos, as exclamações de meus irmãos, o ranger das canôas, os gritos das aves que, assustadas, esvoaçavam sobre nossas cabeças, os nossos brados de soccorro. . . ainda me pareço ver cair, feridos e ensanguentados, os meus pobres irmãos, sob os golpes crueis d'aquelles miseraveis. Confundem-se-me as ideias, e tenho o cerebro exhausto, por tão horrivel scena. Ainda não posso contar-lhe tudo, com socego. Só posso dar graças a Deus, por estarmos salvos, e pedir-lhe que resta-beleça meus irmãos.

N'aquella noite, pequeno foi o descanso para as anciosas enfermeiras, porque Claudio esteve em delirio, e Amric não pôde socegar com febre e dôres. Logo de manhã chegaram Engelberto e Glaber, o que muito consolou Leonor, que precisava mandar buscar muitas coisas para os seus doentes, e mandar recado ao cirurgião, e a Godofredo Gavan = pessoas em quem confiava = para que lhe arranjassem dois trabalhadores honestos e robustos.

Os jovens Colliberts mostraram-se muito satisfeitos por lhes encarregarem estas commissões, e pediram que lhes fosse concedido ficarem todo o dia na herdade, para prestarem qualquer serviço que necessario fosse. A boa mãe accitou de boa mente este offercimento, e mandou-os levar as vaccas ao pasto, depois de Anésia as ter mugido. Os rapazes pouco se demoraram em ir a Maillezais, e tendo cumprido a sua missão, voltaram com um recado de Godofredo Gavan, o qual dizia que os dois bons trabalhadores seriam mandados por todo aquelle dia.

Quando o cirurgião voltou e examinou cuidadosamente os ferimentos dos dois mancebos, reconheceu, como desconfiara, que o ferimento que Claudio tinha no lado, fôra feito com um punhal embotado, que provavelmente servira para cortar alguma herva venenosa, porquanto a ferida estava irritada e inflammada, causando, evidentemente, grandes dôres. Carlos Bernard empregou toda a sua pericia para minorar o soffrimento de Claudio; e informou Leonor que o bandido, que os Colliberts tinham aprisionado, dera entrada no carcere do forte, fazendo-se as maiores diligencias para prender o outro malfeitor. E tambem lhe disse que, n'aquella tarde, viria buscar o menino uma mulher de confiança, viuva de um soldado, a qual se prestava a tomar conta da creança.

Muitos dias e muitas noites de anciedade se passaram antes que Claudio mostrasse qualquer signal de melhora. No seu delirio, parecia ter sempre na mente Anésia, o perigo que ella correra, e a sua segurança; mostrando-se resolvido a morrer defendendo-a, e manifestando susto e grande temor de a vêr cair nas mãos dos malfeitores. Só uma ou outra vez pensava em Alécia e em Amric. Uma tarde, em que o delirio era mais violento que de costume, e havia grande difficuldade em conservar Claudio dentro da cama, poude Anésia comprehender, no auge do delirio, que o mancebo a amava. Parecia elle estar fazendo um esforço sobrehumano e infructifero para a salvar, depois do que permaneceu silencioso durante um minuto, exclamando em seguida, em tom de intenso desespero :

—Oh! Anésia, meu amor, meu amor! não querem deixar que eu morra para te salvar!

E continuou, n'um tom de tocante supplica:—Oh, bom Deus! livra o meu amor das mãos d'estes demonios!

Quando o accesso passou, Claudio pareceu ficar exaustito, e adormeceu tranquillamente.

—Querida Anésia, dá um pouco de leite fresco a Amric,—disse Leonor, vendo que a pobre menina tremia com mal contida emoção, e que as lagrimas lhe corriam pelas faces.

—Queres sentar-te aqui ao meu lado, e lêr-me alguns versiculos do evangelho de S. João?—perguntou Amric a Anésia, depois de ter tomado o leite.

Amric viu quanto ella estava agitada, e adivinhou a causa, porque, estando aberta a porta do quarto, ouvira as palavras que seu irmão pronunciara quando delirava; pois Claudio estava no pequeno quarto de Alécia e Anésia, para estar mais afastado da casa principal, em que se fazia todo o serviço domestico, e onde, portanto, havia mais bulha. Depois de Anésia ter firmado a voz e lido alguns versiculos, Amric pediu-lhe que saísse e fosse colher-lhe algumas flores, de que elle muito gostava; proporcionando-lhe assim ensejo para ella estar só e voltar ao seu estado normal, pois via que a pobre menina mal podia conter as lagrimas.

CAPITULO XVIII.

Claudio e Anésia.

Saindo do quarto de Amric, Anésia dirigiu-se para o banco rustico que Claudio lhe fizera, por surpresa, debaixo da sua arvore predilecta, junto ao dique. Ali, sósinha e sem ser vista, a donzella occultou o rosto entre as mãos e começou a meditar nas palavras que Claudio pronunciara no seu delirio.

Não pulsara o seu coração com extranha alegria, quando o mancebo, na inconsciencia da febre, lhe declarara o seu amor? e não lhe fôra agradavel ouvir que era assim amada? A donzella recordava-se, agora, da alegria que teria sentido em morrer para o salvar do punhal dos assassinos.

—Sim!—segredou ella a si mesma—amo Claudio como nunca amei pessoa alguma!

Lembrou-se então do olhar compassivo que Leonor lhe dirigira, quando ambas seguravam as mãos do filho delirante, para impedirem que elle se magoasse ou magoasse alguém; e o seu coração entristeceu, porque percebera o sentido d'aquelle olhar. Comprehendia agora as palavras affectuosas de Claudio, e os incessantes esforços que elle fazia para lhe agradar. Recordava-se da promptidão com que elle abandonara o seu maior desejo, que era deixar a casa materna e ir correr mundo; como ella lhe lembrara qual era o seu dever para com sua mãe, e como, respondendo á pergunta, que elle lhe fizera, manifestara o desejo de que elle continuasse a ficar em casa. Até esse dia, nunca imaginara que Claudio sentisse por ella mais do que uma affeição fraternal, nem lhe occorrera que o que ella sentia por elle fosse mais do que o amor de uma irmã. —Quão louca e cega tenho sido durante todo este tempo! —murmurou ella—e agora é demasiado tarde para comprehender como nos amamos.

Suscitou-se então, no espirito da donzella, uma grande lucta entre a sua affeição a Claudio e a sua fidelidade a Deus. Anésia sabia que o mancebo não amava nem ser-

via a Deus, e que todo o seu coração estava n'este mundo. Elle mesmo o havia affirmado repetidas vezes, pois era muito verdadeiro e sincero para dizer o que não sentia; não obstante, Anésia admirara sempre a terna e dedicada affeição que elle dedicava a sua mãe, a ternura e cuidados que prodigalisava ao irmão e á irmã, e a rectidão dos seus sentimentos nas relações com as pessoas que, de algum modo, dependiam d'elle. Sabia, porém, que nenhuma confiança se póde depositar na incerta belleza do coração natural, e que Deus não viu graça no coração corrompido e enganoso do homem natural. A sua consciencia illuminada disse-lhe que não podia haver verdadeira amisade, nem affeição segura e duradoura, em quem tinha o seu coração afastado de Deus.

Conversou muito tempo consigo mesma, e julgou-se a si propria, á luz de Deus.—Sei que, por maior que fosse o meu amor a Claudio, e por mais forte e verdadeira que fosse a sua affeição por mim, seria necessario que estivéssemos de accordo para vivermos felizes. Como poderia eu confessar que te amava, Claudio, e ser falsa ao meu Deus e Salvador? Como poderia eu servir e obedecer devidamente ao meu Deus e Senhor, e obedecer ao mesmo tempo a ti, que serias no mundo o meu marido e amo? Não poderíamos ser sempre felizes, um junto do outro, Claudio, pensando de maneira tão differente! Nem as benções de Deus desceriam sobre nós, se, por causa de uma affeição terrena, eu desobedecesse aos seus claros preceitos. Não pode, não deve ser, por amor de ambos nós.

Com um sentimento, que participava de esperanza e de magua, recordou-se Anésia de que Claudio nunca lhe fallara do seu amor, nem talvez tivesse pensado em fazel-o; de que dôr e de que angustia não a livrava este silencio?—Occultarei o meu amor, de ti e de tua querida mãe; elle introduziu-se inopinadamente no meu coração, mas não lhe darei ahi asylo.—E antes de regressar a casa, a donzella ajoelhou, e rogou, fervorosamente, por Claudio e por si propria.

Passados alguns dias, Amric estava bastante melhor, e podia vir sentar-se junto da porta de entrada, a contem-

plar o glorioso espectáculo do sol poente; Claudio, porém, esteve entre a vida e a morte, até que, em certa manhã, o cirurgião suavizou a anciedade e a dôr da mãe e das irmãs, annunciando-lhes que todos os symptomas de gangrena tinham desaparecido, e que em breve começariam a manifestar-se no enfermo accentuadas melhoras. D'aquelle dia em diante começou Claudio a restabelecer-se, lentamente. Leonor nunca se referiu á infelicidade do amor de seu filho por Anésia, posto que percebesse a causa da emoção e das lagrimas da joven, e comprehendesse que a pobre menina descobrira que tambem amava, mas pretendia occultar e dominar o seu amor. Não queria, portanto, fallar com Anésia a tal respeito, mas velava assiduamente pelas duas creanças,—como ella lhes chamava. Apesar do filho nunca lhe ter declarado a sua afeição por Anésia, nenhuma duvida restava a Leonor e a Alécia de que todos os pensamentos de Claudio estavam concentrados n'ella.

Uma bella tarde do estio, nos principios de junho, Claudio e Alécia estavam sentados fóra da porta de casa, porque o mancebo ia readquirindo rapidamente o antigo vigor, e o medico aconselhara-lhe que respirasse ar fresco, quanto possivel. Amric e os dois rapazes Colliberts, que vinham todos os dias á herdade dos Burons, onde por muitas maneiras se tornavam uteis, tinham construido, entre si, uma confortavel cadeira reclinatoria, na qual Claudio estava sentado, entregue á leitura de um livro que o seu medico e amigo lhe trouxera, por emprestimo, da livraria do mosteiro, celebre pelas obras raras que continha. Claudio lia bem o latim, que começara a aprender em creança com seu pae, continuando, depois da morte d'este, a aprendel-o com sua mãe, a qual se dedicara ao estudo d'esta lingua, com o marido, durante as compridas noites de inverno. Aborrecia-se, porém, com a leitura, porque estava pensando n'outras coisas. Além d'isto, o ambiente perfumado com o suave aroma das madresilvas e dos jasmims, o brando murmurar das brisas por entre os extensos canaviaes e juncaes, as vozes e os cantos monotonos que se ouviam lá em baixo nos campos, embalavam-n'o docemente, ao mesmo tempo que o entristeciam, e Claudio fecha-

va os olhos e pensava na encantadora joven que, mais do que tudo, amava e respeitava no mundo.

Alécia, com a sua bella cabeça, ornada de opulentos e ondeados cabellos loiros, curvada sobre a meia que fazia, estava sentada ao lado do irmão, e, vendo o seu olhar triste, adivinhava quem elle tinha no pensamento; não o interrompia, mas o coração palpitava-lhe de compaixão. De subito, ouviu um ruído de remos e o ranger de um barco que atracava ao pequeno caes. Claudio tambem tinha ouvido, e ambos olharam com curiosidade, para virem quem chegava. Era Carlos Bernard, o bom medico, acompanhado por um mancebo desconhecido.

—Por certo não me esperavam hoje,—disse o doutor, depois de saudar o irmão e a irmã, e de apresentar o alto e bello mancebo;—mas meu sobrinho, Hilperto Duverner, que veiu hontem visitar-me inesperadamente, tendo sabido da existencia dos bons amigos que tenho n'esta herdade, não me deixou emquanto não lhe prometti trazel-o cá, para os conhecer.

Como era natural, Claudio recebeu-o affectuosamente, e disse a Alécia, que estava um tanto envergonhada pela inesperada visita do gentil sobrinho do doutor, que fosse pedir á mãe, e a Anésia, para virem receber os recém-chegados. Leonor apressou-se em vir fallar ao medico, e disse a Alécia que chamasse Amric, emquanto que Anésia dispunha a mesa da ceia fóra da porta de casa, para todos ceia-rem. Convidou o medico e seu sobrinho, e todos ceia-ram alegremente e com a maior satisfação, partilhando do bom humor da dona da casa.

Claudio, que tinha estado a conversar com o doutor e com Hilperto Duverner, e a ouvir, com interesse, a historia de uma tentativa recentemente feita para assassinar Henrique IV, ficara silencioso e preocupado quando Anésia viera pôr a ceia na mesa. Era para notar-se como elle olhava com anciedade, e como se tornava grave e mudo, quando o sobrinho do doutor fallava com a donzella; tudo isto, porém, se desvaneceu com a chegada de Alécia e de Amric, que voltava dos campos, porque, sentando-se todos á mesa, Hilperto Duverner tomou logar junto de Alécia, a

quem prestava a maxima attenção, parecendo singularmente attrahido pela franca, radiante e bella rapariga. Então o pobre Claudio sentia-se alegre e satisfeito, por ver que ninguem lhe disputava Anésia, e muito mais ainda quando sua mãe pediu a Anésia que ficasse em companhia d'elle, emquanto ella, Alécia e Amric iam dar uma volta pela herdade, com o medico e seu sobrinho. Alécia soube, com prazer, que Hilperto não só era protestante, mas verdadeiro e dedicado filho de Deus. Contou-lhe elle que perdera seus paes, havia pouco tempo, e que, achando-se só-sinho no mundo, vendera as suas propriedades, e viera para casa do tio, tencionando comprar, mais tarde, uma fazenda nas proximidades de Maillezais. Depois dos hospedes de Leonor se haverem retirado, Alécia contou a Leonor o que Hilperto lhe dissera, accrescentando:— Gosto muito d'elle, mãe, é bom e verdadeiro... e tem um rosto tão gentil!...

Claudio estava agora, outra vez, forte e bem disposto, e já fallava em ajudar á apanha do feno, porque havia muito que fazer na herdade, e o trabalho estava atrasado, em razão da doença do mancebo. Ordinariamente o feno estava todo recolhido em 5 de junho, mas já estavam a 10, e ainda havia feno para apanhar.

Leonor tinha notado, com inquietação, que Anésia parecia triste e doente. Desejava poder consolal-a, mas Anésia nunca proferia o nome de Claudio, e a boa mãe não queria fallar a respeito do amor de seu filho, emquanto elle não lh'o confessasse abertamente; e muitas vezes perguntava a si mesma por que motivo elle lh'o occultava, quando nunca tivera segredos para ella. No entanto esperava, pois sabia que, mais tarde ou mais cedo, Claudio tudo lhe contaria.

Hilperto vinha amiudadas vezes á herdade, com licença de Leonor, e, tanto elle como Alécia, quando estavam mais satisfeitos, era quando trabalhavam no jardim ou nos campos um ao lado do outro, ou quando iam todos, na canôa grande, pescar ao Sèvre, ou melhor ainda, quando conseguiam resolver Leonor a largar o trabalho e a acompanhal-os nos seus passeios pelos pantanos seccos, em

busca das mais raras flôres silvestres e de ninhos de passaros. N'essas occasiões passeiavam aos dois e dois, e o ar sereno da tarde repercutia o som das suas vozes alegres.

Claudio gostava d'estes passeios, porque tinha Anésia a seu lado, e outro tanto acontecia a Hilperto, por causa de Alécia; e posto que esta ultima fallasse pouco o se conservasse quasi sempre ao pé de sua mãe, bastava a sua presença para alegrar Hilperto. Anésia, porém, sabia que o modo por que tratava Claudio era frio e constrangido, e receiava que elle lhe perguntasse, de um momento para o outro, qual era o motivo de tal mudança. Todavia, não ousava proceder de outra fórma, nem ceder aos naturaes dictames do seu proprio coração. Elle, por sua parte, tinha notado esta alteração, desde que estivera doente, e concluiu que a offendera por alguma coisa que dissera ou fizera, ou que ella tinha descoberto o amor que elle lhe dedicava, e o julgava indigno d'ella; porquanto Claudio formava a respeito de si proprio uma opinião muito baixa, e reconhecia, no seu coração, que não servia nem amava o mesmo Senhor, a quem Anésia tanto queria. Elle sabia, pelo que aprendera de sua mãe, que, ainda no caso de ser amado por Anésia, ella não podia nem devia ser sua esposa, desobedecendo aos preceitos do Senhor. Mas, apesar de tudo, o mancebo não podia resistir a este pensamento: — Se ella me ama, ha de amar-me bem, e pode acceitar-me tal qual sou! preciso saber a verdade, e dentro em pouco tempo, — murmurava elle consigo mesmo.

Uma vez, estando elles sentados um ao pé do outro, enquanto Leonor e Alécia passeiavam a pequena distancia, Claudio dirigiu-se á joven, dizendo:

— Anésia!

— Que queres, Claudio?

— Acaso te offendi?

— Tu, Claudio! porque perguntas isso?

— Porque tens, para mim, uns modos frios e reservados; nunca me diriges um sorriso, Anésia, não me fallas com o mesmo agrado, nem me agradeces com a antiga amabilidade as flôres que te trago do Marais.

— Mas tu nunca me offendeste, Claudio.

—N'esse caso para que te mostras tão fria, e para que te afastas de mim, a ponto de nem mesmo me olhares com o affecto outr'ora habitual?

—E' porque ando triste e desgostosa,—respondeu a joven depois do curto silencio, esforçando-se por reprimir um suspiro, e sem atinar com melhor resposta.

—Oh! Anésia, Anésia, que estás dizendo? Nada ha no mundo que eu não soffresse ou não fizesse para te consolar! Anésia, meu amor, meu amor! Amo-te tão ternamente, tão ternamente! E não has de importar-te comigo?

E Claudio fez a declaração do amor que, por tantos mezes, tinha encerrado no seu coração, em termos tão sentidos e tão vehementes, com paixão tão terna, que a donzella não poude dominar-se, e desabafou as suas maguas n'uma explosão de lagrimas.

—Oh! Anésia, querida Anésia, affligiram-te as minhas palavras? Não era intenção minha maguar-te. Dize-me que não podes amar-me, e eu irei para muito longe e não tornarei a affligir-te,—disse Claudio.—Falla, querida Anésia, e dize-me a verdade. Eu contentar-me-hei com a decisão que os teus queridos labios proferirem, e amar-te-hei para sempre,—continuou o mancebo, vendo que a donzella hesitava em responder.

—Fallarei, e dir-te-hei a verdade, porque a verdade é sempre o melhor. Mas conheço que o que vou dizer-te ha de affligir-te, Claudio. Eu daria mil mundos, se d'elles dispuzesse, para que nunca me tivesses amado!—disse Anésia, interrompendo-se subitamente, por não poder continuar.

—Mas amas-me. . . podes amar-me um pouco, não é assim, Anésia?—perguntou elle, tremendo, e brilhando-lhe no rosto um relampago de alegria.

—Amo-te, sim,—disse Anésia com grande esforço.—mas. . .

--Obrigado, obrigado por essas palavras! E queres ser minha mulher?—perguntou elle com anciedade.

—Não, Claudio! não posso, nem devo!—disse a joven, tristemente, depois de uma breve pausa, como para animar-se a dizer o que sabia que devia ser dito, posto

que muito lhe custasse fazel-o, por saber que ia affligir o mancebo. Por fim, achou forças para fallar a verdade, disse-lhe, triste e affectuosamente, que não podia ser sua mulher, para se conservar fiel a Deus e aos seus preceitos. Disse-lhe seriamente, mas com o coração a despedaçar-se; que nunca poderia haver perfeita felicidade para elles, se não houvesse a unil-os uma verdadeira e constante sympathy.

—Dizes que me amas, Claudio, e pensas que serias feliz se eu fosse tua mulher; mas eu sei que o teu amor em breve esfriaria, porque verias, mas já tarde, que eu sou dedicada a coisas que tu desprezas, emquanto que eu descobriria que não podiam convir-me as tuas ideias e os teus caminhos. Claudio! como haviamos nós de viver felizes, não estando de accordo? Tu és muito recto e muito verdadeiro para fallares com falsidade. Responde-me pois: amas tu o meu Senhor, como eu o amo? Desejas tu amal-o? Responde Claudio!—exclamou Anésia com vehemencia.

—Oh! Anésia! Não posso mentir perante Deus, nem sou capaz de illudir-te! Não amo a Deus, nem desejo amal-o; é possível que ainda venha a fazel-o, mas por agora só penso no teu amor. Não sei mentir,—continuou elle tristemente, mas com firmeza,—vejo que tens razão, Anésia, vejo que não podias ser minha mulher, desobedecendo a Deus. Perdoa-me, Anésia, que nunca tornarei a fallar-te do amor que te consagro. Mas hei de amar-te sempre, sempre!—É deixando-a sósinha, afastou-se rapidamente.

—Oh! meu Deus! dá-me graça e fortalece-me na tua força, para que eu te permaneça fiel em todas as coisas, e perdoa-me, Senhor, que por falta de cuidado e vigilancia eu dêsse o meu coração a quem tão afastado está ainda de ti. Elle é um filho tão bom e tão dedicado a sua mãe, era tão bondoso e tão affavel para comigo, que comecei a amal-o sem o saber, de modo que foi por minha culpa que elle começou a amar-me e a pedir-me que consentisse em ser sua esposa. O' meu Deus!—exclamou a joven, erguendo as mãos, ao mesmo tempo que derramava abundantes lagrimas—conserva-o em segurança, ao abrigo das tuas azas,

até fazeres com que elle te ame e confie em ti! Attende de prompto, se assim é da tua vontade, as supplicas que sua mãe e eu fazemos, e condul-o ao Salvador dos peccadores.

—Claudio e Amric saíram em busca de um passaro raro que vimos passar sobre as nossas cabeças. Notei, porém, que Claudio, quando se aproximou de nós, parecia afflicto e desgostoso. Que estiveram dizendo aqui, tu e elle?—disse Leonor, vindo sentar-se ao lado de Anésia.

Anésia contou então á boa mãe tudo quanto se tinha passado entre ella e Claudio.

—Procedi bem, querida mãe, dizendo o que disse?—perguntou a pobre menina, com tristeza.

—Procedeste como devias, minha filha! Mas daria a minha vida, de boa vontade, se soubesse que Claudio era um filho de Deus.

—Oh!—disse Anésia,—muito desejava eu que o bom snr. abbade tivesse vindo. Ha já alguns dias que elle devia ter chegado.

—E' verdade. Suspeito que algum obstaculo se terá levantado á sua vinda. Mas, estás anciosa por vel-o?

—Estou, sim, minha mãe; melhor será, por amor de si, de mim, e de Claudio, que eu saia d'esta casa. O snr. abbade prometeu-me, quando cá estive, que havia de pedir á joven condessa de Pontarlier para me tomar por companheira e aia de seus filhinhos. Não tenho sido para si, querida mãe, um fardo muito pesado, não é verdade? Mas não poderia continuar a viver aqui. Melhor será, por todos os motivos, que eu me vá embora; pois, se ficasse, a minha querida mãe perderia o sou filho.

Leonor ficou silenciosa por algum tempo, e disse por fim:

—Não posso conformar-me com a ideia de me apartar de ti, querida filha: será para mim um dia de grande desgosto aquelle em que nos abandonares; reconheço, todavia, que isso será o melhor. Não porque eu pense que Claudio ficará em casa depois de tu partires, porque Hilperto pediu-me hoje a mão de Alécia, a quem muito ama, e estou certa de que, depois do casamento, o meu filho mais velho deixará esta casa, e irá por esse mundo, até que em

seu coração sinta saudades do lar e da mãe que aqui deixou, e então volte, — disse a pobre Leonor, por entre lagrimas.

—Deixe estar, querida mãe, Claudio depressa me esquecerá, e voltará para casa com uma noiva que possa amal-o, e que me substitua junto de si,—replicou Anésia, com um suspiro tão profundo que quasi pareceu um gemido.

—Isso nunca, Anésia! O caracter de Claudio não é variavel. O que estimava em creança, é o que estima ainda; aquelles a quem amava, ama agora, e nunca os esquecerá. A sua affeição por ti é inalteravel, e nunca amará outra mulher. Meu pobre filho! meu pobre Claudio!

—Ai, minha mãe, minha mãe, quanto tem que perdoar-me! mas eu não podia animar o seu amor, posto que ignorasse quanto elle me estimava; nem sabia quanto eu propria o amava... porque, se o soubesse, já ha muito tempo vos teria deixado.

Os corações de Leonor e de Anésia estavam demasiado oppressos para que o dialogo se continuasse; e assim, conservaram-se silenciosas por alguns momentos. Mas, vendo que Hilperto e Alécia se dirigiam para ellas, seguidos pelos dois rapazes, Leonor ergueu-se, dizendo:

—Vamos andando para o canal, porque são horas de irmos para casa.

No dia seguinte, Claudio contou á mãe os seus desgostos e contrariedades, dizendo-lhe que amava Anésia havia muito tempo. Ao fallar da donzella, Claudio tratou de justifical-a, e de lançar as culpas para si.

—Eu bem sei, minha mãe, que ella não devia casar comigo, pois é boa demais para que eu a mereça; mas quando Hilperto e Alécia tiverem casado, irei alistar-me no exercito do rei, e combatarei por elle, pois está cercado de inimigos perigosos e audazes, e por toda a parte se lhe levantam difficuldades. E' talvez possivel, que na agitação do campo de batalha, eu consiga esquecer Anésia por algum tempo. Mas não chore, minha querida mãe; não posso, nem devo deixal-a, enquanto Hilperto não tomar o meu lugar de filho. Ainda ha de chegar o outomno

antes que estejam construídos os dois quartos que destinamos a Hilperto e Alécia.

—Anésia contou-me que lhe tinhas fallado em casamento; e creio que a sua decisão foi justa, posto que eu desejasse, de todo o coração, que ella viesse a ser tua mulher. Pobre menina! disse-me que estava resolvida a deixar-nos, por se lhe afigurar que isso seria melhor para ti e para ella, e que accetteria o offercimento, que o abba-de lhe fez, de ir para aia dos meninos da condessa de Pontarlier. Accrescentou que esperava que tu a esquecesses bem depressa, e que trouxesses contigo, para casa, uma noiva que te amasse.

—Nunca, minha mãe! Nunca esquecerei Anésia, nem amarei outra. Oh! desejava, de todo o meu coração, amar a Deus, porque então seria amado por ella com amor igual ao que lhe dedico. Mas não o amo, não o amo; e não posso, portanto, asseverar a Anésia que os meus sentimentos, para com Deus, são tão verdadeiros como os d'olla.

—Fazes bem, meu filho; sei que és incapaz de enganar a.

—E ella disse-lhe quando pensava deixar-nos, mãe?

—Não disse, resolvel-o-ha quando o abba-de vier, o que não póde tardar muitos dias. Já elle devia ter chegado.

Claudio levantou-se, e afastou-se a passos rapidos. Leonor ficara a meditar no que tinham dito um ao outro, quando ouviu o ruido de passos que se aproximavam; ergueu os olhos e viu o sr. La Motte.

O abba-de teve um affavel acolhimento da familia Burona, e disse, quando estavam á ceia, que a causa da sua demora tinha sido a perigosa doença do filho mais moço da condessa de Pontarlier. Estava no castello quando a creança adoecera, e tinha lá ficado, a pedido do conde, até apparecerem algumas melhoras.

O abba-de, vendo que havia algum mysterio no apparente abatimento que se notava na habitual alegria da familia, accitou gostosamente a proposta de Leonor para irem dar uma volta pela herdade, quando acabassem de ceiar.

O abba-de interessou-se muito na historia de soffrimen-

to e de desgosto que Leonor tinha para lhe contar; approvou plenamente a resolução de Anésia a respeito de Claudio, e a sua intenção de abandonar a herdade.

— E ha de cumprir o seu desejo, a pobre ereança! trago, justamente, um convite da condessa para esse fim, ainda que esperava encontral-a tão feliz aqui, que nem se lembrasse de os deixar. Todavia, a despeito de tudo quanto tem soffrido, Anésia cresceu e desenvolveu-se, e tem melhorado consideravelmente a sua apparencia desde a ultima vez que a vi.

No dia seguinte, o abbade deu um grande passeio com Anésia, o qual terminou por ella dizer:

— De modo, snr. abbade, que entendo dever acceitar o offerecimento da condessa, e ir acompanhal-a; mas como hei de ir d'aqui para o castello?

— Bem, Anésia; Leonor e eu fallámos muito a respeito de ti e de Claudio. Lembrou ella que, quando eu agora voltasse, pedisse a Peronnette, que mora na aldeia junto ao castello, para vir buscar-te.

— Muito bem, snr. abbade, ficarei satisfeita se Peronnette puder vir,—disse Anésia, com um suspiro involuntario.

O abbade perguntou então a Anésia se os dois rapazes asseiados e alegres, que vira a trabalhar no jardim, eram Engelberto e Glaber, os seus jovens amigos Colliberts.

Anésia respondeu-lhe que eram, e contou-lhe quanto elles tinham aproveitado com as suas visitas á herdade durante as tardes do ultimo inverno, e o desejo crescente, que haviam manifestado, de se adiantarem cada vez mais no conhecimento da Biblia.

O abbade insistiu, como costumava, em ajudar a familia Buron nos trabalhos do campo.

— Hilperto Duverner janta hoje comnosco, sr. abbade, e terá occasião de travar relações com elle; ordinariamente, costuma ir trabalhar comnosco para o campo, depois de jantar, e creio que ha de sentir por elle a mesma consideração e estima que nós todos lhe dedicamos, porque é um verdadeiro christão, e estou certa de que ha de fazer

a minha Alécia uma esposa feliz, pois ama-a ternamente.

De facto, o abbade travou conhecimento com Hilperto durante o jantar. Conforme Leonor previra, gostou muito do mancebo, e ficou convencido de que elle faria a felicidade de Alécia. Depois da refeição o abbade foi, com Claudio, dar a ração aos cavallos, e aproveitou o ensejo para lhe fallar na partida de Anésia.

—Não tarda, Claudio, que te apaixones por outra rapariga, e que tragas, a tua mãe, uma nova filha.

—Nunca, sr. La Motte. Amo Anésia agora, e amal-a-hei sempre. Não poderia ficar n'esta casa depois d'ella nos deixar, e já tenho licença de minha mãe para me ausentar logo que se effectue o casamento de Hilperto e Alécia, o que será para o outomno.

Na manhã seguinte, Claudio e Amric estavam promptos, com a canôa, para levarem o abbade pelo rio acima, e todos os Burons se reuniram no sitio do embarque, para se despedirem d'elle. O sr. La Motte dirigiu algumas palavras a Anésia, e disse-lhe que podia esperar a vinda de Peronnette na proxima semana. Anésia sentiu muito a partida do abbade, por vêr que ella significava o apartar-se dos Burons, a quem amava com ternura. Depois, voltaram todos para o trabalho dos campos; Claudio e Anésia não tornaram a trabalhar ao lado um do outro, pois não tinham animo para se fallarem. Claudio, logo que terminava o seu trabalho, sahia, e só voltava para casa horas depois. Anésia ia para junto de Leonor, a qual era, para a joven, toda amor e ternura. Decorreram oito ou dez dias antes de Peronnette chegar, e, ao vel-a, Anésia sentiu accudirem-lhe á memoria muitas dolorosas recordações de outros tempos, posto que se alegrasse por tornar a encontrar-se com ella; mas o seu coração consolou-se com o que Peronnette disse ácerca da bondosa condessa, para cujo serviço ia entrar. Peronnette resolvera demorar-se alguns dias na herdade, antes de partirem.

Chegou, emfim, o ultimo dia que Anésia devia passar na herdade. Estava ella sentada á sombra do seu ulmeiro favorito, á beira do rio, pensando nos tristes successos das ultimas semanas, quando viu Claudio, que se aproximava.

O coração segredou-lhe que o mancebo vinha despedir-se d'ella. Quando se aproximou mais, Anésia viu, pela pallidez do seu rosto, que muito lhe custava vir dizer-lhe adeus. Claudio estendeu-lhe a mão, dizendo:

—Posso dizer-te algumas palavras, por despedida, Anésia?

—Podes, Claudio,—disse a joven, tremendo.

—Vaes deixar-nos, Anésia, e sou eu o culpado de tu nos abandonares. Perdoas-me?

—Perdô-te, sim, Claudio; no entanto, é melhor que eu parta.

—E quando partires, esquecer-te-has de mim?

—Isso nunca, Claudio.

—Disseste-me que me amavas,—continuou Claudio depois de um curto silencio.—Pensarás em mim algumas vezes, e consentirás que eu continue a habitar no teu coração?

—Sempre, e sempre, Claudio; vê tu se me esqueces, e se consegues amar outra.

—Nunca, nunca, em toda a minha vida; mas lembra-te de mim nas tuas orações.

E continuou, depois de alguns minutos de pausa:

—Hilperto e Amric irão levar-te na canôa pelo rio acima, porque eu não posso ir.

—Não vás, não, Claudio; estimo que assim tenhas resolvido. Teriamos ambos de soffrer.

Apertaram as mãos um ao outro, e trocaram um tristissimo adeus.

CAPITULO XIX.

Yolanda termina a historia de Claudio e Anésia.

Comquanto eu tivesse apenas oito annos de idade quando Anésia chegou a nossa casa para fazer companhia a minha mãe, recorro-me perfeitamente d'esse acontecimento. A minha querida mãe acabava de restabelecer-se de uma perigosa doença, e estava sentada, com meu pae, no jardim do castello, quando o velho Jacques veio annunciar-nos a chegada de duas pessoas, que vinham do sul do Poitou. Nós já esperavamos Anésia, porque sabiamos que Peronnette tinha ido buscal-a, e corremos ao seu encontro. Conheci, nos semblantes de meu pae e de minha mãe, quanto sympathisaram com o candido rosto da recémchegada joven; emquanto a mim, entreguei-lhe desde logo o meu coração. Não me proponho a narrar miudamente os longos annos que a *mãesinha* esteve conosco, limito-me a dizer que cada dia augmentava o amor e o respeito que meus paes lhe dedicavam. Eu, e meu irmão Foulques, que então tinha tres annos de idade, bem depressa aprendemos a amal-a e respeit-a com todas as veras do coração, e nunca nos cançavamos de ouvir as lindas historias que nos contava. Anésia tomou logo a seu cargo o nosso irmão Agenor, que era ainda de collo, e como meu pae tivesse de ir juntar-se ao exercito real, partiu com o coração alegre, por saber que podia confiar minha mãe aos bons cuidados de Anésia, pois logo vira quanto ella era boa e piedosa, posto que não fosse da nossa religião, visto ser protestante.

Recordo-me perfeitamente de que minha mãe e ella costumavam ler um pequeno livro, a que chamavam o Novo Testamento, o qual lhe fôra dado pelo abbade, e que minha mãe costumava interrogal-a, com interesse, ácerca das doutrinas da sua fé.

Um anno depois, pouco mais ou menos, meu pae voltou da guerra, onde recebera um ferimento, e Anésia ajudou minha mãe a tratal-o com o maior carinho. Lia-lhe

muitas vezes no seu livro, e conversava com meu pae, a pedido d'este.

Quando o snr. abbade vinha fazer a sua visita annual ao castello, trazia-lhe sempre noticias da boa familia Buron, em cuja casa ella vivera. Por occasião da primeira visita que nos fez depois da chegada de Anésia, disse-lhe que Hilperto e Alécia tinham casado havia alguns mezes; que Leonor, ajudada por sua filha, por Hilperto e por Amric, continuava a ensinar os rapazes Colliberts, durante o inverno; e que Claudio abandonara a herdade para ir servir no exercito real.

Estas noticias pareceram interessar muito a Anésia; mas só annos depois é que eu vim a saber quanto elles se amavam.

Mais de dois annos depois de Anésia estar comnosco, trouxe-lhe o abbade a noticia de que Claudio tinha voltado ferido da guerra, e ficara em tratamento na herdade quando elle d'ali partira; mas que tencionava voltar para o serviço logo que se restabelecesse. Isto foi pelo tempo em que nasceu minha irmã Ysolt; Anésia, porém, não deixava de nos ensinar as nossas lições, porque minha mãe dizia que nos tinhamos adiantado muito com ella, de quem era a mais querida amiga e companheira.

Havia tres annos que Anésia residia no castello, quando o sr. La Motte, com grande satisfação para minha mãe, veio tomar conta da parochia da aldeia, em consequencia de ter morrido o prior; mas não deixou de fazer as suas visitas á herdade dos Burons, e de trazer amiudadas noticias de toda aquella familia.

Claudio, depois de restabelecido dos seus ferimentos, deixara a herdade, e sua mãe não tornara a ter noticias d'elle; Leonor era, por esse tempo, avó de duas ou tres creanças; Amric estava um mocetão, e continuava a ajudar sua mãe, juntamente com Engelberto, Glaber e mais um ou dois Colliberts, que eram os melhores e mais dedicados amigos dos Burons.

Havia mais de dez annos que Anésia estava comnosco, e tinha eu cerca de dezoito, quando morreu a nossa querida mãe. depois de algumas horas de doença; passado

um ou dois mezes, o nosso pae tornou a voltar ferido, fallendo pouco depois, e deixando-nos entregues aos cuidados e á guarda da nossa boa e prudente *mãesinha*, que passou a ser a nossa melhor amiga e uma segunda mãe para todos nós.

Não devo esquecer-me de dizer-vos que meus paes, alguns annos antes de morrerem, tinham abraçado a fé protestante, e que o abbade, que sabiamos ser tambem protestante no seu coração, empregara todos os meios ao seu alcance para nos proteger. Não deixara de fazer as suas costumadas visitas á herdade, para nos trazer noticias da familia Buron. Anésia mostrava sempre grande interesse em saber novas dos seus antigos amigos. Minha mãe tinha-me contado, pouco tempo antes de morrer, os amores de Anésia e Claudio, e a razão por que ella não quizera casar; de maneira que eu comprehendia o pezar e a contrariedade de Anésia quando o abbade lhe dizia que Claudio tinha vindo, mais uma vez, visitar sua mãe, mas que o seu coração ainda não mudara, e estava ainda com o mundo.

Com o correr do tempo, meu irmão Foulques casou com uma gentil menina, filha de um pastor protestante, que vinha ás vezes visitar-nos ao castello. Meu irmão Agenor e minha irmã Ysolt estavam quasi na maioridade; mas, apezar de crescidos, e de já não precisarem das lições de Anésia, continuou esta a ser a nossa bem amada companheira e guarda.

O bom do velho abbade, sr. La Motte, que estava n'uma idade já muito avançada, deixou a parochia da aldeia e declarou-se protestante, vindo installar-se connosco no castello.

Vinte longos annos haviam decorrido desde que Anésia viera residir para nossa casa, quando, para sua alegria, o abbade, ao voltar de uma das suas visitas aos Burons, trouxe consigo Claudio, que vinha ver Anésia outra vez. Sendo certo que o amor, que consagravam um ao outro, permanecera fiel e inalteravel, e que Claudio entregara, finalmente, o seu coração a Deus, sem duvida em satisfação ás orações de sua mãe e de Anésia, resolveram casar

e ir estabelecer-se na herdade, em companhia de Leonor. Assim o bom e velho La Motte celebrou o serviço do casamento no castello, e, passada uma semana, perdemos a nossa querida e amada *mãesinha*, que partiu com Claudio para a herdade do Marais.

Emquanto poudo, o sr. La Motte continuou a ir, todos os annos, visitar os Burons, e a trazer-nos noticias de Claudio, de Anésia, e de todo o resto da familia. Contava-nos, muitas vezes, interessantes historias ácerca da obra que elles tinham emprehendido entre os Colliberts e dos bons resultados que d'essa obra se iam manifestando.

*

— E eis terminada, queridas meninas, a leitura do meu manuscrito, em que se contém a historia de Anésia Robineau.

— Obrigada, avósinha, gostámos muito d'ella. Não admira que a conservasse para os descendentes dos bons Pontarlier. Parece-me que o fim não é tão bonito como o principio da historia. Dir-se-ia que Yolanda estava cansada de escrever, ou triste em pensar que tinha perdido Anésia. Satisfizes-me saber que o bom abbade fôra fiel, e se declarara protestante, — disse Isabel.

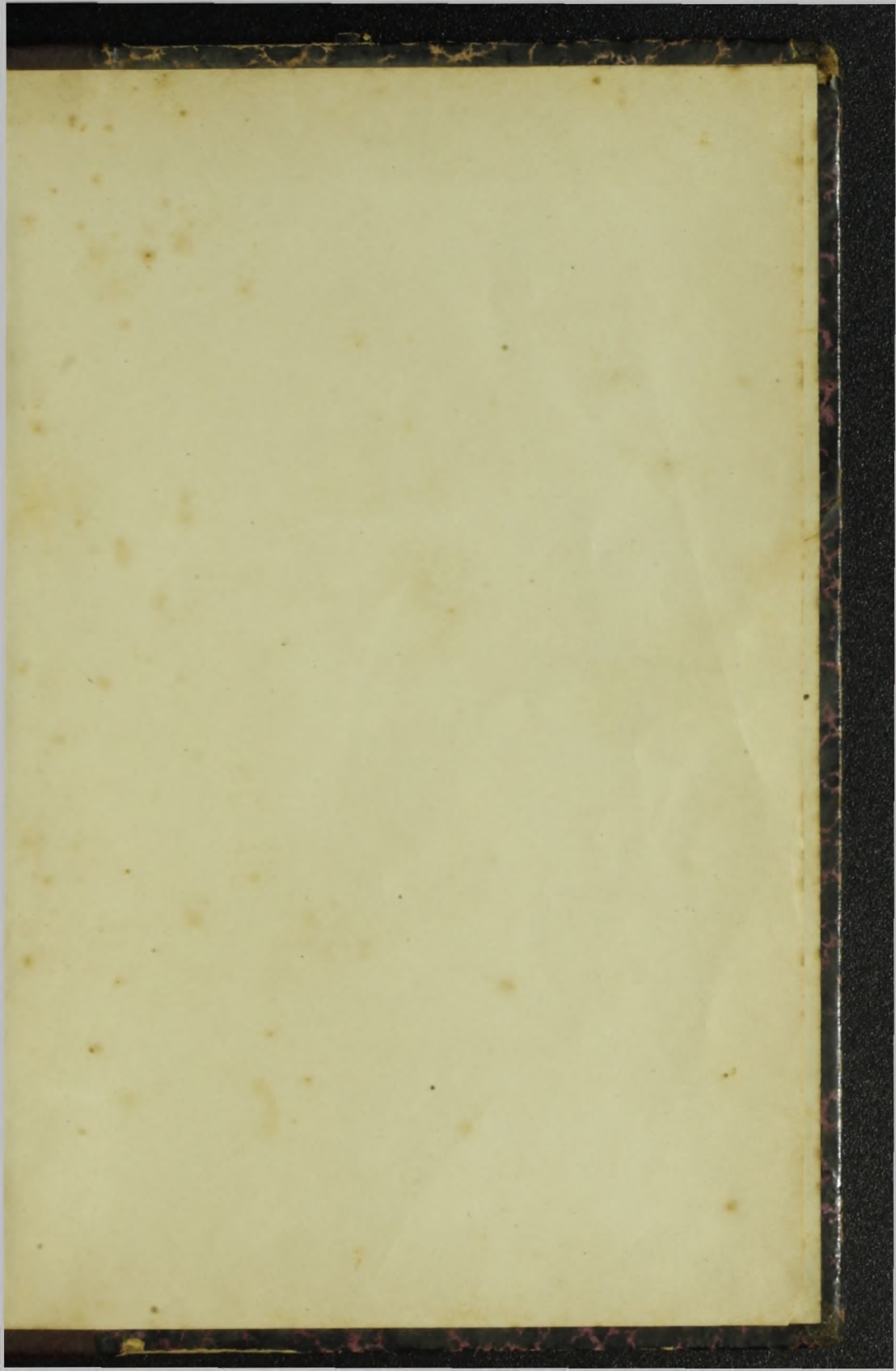
Lido. mais um vez -
 3 Contos 29-9-18

Lido 6 de abril de 1919

Co.

24-12-49





272

